



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

MARIANA MOREIRA COSTA DO CARMO

**pesquevivência exuzilhística, uma experimentação contracolonialista
que (con)funde o corpus e os corpos: Diálogos com Júlio Emílio Braz,
pelas obras *Zumbi*, *o despertar da liberdade* e *Na cor da pele***

NATAL
2023

MARIANA MOREIRA COSTA DO CARMO

**pesquevivência exuzilhística, uma experimentação contracolonialista
que (con)funde o corpus e os corpos: Diálogos com Júlio Emílio Braz,
pelas obras *Zumbi, o despertar da liberdade* e *Na cor da pele***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área do conhecimento: Estudos em Literatura Comparada.
Linha de Pesquisa: Poéticas da Modernidade e da Pós-Modernidade

Orientadora: Profa. Dra. Marta Aparecida Garcia Gonçalves.

NATAL

2023

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Carmo, Mariana Moreira Costa do.

pesqurevivência exuzilhística, uma experimentação
contracolonialista que (con)funde o corpus e os corpos: diálogos
com Júlio Emílio Braz, pelas obras Zumbi, o despertar da
liberdade e Na cor da pele / Mariana Moreira Costa do Carmo. -
2023.

224f.: il.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do
Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de
Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Natal, RN, 2023.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Marta Aparecida Garcia Gonçalves.

1. Literatura infantil e juvenil negro-brasileira. 2.
Contracolonização. 3. Júlio Emílio Braz. I. Gonçalves, Marta
Aparecida Garcia. II. Título.

MARIANA MOREIRA COSTA DO CARMO

pesquevivência exuzilhística, uma experimentação contracolonalista que (con)funde o corpus e os corpos: diálogos com Júlio Emílio Braz, pelas obras, *Zumbi, o despertar da liberdade* e *Na cor da pele*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Marta Aparecida Garcia Gonçalves.
Orientadora.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Profa. Dra. Danielle Grace Rego de Almeida.
Membra interna.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Profa. Dra. Marly Amarilha.
Membra Externa ao Programa.
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Profa. Dra. Franciane Conceição da Silva.
Membra Externa à Instituição.
Universidade Federal da Paraíba.

Figura 1 – Meu aniversário de 7 anos



Fonte: Álbum de família (2000).

Agradeço à menina que eu fui, pois nela estava guardada a raiz do que viria ser a pesquisadora que sou hoje. E foi voltando a minha infância e ressignificando aquele lugar, que me encontrei (outra vez) comigo e com os saberes de meus ancestrais. Por isso, peço licença a quem veio antes de mim e continua comigo nessa ginga que é existir, reexistir e resistir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por ter me acompanhado, desde sempre, e nunca ter desistido de mim.

A todos os-as meus-minhas ancestrais que começaram, lá atrás, caminhos que desembocariam nesta encruzilhada, eu sou grata a vocês por tudo e estou aqui para honrar esses caminhos.

Ao Filipe, meu esposo, por ser minha âncora, meu porto seguro e o meu lugar favorito no mundo. Desde 2018, quando eu ainda estava na graduação, você gestou comigo o sonho de fazer pós-graduação em outro estado. Em 2019, largamos tudo e embarcamos para Natal com duas malas e 20 caixas de livros, quando tudo não passava só de um desejo. Obrigada por ter acreditado no mestrado e nessa dissertação, mesmo quando eu já tinha perdido as esperanças. Tem você em cada página escrita. Eu te amo!

À minha família que, cada qual à sua maneira, contribuiu para que este trabalho pudesse acontecer, seja com preces, orações e palavras de ânimo.

Aos meus sogros, por sempre torcerem e enxergarem o meu potencial, vocês são presentes de Deus na minha vida.

Ao autor Júlio Emílio Braz, por ter me acompanhado, através da literatura, desde a infância e ter plantado em mim o amor pela escrita. Obrigada por ter sido um grande mentor durante o processo de escrita dessa dissertação, desde quando era só um projeto. Sou grata por cada conversa e ajuda com informações sobre as obras.

À minha analista, Cecília, que ofertou escuta sensível e acolhedora em todos os processos de escrita deste trabalho.

Ao Clube de Estudos Avançados em Superdotação, em especial Jenifer Mendes, Patrícia Kitaka, Olzeni Ribeiro e Paula Oses. Com essas pessoas aprendi “a dor e a delícia” de ser uma pessoa preta superdotada em um mundo repleto de invisibilidade, falta de atendimento adequado e reforço de pautas puramente talentistas. Vocês foram, e têm sido, luz no fim do túnel, para mim e muitas outras pessoas. Obrigada por terem

acolhido minhas lágrimas todas as vezes que tive dificuldades em escrever, me organizar e lidar com as frustrações. Sempre serei grata a vocês!

À Marília, pela leitura sensível, por compor a bibliografia desta pesquisa e pelas muitas conversas profundas. Ao Higor, por ter acreditado em mim e na escrita desse texto, obrigada por toda amizade, pelo carinho e contribuição, desde o início. Ao Neto, pelas longas discussões teóricas sobre literatura e sobre a vida. Aprendo demais com o grande crítico literário, editor e pesquisador que você é. Ao Luiz Felipe e Douglas, por serem a minha família aqui em Natal e me cercarem de amor, companheirismo, troca de ideias sobre livros, artigos e muitas risadas. À Raquel por ser uma referência de vida e me ensinar tanto sobre amor a Deus e representatividade. Ao Lucas, amigo querido que fiz no mestrado, por ser parceiro de bolsa, de escrita e de cafés. À Andrezza, pela amizade, suporte emocional e por acreditar em mim a cada vez que surtei e achei que não conseguiria, a gente se completa em nossa sensibilidade. À Lara e Thaysa pelos cafés, bagunças, risadas e muito amor. À Carol Custódio, por ter me ajudado na escrita do projeto, sem você eu não teria chegado aqui. Ao Gabriel Chagas, por ter me auxiliado e me preparado para o processo da qualificação, você é uma referência para mim e muitos outros-as pesquisadores. À Susana pela dedicação em me ajudar no processo de tradução, te amo muito e sinto muita saudade de você.

Às professoras que fizeram parte da banca de qualificação e de defesa: Francy Silva, Danielle Grace e Marly Amarilha, obrigada pela leitura sensível e os compartilhamentos que auxiliaram, e muito, para a construção desta experimentação.

Ao grupo terapêutico de estudantes negros-as, Aquilombar, pela troca incrível e por me devolverem a sensação de pertencimento. “Eu sou porque nós somos.”

À CAPES que financiou esta pesquisa e acreditou na relevância da mesma para a produção de conhecimento no Brasil. Espero que cada vez mais pesquisadores-as negros-as possam ter oportunidades como essa.

Aquele que foi o (des)orientador desta **pesquirevivência**, aos 45 do segundo tempo, pelas palavras, pela escuta e pelo compartilhamento. Eu só cheguei ao fim desta dissertação graças aos tantos e tantos diálogos que tivemos ao longo destes últimos três

meses. Acho que, substancialmente, essa dissertação foi escrita em três meses, depois da força que me deu. Muito obrigada, Sambukuendakô, “aquele que atravessa caminhos, fronteiras e vai além”.

Aos meus amigos, companheiros e parceiros que responderam a entrevista que compõe essa **pesqurevivência**, vocês fizeram dessa jornada uma experiência muito mais acolhedora. Obrigada!

E a todos que, de alguma maneira, contribuíram antes ou durante a escrita, seja a partir de palavras, gestos ou ações. Eu jamais esquecerei isso!

“Eu estou escrevendo para as pessoas negras [...] Eu não preciso me desculpar ou me considerar limitada porque eu não escrevo sobre pessoas brancas [...] O ponto é não ter o crítico branco sentado em seu ombro para aprová-lo.”

(Toni Morrison).

“Quais lugares as pessoas negras ocupam no seu imaginário?”

(Emicida).

“Educação como prática de liberdade... Educação que conecta a vontade de saber com a vontade de se tornar. A aprendizagem é um lugar onde o paraíso pode ser criado.”

(bell hooks).

“Moleque que você marginaliza e não sabe
A metade da vida daquela criança
Moleques são meninos, crianças são também.”

(Criolo).

“Era uma História muito grande! Uma história viva que nascia das pessoas, do hoje, do agora. Era diferente de ler aquele texto. Assentou-se e, pela primeira vez, veio-lhe um pensamento: quem sabe escreveria esta história um dia? Quem sabe passaria para o papel o que estava escrito, cravado e gravado no seu corpo, na sua alma, na sua mente.”

(Conceição Evaristo).

“Jovens negras foram pensadoras radicais que imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e nunca deixaram de considerar como o mundo poderia ser de outra forma.” (Saidiya Hartman).

“Pensou que eu ando só?
Atente ao tempo
Não começa, nem termina, é nunca, é sempre
É tempo de reparar na balança de nobre cobre que o rei equilibra
Fulmina o injusto, deixa nua a justiça
Minha fome é matéria que você não alcança
Desde o leite do peito de minha mãe
Até o sem fim dos versos, versos, versos
Que brotam no poeta em toda poesia.”

(Maria Bethânia)

RESUMO

Este trabalho é uma experimentação contracolonialista que propõe a **pesqurevivência exuzilhística** – o que a academia classifica como operadores teórico-metodológicos de análise, elaboro como um jeito de corpo, de ato e de palavra, para um outro modo de fazer e se relacionar com o conhecimento, sobretudo a literatura infantil negro-brasileira. Este modo (con)funde a pesquisa, a vivência e a escrita, o corpus e os corpos. Escolhemos como diálogo para essa experimentação as obras *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999) e *Na cor da pele* (2005), ambas escritas pelo autor Júlio Emílio Braz. Entretanto, gostaria de deixar bem “escuro” que esta proposta é um grande encontro entre textos literários e vida, vivências, experiências e formas outras de elaborar e se relacionar com o conhecimento. O objetivo deste experimento é questionar a estrutura fechada do trabalho científico que não contempla proposições que partem de outras epistemologias; por isso, a própria escritura desta dissertação é uma forma metalinguística de colocar em prática a **pesqurevivência exuzilhística** enquanto um modo de escrever e fazer pesquisa; de evidenciar mulheres negras como intelectuais e produtoras de conhecimento crítico e teórico; de reconhecer a literatura infantil e juvenil negra como objeto válido de investigação científica; de visibilizar meninos negros com traços de inteligência acima da média; e de promover a produção literária do autor Júlio Emílio Braz. Deste modo, a partir da **exuzilhística**, proponho os valores negro-brasileiros como uma forma de leitura e encruzilhada de compreensão das obras literárias. Para tanto, como pensamentos base, utilizamos a noção de contracolonial, do mestre Antônio Bispo (Nêgo Bispo) (2015, 2023), a *escrevivência*, de Conceição Evaristo (2015; 2017; 2022; 2005), o exuzilhar de Cidinha da Silva (2018, 2022), o *pretuguês* de Lélia Gonzalez (2020) e os valores civilizatórios afro-brasileiros, de Azoílda Loretto da Trindade (2010). Para a compreensão de literatura infantil e juvenil, bem como a de literatura negro-brasileira, partiremos das contribuições de Frantz Fanon (2005, 2008), bell hooks (1995, 2013, 2017, 2021, 2022); Stuart Hall (2013; 2016); Cuti (2010) em trechos de entrevistas, relatos de experiências, letras de música, excertos de poemas, fragmentos em prosa e fotografias de família. Convoquei outras pessoas negras que atravessaram minha experiência e tiveram as suas experiências atravessadas por mim durante a construção desse trabalho, para somarem sua voz a minha e comporem as referências dessa experimentação. Os resultados construídos, em leitura das obras de Júlio Emílio Braz, apontam para a Ancestralidade e o Axé/Energia Vital como “gingas” mobilizadoras relacionadas tanto à pesquisa, ensino, extensão quanto à própria vida, se encontrando e dialogando em um movimento frente à encruzilhada, sendo impraticável desassociá-los. Isso evidencia que é impossível propor outras formas de elaboração de conhecimento sem resolver as estruturas e as referências relacionadas ao “trabalho científico”, as ideias de “conceito”, “teoria”, “metodologia”, “letramento literário” e modos únicos de pensamento e produção disso que está instituído enquanto saber válido e legitimado academicamente. Portanto, Exu enquanto epistemologia desta proposta **exuzilhística** possibilita encontros e desencontros, no sentido de desestabilizar a ordem brancocêntrica academicista, desencadeando o caos a partir da inserção outros-as modos de fazer pesquisa, legitimar saberes e potencializar sujeitos.

Palavras-Chave: **Pesqurevivência exuzilhística**; Literatura infantil e juvenil negro-brasileira; contracolônização; Júlio Emílio Braz.

ABSTRACT

Eshusilhistic Livature-research: a contracolonialist experimentation that (con)fuses corpus and bodies: dialogues with Júlio Emílio Braz, through the works *Zumbi, o despertar da liberdade* and *Na Cor da Pele*

This work is a counter-colonialist experimentation that proposes the “**pesquirevivência exuzilhística**” [Eshusilhistic Livature¹-research] – what is academically referred to as a theoretical-methodological operator of analysis, I call it a way of body, act, and word, another way of creating and relating to knowledge, particularly literature. This mode confuses-and-merges research, experience, and writing, the *corpus* and the bodies. We have chosen the works *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999) and *Na cor da pele* (2005), both written by the black author Júlio Emílio Braz, as a dialogue for this experimentation. However, I would like to make it “dark” that this proposal is a significant encounter between literary text, experiences, and other forms of elaborating and relating to knowledge. The objective of this experiment is questioning the settled structure of scientific work that does not encompass propositions that stem from other epistemologies. Therefore, the very writing of this dissertation is a metalinguistic form of putting “**pesquirevivência exuzilhística**” into practice as a way of writing and conducting research; highlighting black women as intellectuals and producers of critical and theoretical knowledge; recognizing black children’s and youth literature as a valid object of scientific investigation; making visible black boys with above-average intelligence traits; and of promoting the literary production of the author Júlio Emílio Braz. In this way, based on “**exuzilhística**”. I propose Afro-Brazilian values as a form of reading and a confluence of understanding literary works. To achieve this objective, we draw upon the foundational ideas of counter-colonialism by master Antônio Bispo (Nêgo Bispo) (2015; 2023), the concept of “*escrevivência*” [livature] by Conceição Evaristo (2015; 2017; 2022; 2005), the notion of “*exuzilhar*” by Cidinha da Silva (2018; 2022), the notion of *pretuguês* by Lélia Gonzalez (2020), and the Afro-Brazilian civilizing values presented by Azoilda Loretto da Trindade (2010). For the understanding of children’s and youth literature, as well as Afro-Brazilian literature, we draw from the contributions of Frantz Fanon (2005; 2008), Bell Hooks (1995, 2013, 2017, 2021, 2022), Stuart Hall (2013; 2016), Cuti (2010), excerpts from interviews, accounts of experiences, song lyrics, passages from poems, prose excerpts, family photographs. I have invited other black individuals who have crossed paths with my experience and had their experiences intersected by me during the construction of this work to add their voices to mine and contribute to the references of this experimentation. The observed results, in the reading of the works of Júlio Emílio Braz, in this experimentation, point to Ancestry and Axé/Vital Energy as mobilizing “gingas” (energetic movements) related to research, teaching, extension, and life itself, meeting and engaging in a movement at the crossroads, making it impractical to disassociate them. This highlights that it is impossible to propose other forms of knowledge production without addressing the structures and references related to “scientific work,” the ideas of “concept,” “theory,” “methodology,” “literary literacy,” and unique modes of thinking and production that are

¹ O termo alcinchado pela pesquisadora Geri Augusto como uma versão em inglês da “*escrevivência*” de Conceição Evaristo. Nos trabalhos “*Literatura Negra, por uma teoria da tradução*” (2013) e “*A língua não deve nos separar!: reflexões para uma práxis negra transnacional de tradução*” (2017), a autora discute a relevância desse termo, considerando a importância da diáspora e da tradução como práticas influenciadas por experiências transnacionais negras e lutas anti-coloniais. Destacando suas experiências como intérprete em movimentos políticos, ela propõe a tradução como um ato ontológico, a importância do sentimento em relação às realidades da diáspora, a relevância contínua da oralidade e visualidade, e a tradução como prática negra radical e transgressiva.

institutionally established as valid and academically legitimized knowledge. Therefore, Exu as an epistemology of this “exuzilhistic” proposal makes possible encounters and disagreements, in the sense of destabilizing the academicist white-centric order, unleashing chaos by incorporating other ways of conducting research, legitimizing knowledge, and empower subjects.

Keywords: **Pesquevivência Exuzilhística**; Afro-Brazilian children’s and youth literature; counter-colonization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Meu aniversário de 7 anos.....	5
Figura 2 – Sessão de fotos para o perfil profissional da equipe Imago	20
Figura 3 – Fotografia tirada pela professora para um evento escolar.....	24
Figura 4 – Capa de <i>Zumbi, o despertar da liberdade</i> (1999).....	40
Figura 5 – Capa de <i>Na cor da pele</i> (2005).....	44
Figura 6 – Júlio Emílio Braz no Programa do Jô	91
Figura 7 – Valores negro-brasileiros	103
Figura 8 – Casas pertencentes à Octavia Hill Association, c. 1897 – 1906, Special Collection Research Center, Temple University Libraries, Filadélfia, Pensilvânia	110
Figura 9 – Celinho, capítulo: “Voltar para a Casa” (1999, p. 27)	111
Figura 10 – Capa e Contracapa <i>Zumbi, o despertar da liberdade</i> (1999)	112
Figura 11 – Índice de <i>Zumbi, o despertar da liberdade</i> e nossa perspectiva de compreensõesobre o índice: a <i>exuzilhística</i> dos caminhos	114
Figura 12 – Capa e Contracapa de <i>Na cor da Pele</i> (2005).....	119
Figura 13 – Eu e minha irmã Ana Flavia	126
Figura 14 – Ilustração de <i>Zumbi, o despertar da liberdade</i> (1999).....	128
Figura 15 – Ilustrações de <i>Zumbi, o despertar da liberdade</i> (1999).....	132
Figura 16 – Ilustração do livro <i>Na cor da pele</i> (2005).....	145

Figura 17 – Ilustração de <i>Na cor da pele</i> (2005).....	156
Figura 18 – <i>Zumbi, o despertar da liberdade</i> (1999).....	164
Figura 19 – <i>Zumbi, o despertar da liberdade</i>	166

LISTA DE SIGLAS

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas

AH/SD. Altas habilidades/superdotação

EJA. Educação de Jovens e Adultos.

MEC. Ministério da Educação e Cultura

PNBE. Programa Nacional Biblioteca da Escola.

PNLD. O Programa Nacional do Livro e do Material Didático

SUMÁRIO

“Pra começo de conversa”	18
<i>Pesqurevivência exuzilhística: uma maneira de fazer pesquisa que con(funde) a escrita e a vivência, o corpus e os corpos</i>	49
“Tornar-se <i>sujeito-a</i> ”: o ponto de partida do corpo-texto	50
Reencantamento do mundo e desmonologização: atravessamentos entre teorias, definições e categorizações	66
Um contador de histórias chamado Júlio Emílio Braz: vida e obra na construção ficcional de uma oralidade cotidiana	90
Exuzilhística: um ato-palavra-corpo-ato no quebra-cabeça linguístico-imagético dos valores negro-brasileiros	102
Axé/Energia Vital e <i>Literavida</i> : Movimento e reconstrução da realidade	107
Ancestralidade: a dança do corpo-texto e do texto-escuta na reconstrução do corpo negro tripartido	125
Na encruzilhada não há encerramento	159
Referências	168
Anexo – Termo de consentimento	184
Apêndices	185
Apêndice A – Entrevista com o autor Júlio Emílio Braz.....	186
Apêndice B – <i>Pesqurevivência e compartilhamento</i> : a ginga dos corpos pretos na produção de conhecimento	192

“Pra começo de conversa”

Você pode me marcar na história
Com suas mentiras amargas e distorcidas
Você pode me esmagar na própria terra
Mas ainda assim, como poeira, eu vou me levantar.

Meu atrevimento te perturba?
O que é que te entristece?
É que eu ando como se tivesse poços de petróleo
Bombeando na minha sala de estar.

Assim como as luas e como os sóis,
Com a certeza das marés,
Assim como a esperança brotando,
Ainda assim, eu vou me levantar.

Você queria me ver destroçada?
Com a cabeça curvada e olhos baixos?
Ombros caindo como lágrimas,
Enfraquecidos pelos meus gritos de comoção?

Minha altivez te ofende?
Não leve tão a sério
Só porque rio como se tivesse minas de ouro
Cavadas no meu quintal.

Você pode me fuzilar com suas palavras,
Você pode me cortar com seus olhos,
Você pode me matar com seu ódio,
Mas ainda, como o ar, eu vou me levantar.

Minha sensualidade te perturba?
Te surpreende
Que eu dance como se tivesse diamantes
Entre as coxas?

Saindo das cabanas da vergonha da história

Eu me levanto
De um passado enraizado na dor
Eu me levanto
Sou um oceano negro, vasto e pulsante,
Crescendo e jorrando eu carrego a maré.

Abandonando as noites de terror e medo
Eu me levanto
Para um amanhecer maravilhosamente claro
Eu me levanto
Trazendo as dádivas que meus ancestrais me deram,
Eu sou o sonho e a esperança dos escravos.
Eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto.

(Maya Angelou. *Ainda assim eu me levanto*, 2020, p. 175-176).

Preciso agora me localizar em algumas experiências vividas, e espero que cada um se localize de forma parecida.

(Antônio Bispo dos Santos, *Biointeração*, 2015. p. 81).

Figura 2 – Sessão de fotos para o perfil profissional da equipe Imago



Fonte: Fernando Lima, 2023.

Em 2001, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)² elaborou um projeto chamado “Literatura em Minha Casa”, composto por livros de diversos gêneros, com o objetivo de promover a leitura e a troca de experiências entre os-as³ estudantes e a família. Lembro-me bem de toda a expectativa que foi gerada em mim em torno desses livros; era um frio na barriga que se iniciava antes, durante e depois desse contato. Eu caminhava em direção à sala da direção, onde ficava a prateleira em que os livros eram expostos, tomada pela ansiedade do que poderia estar me esperando. “Historinhas Pescadas”, uma seleção de contos de diversos autores-as brasileiros-as, foi um desses livros que, hoje, faz parte de minha memória afetiva.

Havia uma narrativa dessa seleção que tocou profundamente o meu coração... “Lolo Barnabé”, de Eva Furnari. Recentemente, descobri que essa história é, na realidade, um livro que faz parte da série “Do Avesso” (2010), na qual diversos assuntos, como a perfeição, a inveja e a lógica do consumo, são tratados de forma profunda e bem-humorada. “Lolo Barnabé” conta a história de um homem do tempo das cavernas muito inteligente e criativo, que casou-se com uma mulher também inteligente e criativa, e tiveram um filho inteligente e criativo. À noite, sentavam-se em volta da fogueira, conversavam, cantavam canções e agradeciam pela beleza da vida. Na busca por conforto e na solução das demandas que surgiam, começaram a construir coisas para

² O Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) foi criado em 1997 com a finalidade de incentivar a leitura e o acesso à cultura aos professores e alunos, por meio da distribuição de livros nas escolas. Inicialmente, a distribuição acontecia de forma alternada, ora eram contempladas as escolas de ensino fundamental anos finais, ora as de anos iniciais, e ora as de ensino médio ou de educação de jovens e adultos. A iniciativa dividia-se em PNBE Literário, em que é feita a avaliação e distribuição de textos em prosa, verso, livros de imagem e história em quadrinhos; O PNBE do Professor, com o objetivo de fornecer apoio a prática metodológica de professores da educação básica e EJA, por meio da avaliação e distribuição de obras teóricas e metodológicas; o PNBE Periódicos, que visa avaliar e distribuir periódicos com conteúdo metodológico e didático para as escolas de educação básica. (BRASIL, Ministério da Educação, 2018). Desde dezembro de 2014, no governo Temer, as escolas públicas estiveram sem recebimento de livros, o programa de compras foi extinto, tendo a possibilidade de envio apenas em 2019, ou seja, quatro anos sem receber livros (ARDILHES MOREIRA, G1, 2017). “O Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, PNLD).

³ Decidi optar pelo uso do hífen para marcar o gênero das palavras, em vez da notação mais comum, que consiste em inserir o feminino entre parênteses “(a)” ou, mais recentemente, usando a barra “/”. Estou alinhada com essa escolha, conforme realizada por Gustavo Tanus (2023), onde o hífen assume a função poética de marcar as identidades de gênero, as quais são fluidas e dinâmicas.

suprir as necessidades de sua família. Se a caverna era muito úmida, precisavam construir uma casa arejada; se sentiam frio, criavam roupas quentinhas... ... não havia mais tempo de conversar, já que estavam sempre ocupados. “Eram muito felizes, mas nem tanto”, essa era a frase que sempre se repetia como um gatilho para as invenções.

Até que, em um determinado momento da história, sentem-se frustrados e percebem que as coisas que construíam não eram suficientes para sanar suas inquietações. Então, vão para o quintal, acendem uma fogueira e se lembram de celebrar e agradecer juntos pela vida. Eu lia e relia essa história várias vezes e me deslumbrava, mesmo não sabendo o porquê. Hoje eu entendo o que já sentia: a literatura nos introduz a universos de possibilidades através das palavras.

Entretanto, havia algumas lacunas que escapavam ao meu entendimento na relação com os livros, e eu gostaria de compartilhar, pois essas reflexões que surgiram em minha infância são parte fundamental das questões-chave que atravessam esta experimentação. Por que as histórias de grandes protagonistas não retratavam pessoas negras e, quando acontecia, eram somente sobre a égide do fracasso? Na escola, durante as discussões sobre livros que representavam personagens ou questões relacionadas às experiências do povo negro, mesmo aquelas histórias com desfechos “felizes”, não era proposta nenhuma análise crítica, por parte dos-das professores-as, sobre o porquê de aquelas pessoas serem representadas de forma estereotipada, tampouco uma contextualização com a realidade brasileira.

Por que as ilustrações de histórias como Lolo Barnabé, que não traziam vestígios sobre a cor da pele dos personagens, eram sempre de pessoas brancas? Será que as entrelinhas evidenciavam que negros-as jamais poderiam ser inteligentes e criativos-as como Lolo Barnabé, já que ele era representado de uma forma que não abarcava a existência dos *sujeitos-as*⁴ negros-as, pois suas trajetórias estavam forjadas e consolidadas a partir da miséria e subalternidade?

⁴ O termo é utilizado em itálico, em consonância com Grada Kilomba (2019, p. 15), que destaca que em inglês, a palavra “subject” não possui gênero, enquanto em português, sofre uma redução ao gênero masculino – “o sujeito” – sem variação para o feminino – “a sujeita” – ou sujeitxs, uma marcação para

De acordo com Frantz Fanon (2008, p.29), “uma criança negra, “normal”, tendo crescido no seio de uma família “normal”, ficará anormal ao menor contato com o mundo branco, isso ocorre porque *esses-as sujeitos-as* são frequentemente vistos e retratados-as como aqueles-as que devem ser odiados-as e temidos-as. Nessa linha de raciocínio, levando em consideração a potência da literatura em fomentar o pensamento crítico de crianças e adolescentes, os vários modos de ser e estar no mundo, a compreensão sobre as estruturas de poder e a importância das palavras na comunicação, ordenação, desorganização e reinvenção da vida (FABÍOLA RIBEIRO FARIAS; CLEIDE APARECIDA FERNANDES, 2019, p. 22)⁵, estamos falando sobre todos, sem distinção? As crianças e adolescentes negros também fazem parte dessa equação?

Nesta perspectiva, a escola, apesar de ser parte do processo de socialização dos indivíduos, tem contribuído para a continuidade do racismo, apresentando narrativas que contam a História (e as histórias) a partir de um único ponto de vista, o do colonizador, além de, na experiência cotidiana, reforçar e consolidar estereótipos negativos sobre crianças e adolescentes negros-as. Ingressei na escola aos cinco, quase seis anos, e essa demora ocorreu porque meus pais acreditavam que eu não estava pronta. Ao mesmo tempo que era uma criança que foi amamentada até os cinco anos, também era aquela que começou a andar aos oito meses e já corria aos doze. Surgiram muitas dúvidas na mente dos meus pais: “Ela se adaptará à escola com toda essa energia?” ou “Não destruirá a escola sendo esse furacão-criança?”. Tenho algumas lembranças desse período, recordando o desprezo dos colegas e as sacudidas de ombros da professora, frequentemente pedindo para que eu ficasse quieta. “Essa menina não para de fazer perguntas, quer saber de tudo”, “ela é muito curiosa, mexe em tudo”, “não pode aparecer

LGBTQIAPN+, frequentemente identificada como um erro ortográfico. Além disso, incorpora-se o uso do hífen, como referido na nota anterior, marcando poeticamente o caráter fluído das identidades de gênero.

⁵ A partir do processo contracolônizado aqui proposto, de evidenciar o nome completo do autor-autora, subvertemos a norma ABNT NBR 10520:2002, que diz respeito às citações em documentos. Inicialmente, pensei em colocar o primeiro nome e o último e em diálogo com os trabalhos, conversas e reflexões com Sambukuendakô (2023 a), decidi colocar o nome completo da autoria. O objetivo de tal procedimento é evidenciar e sinalizar a autoria para além de um simples sobrenome, que é sempre relacionado ao masculino. Esta é uma maneira de subjetivar estas autorias e pluralizar o imaginário em relação a procedimentos que reforçam estruturas machistas, racistas e opressoras.

nas fotos da escola com esse cabelo, vamos prendê-lo”, eram comentários recorrentes da minha professora da pré-escola. Possuo apenas uma fotografia dessa fase da minha vida, e curiosamente, detestava aquela imagem, considerando-me feia e achando meu cabelo desagradável, numa visão distorcida de mim mesma.

Na imagem, meu cabelo volumoso e cacheado estava preso com grampos, no entanto, mesmo assim, eu exibia um sorriso. Apesar disso, nutria um amor pela escola e pela aprendizagem, e aquele momento era aguardado com grande expectativa. Contudo, gradualmente, percebi que estava sendo pressionado a “prender”, “conter”, e a não permitir a livre expressão – uma tentativa de limitar a minha existência. Ao longo do tempo, fui me adaptando a “encaixar” e a me silenciar.

Figura 3 – Fotografia tirada pela professora para um evento escolar



Fonte: Álbum de família (1998).

A pesquisadora Eliane Cavalleiro, em sua obra “Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação” (2012), baseando-se em sua experiência em uma escola de educação infantil com crianças de quatro a seis anos, observou que

as crianças negras, durante sua vivência escolar, desenvolviam uma compreensão negativa em relação à sua identidade. Além de enfrentarem discriminação por parte de outras crianças, os-as professores-as, por sua vez, limitavam-se a permanecer em silêncio diante desses eventos, sem tomar qualquer atitude. Segundo a pesquisadora, esse ato de silenciamento contribuía para a perpetuação do preconceito e da discriminação no ambiente escolar. A falta de intervenção por parte dos-as educadores-as permitia que tais comportamentos discriminatórios persistissem, evidenciando a necessidade de abordagens mais ativas e inclusivas para promover um ambiente educacional verdadeiramente igualitário e respeitoso. (ELIANE CAVALLEIRO, 2012, p. 10). A autora, além de sua abordagem observacional e de pesquisa, incorpora à narrativa a sua própria experiência como uma criança negra que, em seu passado, aprendeu a silenciar diante do racismo cotidiano. Esse silêncio, segundo ela, era uma expressão da vergonha que sentia por ser negra, sendo uma estratégia para lidar com a dor e o sofrimento associados a essas experiências (p.10). Essa reflexão pessoal acrescenta uma dimensão única à discussão, destacando como as vivências individuais moldam a relação das pessoas com a educação.

A questão central então emerge: a educação é verdadeiramente acessível a todos? A história da autora e a minha sugerem que, para muitos, a educação pode não ser um ambiente acolhedor e inclusivo. A necessidade de confrontar o racismo e promover uma educação verdadeiramente para todos se torna evidente. Isso implica não apenas reconhecer as disparidades existentes, mas também trabalhar ativamente para criar ambientes educacionais onde a diversidade seja celebrada, o racismo seja confrontado e todos os-as estudantes se sintam valorizados-as e respeitados-as.

Para ilustrar as nuances desse jogo discursivo, Luedji Luna (2017), em sua canção “Iodo + Now Frágil” (2017), destaca os “espaços de contenção” do corpo negro ao afirmar: “Hospício é a mesma coisa que presídio, / que é a mesma coisa que escola, / que é a mesma coisa que prisão.” Essa perspectiva sugere que todos os caminhos conduzem o corpo negro em direção à morte, seja de forma objetiva ou simbólica. Nesse contexto, a literatura presente nas instituições de ensino reflete e perpetua essas dinâmicas. Um exemplo é o conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato (2008), que contribui para a

estereotipação da criança e adolescente negro-a na literatura. Este conto, ao invés de promover uma representação equitativa e respeitosa, reforça estigmas e preconceitos, alinhando-se à ideologia hegemônica.

Publicado em 1920 por aquele que foi reconhecido como um promotor de uma “revolução na área da Literatura Infantil Brasileira” (ELAINE REGINA DE MEDEIROS; ESTELA INÁCIO PEREIRA; FERNANDA PERES ANTONIO, 2012), o conto é caracterizado pela linguagem descritiva e detalhista, influenciada pelas tendências literárias realista e naturalista. Além disso, ele reafirma uma visão de mundo fundamentada no positivismo, determinismo social e darwinismo social. Essas influências se manifestam na representação do-a *sujeito-a* negro-a, neste caso, a criança negra sem nome e criada distante da família, que é retratada sob a ótica da inferioridade em relação ao-à *sujeito-a* branco-a, a patroa, como evidenciado no excerto:

Negrinha era uma **pobre órfã** de 7 anos. Preta? Não; **fusca, mulatinha escura**, de cabelos ruços e olhos assustados. Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos **vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos**. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças. **Excelente senhora**, a patroa. **Gorda, rica, dona do mundo**, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e **camarote de luxo reservado no céu**. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma **virtuosa senhora**, em suma – “**dama de grandes virtudes apostólicas**, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo (MONTEIRO LOBATO, 2008, p. 24, negritos nossos).

No ensaio “O Ambiente do Realismo Literário no Brasil”, o pesquisador Júlio César Dias (2010) destaca que o realismo herda do positivismo a análise cientificista dos fatos e, a partir do Naturalismo, busca explicar a sociedade, porém, falha ao focar nos acontecimentos em detrimento das pessoas (JÚLIO CÉSAR TAVARES DIAS, 2010, p. 92, 96). Nesse contexto, o mencionado conto, baseado em uma pretensa denúncia, ressurgiu com estereótipos arraigados na sociedade, impregnando o texto com traços de animalização e estereotipação do-a *sujeito-a* negro-a. Há um paralelo na descrição da menina e da patroa, onde a criança é caracterizada por adjetivos que expressam negatividade e desumanização, como “pobre orfã” e “vivera pelos cantos escuros da

cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos”. Enquanto isso, a senhora é descrita como detentora de tudo, repleta de virtudes e riqueza, sendo chamada de “dona do mundo” e “dama de grandes virtudes apostólicas”. Essa dicotomia revela a perpetuação de estereótipos que desumanizam o-a *sujeito-a* negro-a, contribuindo para a construção de uma narrativa que, ao invés de promover a compreensão e empatia, reforça preconceitos enraizados na sociedade da época.

As características estereotipadas, reiteradas e reatualizadas em diversas obras ao longo do tempo, foram se impregnando gradualmente no imaginário das pessoas, deixando marcas evidentes na mente e nos corpos de crianças e adolescentes negros-as brasileiros-as ainda nos dias atuais. Ynaê Lopes dos Santos, autora do livro “Racismo Brasileiro”, destacou em uma entrevista à revista Cult que a formação escolar no Brasil é fundamentada em abordagens racistas que estruturam a sociedade, considerando a escola como um mecanismo de perpetuação da lógica racista. Ela argumenta que o “ensinar mal” na escola faz parte de um projeto político que mantém uma perspectiva deturpada da história brasileira (YNAÊ LOPES DOS SANTOS, 2022, p. 6).

Segundo a autora, a história é moldada no presente pelas perguntas que os-as historiadores-as formulam ao passado. O que é investigado e a maneira como é feito são determinados por quem faz as perguntas, e muitas vezes essas respostas são elaboradas de maneira acrítica em relação à questão racial. Portanto, Ynaê Lopes dos Santos destaca a importância de ter uma representação mais diversificada, com a participação crescente de negros-as nesses espaços, para que diferentes perguntas sejam feitas e o conhecimento seja construído com base em diversas experiências (YNAÊ LOPES DOS SANTOS, 2022, p. 8).

A questão sobre o que significa ser negro-a no Brasil ainda hoje gera definições que não refletem a verdadeira identidade desse grupo. É crucial ressaltar que os-as negros-as brasileiros-as não são descendentes apenas de “escravos-as”, mas sim de povos que foram sequestrados e trazidos à força para servirem como mão de obra escravizada em diversas atividades econômicas, sem nunca terem recebido remuneração justa, sendo tratados-as de forma desumana, uma realidade que persistiu

mesmo após a abolição da escravatura. A construção deste país também contou com as contribuições significativas de milhões de homens e mulheres cujas identidades, passados e histórias foram apagados e destruídos. Assim, uma visão crítica do que é considerado como fato é essencial para possibilitar a evidenciação e a recontagem da história por meio de diversas perspectivas. Então, minha voz se junta às vozes de outros-as negros-as que integram este país, buscando retomar o direito de redefinir nossas narrativas e, por conseguinte, a forma como construíram e definiram nossas identidades.

Diante desse contexto, a literatura negro-brasileira infantil e juvenil, ao focar as autorias e vivências dos-as *sujeitos-as* negros-as, emerge como um espaço crucial para fortalecer as identidades de crianças e jovens negros-as. A interconexão entre linguagem e experiência desempenha um papel essencial na desarticulação das armadilhas deixadas pelo projeto colonial em seus múltiplos tentáculos, que historicamente objetificou os corpos negros em detrimento de sua subjetivação. Com a literatura, desfazem-se os nós deixados nesses corpos, desafiando lógicas de opressão, alienação, homogeneização, epistemicídio e apagamento. A proposta é que as crianças e jovens negros-as adquiram consciência das dinâmicas que reforçam o silenciamento, recuperem o domínio sobre seus corpos e se tornem protagonistas de suas próprias histórias.

Nesse contexto, este trabalho representa uma experimentação contracolonial, introduzindo a **pesquevivência exuzilhística**⁶. Essa abordagem implica a modificação do corpo, substituindo a predominância do olhar pela valorização dos sentidos. O que a academia rotula como operadores teórico-metodológicos de análise é concebido aqui como uma forma singular de corporalidade, um ato e uma expressão, um modo distinto de interagir com o conhecimento, especialmente no âmbito da literatura. Essa abordagem, que amalgama pesquisa, vivência e escrita, corpus e corpos, é denominada de **exuzilhística**, constituindo-se como um estilo que entrelaça saberes e experiências, fundamentado na epistemologia de Exu. Isso porque, para mim, não é possível imaginar

⁶ Utilizaremos o termo em negrito para sinalizar a marcação de uma prática que transcende o “conceito”; é algo que também se relaciona ao corpo. Assim como o uso do negrito marca traços mais grossos na letra de máquina e a sinalização de um destaque, o empregaremos como a marcação da pele negra no corpo do texto, indicando que tem em sua base uma experiência negra.

outras formas de produção de conhecimento sem questionar as estruturas estabelecidas; assim, a primeira estrutura a ser desafiada é a do “trabalho científico”, que compreende as ideias de “conceito”, “teoria”, “metodologia” e modos exclusivos de pensamento e produção acadêmica, instituídos como saberes válidos e legitimados.

Dessa forma, a pergunta central de nossa pesquisa é: de que maneiras a **pesqurevivência exuzilhística**, enquanto experimento contracoloniaalista, pode ser articulada nas e através das obras para promover a produção e a experiência negro-a-brasileira?

Essa experimentação se fundamenta na articulação entre literatura, sala de aula, pesquisa, extensão e experiências, respaldada por políticas públicas como a Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica, posteriormente alterada pela Lei nº 11.645/08 para incluir o ensino de História e culturas indígenas em escolas públicas e particulares. Além disso, está ancorada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/96, que oferece diretrizes para o atendimento às pessoas com necessidades educacionais específicas. Esta abordagem busca alinhar-se com a finalidade do Ensino Superior, que inclui a promoção da criação cultural, o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo, assim como a discussão de questões que contribuam para diversas áreas de conhecimento e debates sobre o desenvolvimento da sociedade brasileira. Adicionalmente, tem como objetivo viabilizar, promover e divulgar conhecimentos culturais, técnicos e científicos que compõem o patrimônio da humanidade, visando a ampliação da compreensão sobre as diversas experiências que compõem o Brasil (BRASIL, 1996, Art. 43).

Em consonância com a finalidade do Ensino Superior, destaca-se a integração de conhecimentos que reflitam sobre os problemas sociais, buscando proporcionar à comunidade uma relação de reciprocidade, promover a extensão aberta à participação da população, difundir as conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. Igualmente, busca-se a reflexão sobre práticas que aprimorem a educação básica, através da capacitação e formação de

profissionais, realização de pesquisas pedagógicas e desenvolvimento de atividades de extensão que estreitem a relação entre os dois níveis escolares (BRASIL, 1996, Art. 43).

A concepção de “delimitação da pesquisa” e “corpus de análise” são redefinidas a partir das encruzilhadas, propondo encontros entre conhecimentos e diálogos. Como base para essa experimentação, escolhemos as obras *Zumbi, o Despertar da Liberdade* (1999) e *Na Cor da Pele* (2005), ambas escritas pelo autor negro Júlio Emílio Braz. No entanto, é importante esclarecer ao-leitor-a que esta proposta é um encontro entre texto literário, experiências e formas alternativas de elaborar e se relacionar com o conhecimento.

Os objetivos deste experimento são:

Objetivo geral: Questionar a estrutura tradicional do trabalho científico que muitas vezes não contempla proposições advindas de outras epistemologias. A própria escritura desta dissertação é uma forma metalinguística de apresentar a prática da **pesqurevivência exuzilhística** como nosso método de pesquisa e escrita.

Objetivos específicos incluem: evidenciar mulheres negras como intelectuais e produtoras de conhecimento crítico e teórico; legitimar a literatura infantil e juvenil negra como objeto válido de investigação; destacar a subjetividade e a inteligência acima da média das personagens negras; e promover a produção literária do autor Júlio Emílio Braz.

Alguns pontos centrais fundamentais compõem a **exuzilhística**, sendo que essa “divisão” é apenas didática, já que, na nossa abordagem, não seguem um “grau de importância” e relacionam-se mutuamente. O primeiro deles é a contracolonização, conforme proposto por Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo), que trata de uma experiência que desafia a lógica colonialista de viver. Ele propõe “a guerra de denominações”, utilizando palavras germinantes em vez de “conceitos”, sugerindo outras formas de nomear para enfraquecer as palavras coloniais (ANTÔNIO BISPO DOS

SANTOS, 2023, p. 13). O segundo é a *escrevivência*⁷, de Conceição Evaristo, que caracteriza-se como uma construção textual que con(funde) escrita e vivência tanto sua, enquanto mulher negra quanto dos seus. O terceiro elemento é o verbo-neologismo “Exuzilhar”, cunhado por Cidinha da Silva em 2010, derivado das palavras “Exu” e “Encruzilhada”. O quarto é o “Pretuguês”, proposto por Lélia González (2020), como uma forma de africanização do português do Brasil, já presente nas músicas, danças e sistemas de crenças, mas muitas vezes obscurecido pela ideologia brancocêntrica que minimiza a contribuição negra (2020, p.128). O quinto são os “valores civilizatórios afro-brasileiros”, conforme descritos por Azoílda Loretto da Trindade (2010), caracterizados como: Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade, Cooperativismo/Comunitarismo, Ancestralidade, Memória, Ludicidade, Energia Vital (Axé) e Oralidade. Nesta experimentação, exploraremos esses valores, concentrando-nos em dois deles, a saber: Energia Vital (Axé) e Ancestralidade.

Quanto aos “valores civilizatórios afro-brasileiros”, é relevante refletir sobre a maneira como serão aplicados nesta experimentação. O termo “civilizatórios” (civilizar + tório +s) está vinculado ao verbo “civilizar”, que, segundo o dicionário Michaelis (2015), significa: Tornar-se civilizado ou cortês; urbanizar-se; Converter-se ao estado de civilização. Enquanto o termo “civilização” remete a: Ato, processo ou efeito de civilizar(-se); Conjunto de aspectos próprios da vida social, intelectual, artística, cultural, econômica, política e moral de uma sociedade; Estágio de desenvolvimento econômico, científico e tecnológico de uma sociedade; Conjunto de valores que caracterizam uma sociedade; tipo de cultura.

⁷ O termo *escrevivência*, de Conceição Evaristo, foi pensado no processo de construção de sua dissertação de mestrado, em 1994, na PUC, a partir da “ginga” com as palavras “viver”, “escrever” e “se ver”. O seu fundamento está “na fala de mulheres negras escravizadas que tinham de contar suas histórias para a casa-grande” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2020). Em um caminho inverso a esse, ela borra a imagem do passado escravista, já que é trilhado e construído por uma **autoria negra**. Conceição marca que não existe impedimentos para que outros-as grupos sociais, de outras realidades, utilizem o termo, entretanto, sua base está **na produção de conhecimento negra**, principalmente de mulheres negras. Atualmente, pessoas brancas têm usado o termo indiscriminadamente, distorcendo totalmente a proposta, esquecendo, ou melhor, ignorando que “**a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sonos injustos**” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2005).

Considerando todas essas definições associadas ao termo, o processo “civilizatório” ocidental legitimou o genocídio de populações negras durante a colonização. Sob o pretexto de “civilizar”, identidades e modos de vida foram apagados.

No que se refere ao termo “afro”, conforme a compreensão de Cuti (2010), entendemos que ele faz referência à África e homogeneíza a experiência negra, como se ser negro-a na África fosse equivalente a ser negro-a no Brasil. Para diversificar os significados e direcionar a atenção para a experiência negra no Brasil, optamos por utilizar o termo “negro-a-brasileiros-as”, que melhor corresponde às nossas experiências e vivências no país. Isso representa uma forma de contracolônização, onde nomeamos como “valores negro-brasileiros”, suprimindo o termo “civilizatórios”. Na nossa interpretação, o termo “civilizatórios” perpetua representações que reforçam estereótipos e contribuem para a manutenção de opressões, e substituímos “afro” por “negro”. Entendemos a linguagem não apenas como um instrumento teórico, mas como um elemento ligado a um modo de fazer, pensar e agir que vai além da palavra escrita, sendo, portanto, um movimento corporal.

A noção de contracolônial, conforme apresentada pelo mestre Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) (2015, 2023), se entrelaça e se entrecruza com o que estou propondo nesta **pesquevivência exuzilhística**. Mais adiante, explorarei como me conectei a essa palavra germinadora e de que maneiras ela fundamenta este experimento. A pesquevivência **exuzilhística** é, portanto, uma abordagem diferenciada para conduzir a pesquisa, baseada nas experiências negro-a-brasileiras, especialmente no que se refere ao encontro de saberes e à valorização da diversidade.

Segundo Nêgo Bispo (2023), o contracolônialismo está relacionado à ideia de “você quer me colonizar, mas eu não aceito e me defendo” (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 58). Isso significa um modo de vida praticado pelos africanos desde a vida em África. O quilombola argumenta que seria fácil dizer “modo de vida quilombola” ou “modo de vida iorubá”, mas para enfraquecer o colonialismo é necessário adotar o termo “contracolônialismo”, pois o referencial de um extremo é o outro extremo. Portanto, toma-se o próprio colonialismo como ponto de partida.

O contracolonialismo é apresentado como o antídoto, retirando o veneno do colonialismo e transformando-o em uma substância contra ele mesmo (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 59). Quando dois caminhos se encontram em uma encruzilhada, eles se misturam e se (con)fundem de tal maneira que se tornam um só, não no sentido de homogeneização ou generalização, mas sim de uma reelaboração que multiplica seus sentidos. Resignificar e questionar as estruturas é a nossa abordagem contracolonialista para contar e fazer história. Por isso, convoco minhas próprias experiências para esta encruzilhada, pois a escrevivência foi a força motriz desta experimentação, exuzilhando meu caminho ao de Júlio Emílio Braz, Celinho de “Zumbi, o Despertar da Liberdade” e o rapaz de “Na Cor da Pele”. Neste momento, aquilo que a academia chama de “corpus” se (con)funde aos corpos nesta pesqurevivência.

A escolha destes livros ocorreu de forma “acidental”. Me vi na figura do menino apaixonado pela literatura de “Zumbi, o Despertar da Liberdade” (1999), que criava um universo de possibilidades, e nas profundas inquietações da personagem de “Na Cor da Pele” (2005). Fui uma criança sonhadora e uma jovem com mente inquieta, e falar sobre essas experiências criticamente é uma maneira de fazer ressoar essas vozes que, em muitos momentos, são abafadas pelos estereótipos racistas presentes no processo educativo. É uma forma de dizer: eu vejo você, estamos juntos-as nessa! A criança negra com pensamento autônomo, divergente, reflexivo e questionador é frequentemente vista como alguém a ser temido-a e silenciado-a; no entanto, é exatamente aí que reside a sua potência. Portanto, essa escolha reflete um movimento contracolonial, uma “pedagoginga”⁸, para que esta mudança aconteça e os-as educadores enxerguem essas crianças e jovens por outras perspectivas.

E nessa ginga, caro leitor-a em potencial, você encontrará autores-as e autoras que já circulam pela academia entrelaçados-as, ou seja, exuzilhados, nos trechos de entrevistas, relatos de experiências, letras de músicas, trechos de poemas, e prosa, além de fotografias familiares. Estes são, frequentemente e de maneira tradicional, gêneros

⁸ Termo criado pelo educador, filósofo e escritor Allan da Rosa, em sua dissertação que virou o livro: *Pedagoginga, autonomia e mocambagem* (2013).

desconsiderados pela academia. Convoquei outras pessoas negras que atravessaram a minha experiência e tiveram as suas experiências entrelaçadas por mim durante a construção desta pesqurevivência, para somarem suas vozes à minha, e juntos compormos as tecituras desta experimentação **exuzilhística**.

A palavra “teitura”, com “c”, está relacionada ao ato de tecer e ao entrelaçamento de fios. Já a palavra “tessitura”, com “ss”, é um termo frequentemente usado para se referir à disposição de notas musicais. Alguns dicionários omitem o termo “teitura” e deixam apenas o termo “tessitura”. Conforme o Dicionário Houaiss da língua portuguesa:

Do italiano tessitura (SXIV) e significa ‘organização de um discurso religioso’, (1640) ‘ação de fazer tapeçaria sobre uma tela ou o trabalho assim tecido’, (1737) ‘organização e composição de uma obra literária, contextura’, (1879) acepção em música, (1881) acepção ‘modo de dispor ou ordenar’, do verbi italiano tessere, este, do latim *texo*, -is, -xui, -xtum, -ère ‘tecer, fazer tecido; entrançar, entrelaçar; construir sobrepondo ou entrelaçando’. (HOUAISS, 2004. p. 2708).

Apesar da relação semântica e histórica com o tecer e tecido, ela foi empregada na língua portuguesa como um estrangeirismo do italiano, e devido às questões de fonética histórica mantinha o “ss” (CIBERDÚVIDAS, 2020). Já o *Dicionário Michaelis tece* significações que se entrelaçam à nossa proposta **exuzilhística** no sentido de: **Fazer passar os fios pelo meio da urdidura e formar a teia (de linho, lã, seda etc.); Dar início a; entabular, principiar**: Desta acepção, acredito que o que proponho, aqui, é o início de uma grande teitura de novidades, mas que estão entrelaçadas a muitas vozes e experiências ancestrais.

Já do significado de Tramar, urdir; Compor algo, enredando ou entrelaçando materiais diversos, usando tear, agulha, máquina ou as próprias mãos; Passar perto, cruzando-se; Colocar de permeio; entrecortar, entremear, intercalar: Penso na exuzilhística como uma teitura feita à mão, a partir do corpo, mas que está entrecruzada e entrelaçada a outros-as corpos e outras mãos. Nesse processo, entremeamos e entrecortamos caminhos para fazer a nossa voz, que é coletiva e individual, soar.

Da acepção de **Fazer existir como resultado de uma atividade mental; compor, criar; Pôr-se em determinada ordem: ordenar-se, organizar-se**: Seguiremos a ordem proposta por Exu, que embaralha os sentidos e, para os desavisados, pode parecer “desordeiro”. No entanto, Exu, como orixá da comunicação, traz a existência a partir da palavra. É uma atividade que começa na mente, mas está impregnada de corpo, pois não é possível separar essas instâncias. Corpo e mente são a continuidade um do outro.

Já do significado de Colocar enfeite ou ornato; decorar; Arquitetar detalhadamente algo, geralmente com intenções escusas: armar, engendrar, maquinar. Fazer considerações sobre algo, oralmente ou por escrito; Realizar o trabalho de tecelão: Percebo que esta experimentação pode soar como “intenções escusas” devido às exposições e propostas aqui empregadas. A quebra de padrões ou regras pode ser interpretada como uma forma de “maquinação do mal”. Afinal, a branquitude acadêmica muitas vezes exige que tudo esteja dentro dos conformes para que o trabalho seja considerado elegante e “científico”. Determinadas propostas podem ser interpretadas como uma “arquitetagem do mal”. Entretanto, a exuzilhística é uma tecitura que, pautada no fazer de mulheres e homens negros tecelões da linguagem, orna e decora o texto com suas potências.

Por fim, da acepção de Tornar-se denso ou espesso; Construir sua própria moradia (certos animais), entrelaçando materiais tirados da natureza ou produzidos por si mesmos: A exuzilhística está entrelaçada a saberes de diversas ordens, especialmente a linguagem, que representa o mundo a partir de palavras e imagens. Além disso, está relacionada ao entendimento de que a “superdotação” diz respeito a uma experiência como processo e não um “produto”. Devido ao que está instituído no imaginário social, crianças e adolescentes negros-as muitas vezes não são identificados-as nesse contexto. Portanto, há a necessidade de criar outras estratégias de entendimento sobre o processo, de modo a pluralizar os imaginários sobre a pesquisa, a literatura, a infância e adolescência negra e a vida.

A aproximação com a questão das altas habilidades/superdotação é notável, considerando as características observadas nas personagens centrais de ambas as

obras, Celinho de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999) e o rapaz de *Na cor da pele* (2005). Esses personagens apresentam características associadas a pessoas superdotadas, definidas por Linda Silverman (2013) como “dragões adormecidos”, indivíduos com mentes em efervescência que possuem potencial cognitivo acima da média, compreensão distinta e alta criatividade, muitas vezes não perceptíveis à primeira vista (p.2). A Secretaria da Educação Especial do Ministério da Educação e Cultura (MEC) define estudantes com altas habilidades/superdotação como aqueles-as com alto potencial em áreas como intelectual, liderança, acadêmica e psicomotricidade, envolvidos em realizações de tarefas de seu interesse e criatividade (BRASIL, 2008). Essa concepção multidimensional guia as políticas públicas brasileiras, reconhecendo esse grupo como parte da educação especial, com direito à inclusão e atendimento diferenciado (TATIANA DE CÁSSIO NAKANO, 2021, p. 17). Para que o processo aconteça de forma efetiva, os pesquisadores recomendam que ele seja realizado de maneira multifatorial, considerando informações provenientes de diferentes medidas psicométricas (testes), incorporados a diversos recursos como “observações gerais, avaliação de trabalhos produzidos, além do julgamento de professores e autoavaliação (STEVEN PFEIFFER; SAMARA BLEI, 2008, citados por TATIANA DE CÁSSIO NAKANO, 2021).

Para Susana Pérez e Soraia Freitas (2016, p. 17) as características gerais das pessoas com altas habilidades/superdotação, embora possam variar nos referenciais teóricos, são frequentemente identificadas por diversos-as autores-as/as. Os indicadores de altas habilidades/superdotação, segundo essas autoras, são construídos com base no modelo de três anéis proposto por Joseph Renzulli (1986), que inclui inteligência acima da média, comprometimento com a tarefa e criatividade. Sobre os indicadores de habilidade acima da média destaca: Vocabulário mais avançado e aprofundado para a idade, comparado aos demais; desenvolvida capacidade analítica; excelente memória (sobretudo em assuntos de seu interesse); extensa informação sobre temas de seu interesse, assim como destaque nestas atividades; fácil adaptação às situações novas ou, então, as modifica; aprendizagem rápida no que lhe é de seu interesse e as aplica

em outras áreas; grande capacidade de generalização; alta abstração e pensamento lógico-matemático (não apenas em matemática).

Já em relação à criatividade, destacam-se os seguintes indicadores: curiosidade, inventividade e imaginação extremas; proposição de ideias que são vistas pelos outros como diferentes e estranhas; elevado senso crítico de forma construtiva e reage contra o autoritarismo; distintas formas de resolução de problemas; arrisca-se em novos desafios; apresenta inconformismo frente à realidade e faz perguntas provocativas, as quais exploram a ideia por várias perspectivas; compreende ideias diferentes das suas; sente-se entediada em repetir tarefas que já sabe; apresenta dificuldades em cumprir regras que considera sem sentido. (SUSANA PÉREZ; SORAIA FREITAS, 2016, p. 17-18)

Em relação aos indicadores de comprometimento com a tarefa destacam-se: abandono de tarefas que não são de seu interesse; organiza-se da sua própria maneira; demonstra segurança e, algumas vezes, teimosia em suas convicções; tem a habilidade de diferenciar as consequências e os efeitos de uma ação; dedicação e energia extrema às atividades que são de seu interesse; extrema crítica e exigência com o que faz, a ponto de nunca estar satisfeito; insistente na busca de soluções para os problemas; apresenta persistência nas tarefas que são de seu interesse e procura concluí-las; habilidade de identificar pontos de dificuldade na realização de uma tarefa; facilidade em estabelecer prioridades; tem facilidade de prever etapas e detalhes que possam surgir na realização de uma atividade; apresenta organização; interesse e eficiência na realização de tarefas; treina de forma autônoma para concluir a atividade (SUSANA PÉREZ; SORAIA FREITAS, 2016, p. 18).

Sobre os indicadores de liderança, apesar de não serem parte dos anéis de Joseph Renzulli, as autoras apontam que encontram-se muito presentes em pessoas com altas habilidades/superdotação, dentre elas: elevada capacidade de convencimento e argumentação, assim como habilidades na organização de grupos e capacidade de cooperação (SUSANA PÉREZ; SORAIA FREITAS, 2016, p. 18).

A abordagem baseada nos três anéis de Joseph Renzulli, que define a superdotação em termos de inteligência acima da média, comprometimento com a tarefa

e criatividade, tem sido predominante nas políticas públicas para superdotado-as no Brasil. No entanto, essa abordagem, ao focar quase exclusivamente no desempenho e nos requisitos específicos, pode limitar a identificação de crianças e jovens que enfrentam obstáculos como racismo e vulnerabilidade social. Esses obstáculos podem impedir a manifestação plena dos indicadores propostos pelos três anéis, resultando na exclusão dessas crianças e jovens de programas de desenvolvimento de talentos.

Portanto, é crucial ampliar o debate sobre a superdotação, considerando vários modelos existentes e direcionando a atenção para aqueles-as que podem estar sendo invisibilizados devido a critérios segregacionistas de identificação. Isso inclui pessoas que podem ser duplamente excepcionais, ou seja, aquelas que possuem superdotação combinada com algum transtorno ou deficiência, bem como pessoas que pertencem a grupos marginalizados, como negros, indígenas e outros-as com marcadores de diferença:

É lamentável reconhecer que ser superdotado-a-a e pertencer a grupos marginalizados, como ser negro-a, disléxico-a, homossexual, pobre, entre outras combinações, aumenta o risco de marginalização e discriminação. Crianças superdotadas muitas vezes enfrentam estereótipos prejudiciais, exclusão e distanciamento desde a pré-escola, o que pode gerar sentimentos de inadequação e falha. Para lidar com essa situação, algumas crianças superdotadas têm a sorte de encontrar outros-as como elas desde cedo, o que proporciona aceitação e facilita a adaptação. No entanto, outras podem optar por camuflar suas características, monitorando cuidadosamente seu comportamento e escondendo partes de si mesmas que não se encaixam nos padrões socialmente aceitos. Essa estratégia de camuflagem pode ser uma solução de curto prazo, mas pode impedir o desenvolvimento saudável e minar as aspirações individuais. O impacto dessa experiência pode ser profundo, levando à solidão, isolamento e até mesmo a problemas de saúde mental, como depressão, ansiedade crônica, fobia escolar e ideação suicida. Esses roteiros de vida moldados na infância podem continuar a afetar a vida desses indivíduos ao longo dos anos, destacando a importância de criar ambientes inclusivos e promover a aceitação da diversidade desde cedo. (LINDA SILVERMAN, 2013, p. 19).

Compreender e abordar a superdotação em diálogo com a literatura é uma forma poderosa de dar visibilidade a uma parcela da população que muitas vezes é silenciada ou negligenciada. Ao utilizar a metáfora dos “dragões que precisam engolir seu fogo”, você destaca a necessidade de reconhecimento e expressão dessas capacidades excepcionais, que podem ser suprimidas ou escondidas devido a estereótipos e padrões sociais. Enaltecer a subjetividade de crianças negras com traços de inteligência acima da média é crucial, especialmente quando a representação desses indivíduos na literatura é escassa. A literatura pode desempenhar um papel significativo na quebra de estereótipos e na promoção de modelos diversos e enriquecedores. Portanto, essa abordagem não apenas contribui para uma compreensão mais ampla da superdotação, mas também desafia os imaginários tradicionais e promove a diversidade, mostrando que a inteligência excepcional não se limita a padrões únicos, e todas as crianças, independentemente de sua origem étnica, merecem ser reconhecidas e celebradas por suas habilidades únicas.

Desta maneira, para que seja possível seguir nos caminhos aqui propostos, é necessário tirar as sandálias “brancocêntricas”, colocar os pés no chão e sentir com o corpo, aqui não cabe a “ilusão da neutralidade” ou a “objetividade” e “transparência”, da linguagem e da ciência apenas, por isso o corpo é convocado para o texto, pois não se trata apenas de uma escrita, mas sim de uma experiência de vida e de pesquisa. De acordo com bell hooks (2020, p. 85-86), no momento em que a nossa experiência vivida da teorização está ligada a maneira de se recuperar e se libertar, individual e coletivamente, não haverá mais brechas entre teoria e prática, pois são um o elo uma da outra. Assim, a **exuzilhística** traz deslocamentos para esta encruzilhada, no sentido de inserir na discussão acadêmica registros que captem modos de fazer/ler as experiências negro-a-brasileiras. Exu é aquele que propicia o movimento e a mudança, desordem como resistência à ordem social estabelecida; caos, desequilíbrio aos padrões de dominação que não entendem a forma como o gingar ancestral se presentifica nas performances dos corpos africanos e negro-brasileiros (LYNCOLY JESUS ALENCAR PEREIRA, 2021, p. 91).

Em relação às obras literárias, a maneira como fui *exuzilhada* a essas obras se deu nas figuras das duas personagens protagonistas de patente inteligência acima da média, questionadoras da realidade e observadoras das entrelinhas do mundo: Celinho, de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999) e o rapaz que não tem o nome mencionado, de *Na cor da pele* (2005). Ambas as narrativas trazem, em contextos diferentes, o processo de construção de liberdade, com base na conscientização e a reflexão sobre o que é ser um/a *sujeito-a* negro-a em um mundo racista. Esta é nossa leitura a partir da *exuzilhística*.

Figura 4 – Capa de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999)⁹



Fonte: Skoob (2009).

Zumbi, o despertar da liberdade (1999) é uma narrativa que mergulha nos sonhos, anseios e desafios de Celinho, um menino negro que trabalha como vendedor de doces e busca refúgio na vitrina de uma livraria para escapar da miserabilidade que o envolve. Sua vida toma novos rumos quando Antônio, o livreiro, um homem “negro como ele”, presenteia-o com um livro. Através desse livro, Celinho conhece a história de Zumbi e descobre seu próprio Palmares. A obra, através da jornada de Celinho, aborda questões de identidades, resistências e busca pela liberdade. O personagem encontra inspiração

⁹ Ilustrações de Rogério Borges.

na história de Zumbi dos Palmares, um líder quilombola do século XVII, símbolo de resistência contra a escravidão. A narrativa proporciona uma exploração reflexiva das raízes e das histórias negras, oferecendo ao leitor-a um olhar crítico sobre a importância do conhecimento, da preservação e múltiplos sentidos das tradições.

Quase sempre, quando se sentia mal consigo mesmo, Celinho procurava refúgio na vitrina da livraria [...] **trabalhava** para ter como comprar o que bem entendesse. Queria **ser livre e ninguém era livre**, acreditava, **se vivesse do bolso e da caridade dos** outros-as, e principalmente, **se dependesse da cabeça dos** outros-as [...] Nossa, daria tudo para folhear cada uma das páginas daquele livro verde!... (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 16-17, 30, negritos nossos).

A vitrina da livraria representa as impossibilidades em torno da estrutura racista na qual o sujeito negro está inserido, impedindo-o de alcançar plenamente a liberdade. Dessa forma, o refúgio, de fato, está do outro lado do vidro – simbolizado pelos livros – evidenciando, portanto, que não basta apenas querer, existe a transparência que separa e impossibilita seu acesso ao conhecimento.

Para além das imposições sociais, o processo de construção e reflexão sobre si mesmo da personagem inicia-se a partir da interlocução de fatores individuais e coletivos, ele enquanto ser que entende seu lugar no mundo, somado à conexão com seus pares. A compreensão sobre este lugar se dá na contramão do lugar que lhe é imposto, de pobreza, miséria e falta de acesso. Djamila Ribeiro em *Lugar de Fala* (2019), trata o discurso, partindo de Michel Foucault, como “um sistema que estrutura um imaginário social, pois estamos falando de poder e controle” (2019, p.55). Nesse sentido, este lugar está relacionado ao existir, e tal existência é marcada por profunda sensibilidade e senso crítico. Paula Prober (2016), caracteriza a superdotação através da metáfora da mente de floresta tropical (*rainforest mind*):

São particularmente complexas: multicamadas, altamente sensíveis, coloridas, intensas, criativas, frágeis, avassaladoras e incompreendidas, embora cheias de possibilidades e pulsando com vida, morte e transformação. A floresta tropical não é um ecossistema melhor, apenas mais complicado. Ele também faz uma contribuição essencial para o planeta quando permite ser ele mesmo, ao invés de cortado e transformado em algo que não é. O termo “mente da floresta tropical”

abrange mais do que apenas pensamento, cognição ou cérebro. Inclui coração, alma, corpo e espírito [...] superdotação não é apenas acuidade mental ou capacidade cognitiva. Não se trata apenas de conquistas [...] a superdotação é definida como um conjunto de características, incluindo sensibilidade, empatia e perfeccionismo. Pode ou não incluir notas altas, conquistas ou eminência. Grandes realizações podem ocorrer, mas não necessariamente. Afinal, a floresta tropical consegue simplesmente ser ela mesma. (PAULA PROBER, 2016, p. 17. Tradução nossa).

A metáfora da “mente de floresta tropical” é uma leitura que cai como uma luva para a compreensão das personagens de ambas as obras literárias. Apesar de sermos o país com a maior floresta tropical do mundo, a Amazônia, a compreensão sobre a superdotação no Brasil carrega muito mais sentidos “talentistas” e “produtivistas” do que os relacionados à complexidade e sensibilidade. Mais do que isso, não há valorização da subjetividade desses sujeitos.

Eu me identifiquei profundamente com Celinho, apesar de estarmos inseridos em realidades distintas, e o que me captou foi justamente a sua sensibilidade e compreensão sobre o mundo pelas entrelinhas. Identifico em Celinho os mesmos traços de inteligência acima da média que foram identificados em mim, no processo de avaliação psicológica, aos vinte e oito anos. Desta maneira, a representação de crianças e adolescentes negros com traços de inteligência acima da média, ou melhor, com “mentes de floresta tropical” é uma forma de redirecionar os sentidos sobre o que está instituído nos imaginários sobre o que é uma criança negra e o que é uma pessoa superdotada. Entretanto, a partir da voz e experiência de Celinho ao longo da obra, já que “falar é existir absolutamente para o outro” (FRANTZ FANON, 2008, p. 33). Essa representação oferece uma oportunidade de redefinir os entendimentos convencionais sobre o que significa ser uma criança negra superdotada.

A liberdade de Celinho é evidenciada pelo seu lugar de fala como criança negra, representando uma subjetividade em vez de ser objetificado. Esse enfoque na subjetividade e na experiência pessoal contribui para desafiar e redefinir estereótipos, proporcionando uma visão mais autêntica e rica sobre a diversidade de identidades e talentos existentes.

A valorização da subjetividade é evidenciada na compreensão do sistema racista presente no âmbito econômico, caracterizado pela lógica injusta do capital, que, por meio do trabalho infantil, rouba a infância das crianças. A obra destaca também o âmbito assistencialista, marcado pela palavra “caridade”, que, em práticas frequentemente deturpadas do cristianismo, contribui para a manutenção da subserviência racista sob o disfarce de um abstrato “amor ao próximo”. Essa análise crítica revela como as estruturas socioeconômicas e as práticas assistencialistas podem perpetuar desigualdades e opressões, especialmente quando direcionadas a comunidades marginalizadas. No âmbito do pensamento, é marcado no texto pela expressão “se dependesse da cabeça dos outros-as”, que diz respeito à autonomia de pensamento crítico e ter a possibilidade de refletir por conta própria (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 16-17, 30). Existe um resquício da escravização impregnado nas práticas sociais sobre o silenciamento de pessoas negras, como se não pudessem e nem tivessem condições de falar por si. Deste modo, é sempre uma cínica surpresa para a branquitude ver sujeitos negros eloquentes e bem articulados. Ao trazer a representação de uma criança negra reflexiva, o autor remexe nesses resquícios coloniais e os esvazia.

Assim, para aprofundar mais as questões mencionadas acima, ressaltaremos, nas obras, como elementos para o exercício e consciência sobre o “tornar-se sujeito” da personagem Celinho se con(fundem) à essa pesqurevivência, em forma (e também em conteúdo) de valores negro-brasileiros. E como esses valores em composição constroem isso que estamos chamando de **exuzilhística**.

Figura 5 – Capa de *Na cor da pele* (2005)¹⁰



Fonte: Skoob (2011).

A análise do rapaz de 16 anos, cujo nome não é mencionado na obra *Na cor da pele* (2005), revela uma complexidade que vai além de sua idade cronológica. Sua *pretinhosidade*¹¹ é percorrida de maneira profunda, levando-o a questionar e refletir sobre sua identidade e seu papel no mundo. A expressão “mente de floresta tropical” é novamente evocada, sugerindo uma inteligência acima da média, associada à riqueza e diversidade desse ecossistema. Essa metáfora ressalta não apenas a complexidade do protagonista, mas também a importância de reconhecer e valorizar a subjetividade das pessoas negras, que muitas vezes são reduzidas a estereótipos simplificadores.

Ah, nada pode ser tão ruim neste momento do que *eu como companhia de mim mesmo!* Estou só [...] sinto-me mal. Sinto-me **vazio** [...] resta apenas tudo aquilo que continua a me envenenar mais e mais. **A cidade é o barulho** [...] **O espelho mente** [...] no fim, a **única verdade é que somos todos uma grande mentira**, e os maiores mentirosos são

¹⁰ Ilustrações de Enéas Guerra.

¹¹ *Pretinhosidade* é uma música composta por Mart'nália e Mombaça, lançada em 2002 no álbum *Afro-Memória*, de Mombaça. A canção foi relançada na voz de Mart'nália no disco *Menino do Rio*, em 2006. Segundo a artista, *Pretinhosidade* é “uma misturada de tudo. Mas seria algo que mistura sensualidade com o brilho do ouro” (MART'NÁLIA, 2006). Aqui, utilizaremos esse termo como um referencial brasileiro da experiência negra, representando a descoberta da preciosidade em ser uma pessoa negra e toda a ancestralidade carregada em nossos corpos desde África, que se desdobra em saberes e multipotências.

aqueles que nem se apercebem disso. **Eu sou um deles. Solidão, a cidade é um esconderijo seguro para o solitário e para os mentirosos [...] prisioneiros angustiados daquilo que acreditamos ser, temerosos carcereiros daquilo que realmente somos. Como eu. Sufoca. Machuca. Cansa [...] eu não me compreendia. Absurdo estar me sentindo tão mal. Confuso.** Assustado. Queria um tempo para mim. Outro tanto para pensar. É... porque compreender... eu simplesmente não conseguia compreender. Esquisito, por demais esquisito. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 9-10, negrito nosso).

A escolha autoral da sentença em itálico demarca textualmente o vazio sentido pelo narrador personagem, no sentido de chegar ao fundo do que é estar na companhia de si mesmo, como se contornasse esse vazio. A constatação de quem se é e a percepção de que o espelho mente, contribuem para a descoberta, por esse narrador, de ser carcereiro de si mesmo – de quem ele realmente é e não conhece por completo.

Segundo Tássio Ferreira, “nossas armas são nossos corpos, por vezes utilizados contra nós em campo de batalha” (2018, p.11). A grande crise da personagem é justamente não se sentir pertencente a quem ele é, como se o corpo não correspondesse à imagem que ele achava que tinha. Devido ao processo de embranquecimento no qual a personagem foi inserida, sobretudo, por não ter ainda uma consciência racial aprofundada, ao se dar conta, isso lhe provoca uma despersonalização. Por outro lado, a personagem também carrega uma profunda angústia no sentir, acompanhada de muita ruminação mental. A narrativa é em primeira pessoa e parece acontecer dentro da mente da personagem, como se destrinchasse cada pensamento seu. Paula Prober (2015) vai dizer que a:

[...] “mente de floresta tropical” está repleto de mais perguntas do que respostas e está mais aberto a possibilidade e vulnerabilidade. Nesse estado reside maior oportunidade ser incompreendido por pessoas que pensam em termos mais “preto e branco”. Eu suspeito que os MFT sejam geralmente mais introspectivos também, o que resulta em mais buscas de falhas de si mesmo e dos outros-as e uma maior necessidade de solidão e devaneios [...] vendo, ouvindo e sentindo o que é invisível para os outros-as”. Você pode perguntar, todos não se sentem assim? E eu responderia, sim e não. Certamente, muitas pessoas são intensas, sensíveis e empáticas. Mas, é uma questão de grau. Como um RFM, você só tem mais disso. Talvez um muito mais. E embora a beleza e a justiça possam ser importantes para muitas pessoas, você pode achá-los indispensáveis. (PAULA PROBER, 2015, p.19).

Esses questionamentos internos em forma de “ruminação mental”, que a personagem traz, são reforçados pelo racismo e a dificuldade em processar o mundo sendo uma pessoa negra que sente o mundo intensamente. Dessa forma, analisaremos como a compreensão de si mesmo enquanto pessoa negra experienciando o mundo, atravessada pelas questões da alta sensibilidade, é construída, em termos de linguagem, considerando o que apresentamos como **exuzilhística**.

Levando em conta os discursos e as propostas narrativas apresentadas por ambas as obras, esta pesquisa tem, portanto, a finalidade de contribuir para a produção acadêmica e escolar não só de temas relacionados ao negro brasileiro, mas, para além da palavra escrita, fomentando o combate ao racismo e a leitura crítica das demandas de uma parcela da sociedade que é constantemente invisibilizada, propondo instrumentos críticos que potencializem as subjetividades negras, suas vivências e culturas existentes.

Nossos pressupostos é que os *valores negro-brasileiros* (Energia Vital (Axé) e Ancestralidade), a contracolônização e a *escrevivência*, como uma perspectiva **exuzilhística**, podem ser questionadoras e esvaziadoras dos sentidos oficiais, aos quais apresentam outros-as sentidos, diferentes para aqueles que a colonialidade nos impôs/impõe no âmbito da produção de conhecimento em Literatura. Trazendo para o fazer acadêmico representações que ressaltam outras formas de produção de conhecimento, valorizando as potencialidades do corpo negro e consolidação de uma autopercepção que não reforce estereótipos, afinal, o nosso objetivo é dar visibilidade a modos de fazer que são tão legítimos quanto aos produzidos na academia.

Do ponto de vista da tecitura desta experimentação, no capítulo, intitulado ***Pesquevivência exuzilhística: uma maneira de fazer pesquisa que con(funde) a escrita e a vivência, o corpus e os corpos***, explicaremos como essa ginga contribuiu não somente para a estruturação e a escrita da experimentação, como uma forma de propor a contracolônização, o que reflete diretamente no fato de eu subverter a norma, escrevendo em primeira pessoa e utilizando as minhas vivências como engrenagem para o desenvolvimento do texto. Nessa perspectiva, esta investigação parte do entrecruzar

de saberes e práticas que atravessam a existência de sujeitos afro-diaspóricos e deságuam em simbologias e discursos nas obras literárias. Para demonstrar como esses discursos do mundo se fazem presentes obras, na construção de representações negras potencializadoras dos corpos negros e não mais estereotipada. Faremos, também, um alinhavo biográfico sobre vida e obra de Júlio Emílio Braz e ressaltamos como a literatura infantil e juvenil dialoga com a perspectiva **exuzilhística**.

No capítulo Valores negro-brasileiros: elementos linguísticos-imagéticos que compõem a **exuzilhística**, explicitaremos como os valores: Energia Vital (Axé) e Ancestralidade são dinamizados/experenciados, a partir da **exuzilhística**. As obras *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999) e *Na cor da Pele* (2005) trazem representações do papel da escola e do conhecimento na vida de sujeitos negros; desse modo, pretendemos compreender como essas representações atualizam significações que dizem respeito a multiplicidade de sentidos em torno das subjetividades negras, que devem estar inseridas nos modos de leitura crítica de obras infantis e juvenis desde a escola, para que crianças e adolescentes negros-as possam ser ver representados de forma mais humana e empoderada, sobretudo as crianças e jovens negros superdotados-as, que são duplamente invisibilizados.

Em suma e em sumo, é preciso repensar/questionar o que é “classificado” como conhecimento válido e por quais motivos outras formas de produzir conhecimento têm sido deslegitimadas e silenciadas, sobretudo nos ambientes institucionais de formação, como a universidade e a escola. Para que seja fomentado no sujeito, desde a infância, o pensamento crítico através de uma “educação libertadora”. Apesar da descendência africana, a população negra brasileira vive infindáveis dilemas e experiências que os singularizam enquanto habitantes do Brasil, e essas singularidades necessitam ser ressaltadas na forma de pensar a produção de conhecimento, por intermédio de uma leitura efetivamente crítica e plural, para que seja combatido a imagem homogeneizante de que ser negro-a em África é o mesmo que ser negro no Brasil. Para isso, é necessário mobilizar formas de ler/ fazer que incentive nos/nas estudantes a compreensão das particularidades e das diferenças de pessoas negras dentro das diversas regiões do

Brasil, e em outros-as lugares do mundo, ainda que tenham atravessamentos semelhantes.

Sendo assim, esperamos que esta experimentação possa visibilizar a produção de mulheres e homens negras/os, tal como a produção literária do autor Júlio Emílio Braz, que possui mais de cento e oitenta obras publicadas, mas que ainda são pouco estudadas pela academia. Esperamos, também, viabilizar a literatura negro-a-brasileira infantil e juvenil como produção de conhecimento válido, sobretudo no que diz respeito à valorização da subjetividade de meninos negros que possuem a “mente de floresta tropical”.

Como nos encanta o artista Emicida (2020), a sua missão, a cada vez que pegar uma caneta e um microfone, é devolver a alma de cada um dos seus irmãos e irmãs que sentiu que um dia não teve uma. Essa também é uma das missões desta experimentação.

Pesquevivência exuzilhística: uma maneira de fazer pesquisa que con(funde) a escrita e a vivência, o corpus e os corpos

Eu queria que esse vocabulário se estendesse até as margens em busca da riqueza que lá reside, não abandonando, mas reconfigurando o que ocupava o centro. Parecia-me uma forma de enriquecer o diálogo entre as culturas. Eu queria tornar impossível o papel do escrito branco temporário ou honorário e frustrar o rótulo do escritor inconsequentemente negro. O escritor “que apenas acontece de ser negro”. Meu projeto era descobrir o que o tópico negro fazia e poderia fazer para as práticas de linguagem. Buscava uma linguagem que pudesse existir ao menos em dois níveis: a identidade claramente racializada bem ao lado da identidade não racial que não obstante precisava funcionar dentro de um discurso já racialmente codificado [...] meu projeto, então, passou a ser tornar o mundo historicamente racializado inextrincável da visão artística que o contempla e, ao fazê-lo, encorajar leituras que examinem os dois. Isto é: reivindiquei o direito e o alcance da autoria. Para interromper a história jornalística com uma história metafórica; para impor sobre uma história retórica uma história imagística; para ler o mundo e deslê-lo; escrevê-lo e apagá-lo. Para encenar o silêncio e a liberdade de expressão.

(Toni Morrison, *Adeus a tudo aquilo: Raça, barriga de aluguel e adeus*, 2019, p. 429-431).

“Tornar-se *sujeito-a*”: o ponto de partida do corpo-texto

A *escrevivência*, condição que sempre pretendo marcar na minha escrita, não se esgota em experiência pessoal, mas se enreda, se cumplicia, se (con)funde com tantas outras vivências.

(Conceição Evaristo, *Canção para ninar menino grande*, 2022, p. 7).

Tantas dores que eu tentei esconder
 Queria tudo, me disseram: Isso não é pra você
 Julgamentos nos fizeram perder
 Livre demais pra quem não é conseguir entender
 [...]

 Eu só tô tentando achar
 A autoestima que roubaram de mim
 Que roubaram de mim, que roubaram de mim

(Baco Exu do Blues. “Autoestima”, 2022).

Meu processo de racialização ocorreu de maneira profunda em 2017, provocando uma transformação radical na minha percepção do mundo e do conhecimento. Essa mudança abrupta foi desencadeada por um incidente de racismo na faculdade de Letras da UFRJ, onde eu estudava, e marcou meu primeiro contato com a literatura de Conceição Evaristo. Naquele momento, deparei-me com uma frase escrita em uma das cabines do banheiro feminino, insultando uma jovem negra retinta com termos racistas, e esse acontecimento teve um impacto devastador em mim. Questionava-me como algo assim poderia ocorrer em um ambiente que supostamente deveria ser de liberdade, uma vez que era isso que eu associava à relação com a literatura. Eu era ingênua, e essa inocência estava ligada às idealizações que construí sobre a universidade antes mesmo de ingressar nela. Havia vivido dezesseis anos da minha vida em uma pequena cidade do interior do Rio de Janeiro, e para mim, a oportunidade de estudar na capital representava a realização de um sonho, como se finalmente pudesse ser eu mesma. Por isso, aquele episódio despedaçou a imagem idealizada que eu tinha sobre o mundo e, conseqüentemente, sobre mim mesma, colocando-me em contato com aspectos da minha subjetividade que eu não associava à minha identidade negra. Embora tenha crescido ouvindo minha mãe ser carinhosamente chamada de “neguinha Elza” por

familiares, mesmo sendo uma mulher negra de pele clara, minha família e eu não tínhamos uma compreensão profundamente racializada de nossas experiências, nossa cor e nosso lugar no mundo como pessoas negras. Quando nos referíamos a nós mesmos, nos identificávamos como “morenos”. Levei muito tempo para compreender o verdadeiro significado desse termo e suas implicações. Inconscientemente, não nos reconhecíamos como pessoas negras. Isso passou despercebido, mas estava evidente na forma como olhavam desconfiados para o meu cabelo, rotulado como “cabelo de bombрил”. Essa perspectiva também se refletia na constante negação da minha beleza e na rotulação de “menos inteligente”, apesar de exibir, desde a infância, traços de inteligência acima da média, agora compreendidos como indícios de superdotação.

Na adolescência, as experiências eram manifestas nos olhares críticos, nas frequentes revistas policiais e na falta de interesse afetivo por parte dos meninos. Agora, tudo fazia sentido! A imagem da menina morena que eu acreditava ser era, na realidade, uma forma deturpada de esconder a verdadeira menina negra que eu era.

Cansei-me e comecei a andar, perseguido, incomodado, vergonha nos olhos, fixos no chão, **como se carregasse no rosto a mancha da inferioridade** [...] eu simplesmente não compreendia [...] **Solidão**, talvez **encontrasse nela o que desconhecia quando estava entre meus amigos** [...] Gostaria de estar me sentindo melhor com o que sou. **Sem minha máscara assusta, me assusto, descubro-me como o covarde que não gostaria de ser.** (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 11, 12, 13, negritos nossos).

Assim como o menino de *Na cor da pele* (2005), a máscara branca que eu carregava e que falsamente me protegia, cedeu frente à imagem que o mundo fazia de mim, empurrando forçadamente em minha direção um negro espelho roto que enviesadamente me refletia. No trecho, a **mancha de inferioridade**, a **solidão** e a **máscara** são fragmentos desse espelho que reflete uma imagem que não corresponde a quem nós verdadeiramente somos. Enquanto a expressão **mancha de inferioridade** é usada pelo autor para dar o tom ao borrão no qual a pessoa negra é reduzida, como alguém a parte de si mesmo, a busca por pertencimento na **solidão**, reforça a ideia de

não se reconhecer no outro, por isso a necessidade de tal **máscara**, que ainda assim é insuficiente.

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera de incertezas. (FRANTZ FANON, 2008, p. 104).

Assim, a confusão sentida pelo rapaz está justamente no não reconhecimento sobre si mesmo e na dificuldade de se reconhecer no outro, sujeito branco. Esta desconexão torna necessário o uso de uma máscara para se fazer pertencer.

Hoje, refletindo sobre essas questões, percebo que o “ser negro-a” para mim e a minha família estava vinculado aos estereótipos negativos. Por isso, era mais “fácil” nos enquadrarmos como morenos, não porque nossa pele não tinha “um tom de negro mais escuro”, como são chamados os negros retintos, mas porque, durante nossa trajetória, ser negro-a nessas circunstâncias estava associado a representações excludentes e destrutivas. Assim como eu, crianças negras são moldadas de acordo com essas construções identitárias distorcidas, além de estarmos habituados a ver nossa história contada de um modo que torna impossível sermos os protagonistas.

Em relação ao protagonismo e as representações do ser negro-a na infância, a pesquisadora Ana Carolina Araújo (APÊNDICE, 2023), Analisando a partir de hoje, já adulta, a construção dela como sujeito localiza-se em sua infância como criança negra moradora de uma comunidade da zona norte do Rio de Janeiro, atrelada à sua vida acadêmica, graduação e mestrado. Essa localização a partir da infância só é possível ser feita hoje, com seus quase trinta anos de idade, pois é devido à experiência que consegue identificar o contexto que a condicionava a ser daquela maneira e como isso moldou o modo como lida com a realidade atualmente, como o fato de conseguir resolver suas coisas sozinha sem depender de ninguém. Isso, associado à sua vida acadêmica, vem do fato de ser a primeira de sua família a ter acesso à educação, pois quando chegava em casa e seus pais não podiam a ajudar com o dever de casa, precisava se virar sozinha:

Isso acabou se expandindo para outras situações. Já na graduação, também alguns anos depois percebo como minha experiência foi condicionada por um meio que foi pensado para abrigar pessoas completamente diferentes de mim e, mais do que isso, reafirmava o tempo todo como aquele espaço não era meu. Eu sentia na experiência na época, mas sem ter uma grande noção sobre isso de forma mais específica, o que hoje tenho e acredito que justamente por ter insistido e continuado fazendo o que gosto e tenho vontade de fazer, mesmo tendo pensado em desistir algumas vezes. Acho que se fosse resumir essa minha construção de sujeito definiria com duas palavras: solitária e teimosa. (ANA CAROLINA ARAÚJO, 2023, APÊNDICE B).

Essa trajetória solitária, evidenciada por Ana Carolina, sobretudo no que diz respeito ao ambiente acadêmico, revela uma construção paradoxalmente hipócrita. Isso porque, ao mesmo tempo que o meio acadêmico prega e evidencia uma multiplicidade de pessoas e de conhecimento, ele se revela veladamente excludente em seus currículos e espaços predominantemente brancos.

Certamente, a reflexão sobre as teorias de currículo está intrinsecamente ligada aos conhecimentos que devem ser ensinados, bem como ao que os-as estudantes devem ou não saber. Além disso, essa discussão está diretamente relacionada à formação da identidade dos-das estudantes, abordando quem eles-elas são ou quem são esperados a ser no contexto educacional. O currículo, portanto, não é apenas um conjunto de disciplinas, mas também uma ferramenta que molda a compreensão do mundo e o desenvolvimento pessoal e social dos-das estudantes. (TOMAZ TADEU DA SILVA, 1999, p.14,25.) Toda esta seleção de “conhecimentos válidos” está intrinsecamente ligada a uma questão de poder. Por isso, o currículo é muito além do que as teorias tradicionais nos impuseram, ele é “lugar, espaço território [...] relação de poder [...] é trajetória, viagem, percurso [...] é autobiografia, nossa vida, *curriculum vitae*: no currículo se forja nossa identidade [...] é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade” (TOMAZ TADEU DA SILVA, 1999, p.150). Nesse sentido, é imperativo transgredir e reconstruir os currículos que persistem na exclusão, reproduzindo e reativando as mesmas opressões de séculos passados. A crucial questão reside no fato de que essa transformação não pode, nem deve, ser realizada de maneira isolada. Para isso, é necessário a atuação conjunta de pesquisadores-as, professoras-as, estudantes e toda a comunidade, pois a educação é um direito de todos-as e ela faz

parte da nossa construção como *sujeito-as*. Não cabem mais pesquisas e discussões que não repensem e articulem-se às demandas da sociedade, afinal, é dever do-a pesquisador/a, articulado, com a finalidade do ensino superior, “estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade (BRASIL, 1996, Art. 43).

Observa-se, atualmente, uma desconexão entre os elementos interligados de pesquisa, extensão e ensino, especialmente em relação a uma atuação que impacte e se relacione diretamente com a educação básica. Essa desconexão contradiz uma das finalidades do ensino superior, que consiste na ‘realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares’ (BRASIL, 1996, Art. 43). Muitos-as pesquisadores-as, principalmente aqueles-as professores-as que se autodenominam ‘escrevientes’, em suas compreensões equivocadamente embranquecidas do termo, acabam sendo peças-chave na perpetuação das opressões relacionadas a raça, gênero e classe que são intrínsecas às estruturas institucionais.

Voltando a virada de chave sobre meu processo de racialização, depois daquele caso de racismo, ficou escancarado dentro de mim quem eu realmente era e o quanto eu não me identificava com o mundo embranquecido no qual estava inserida. Inconscientemente, eu não queria me enxergar como negra porque significava assumir o meu não pertencimento e que eu estava fora do padrão branco; foi então que comecei a trilhar um caminho que evidenciava minhas potencialidades, e isso aconteceu através da literatura e da coletividade. Neste mesmo ano, conheci o Coletivo Negro da faculdade de Letras da UFRJ e as obras *Olhos d’água* (2015) e *Becos da Memória* (2017), de Conceição Evaristo, me apaixonei por aquela construção ficcional que con(fundia) escrita e vivência. De acordo com Evaristo, a base do fundamento de sua escrita está na ficcionalização de lembranças e esquecimentos da sua vivência e de sua família. Em meio ao que aconteceu de fato e a narração, a invenção surgia para cobrir os espaços faltantes de “lembranças transfiguradas” (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2017, p.10-11). A *escrevivência* redimensiona a literatura, pois rasura os modos de conceber as teorias,

história e críticas, inclusas as literária e legítima teoricamente a inserção da vivência dos negros-as, a partir dessa construção ficcional. Esse é um modo de autorizar e dar caráter de registro a existência dessa parcela da sociedade que é constantemente silenciada.

Portanto, a percepção de que a escrita da dissertação não se limitava apenas a um requisito para a obtenção do título de mestre, mas representava um movimento exuzilhístico de pesqurevivência, foi uma outra virada de chave que tive, mesmo lidando com a depressão que me acometia desde o início desse processo. O envolvimento com a pós-graduação teve um impacto devastador em minha saúde mental, resultando em dois anos marcados por inúmeras crises. Em um estudo transversal que buscou analisar os fatores associados ao risco de suicídio em estudantes de pós-graduação, realizado com 565 pós-graduandos *stricto sensu* de agosto a setembro de 2019, verificou-se 40,18% de prevalência de risco de suicídio atual “entre pós-graduandos e associação significativa deste risco com variáveis demográficas, socioeconômicas, acadêmicas e de saúde”¹². E isso precisa mudar.

Em relação aos públicos da educação especial está nas leis que: “estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 1996, Art. 58), como as instituições de ensino têm possibilitado “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um” (BRASIL, 1996, Art. 4º). Tem sido ofertado ensino igualitário a partir de “currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades” (BRASIL, 1996, Art. 58)?

Nós lutamos e temos um compromisso pelo acesso e permanência à uma educação pública, de qualidade, acessível e inclusiva. Entretanto, ainda que estejamos nos movimentando para isso, o processo educacional brasileiro permanece repleto de barreiras que percorrem toda a educação básica e desaguam na universidade.

¹² Artigo publicado na *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, em 2021, extraído da dissertação de mestrado o “Fatores associados ao risco de suicídio em pós-graduandos”, apresentada à Universidade Federal de Mato Grosso, Faculdade de Enfermagem, Cuiabá, MT, Brasil.

Consequentemente, a pós-graduação é inundada por toda essa trajetória de precariedade, invisibilizando a trajetória acadêmica de muitos jovens pesquisadores, sobretudo aqueles que estão atravessados por marcadores sociais de diferença. A reflexão sobre as condições políticas-institucionais não pode acontecer de forma dissociada ao trabalho realizado na universidade, em suas diversas áreas.

Deste modo, o ensino e a pesquisa, em termos de normas, procedimentos e objetos devem ser atravessados e afetados por essa discussão (JACQUES DERRIDA, 1999, p. 123). E mais do que isso, devemos problematizar a manutenção e romantização de violências institucionais nas quais todos acabamos, de alguma maneira, contribuindo e participando. A obrigação de “fazer o que pontua no lattes” às custas da saúde física e mental, tem impactado negativamente a vida de estudantes de pós-graduação e, consequentemente, afetado a qualidade de suas pesquisas. Por outro lado, é fundamental exercer cautela em relação às “críticas esvaziadas” ao Lattes, uma vez que, frequentemente, essas críticas são feitas por aqueles que não estão ativamente envolvidos em contribuições acadêmicas significativas, enquanto alguns têm mais visibilidade e espaço na academia. A crítica deve ser direcionada aos modos de produção capitalista, e não à produção em si, que é uma ação humana crucial. Vale ressaltar que César Lattes foi o físico brasileiro que descobriu o méson pi, mas não ganhou o prêmio nobel, que foi para o líder da equipe (SAMBUKUENDAKÔ, 2023 b)¹³.

O machismo, o capacitismo, a homofobia e muitos outros-as “ismos”, seguem incrustados nas dinâmicas sociais e encontram-se nas bases das instituições, sobretudo as de ensino. E o racismo, tendo em vista todo o processo nefasto de escravização que permanece atuante, ainda que de outras maneiras, segue sendo o grande manda-chuva de toda essa lógica de controle e dominação. A produção de conhecimento sintética, a partir de dinâmicas como o “decolonial modista e acadêmico”, fez com que o-a intelectual se retirasse de si mesmo e perdesse a capacidade de reflexão sobre a sua participação

¹³ Na grande gira de diálogos com Sambukuendakô, tive a oportunidade de experienciar movimentos semelhantes aos de grupos de pesquisa institucionalizados, no compartilhamento de conhecimentos pela via dos livros e dos afetos, de uma forma horizontal, respeitosa e mobilizadora, como todo grupo de pesquisa deveria ser.

nos processos de manutenção de violência. Precisamos falar sobre o alto índice de ansiedade e depressão na pós-graduação, sobretudo após a pandemia do covid-19, que gerou impactos negativos consideráveis na vida das pessoas. Em uma pesquisa realizada com seis mil estudantes de pós-graduação, constatou-se que, durante o primeiro ano da pandemia, 45% foram diagnosticados com ansiedade generalizada e 17% com depressão¹⁴. Tratando-se de pessoas envolvidas em marcadores sociais de diferença, especialmente em termos de saúde mental, é um tema que continua marginalizado, tanto na educação básica quanto na educação superior, permanecendo invisível. Como disse bell hooks (1995), o fazer intelectual está associado à política do cotidiano e tornar-se intelectual é um trabalho de compreensão sobre a realidade, o mundo e o concreto (1995, p.446). Deste modo, considero urgente a inserção de tal debate para a construção desta experimentação como um dos processos centrais do “Tornar-se *Sujeito-a*”.

A passagem do-a negro-a como objeto ao lugar de *sujeito-a* é marcada na escrita como ato político (GRADA KILOMBA. 2018, p. 28). Dessa maneira, sua escrita surge com o duplo desejo de oposição à “Outridade” e reivenção do “ser negro-a”. Processos esses que acontecem de maneira imbricada, já que é insuficiente apenas o “se opor” sem transformar o que está posto, esse duplo processo é o que ela chama de “tornar-se sujeito”(GRADA KILOMBA, 2018, p.29), pois elas são substância base do meu trabalho enquanto intelectual como pesqurevivente.

Iniciei no mestrado com a proposta de pensar a *escrevivência*, de Conceição Evaristo, a partir de um tripé categórico de compreensão analítica: psicanálise, política e literatura. Porém, mais uma vez, “Exu, o senhor das encruzilhadas, das trocas, do movimento [...] é central para pensar esta rede transatlântica, na medida que nele os

¹⁴ Pesquisa realizada Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz), com participação de pesquisadores do IOC e da Universidade Federal Fluminense (UFF). Os resultados foram publicados em artigo na revista científica *International Journal of Educational Research Open*, em 2023.

caminhos das tradições, da memória e das experiências se cruzam” (VAGNER GONÇALVES DA SILVA, 2015, p. 208).

Nesse meio tempo, realizei um projeto *online*, de contação de histórias chamado: *Escrevivência, vestígios e memórias do povo preto: a contação de histórias e a descolonização do conhecimento*, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Antonio Francisco Duarte, com mediação de Benício Mackson¹⁵, na cidade de Triunfo-PB, localização da comunidade dos 40 Negros, remanescentes de quilombola, foi quando me reencontrei com a obra de Júlio Emílio Braz. Conversamos sobre o processo de escravização dos-as negros-as desde a África, o que nos constituía enquanto negros-as-brasileiros-as, como era importante pensarmos em outras formas de conceber e produzir conhecimento para fazer prevalecer a nossa humanidade e não aceitarmos sermos objetificados, e como os valores negro-brasileiros, de Azoilda Loretto da Trindade nos potencializava enquanto povo.

Após essa conversa, lemos juntos os contos *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2017), e *O Olhar*, de Júlio Emílio Braz (2010) e identificamos como os valores se apresentavam nos contos, na construção de narrativas que evidenciavam a subjetividade do-a negro-a, ao passo que fortalecia a autopercepção de crianças e adolescentes negros-as. Se, por um lado, o processo de avaliação psicológica me levou a revisitar aspectos conturbados da minha infância, o contato com aquelas crianças e a redescoberta das obras de Júlio Emílio Braz permitiram que eu construísse novos significados sobre minha trajetória, minha escrita e minha pesquisa. Exu, nesse contexto, assume o papel de alguém que “retorna ao início, mas escolhe outro caminho quando o primeiro não o leva ao novo; ele transforma o erro em acerto”. (LINCONLY JESUS ALENCAR PEREIRA, 2021, p. 64), tudo aquilo que foi comunicado como verdade para mim, ao longo de minha infância e para tantas outras crianças negras, estava sendo redimensionado através das reflexões compartilhadas naquelas aulas. Então, toda a minha pesquisa foi modificada, eu precisava trazer essa potência que estava vivenciando

¹⁵ Benício Mackson Araújo é um colega querido, doutorando do Programa de Pós-Graduação da UFRN e professor da Escola Estadual de Ensino Fundamental Antonio Francisco Duarte.

em conjunto com as crianças e falar como a Literatura, que não tem pretensão e responsabilidade nenhuma em “educar”, dentro daquilo que compreendemos como educação bancária e normatizadora, é veículo de transformação e transgressão, como salienta Paulo Freire e bell hooks, possibilitando pensamento crítico e liberdade.

Como mencionado anteriormente, a identificação das altas habilidades/superdotação impactou significativamente o olhar para a pesquisa que vinha elaborando. Diante disso, a partir da observação das obras, identifiquei também muitos aspectos em comum com as personagens a respeito de características relacionadas à definição de altas habilidades/superdotação como desenvolvimento assíncro, que segundo o Grupo Columbus¹⁶ (1991):

Altas Habilidades são desenvolvimento assíncrono, no qual habilidades cognitivas avançadas e intensidade aumentada se combinam para criar experiências internas e conscientização qualitativamente diferentes do normal. Essa diferenciação aumenta com maior capacidade intelectual. A singularidade dos talentosos torna-os particularmente vulneráveis e requer adaptações de pais, familiares, ensino e aconselhamento para que eles se desenvolvam adequadamente.

Esta noção de desenvolvimento assíncrono, refere-se à experiência interna do-a superdotado-a e não o coloca como “gênio/a sem defeitos”, volta-se para o funcionamento diferenciado em relação à média da população. Pontos cruciais observados por nós nas encruzilhadas propostas por Júlio Emílio Braz, em *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999) e *Na cor da pele* (2005).

¹⁶ O Columbus Group foi formado nos anos 90, em Columbus, Ohio, por pais e profissionais engajados-as nas questões da superdotação, umas das membras, Stephanie S Tolan, relata em seu blog *Welcome to the deep end (Bem-vindos ao fundo do poço), um espaço para discutir as necessidades de crianças brilhantes que não se encaixam nas normas* (tradução nossa). Em 1992, ela e mais cinco mulheres se reuniram em sua casa para discutir outras definições de superdotação diferente das que estavam circulando naquele período, voltada para o desempenho acadêmico e assim chegaram no Desenvolvimento Assíncrono, pensando na diferença entre crianças altamente ou profundamente superdotadas e outras crianças de mesma idade. Elas perceberam que crianças superdotadas, ainda que muito pequenas, não se satisfazem com simples e triviais explicações sobre questões existenciais como a morte, a violência, a guerra. (<https://welcometothedeepend.com/tag/columbus-group/>).

Nesse contexto, ao analisar a literatura infantil e juvenil, ainda é possível identificar lacunas na representação de identidades presentes em obras que abordam a perspectiva do-a negro-a por meio de enfoques diversos. Muitas vezes, essas representações estão enviesadas, associadas apenas a uma agenda antirracista simplificada. Isso se reflete no fato de que só se discute sobre o “ser negro-a” “no dia da consciência negra” ou em eventos específicos, com ações pontuais que não perduram, sem destacar os aspectos que evidenciam a humanidade desses-as *sujeitos-as* e a complexidade de suas culturas. Crianças negras crescem obrigadas a se relacionar com imagens irrealistas e pouco gratificantes da negritude, sendo decepcionante a imposição de “identificar-se com os heróis, que aparecem como brancos, e rejeitar os inimigos, que aparecem como negros”. (GRADA KILOMBA, 2019, p. 39) sofridos, odiados, feios, sem inteligência, marginais e ignorados. Que decepção serem forçados-as a olharem para si como se estivessem no lugar deles-as, presos-as nessa dinâmica colonial (GRADA KILOMBA, 2019, p. 39).

Em *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999), o processo de “tornar-se sujeito” da personagem Celinho, pode ser evidenciado, de forma progressiva, na análise do texto e do paratexto. A consciência sobre seu processo de liberdade é despertada desde as primeiras páginas como se cada elemento, de forma simbiótica, contribuísse para a descolonização. Essa liberdade é construída coletivamente com o-a leitor-a, que desde a capa, aos títulos, às ilustrações e a cada passada de folha, vai “tornando-se *sujeito-a*” junto com Celinho. Nos capítulos seguintes desdobraremos os detalhes de como ocorre tal processo, quando formos analisar cada um desses elementos. Entretanto, esse movimento já é salientado na dedicatória do livro: “Para aqueles que, dia após dia, apesar de tudo, descubrem e, principalmente, constroem seu Palmares” (1999, p. 3). O substantivo próprio, Palmares, é estruturado como um mocambo¹⁷ ficcional em que,

¹⁷ De acordo com Flávio Gomes (2014), “a palavra mocambo significava acampamento militar e também moradias para a maioria dos falantes das línguas bantu da África Central e Centro-ocidental. No século XVII, a palavra quilombo referia-se a um ritual de iniciação de uma sociedade militar dos guerreiros dos povos imbangalas (chamados também jagas) [...] A mesma palavra significava, para algumas sociedades africanas, uma espécie de estaca em formato de forquilha utilizada para construir moradias em acampamentos provisórios”. Apesar de na África as duas palavras apresentarem variados significados, no Brasil, possuem sentidos semelhantes à “formação de comunidades de fugitivos”. Nos dois lados do Atlântico os significados possuem ligação. (GOMES, 2014, p. 70, 82).

naquele espaço, a liberdade é permitida. Da mesma forma que, através dos livros, Celinho transportava-se para um espaço em que poderia ser de fato livre e não um menino em situação de rua explorado, “os livros, todos eles, eram o seu mundo” (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 17).

Essa liberdade é formada por um intrincado quebra-cabeça linguístico-imagético, no qual as peças são representadas pelo texto e pelo paratexto. Conforme o-a leitor-a vai acessando esses elementos, torna-se, simultaneamente, participante na construção desse Palmares ficcional, uma experiência que é tanto individual quanto coletiva.

Já em *Na cor da pele* (2005) o “tornar-se sujeito” da personagem principal acontece quando ele toma consciência sobre a sua cor. Por ser fruto de um relacionamento interracial e não ser um negro retinto, as pessoas o enxergavam como “moreninho”, o que o fazia cair em um “não lugar”, já que não era considerado-a negro-a e nem tampouco branco. Na dedicatória do livro, o autor evidencia o não-lugar em que pessoas negras de pele clara são colocadas ao enunciar as possíveis definições de como são chamados:

Este livro é dedicado a todos aqueles que pelo Brasil afora são amorenados, azuis, branco-morenos, bronze, café-com-leite, canela, canelados, castanho-escuros, chocolate, cobre, cor-de-café, cor-de-canela, crioulos, escuros, escurinhos, jambo, marrons, meio-morenos, meio-pretos, mestiços, morenos, morenos-bem-chegados, morenos-bronzeados, morenos-canelados, morenos-castanha, morenos-claros, morenos-cor-de-canela, morenos-jambo, morenados, morenos-escuros, morenos-fechados, morenões, morenos-pardos, morenos-roxos, morenos-ruivos, morenos-trigueiros, moreninhos, mulatos, mulatinhos, negros, negrotas, pardos, pardos-claros, pouco-morenos, pretos, pretinhos, quase-negros queimados, queimados de sol, retintos, ruços, sararás, morenos-bombons – gostando ou não disso e de outras definições mais exóticas. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 5).

Ao enumerar 53 definições de ser negro-a, o autor os-as retira desse não-lugar e os circunscrevem no mundo, de modo a legitimar essas existências. No Brasil, a miscigenação aconteceu como projeto político de apagamento de pessoas negras, com o objetivo de “clarear” a população brasileira. A questão do colorismo abordada na obra, desde os paratextos, relaciona-se ao processo de “tornar-se sujeito” da personagem

principal, que além de não ter o seu nome mencionado na obra, é chamado de “moreninho claro” em diversos momentos. Para nós, esta é uma estratégia de construção estética do autor para que o-a leitor-a, nas mesmas circunstâncias, consiga se identificar com a obra, além de ressaltar o fato de tratar-se de uma história que pode se encaixar em qualquer uma dessas 53 definições do ser negro mencionadas na dedicatória. Assim, o processo de tornar-se sujeito da personagem evoca significações múltiplas do que é ser negro, a partir da possibilidade de se reafirmar fora deste não-lugar, se enxergando enquanto sujeito e se colocando enquanto ser humano “real”, feito de erros e defeitos, como pode ser percebido neste trecho:

Continuo em minha peregrinação solitária e cheia de altos e baixos, procurando algo que seja agradável a meus olhos. Não mais me esconder, fugir, fingir, ignorar, estorvar. Não, de maneira alguma. De hoje em diante quero ser real, até mesmo em meus defeitos. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005. p. 76).

O racismo além de destruir a subjetividade do-a negro-a, também destrói a sua humanidade. Dessa maneira, o “ser real” reivindica essa humanidade negada, sobretudo no que tange aos defeitos, já que a possibilidade de errar é o que marca a imperfeição relacionada à humanidade.

Ambas as personagens trazem, em suas características primordiais, a reconexão com suas identidades e construção. Ainda que estejam vivenciando fases de suas vidas em que essas construções identitárias são comuns, fica evidente que, tratando-se do ser negro, essa construção se dá de maneira fraturada, já que suas relações com o mundo são, na maioria das vezes, como já disse, por uma perspectiva destrutiva. Não é só um processo de construção identitária, mas também de ressignificação do que já está posto. Em termos de linguagem, essa ressignificação relacionada ao “tornar-se sujeito” ressalta elementos linguísticos-imagéticos que evidenciam a pluralidade de sentidos acerca das identidades negro-a-brasileiras, sobretudo no que diz respeito aos referidos colorismo e o questionamento às formas de representar *sujeito-as* negro-as de forma estereotipada. Júlio Emílio Braz trabalha a partir da estereotipação com o objetivo de denunciá-la,

questioná-la e trazer outras formas de conceber essas representações. Há uma evocação de sentidos a partir do tensionamento dos mesmos.

A ocidentalidade reafirma um ideal neutro e objetivo de conhecimento como inquestionável, e o que não atravessa o “método científico” é descartado e desconsiderado. O reconhecimento sobre o que é o conhecimento válido, erudição e ciência estão associados ao poder e à autoridade racial (GRADA KILOMBA, 2019. p.51), assim, é delimitado aquilo que pode ser dito e quem é que pode falar. A branquitude e suas formas institucionalizadas de silenciamento às pessoas negras, “definem, regulamentam e transmitem um modo de funcionamento que torna homogêneo e uniforme não só processos, ferramentas, sistemas de valores, mas também o perfil de seus empregados e lideranças majoritariamente masculino e branco (CIDA BENTO, 2022, p.18). O pacto narcísico da branquitude, enquanto categoria social, contribui para a manutenção do *status quo* e de seus privilégios, a partir do elemento narcísico de autopreservação, como se a diferença ameaçasse o que está instituído como “normal” e “universal” (CIDA BENTO, 2022, p. 19). Quando falamos sobre *sujeito-as* negro-as superdotados-as, o pacto narcísico ganha outros-as sentidos, duplamente violentos, pois o lugar da inteligência, da produção de conhecimento e do pensamento são muito caros para a branquitude, por isso uma das dinâmicas coloniais de opressão foi instituir o-a negro-a enquanto figura animalizada, inferior, conseqüentemente sem a capacidade de racionalizar: irracional. Trataremos disso mais à frente.

Portanto, como forma de autorizar experimentação, se faz necessária *exuzilhar* os caminhos. Segundo Cidinha da Silva (2022), o termo *exuzilhar*, que não foi pensado para ser um conceito, nasceu após ter conhecido o termo encruzilhar, como uma tentativa de ir mais fundo e evocar sentidos e significados. “Exuzilhar é um jeito de corpo que me ajuda a construir o movimento da minha escrita num fluxo de águas e ginga.” (CIDINHA DA SILVA, 2022, Orelha do livro). Nesse sentido, a **exuzilhística** propõe uma dinâmica confluyente de corpo à escrita, com o propósito de desestabilizar aquilo que é tido como norma e questionar o que está institucionalizado.

Na perspectiva Nagô, Exu é o orixá mensageiro, a boca do mundo, o detentor do poder sobre as encruzilhadas, “ em seu cosmopolitismo, ele se apresenta como o elemento possível para uma teorização das existências e de suas interações com tudo o que existe” (LUIZ RUFINO, 2019, p.33). “Andarilho, mensageiro, comunicador, afeito à política. Senhor das contradições e dos caminhos, Exu anda com as palavras, anda nas palavras, anda pelas palavras” (WANDERSON FLOR NASCIMENTO, 2022, p. 9). Exu como arquétipo do conhecimento que circula pelas ruas, na perspectiva da **pesqurevivência exuzilhística**, evidencia esses saberes enquanto potência. A encruzilhada enuncia a suspensão das compreensões binárias, ao mesmo tempo que possibilita que as escolhas sejam feitas a partir da pluralidade. Só se entra na encruzilhada de corpo todo, não é possível seguir no caminho sem se envolver e sem se responsabilizar.

Exu passa por um processo de ressignificação no Brasil, adquirindo sentidos profundamente enraizados na identidade negro-a-brasileira. Como um orixá intimamente ligado aos seres humanos, sua concepção é forjada a partir da rica pluralidade identitária dos-as negros-as no Brasil. Estes corpos, formados por diversas construções e alicerçados nos fragmentos resultantes da destruição causada pelo processo de escravização, não apenas redimensionaram os significados da vida, mas continuam, até os dias de hoje, a trilhar caminhos e lutar incansavelmente para assegurar o direito fundamental de existir.

Conforme sugerido por Stéphane Sabino (2022), Exu desempenha um papel crucial no código linguístico da afrodiáspora, proporcionando, de maneira desviante, encontros entre diversos caminhos possíveis. “É aquele que abre o caminho e que é o próprio caminho. É o corpo encruzilhada que a tudo dá corporeidade e sentido” (STÉPHANE SABINO, 2022, p.10). Exu é percebido como um corpo-texto de potência linguístico-imagética na construção de caminhos teóricos intrincados que se entrelaçam e geram novos significados.

No que concerne a esses diversos caminhos enunciados, a agenda colonial desacredita saberes e formas de existir, ao mesmo tempo em que promove a morte

“física”, por meio do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial (LUIZ ANTONIO SIMAS; LUIZ RUFINO, 2018, p.11). Nesse sentido, falar a partir da primeira pessoa do singular exerce uma influência metalinguística na proposta de contraolonização aqui apresentada. Por isso, reivindico esse espaço, ao mesmo tempo em que também adoto a primeira pessoa do plural, buscando reafirmar essa escrita que é coletiva e individual simultaneamente: “Co-criamos porque não caminhamos sozinhos[...] ressaltamos a importância da contraposição entre essas duas categorias: comunidade e indivíduo” (STÉPHANE SABINO, 2022, p. 10).

Como mencionado anteriormente, esta escrita se constitui como individual apenas por estar intrinsecamente ligada a uma coletividade. Assim, teorizar a partir da primeira pessoa quebra a lógica do conhecimento objetivo e desprovido de afetividade. Essa estratégia é adotada com o intuito de reafirmar a contracolonização. A pergunta central é: como propor novas formas de reprodução sem reproduzir as mesmas estruturas? “É que narciso acha feio o que não é espelho” (CAETANO VELOSO, 1977), mas, “diferente de Narciso, Oxum usa o espelho pra se ver, e enxergar além. Não é instrumento a serviço da vaidade, é arma de guerra” (LUEDJI LUNA, 2020).

Deste modo, esta experimentação nasceu como compromisso de pensar em possibilidades que articule as políticas públicas, a pesquisa, o ensino, a experiência, a produção de conhecimento e a viabilização de uma literatura que seja de possibilidades, seja elas quais forem e que este/a leitor-a tenha autonomia para construí-la. A potência do meu processo de “tornar-se *sujeito-a*” que é contínuo e ainda está acontecendo, culminou nesta **exuzilhística**. Mas tal processo não aconteceu dentro dos trâmites individualistas, a potência está justamente em seu movimento coletivo, pois só possível concebê-lo de forma individual devido a sua circunscrição em uma coletividade. Essa é a grande ginga desta experimentação, a potência de uma escrita e uma experiência que é individual e coletiva ao mesmo tempo.

Dessa forma, nas próximas discussões desta encruzilhada, dedicaremos nosso tempo à reflexão sobre algumas considerações significativas relacionadas àquilo que denominamos de **pesqurevivência exuzilhística**, e como essa ideia é construída.

Reencantamento do mundo e desmonologização: atravessamentos entre teorias, definições e categorizações

O ataque à supremacia branca manifestada na aliança entre acadêmicas brancas e seus colegas brancos parece ter se formado e crescido em torno de esforços comuns para formular e impor padrões de avaliação crítica que fossem usados para definir o que é teoria e o que não é. Esses padrões frequentemente produziram o confisco e/ou a desvalorização dos trabalhos que não se “encaixavam”, que de repente foram considerados não teóricos – ou não suficientemente teóricos [...] Claramente, um dos usos que esses indivíduos fazem da teoria é instrumental. Usam-na para criar hierarquias de pensamento desnecessárias e concorrentes que endossam as políticas de dominação na medida que designam certas horas como inferiores ou superiores, mais dignas de atenção ou menos.

(bell hooks, 2020, p. 88).

A **pesqurevivência exuzilhística** não se propõe apenas a “rasurar o cânone” e reintroduzir obras que foram desconsideradas e não reconhecidas, mas sim a questionar as próprias estruturas que moldam esse cânone. Ela representa uma abordagem que visa desvendar os caminhos para a construção de novas trajetórias, evidenciando os descompassos culturais e as subversões poéticas e teóricas que desafiam as normas estabelecidas.

A perspectiva da **encruzilhada como potência de mundo** está diretamente ligada ao que podemos chamar de culturas de síncope. Elas só são possíveis onde a vida seja percebida a partir da ideia dos cruzamentos de caminhos [...] educados na lógica normativa, somos incapazes de atentar para as culturas de síncope, aquelas que subvertem ritmos, rompem constâncias, acham soluções imprevisíveis e criam maneiras imaginativas de se preencher o vazio, com corpos, vozes, cantos. O problema é que para reconhecer isso temos que sair do conforto dos sofás epistemológicos e nos lançar na encruzilhada da alteridade. (LUIZ ANTONIO SIMAS; LUIZ RUFINO, 2018, p. 18-19).

Assim, o movimento **exuzilhístico** aqui proposto, como um “modo de fazer, fazendo”, convoca não apenas a interseção de caminhos presentes na academia, mas também aqueles que constituem a experiência do cotidiano. Conforme destacado por Leda Maria Martins (2021), a encruzilhada representa a base operatória estruturante do pensamento negro, proporcionando “a possibilidade de interpretação do trânsito

sistêmico e epistemológico que emerge dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam” (2021, p. 51). A encruzilhada não busca estabelecer certezas; em vez disso, os encontros têm a intenção de provocar reflexões. Portanto, não se encaixa em uma lógica binária do tipo “isso ou aquilo” ou “uma coisa ou outra”. Martins destaca que a encruzilhada, como um espaço terciário, atua como geradora de uma produção sógnica diversificada e, conseqüentemente, de sentidos plurais (LEDA MARIA MARTINS, 2021, p. 51).

Dentro da multiplicidade de significados propostos por essa **pequerescrevivência exuzilhística**, gostaria de tecer reflexões sobre certas escolhas que se entrelaçam e se encontram.

A Literatura Infantil teve seu início registrado entre o final do século XVII e meados do século XVIII, sendo influenciada por eventos históricos como o surgimento da burguesia. Essa nova classe social trouxe consigo, em seu modelo familiar, a criança sob a perspectiva educacional e a transmissão dos valores burgueses (ROSIMERI DARC CARDOSO, 2017, p. 29). A Literatura, vinculada à reprodução das questões dessa classe social, emergiu como uma forma de comunicar às crianças suas funções na sociedade. No contexto brasileiro, a Literatura infantil teve seu início no final do século XIX e início do século XX, adotando como base ficcional, ideológica e pedagógica o modelo europeu. Esse modelo estava fundamentado em um projeto pedagógico que, no caso brasileiro, enfatizava o patriotismo exacerbado e os valores familiares burgueses, incluindo o respeito aos mais velhos e o civismo. A partir do advento do modernismo, a literatura infantil brasileira passou por um período de renovação (ROSIMERI DARC CARDOSO, 2017, p. 29-30). No que diz respeito à Literatura Juvenil, ela surgiu ancorada em um conceito de juventude consolidado no Ocidente após a Segunda Guerra Mundial, visando atender a uma faixa etária que, até então, não era devidamente considerada. Isso se deve, principalmente, à transitoriedade dessa fase da vida, à dificuldade de definir uma especificidade e ao silenciamento que muitas vezes ocorre no seio familiar, na escola e no ambiente de trabalho (JOÃO LUÍS C. T. CECCANTINI; VERA TEIXEIRA AGUIAR, 2019, p. 31).

A Literatura Infantil e Juvenil esteve alinhada à construção de uma imagem da criança e do jovem de acordo com o que se estabeleceu como “povo brasileiro”. Desde a década de vinte do século passado, essa representação idealizada tinha a cor da nação concebida como branca, uma ideia que foi fortemente reforçada na obra literária de Monteiro Lobato, resultando, por conseguinte, em estereótipos prejudiciais à população negra (ANETE ABRAMOVICZ; MARIA FERNANDA LUIZ; AYODELE FLORIANO SILVA, 2022, p. 1673).

Atualmente, no Brasil, a produção, edição e circulação de obras destinadas a crianças e adolescentes não ocorrem de forma aleatória. Esses livros geralmente estão associados a projetos editoriais específicos, muitas vezes vinculados a editais governamentais. Nesse contexto, as editoras adaptam os temas de suas obras para atender a essa demanda, aumentando assim suas chances de serem selecionadas. Esse modus operandi, esse “movimento próprio para a criação, a publicação e a circulação de livros para criança no Brasil” (FABÍOLA RIBEIRO FARIAS; CLEIDE APARECIDA FERNANDES, 2019, p. 20), nos faz refletir sobre o impacto direto dessas questões na maneira como os livros infantis e juvenis estão intrinsecamente ligados a uma relação “didática” com o conhecimento. Em vez de promover a reflexão, muitas vezes esses livros acabam sendo veículos para transmitir o que deve ou não ser ensinado.

Essa abordagem na concepção de livros para crianças e adolescentes impacta diretamente nas críticas associadas a esse segmento, perpetuando a falsa percepção de que, por ter uma linguagem direcionada a esse público específico, o trabalho literário é de alguma forma “inferior”. No contexto da produção negro-brasileira nesse segmento, houve avanços desde a década de 1980, impulsionados pelas reivindicações do movimento negro, que provocaram a ruptura de paradigmas. No entanto, persistem resistências. Apesar desses desafios, há escritores/as negros-as que estão produzindo narrativas distintas, valorizando as subjetividades negras e contribuindo para o fortalecimento das identidades de crianças e jovens negros-as (ANETE ABRAMOVICZ; MARIA FERNANDA LUIZ; AYODELE FLORIANO SILVA, 2022, p. 1672).

Portanto, antes de considerar a audiência para a qual as obras são destinadas, é responsabilidade do crítico refletir sobre o trabalho realizado nesses livros, especialmente em termos de linguagem e representação. Essa abordagem ajudará a desmistificar quaisquer impressões equivocadas e proporcionará visibilidade ao aspecto literário, que é a substância de interesse da crítica, independentemente de rótulos. Em uma entrevista ao canal do Youtube da TV UFMG, Júlio Emílio Braz (2021) aborda alguns pontos cruciais relacionados à literatura infantil e juvenil, à circulação de livros para crianças e adolescentes, bem como aos propósitos da literatura:

As pessoas jogam livros na fogueira, porque o livro é um incômodo [...] A literatura é uma proposta de humanização e de raciocínio. As pessoas leem – não é a função da literatura, isso é um ganho adicional. A pessoa que lê, é uma pessoa mais preparada a lidar, não com o mundo, mas com a sociedade [...] então, a leitura é um marco civilizatório, a palavra é um marco civilizatório [...] O livro não é uma proposta de educação, apenas, o livro é uma proposta de questionamento [...] depois que você se agarra a uma ideia, você não volta a ser o que era, você é mais aquela ideia. Quanto mais livros você lê, mais ideias você vai ser, além do básico que você já nasceu, quanto mais leitura, melhor vai ser o homem que você vai crescer ou a mulher que você vai ser. Crianças questionadoras, a gente precisa de gente questionadora. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, Youtube, 2021).

Apesar de questionarmos os termos “civilização” e “sociedade civilizada”, por entendermos que tais conceitos carregam sentidos filosóficos e epistemológicos que vão de encontro ao que propomos, compartilhamos com Braz a crença na capacidade da literatura de provocar desconforto no-a leitor-a, visando estimular uma reflexão específica, especialmente no que diz respeito aos papéis individuais na sociedade e às dinâmicas sociais. Esse é um dos pontos centrais a partir dos quais essa experimentação se desenvolve, tanto no âmbito da crítica quanto na proposta de letramento literário. Assim, para além do gênero literário, seja infantil ou juvenil, o que nos interessa é evidenciar o aspecto literário presente.

Nesse contexto, os valores negro-brasileiros, como uma abordagem **exuzilhística** para pensar a literatura, inserem-se no contexto da guerra de denominações como uma estratégia que confronta o colonialismo e desafia os sentidos unilaterais de produção de sentido preconizados pela teoria literária e sua tradição europeia.

Nesse sentido, é crucial compreender as dinâmicas que permeiam a vida, fundamentam o pensamento e são transferidas para a construção de significados nas obras. A linguagem tornou-se um grande fetiche no Ocidente, não apenas por meio das várias formas de normatização e idealização das línguas nacionais, fundamentadas no brancocentrismo greco-latino, mas também pela maneira como a modernidade utilizou a ideia de linguagem para criar definições de mundo e operar conceitos a partir de uma perspectiva europeia (GABRIEL NASCIMENTO, 2019, p. 11).

Neste contexto, ao pensarmos nas imagens das obras, a leitura que propomos é de suplementação e não de comparação entre imagem e texto. Referimo-nos a isso como um quebra-cabeça linguístico-imagético, no qual o texto preenche as lacunas da imagem e a imagem preenche as lacunas do texto. Em uma dança de representações, com suas textualidades distintas, esses elementos compõem um significado alternativo que potencializa a expressão do corpo negro. A linguagem, portanto, é um dos principais instrumentos de reprodução da lógica colonialista. Nesse contexto, os valores negro-brasileiros questionam e desestabilizam os aspectos de colonialidade presentes nessas representações, por meio da guerra de denominações, conforme enuncia Nêgo Bispo (2023), propondo uma abordagem diferente para compreender e analisar as imagens e o texto. Segundo Compagnon (2001), “O estilo, no sentido mais amplo, é um conjunto de traços formais detectáveis e, ao mesmo tempo, o sintoma de uma personalidade (indivíduo, grupo, período)” (2001, p. 173).

O estilo é uma variação formal a partir de um conteúdo (mais ou menos) estável [...] é um conjunto de traços característicos de uma obra que permite que se identifique e se reconheça (mais intuitivamente do que analiticamente) o autor; o estilo é uma escolha entre várias escrituras. (ANTOINE COMPAGNON, 2001, p. 194).

Apesar da variação formal no que diz respeito ao que é caracterizado como estilo, há regras que estipulam o que é ou não considerado estilo. Os-as colonialistas categorizam seus conhecimentos como “ciência” e referem-se àqueles-as que operam esses conhecimentos como “cientistas”. Por outro lado, os saberes produzidos por negros-as e povos indígenas são rotulados como “saber popular” ou “saber empírico”,

recebendo denominações vazias que subestimam sua importância e validade. (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2021, p. 16). Por isso, a **exuzilhística**, a estilística forjada nas encruzilhadas de Exu, vem como uma forma de questionar e provocar a desestruturação de bases teóricas, a partir da proposição de saberes negro-brasileiros. Para isso, O Axé/Energia Vital e Ancestralidade funcionam como elementos mobilizadores de leitura potente neste quebra-cabeça linguístico imagético.

Na sociedade eurocristã monoteísta, conforme afirma Nêgo Bispo (2023.d), a relação com o tempo é orientada por horários e calendários, não pelos ciclos. Por outro lado, os povos politeístas, como os povos indígenas e quilombolas, têm uma relação com o tempo baseada em ciclos, seguindo uma perspectiva cíclica que se desenrola em começo, meio e começo. Dessa forma, o presente é visto como um interlocutor do passado e um locutor do futuro. Essa compreensão do tempo impacta a relação com o mundo e a forma como dialogamos com sua expressão nas obras. Portanto, ao dialogarmos com os valores negro-brasileiros, buscamos uma abordagem perceptiva para compreender a si mesmos-as, aos outros-as e ao entorno. Isso implica questionar a lógica ocidental de produção e compreensão do conhecimento.

Na lógica da linguagem, sempre enfrentei dificuldades para compreender a forma de sistematização da língua portuguesa, especialmente o distanciamento entre a palavra escrita e a fala. Esses dois registros ocorrem de maneira distinta, cada um com suas regras próprias. A fala, dependendo do contexto, permite uma articulação mais livre, enquanto a escrita tem o objetivo de seguir as imposições da gramática normativa. Mesmo que, em determinados contextos de uso, haja flexibilização desses dois registros, a busca pelo “falar e escrever corretamente” muitas vezes é a prioridade central.

Assim, considerando que “o sublime é simples”, conforme afirma Machado de Assis em “Instinto de Nacionalidade” (1873), a **exuzilhística** propõe a fluidez das palavras como uma forma de se aproximar da oralidade. Isso se reflete no diálogo que estabelecemos com as obras literárias e na maneira como escrevemos aqui, de forma metalinguística. Esse processo faz parte de nossa abordagem estética experimental contracolonial, que, como já mencionado, é um jeito de corpo, de ato e de escrita.

O “Pretuguês”, como chamado por Lélia Gonzalez (2020), ou esse modo negro-a de fazer, nos leva de volta às contribuições africanas em termos de língua, arte e conhecimento em geral, e como isso se convergiu na produção diaspórica negro-brasileira. Assim, a reflexão sobre os processos descritos anteriormente trouxe a percepção de que o que eu estava fazendo não era apenas uma leitura legitimada por teorias para conferir autoridade aos meus argumentos. Percebi, tanto na minha experiência quanto nas experiências de outros-as intelectuais negros-as, uma confluência que revelava muitos encontros nos modos de pensar. A palavra “germinante” aqui refere-se à energia que nos impulsiona a compartilhar e a respeitar. Como afirmou Antônio Bispo dos Santos (2023), “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser a gente e outra gente – a gente rende” (p. 15). Através da perspectiva da confluência, percebo a interação viva entre o percurso de Celinho, de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999), do rapaz de *Na Cor da Pele* (2005) e o meu próprio percurso.

A interação viva da confluência no processo contracolonial de educação nos aponta para a presença da intelectualidade negra, em seus saberes orgânicos relacionados à percepção sobre o corpo, sobre a natureza e outras formas de produção de conhecimento:

Eis aí o corpo, a voz melodiosa, a artesanaria, o faro, a aspereza e a maciez sentidas, a coluna e as solas com seus pedaços de caminhos e posturas, o texto e as suas vibrações, tudo que acompanha a mentalização surge como fator integrante na formulação de conhecimento e reflexão, com seus desafios e práticas. [...] Tal reflexão permanece ligada aos afetos e problemas comuns, ligada à sensibilidade e aos mitos e ideias da comunidade, e não apenas a uma estrita noção de racionalismo. Estabelece um saber que se recheia de amor, conjugando-se o rigor do raciocínio e a quentura dos afetos e conflitos. [...] Quando essa intelectualidade se faz ausente, gravemente ferida, amordaçada ou encarcerada, são avassaladores o alijamento e a destruição das comunidades afro-brasileiras, por via de genocídios. [...] O intelectual conjuga especialmente seu trabalho às expressões artísticas, lançando mão de formas expressivas atraentes, de ritmos e vernáculos coloridos por tons e timbres modelados (ALLAN DA ROSA, 2019, p. 47).

No contexto do ensino de literatura, é viável incorporar esses saberes orgânicos por meio da integração com outras áreas do conhecimento, como dança, artes e ciências. O trabalho exuzilhístico com as obras, em uma perspectiva de contação de histórias, por exemplo, pode ser realizado no pátio da escola ou mesmo dentro da sala de aula. Caso seja na sala, as cadeiras são afastadas, um pano é colocado no chão e todos se sentam em roda. Esse movimento de sentar em roda quebra a estrutura hierárquica na qual o processo educacional muitas vezes está inserido, desafiando a ideia de que o-a professor-a é o-a único-a detentor-a do conhecimento, promovendo a horizontalidade do saber. Esse método de trabalho contribui para a percepção integrada do corpo, que sente, compartilha e se relaciona com o mundo e com o outro, indo além da abordagem comumente centrada apenas na cognição, como se o ser humano fosse exclusivamente cognitivo. Dessa forma, essa é uma maneira de pensar a **exuzilhística** também no âmbito do ensino, destacando os valores negro-brasileiros por meio de uma abordagem contracolonial por parte do-a professor-a

Quando se trata da Literatura enquanto crítica, a **exuzilhística** como um movimento que desafia a lógica convencional dos saberes sintéticos não deve ser limitada a uma análise literária convencional. Seria enganoso enquadrar os valores negro-brasileiros meramente como categorias de análise literária, pois sua essência ultrapassa as fronteiras estabelecidas por categorias que seguem lógicas ordenativas e classificatórias brancocentralizadas. Conforme as proposições de Azoilda Loretto da Trindade (2010), esses valores nascem no chão da sala de aula e, nesta experimentação, é nesse espaço que pretendemos retornar, em termos de poéticas e reflexões. Portanto, esses valores são uma forma **exuzilhística** de vivenciar/escrever/viver a literatura, não em um movimento isolado, mas fluindo com a vida e outras áreas do conhecimento, estando profundamente interligada ao processo de ensino.

No prefácio à segunda edição inglesa do livro “*Teoria da Literatura: uma introdução*”, Terry Eagleton (2019) discute a inexistência de um corpo teórico exclusivo originado da literatura. As abordagens apresentadas no livro, como fenomenologia, semiótica, psicanálise e estruturalismo, não se limitam apenas à literatura, derivando de outras áreas e transcendendo a própria literatura. A teoria literária, assim, surge como

uma forma de sistematizar questões relacionadas ao trabalho com a linguagem presentes nas obras.

Quanto à definição de literatura, Eagleton argumenta que não há uma essência intrínseca à literatura, sendo sua concepção formada na interação entre leitor-a, autora, sociedade e a obra. Nesse sentido, as definições de literatura variam conforme o tempo e o contexto. Cada pessoa, mesmo sem ser um estudioso na área, tem sua própria concepção sobre o que é literatura e como ela se relaciona com autor-a, obra, tempo, leitor-a, mundo representado na obra, o mundo real e a recepção da obra. Cada uma dessas dimensões é convocada durante a leitura, tornando “toda crítica literária uma abordagem teórica” (RAFAEL SILVA, YOUTUBE, 2020). Portanto, diferentes possibilidades teóricas emergem no trabalho crítico, refletindo a multiplicidade de perspectivas na interpretação literária.

Se pensarmos, por exemplo, nas sete questões que encabeçam a discussão do livro, *O Demônio da Teoria, Literatura e Senso Comum*, de Antoine Compagnon, temos: **a literatura, o autor, o mundo, o leitor-a, o estilo, a história e o valor** (2001, p. 26), em que os quatro primeiros títulos relacionam-se, teoricamente, à **literariedade, intenção, representação e recepção** e os três últimos ao **estilo, história e valor**.

Percebemos que algo desse aparato mostra-se insuficiente no diálogo com a literatura negro-brasileira, segundo o que está sendo defendido nesta experimentação, por se tratar de instrumentos substancialmente teóricos, portanto, saberes sintéticos. Para Nêgo Bispo, o contracolonial vai além de um termo, um conceito, uma ideia, diz respeito a uma experiência, a um modo de vida. Na arte da denominação, contrapõe ao que a academia coloca como *conceitos* e insere as *palavras germinantes*. Tais palavras derivam dos *saberes orgânicos*, relacionados ao ser, enquanto os saberes “científicos” são denominados por ele, nesta arte de contrariar, como *saberes sintéticos* (SANTOS, 2021, p. 16).

Isso não significa que desconsideramos a sua importância na construção da teoria literária, mas, é importante ressaltar, que a literatura é construída de inúmeras formas, por isso é necessário enfatizarmos em uma perspectiva plural: teorias literárias. E na

concepção abordada por nós, neste trabalho, a relação com a literatura extrapola essas “sete questões”.

Fazendo um paralelo com essas categorias, a **exuzilhística** trata-se de um movimento dialógico contracolonial em que o corpo negro escrevvente, que escreve a partir de seu corpo, de forma interrelacionada a outros corpos negros, à natureza, ao que acontece ao redor, ao cotidiano. Portanto, o-a autor-a não está morto-a, ele-a precisa, necessariamente, estar vivo-a no texto para que haja a possibilidade de ressignificação da realidade de violências e vulnerabilidades nas quais os *sujeitos-as* negros-as são submetidos, ainda hoje. Pensemos, por exemplo, na tese da “morte do autor”, de Barthes (2004):

A escritura é a destruição de toda voz, de toda a origem. A escritura é esse neutro, esse composto, esse oblíquo pelo qual foge o nosso sujeito. O branco-e-preto em que vem se perder toda a identidade. A começar pelo corpo que escreve. [...] Enfim, de fora da própria literatura (a bem dizer, estas distinções tornam-se obsoletas), a linguística acaba de fornecer à destruição do Autor um instrumento analítico precioso, ao mostrar' que a enunciação é inteiramente um processo vazio que funciona na perfeição sem precisar de ser preenchido pela pessoa dos 'interlocutores'; linguisticamente," o autor nunca é nada mais para além daquele que escreve,' tal' como eu não é senão aquele que diz eu: a linguagem conhece um «sujeito», não uma «pessoa», e. esse sujeito, vazio fora da própria enunciação que o define, basta para fazer «suportar» a linguagem, quer dizer, para a esgotar. O afastamento do Autor (com Brecht, poderíamos falar aqui de um verdadeiro «distanciamento», ' diminuindo o Autor como uma figurinha lá ao fundo da cena literária) não é apenas um fato histórico ou um ato de escrita: ele transforma de ponta a ponta o texto moderno (ou o que é a mesma coisa – o texto é a partir de agora feito e lido de tal sorte que nele, a todos os seus níveis, o autor se ausenta) (ROLAND BARTHES, 2004, p. 57,61).

Há algo dessas teorias que escapa, do ponto de vista epistemológico, que é da ordem da sobra e/ou da falta, na leitura dos saberes negro-brasileiros. Diz respeito à falta porque não cabe nas ordenações e nos moldes brancocêntricos. Por exemplo, pensando no autor Júlio Emílio Braz e seu apagamento em vida provocado pelo epistemicídio, a teoria da autoria é faltosa pois desconsidera esse processo, já que foi pensada a partir dos lugares de privilégio de sujeitos branco eurocentrados. Além de não permitir movimentos como o da *escrevivência*. A principal ideia por trás da “morte do autor” é que,

uma vez que uma obra é lançada no mundo, ela passa a ter uma existência independente do autor. Barthes sugere que atribuir um significado único e definitivo a uma obra com base na intenção do-a autor-a é limitador e impede a abertura para múltiplas interpretações e significados. Barthes propõe que em vez de se concentrar na biografia do-a autor-a e em suas intenções declaradas, os-as críticos-as e leitores-as devem se concentrar na obra em si, considerando-a como um texto autônomo com significados que podem ser construídos pelo-a leitor-a. Ele defende a descentralização do autor como a autoridade última na interpretação de uma obra, promovendo a liberdade interpretativa do-a leitor-a.¹⁸ Por outro lado, na *escrevivência*, existe a retomada dessa origem a partir da Ancestralidade, portanto, a identidade do-a autor-a não é perdida, mas evidenciada ficcionalmente, a partir da (con) fusão entre a escrita e a vivência, em que não é possível descobrir o que é da ordem da realidade e o que é ficção. Essa é uma tecnologia ancestral para driblar escritas sintéticas como as da “morte do autor” e sua destruição identitária, tornando possível a autoria, enquanto vida, por intermédio desta escrita-corpo. Deste modo, a **exuzilhística**, como a composição dessa escrita múltipla, na qual a *escrevivência* também é considerada, confluentemente, a autoria de Júlio Emílio Braz, entra em cena a partir da sua potência pessoal de sujeito negro que escreve. Em meu bate-papo com seu Júlio, perguntei sobre o que havia de sua subjetividade na construção das personagens centrais de *Na Cor da Pele* (2005) e de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999), e ele respondeu:

As dúvidas que me acompanharam por ser filho de uma mulher branca e um homem negro. Na minha opinião, o mestiço é um personagem extremamente rico na cultura e na literatura brasileira, pois em mais de

¹⁸ Embora Barthes aborde a mudança de foco da figura do autor para a importância da circulação da palavra e a participação ativa do leitor, a perspectiva de pesqurevivência exuzilhística, que defendemos, sugere que, em diálogo com as obras, a circulação da palavra e a participação ativa do autor ocorrem simultaneamente à autoria, não exigindo uma mudança de foco, mas sim promovendo uma coexistência de sentidos. Para Barthes, quando o texto é publicado, o autor desaparece ou “morre”, indicando que o controle final sobre a interpretação e o significado do texto não está mais nas mãos do autor, mas sim nas mãos do leitor. No entanto, nossa abordagem enfatiza uma relação com a literatura que não é baseada em um jogo de controle entre autor e leitor, mas sim em uma “ginga”, uma dança, um jogo de corpo. Dessa forma, não é necessário que o autor se retire de cena para que o leitor surja; ambos compartilham os sentidos e participam na construção do estudo de uma maneira que reflete “um jeito de corpo, de ato e de escrita”.

uma ocasião a sensação de inadequação o acompanha na sociedade brasileira, ou seja, ele transita entre as raças e por vezes não se sente confortável em nenhuma delas [...] De Celinho, a sede de conhecimento e a ambição em ser sempre mais do que imagino ser. A superação é uma meta que persigo como ser humano e como autor. Nunca estou satisfeito com ambos. (APÊNDICE A).

Os traços de sua subjetividade nas obras, construídas a partir da ficcionalização, não reduzem a sua literatura, mas funcionam como força motriz de construção literária. Tais elementos não se dão de maneira individual, pois estão circunscritos em um espaço/tempo circular em que a vida é compreendida como continuação de outras vidas, as que vieram antes e as que virão depois, pois estão localizadas nisso que chamamos de **exuzilhística**.

A **exuzilhística** não é um conceito, é uma *palavra germinante*, pois está relacionada aos *saberes orgânicos*, ao ser, partem de concepções cosmológicas negro-brasileiras. Para tanto, os *valores negro-brasileiros*, a partir da promoção e possibilidade de *conexão, diálogo, movimento e comunicação* (AZOILDA LORETTO DA TRINDADE, 2010, p. 17), são uma forma de expressão da **exuzilhística** e uma maneira de olhar para o texto literário por outros caminhos.

A Literatura, enquanto teoria, impõe estruturas e sistemas a serem seguidos, os quais servem como base para a compreensão do texto literário. No entanto, essas bases estão legitimadas em epistemologias e cosmologias que refletem a visão de mundo de determinados indivíduos. No contexto da teoria literária, a Europa é a principal referência de produção teórica, mesmo no Brasil. De acordo com Alfredo Bosi (1994), a literatura brasileira esteve condicionada, em termos de história e cultura, à afirmação de um complexo colonial de vida e pensamento (p. 11). Para o autor, a colônia, inicialmente, é caracterizada como objeto de uma cultura, o “outro” em relação à metrópole e sujeita à exploração. Ela só deixa de ser objeto quando se torna sujeito de sua própria história. Bosi destaca que uma das formas de se libertar da influência desse período colonial foi o empréstimo dos ideais burgueses e liberais da França como meio de interpretar a realidade. Tal ruptura com o passado, marcava, segundo ele, um modo mais dinâmico de assimilação e “propriamente brasileiros” da cultura européia, tal como aconteceu no

romantismo. Ele marca a mestiçagem como um dos pontos centrais de discussão sobre o período colonial e o caracteriza como “núcleo do nosso mais fecundo ensaísmo social de Sílvio Romero a Euclides de Oliveira Viana a Gilberto Freyre” (ALFREDO BOSI, 1994, p. 11,12 e 13).

É importante reconhecer a complexidade das interpretações sobre a influência colonial e a mestiçagem no contexto brasileiro, considerando as diferentes perspectivas e críticas acadêmicas. A discussão sobre a influência colonial no Brasil é um tema controverso e amplamente debatido. Antônio Bispo destaca a continuidade de processos de colonização, como invasão, expropriação, etnocídio e subjugação, argumentando que essas dinâmicas persistem até os dias atuais. Essa visão destaca a importância de reconhecer a persistência de estruturas coloniais em diversas formas.

Quanto à mestiçagem, há diversas abordagens e interpretações sobre seu significado e impacto na sociedade brasileira. Enquanto alguns/mas a enxergam como um processo de mistura cultural e racial que levou à formação da identidade nacional, outros-as a criticam como um projeto político de embranquecimento e apagamento das raízes negras e indígenas. Dessa forma, é fundamental considerar diferentes pontos de vista e abordagens para uma compreensão mais abrangente das complexidades históricas e sociais do Brasil. A história e a realidade brasileira são marcadas por debates intensos sobre identidade, raça, colonialismo e suas influências persistentes. Carlos Hasenbalg (2022, p. 105), ao caracterizar as relações entre negros-as e brancos-as no Brasil, afirma:

A atual versão oficial das relações raciais teve sua formulação acadêmica feita no início da década de 1930 por Gilberto Freyre. Ao destacar as contribuições positivas do africano e do ameríndio para a cultura brasileira, esse autor subverteu as premissas racistas presentes no pensamento social do fim do século XIX e início do século XX. Simultaneamente, Freyre criou a mais formidável arma ideológica contra o negro. A ênfase na flexibilidade cultural do colonizador português e no avançado grau de mistura racial da população do país o levou a formular a noção de democracia racial. A consequência implícita dessa ideia é a ausência de preconceito e de discriminação raciais e, portanto, a existência de iguais oportunidades econômicas e sociais para negros e brancos.

A obra *Na Cor da Pele* (2005) aborda de maneira crítica a questão da mestiçagem e a ilusão da democracia racial no contexto brasileiro. A sensação de não pertencimento da personagem, que se sente “clara demais” para ser negra e “escura demais” para ser branca, reflete as complexidades e contradições da identidade racial no Brasil. A ideia de democracia racial, que sugere uma convivência harmoniosa e igualitária entre as diferentes raças, tem sido criticada como uma construção ideológica que mascara as desigualdades e as estruturas de poder fundamentadas no racismo. A personagem, ao perceber que, apesar das oportunidades sociais, ainda enfrenta as marcas da discriminação racial, evidencia a persistência das hierarquias raciais no país.

A discussão sobre mestiçagem e democracia racial é fundamental para compreender as dinâmicas de opressão e exclusão que permeiam a sociedade brasileira. O questionamento desses conceitos contribui para uma reflexão mais profunda sobre as questões raciais e a necessidade de desafiar as estruturas que perpetuam a desigualdade:

Será que eu estava vendo mesmo o que imaginava estar vendo? Era preconceito o que eu via? Não era simplesmente curiosidade? Poderia ser surpresa, algo insignificante, e não aquele preconceito feroz que eu conseguia entrever no silêncio e nos olhares daquela gente, que dava a impressão de cercar e hostilizar minha família entre as cadeiras que não paravam de ranger, insuportáveis, naquele ar abafado e impregnado com o fedor do mofo das cortinas e daquela antiguidade que, afinal de contas, era o Colégio. [...] Aborrecia-me a negritude meio panfletária da boina de tio Luís Carlos? O negrume intenso e acetinado da pele de meus avós me embaraçava? Será que eu estava imaginando coisas? (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 44,45, negritos nossos).

A cena em que a personagem é escolhida para fazer o discurso de formatura, e os olhares da platéia em direção à sua família o incomodam, revela uma situação emblemática em que ele começa a questionar a realidade do preconceito racial. Essa experiência evidencia a complexidade das percepções e das vivências relacionadas à identidade racial. Ao se deparar com os olhares da platéia e a possibilidade de enfrentar o preconceito, a personagem entra em um momento de autorreflexão, questionando se

essas percepções são reais ou se estão sendo criadas por sua própria interpretação. Esse conflito interno reflete a tensão e a ambiguidade que muitos indivíduos enfrentam ao lidar com as questões raciais, especialmente quando estão em situações de destaque e visibilidade.

A narrativa, ao abordar esse episódio, proporciona uma análise crítica das percepções raciais e da construção social do preconceito. Através da experiência do personagem, a obra convida os/as leitores/as a refletirem sobre as nuances e sutilezas do racismo, destacando a importância de questionar e confrontar essas realidades, mesmo quando elas se manifestam de forma mais velada. No excerto, podemos identificar, o movimento de questionamento sobre o que via e sentia, a partir das inúmeras perguntas que faz a si mesmo. A palavra “preconceito”, oculta o óbvio e destaca a impossibilidade do rapaz nomear o racismo. Já as palavras “curiosidade”, “surpresa” e “insignificante”, relacionam-se à profunda distorção cognitiva na qual estava submetido, a ponto de questionar o que estava vivenciando. O questionamento em tom de invalidação, em relação ao que é visto e sentido por pessoas negras, é um mecanismo de defesa para lidar com a violência. Tal mecanismo é construído e reforçado pela longa trajetória pavimentada pelo processo de miscigenação, conseqüentemente, o racismo velado, já que foi incutida a ideia de que “somos todos iguais”. A sentença “preconceito feroz que eu conseguia entrever no silêncio e nos olhares daquela gente” evidencia a dinâmica velada na qual o racismo se instaura. As cadeiras que rangem, o ar abafado, o fedor do mofo e a antiguidade que forma o Colégio, configuram toda uma atmosfera que invisibiliza os gestos racistas, ao passo que cercam e hostilizam a sua família. Tudo isto acontece imperceptivelmente, por trás dessa “cortina de fumaça”, e esta construção imagética oculta o que acontece nas entrelinhas. Como forma de lidar com isso, a personagem assume a culpa para si mesma, como se ele estivesse olhando de forma racista para sua família. Esse é um modo inviesado de trazer para a superfície tudo isso que se dá de forma subentendida, por isso, trazer para si é um modo de dar significado para a forma racista na qual as dinâmicas sociais estão pautadas.

Retomando a conversa sobre teoria e seus usos, Para Antoine Compagnon (2001), a teoria pressupõe uma prática e “a teoria contrasta com a prática dos estudos literários,

isto é, a crítica e a história literárias, analisa essas práticas, descreve-as, torna explícitos seus pressupostos, enfim, critica-os” (COMPAGNON, 2001, p. 21). Já a crítica é a aceção sobre determinada obra literária, com o objetivo de idealizar uma evidência da experiência da leitura. O trabalho crítico envolve, pois, a descrição, a interpretação, a avaliação do sentido das obras e o que ela causa nos que a leem (AINTOINE COMPAGNON, 2001, p. 21). À vista disso, é preciso ressaltar que a crítica de literatura infantil e juvenil é, acima de tudo, um trabalho de crítica literária, e entender que a literatura infantil e juvenil é, antes de tudo, literatura, faz com que soltemos as amarras categóricas que nos encaixotam e impossibilita uma compreensão profunda sobre o trabalho literário ali realizado.

A reflexão sobre a relação entre teoria literária, conceitos mobilizados e trabalho crítico destaca uma questão fundamental na abordagem da literatura. A dificuldade percebida na compreensão das teorias literárias e a tentação de se concentrar excessivamente na sistematização em detrimento do texto literário reflete desafios comuns enfrentados por estudiosos-as e críticos-as literários. A sua preocupação em distinguir e categorizar os diferentes tipos de literatura, em vez de analisar/observar/experenciar o literário presente nas obras, dependendo do trabalho que está sendo feito, ressalta a importância de retornar à obra literária em si e compreender como a teoria pode enriquecer a interpretação, em vez de ser um fim em si mesma.

A ênfase na análise literária, especialmente ao estudar obras destinadas a crianças e jovens, destaca a importância de ir além das categorias estabelecidas, permitindo uma apreciação mais rica e aprofundada do literário presente nessas produções específicas.

Sambukuendakô, ao sobre sua relação com a literatura infantil e juvenil, ressalta o entrar de “peito aberto” nas leituras, destaca uma postura de inconformação diante das naturalizações, da ordem vigente e das subestimações. Essa atitude sugere uma disposição para vivenciar as narrativas de forma autêntica, experimentar os jogos poéticos e aprender a contornar imposições por meio do diálogo com o texto. O reconhecimento de que cada livro, mesmo aqueles considerados chatos, difíceis ou

problemáticos, deixa sua marca é interessante. Isso destaca a riqueza da experiência de leitura, onde as obras podem impactar de maneiras diversas, contribuindo para a formação de sentidos e perspectivas únicas. Essa abordagem alinhada à inconformação e ao diálogo reflexivo com o texto evidencia uma postura crítica e reflexiva em relação à literatura infantil e juvenil (SAMBUKUENDAKÔ, APÊNDICE B, 2023). Percebe-se que ele demarca tal relação com a literatura pela via da experiência. O termo “de peito aberto” demarca o percurso que acontece pelo sentir e não pela racionalização, é um caminho que perpassa o corpo a partir de vivências, experiências, aprendizagens e diálogo.

Em sua época de escola, a literatura era ensinado por números. Era entregue aos alunos uma lista de livros a ler e destes livros eles só poderiam escolher dois a gosto deles, depois entregavam a lista dos livros lido. A prática de “engabelar o sistema” ao escolher livros da lista para ler em conjunto e trocar impressões é uma estratégia inteligente e criativa para contornar as limitações impostas pelo método de ensino. Essa abordagem sugere uma forma de resistência à imposição arbitrária de leituras e uma busca por autonomia na construção da experiência de leitura. Ao compartilharem a leitura e dividirem as responsabilidades dos relatórios, os irmãos conseguiram maximizar o aproveitamento das obras, mesmo diante das restrições impostas pelo sistema escolar. Essa prática revela não apenas um desejo por explorar diversas obras, mas também uma habilidade de contornar as imposições burocráticas do processo educacional. Essa experiência ilustra como a literatura pode ser apropriada de maneiras criativas, mesmo em ambientes educacionais mais restritivos: “táticas de guerrilha frente ao inimigo dos exercícios burocráticos. Ficávamos livres rapidamente para voar em leituras outras.” (SAMBUKUENDAKÔ, APÊNDICE B, 2023). A expertise de Sambukuendakô e seu irmão para driblar as sistemáticas que nos são impostas, desde a escola, na construção e relação com o conhecimento, é uma ginga, no sentido de jogo, capoeira, tecnologia de poder ancestral contracolonialista, presentes nas muitas maneiras que pessoas negras encontram para continuar vivendo e produzindo conhecimento no mundo. Consigo perceber a mesma ginga em Celinho de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999), em seus movimentos de descoberta e construção de seu Palmares e do rapaz de *Na cor da Pele* (2005), em seu percurso de construção e descoberta das potencialidades do ser negro.

A metáfora da encruzilhada é poderosa ao descrever a experiência de pesquisa. Encontrar-se em uma encruzilhada indica a presença de escolhas significativas, caminhos divergentes e a necessidade de tomar decisões que influenciarão o direcionamento da pesquisa. Essa imagem sugere um momento de reflexão, ponderação e análise cuidadosa das opções disponíveis. Além disso, a referência à identificação ressalta a importância de conectar-se com os saberes de uma maneira que vá além da análise teórica. Encontrar-se nesse cruzamento de caminhos não apenas implica em tomar decisões, mas também em descobrir como os saberes se entrelaçam com a própria identidade e experiência pessoal do pesquisador.: “A encruzilhada é o tempo e espaço onde se desferem os contragolpes do homem comum [...] nos cabe ressaltar que o poder que se encanta e pulsa nas encruzadas é aquele que faz o erro virar acerto e o acerto virar erro” (LUIZ ANTONIO SIMAS; LUIZ RUFINO, 2018, p. 20), e a *pesqurevivência* me direcionou a uma experimentação que permitiu pensar os diferentes entraves teóricos e conceituais de análise literária, mas também do processo de construção da pesquisa em si e como essas escolhas se relacionam, como caminhos que se encontram.

Ninguém classifica algo sem lançar a sua visão de mundo naquilo que está classificando (CUTI, 2010, p. 31), por isso, acreditamos que escolhas teóricas também demarcam lugares políticos. A literatura produzida por negros e brancos, possuem vieses distintos devido à subjetividade que a sustenta (CUTI, 2010, p. 33). Para Cuti (2010) a literatura negro-brasileira é um aspecto da literatura brasileira, e não uma temática à parte. As questões referentes ao-a autor-a, personagem e leitores-as negros-as foi o que incorporou o debate negro-brasileiro à literatura brasileira, o que se destaca temas e formas relacionadas aos elementos culturais de origem africana, características de uma subjetividade coletiva justificada no sujeito étnico do discurso, mudanças conceituais, de classificação e de paradigma crítico-literário. (CUTI, 2010, p. 11) Desta forma, vincular a literatura negro-brasileira à africana “teria um efeito de referendar o não questionamento da realidade brasileira por esta última. Isso porque a literatura africana não combate o racismo brasileiro” (CUTI, 2010, p. 36). Dessa maneira, o termo “afro” acaba generalizando o debate, já o negro-brasileiro particulariza as questões de sujeitos negros enquanto pertencentes da cultura brasileira. O afro-brasileiro e o afro-descendente são

“expressões que induzem a discreto retorno à África, afastamento silencioso do âmbito da literatura brasileira para se fazer de sua vertente negra um mero apêndice da literatura africana” (CUTI, 2010, p. 36).

Deste modo, o uso do termo “negro-brasileiro”, nesta experimentação, marca um lugar político de referenciação, que reflete, antes de tudo, a valorização das potencialidades do ser negro-a no Brasil. Assim, seguimos “enfrentando as zonas de conflito em franca desobediência à ideologia do silêncio [...] sem a intenção de agradar a expectativa estabelecida como padrão (CUTI, 2010, p. 62).

Júlio Emílio Braz (2022), em uma entrevista concedida a mim, disse detestar rótulos, segundo ele, “quem usa rótulos são latas e embalagens. Sou fundamentalmente um escritor que é negro. Não renego a minha cor, mas ela não define minhas opções literárias de forma absoluta.” (APÊNDICE A, 2022). Para ele, o ser negro atinge e influencia suas escolhas literárias, não no sentido de definir todo o seu projeto literário, mas por marcar a busca por “uma coloquialidade de escrita, ou explicando melhor, uma proximidade entre oralidade e escrita, a partir de um despojamento de estilística narrativa e interesse pelo diálogo.” (APÊNDICE A, 2022). Para nós, a literatura negro-brasileira, ou melhor, as literaturas negro-brasileiras não são rótulos, mas sim a indicação política de um lugar e uma experiência. É aquilo a que seu projeto estético se diz ser. As identidades negras são múltiplas e definir uma única forma de dizer é reafirmar as amarras coloniais que ainda insistem em homogeneizar os corpos negros.

Isso me mostra por que escolhemos nomear essa experimentação como contracoloniaalista. O termo contracoloniaalista foi cunhado por Antônio Bispo e refere-se a um movimento de resistência à colonização e ressignificação da matriz cultural de povos tradicionais e suas práticas. A colonização busca a substituição de uma cultura por outra, a partir de práticas de etnocídio, invasão e expropriação (LUCAS TIMOTEO OLIVEIRA; IAGO PORFÍRIO, 2021). Nêgo Bispo, como é conhecido, é quilombola e “formou-se pelos ensinamentos de mestras e mestres de ofício do quilombo Saco-Curtume, município de São João do Piauí; completou o ensino fundamental, tornando-se o primeiro de sua família a ter acesso à alfabetização (LUCAS TIMOTEO OLIVEIRA; IAGO PORFÍRIO,

2021). De acordo com ele, o movimento contracolonial é uma forma de nomear “as nossas trajetórias” de quilombolas e povos indígenas. Diz respeito a uma prática, um modo de vida e uma experiência (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2023).

Sobre o processo de colonização, Nêgo Bispo diz que, ao chegarem no Brasil, os colonizadores encontraram povos que se autodenominavam de forma diversa, mas, de maneira generalista, os chamou apenas de “índios”. De acordo com ele, esta forma de nominar é uma técnica bastante usada por adestradores, já que o primeiro ato a se fazer no processo de adestramento é mudar o nome dos sujeitos. O que significa que essa ação dos colonizadores em homogeneizar os povos tradicionais, impondo-os uma denominação generalista, tinha o objetivo de desumanizá-los e fraturar suas identidades (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2015, p. 27).

Já com os povos trazidos de África, nas várias versões que ele aprendeu na escola, uma delas dizia que como os índios se rebelaram contra os portugueses e não queriam trabalhar, trouxeram os africanos por serem mais “dóceis” e, conseqüentemente, mais fáceis de serem “domesticados”. Porém, tanto os povos pindorâmicos quanto os africanos se rebelaram contra o trabalho escravo, da mesma forma que também são autodenominados de formas diversas, o uso da palavra “negro” remete a mesma técnica utilizada pelos colonizadores como forma de domesticação (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2015, p. 28).

Assim, como uma forma contracolonial de contestar a forma generalizada dos colonizadores, Bispo se refere aos ditos “índios” como povos pindorâmicos e ao “negros” como afro-pindorâmicos. Pindorama é uma palavra em tupi-guarani que significa “terra das palmeiras” e era a forma utilizada pelos indígenas para designar as regiões do que hoje é a América do Sul. Nêgo Bispo, por isso, utilizou a denominação “afro-pindorâmica” para referir-se às Américas, como uma maneira de descolonizar a linguagem e o pensamento.

Em relação aos nomes, graças à luta do movimento negro, em suas esferas políticas, culturais, sociais e também acadêmica, o termo “negro-a” tem ganhado sentidos de valorização e potencialização dos *sujeitos-as* negros-as. Portanto, nesta

experimentação, como já mencionado anteriormente, utilizamos o termo negro-brasileiro para nos referir às pessoas negras nascidas no Brasil e nos entrelaçaremos aos sentidos potencializadores que, nos novos tempos, tem sido produzido.

Nêgo Bispo (2023) destaca que o processo de nomeação, o mesmo percebido em sua vivência como adestrador de bois, é uma forma de apagamento da memória para que outra possa ocupar o lugar (BISPO, 2023, p. 12). De acordo com ele, para enfrentar a sociedade colonialista, é necessário transformar a arte de dominar em arte de defesa, a partir do ato da denominação. Segundo ele, a *guerra de denominações* é uma prática que consiste em denominar modos e falas que contrariam o colonialismo: Vamos pegar as palavras do inimigo que estão potentes e vamos enfraquecê-las. E vamos pegar as nossas palavras, que estão enfraquecidas, e vamos potencializá-las (BISPO, 2023, p. 13). Na sociedade colonialista existem as pessoas que constroem ou produzem: os trabalhadores, os que consomem: os patrões, e os que comentam: os intelectuais, e isso precisa acabar. Todos precisam consumir, produzir e comentar. Deste modo, o ato de denominar o outro é uma marcação, já a autodenominação é um nome. Ele exemplifica na questão de se autodenominar quilombola, por outro lado, o permacultor é uma marca, pois as marcas tem o objetivo de vender, são “teorias mercadológicas sem trajetória histórica e sem sustentabilidade (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2020).

Nós somos os diversos, os cosmológicos, os naturais, os orgânicos. Não somos humanistas, os humanistas são as pessoas que transformam a natureza em dinheiro, em carro do ano. Todos somos cosmos, menos os humanos. Eu não sou humano, sou quilombola. Sou lavrador, pescador, sou um ente do cosmos. Os humanos são os eurocristãos monoteístas. Eles têm medo do cosmos. (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 29)

Nêgo Bispo, em sua percepção sobre humanidade, parte de outra compreensão epistemológica, distinta daquilo que é instituído como “humano”, de acordo com a cultura ocidental. Ele recusa esta forma de nomeação, pois possui outra compreensão de humanidade. Para tanto, se utiliza de outras palavras para se nomear. A compreensão contracolonialista é, portanto, uma maneira distinta de se inserir no mundo e de compreendê-lo.

Dialogando com outros-as intelectuais, de outras bases culturais, Davi Kopenawa Yanomami (2022) – xamã e líder político do povo yanomami, que vivem na Amazônia, em uma região próxima à fronteira da Venezuela, entende:

O país, a terra, a floresta, isto tudo, é chamado de pátria por vocês brancos. Para nós é a grande mãe terra, que surgiu por primeiro, a qual nos abriga. A todos nós! Sem distinção! O mundo inteiro, esta grande terra nos acolhe e nos abraça. É assim, que para os olhos dos Yanomami, na visão dos xamãs, se apresentam tais coisas.

“Quem foi o responsável pelo nosso surgimento?” Quando temos tais pensamentos, ouvimos as vozes dos mais velhos para aprender essas suas palavras. A grande Terra-floresta nos permite viver, nos mantém vivos, nos alimenta, aplaca nossa sede, permite que nós tenhamos nossos filhos e assim o fazemos. E, para os nossos olhos, assim se parece a hutukara, como uma floresta viva e saudável. As palavras que você acrescentou, nós nascemos nesta terra e aqui nos multiplicamos. Não viemos para cá de outras terras e fixamos morada aqui, cruzando a imensidão do oceano até chegar neste lugar. Não somos estrangeiros. Somos os verdadeiros filhos desta terra. Omama nos recolheu e em seguida colocou-nos sobre toda esta terra. É por isso que eu não acredito no que vocês dizem: “Os Yanomami, povo indígena do Brasil, não são originários deste país”, não pensem desta forma. Não somos oriundos de outros-as lugares nesta grande terra-floresta, que surgiu a muito tempo atrás, onde nossos primeiros também surgiram, aqui permanecemos nós. (DAVI KOPENAWA, YOUTUBE, 2022)¹⁹

Kopenawa fala na língua yanomami em palestras como uma reivindicação de sua identidade e de seu lugar no mundo, e, com a sua fala, a partir de sua língua, demarca um lugar político de existência. Assim como Nêgo Bispo, se desarticula da lógica de consumo ao se autoneamar como quilombola e não como “humano”, Kopenawa parte da cosmopercepção Yanomami para diferenciar a “mãe terra” daquilo que os brancos dizem ser a “pátria”.

Por outro lado, Em *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, organizado por Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel (2018) é reivindicado pelos autores um sentido amplo para a definição de decolonialidade, que inclua, sobretudo, a produção negro-brasileira, e ressalta os riscos em torno do movimento decolonial se restringir apenas à academia, inviabilizando, as contribuições

¹⁹ Falado na língua Yanomami e traduzido para o português pela equipe do Museu da Língua Portuguesa.

negras e as lutas de resistência política das populações negro-brasileiras, africanas e indígenas (2018, p. 10). Segundo esses autores, o projeto acadêmico-político da decolonialidade sistematiza e elucida historicamente estratégias de transformação da realidade impregnada da colonialidade, que se faz presente nas lógicas de poder, do ser e do saber (2018, p. 10).

Compreendemos todas as contribuições do movimento decolonial, sobretudo, no questionamento da lógica eurocêntrica em torno da produção do conhecimento. Apesar da geopolítica e corpo-política, noções sistematizadas pelos teóricos da decolonialidade no início dos anos 2000²⁰, serem evidenciadas e sinalizadas por eles em obras de intelectuais negros, discordamos que foi mérito do grupo modernidade/colonialidade a sistematização e “apresentação com clareza” de discussões que, segundo eles, estavam “dispersas” em alguns-mas autores-as da tradição do movimento negro (JOAZE BERNARDINO-COSTA; NELSON MALDONADO-TORRES; RAMÓN GROSGOQUEL, 2018, p. 11).

“Teoria que se pretende hegemônica, é uma ação colonialista” (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2020) e os autores que defendem a decolonialidade ao se colocarem no lugar de quem possibilitou “clareza” para os-as autores-as negros-as, sobretudo pela escolha de tal palavra, acabam por reforçar o silenciamento e exclusão que eles dizem combater. A produção de conhecimento negro-brasileira só ganhou relevância a partir da “sistematização e clareza” que os intelectuais decoloniais possibilitaram? Antes disso os intelectuais negros-as não produziam conhecimento? De acordo com Nêgo Bispo (2020), “O convencionismo, como a decolonialidade, como a descolonialidade, como o bem viver, são teorias que facilmente se transformam em mercadoria.” Por outro lado, o contracolonial é uma prática, um modo de viver, não é possível ser ensinado em um

²⁰ No livro *Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*, os autores da decolonialidade sinalizam as obras em que o conceito de geopolítica e corpo-política do conhecimento como crítica ao eurocentrismo estão sistematizados: 1) *Indisciplinar las ciencias sociales: geopolíticas del conocimiento y colonialidad del poder: perspectivas desde lo andino*, de Catherine Walsh, Freya Schiwy e Santiago Castro-Gomez, publicado em 2002; 2) *Theorizing from the Borders: Shifting to Geo/Body-Politics of Knowledge*, de Walter D. Mignolo e Madina V. Tlostanova, publicado em 2006; 3) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*, de Santiago Castro-Gomez e Ramón Grosfoguel, (2007; p. 4 citados por WALTER MIGNOLO; ARTURO ESCOBAR, 2010).

curso, pois fala de uma experiência de vida, um modo de ser, uma ação. Por outro lado, a decolonialidade tem boa aceitação acadêmica, porque dialoga com um ideal de intelectualidade, uso de conceitos e “cientificismo” que está dentro dos moldes daquilo que a academia espera. Por isso, a decolonialidade não parece dialogar com o que estamos propondo nesta experimentação.

De início, nomeamos o que acreditávamos ser este trabalho como uma “análise descolonizada”, tendo como base a proposta de descolonização do conhecimento de Grada Kilomba (2019). Entretanto, ainda que Kilomba fale sobre o corpo, muitas das discussões estão centralizadas no ambiente acadêmico, com o passar do tempo, no aprofundar das leituras e o redimensionamento de minhas próprias experiências, percebi que este trabalho tinha extrapolado os sentidos do que se pretende uma dissertação, justamente porque tinha exorbitado sentidos do que se pretende a academia e os moldes de conhecimento a que se propõe. Portanto, a proposição de operadores teóricos-metodológicos descolonizados não conseguia alcançar toda a densidade do que se pretende a experiência, para isso, o que era pensado e chamado de dissertação se transformou em experimentação; e o que era chamado de descolonizado se transformou em contracolonização.

Outra reflexão importante para compor esta tecitura, é sobre a vida, obra e experiências do autor Júlio Emílio Braz e como isso se desdobra em **pesquevivência**, que comporão o diálogo do próximo fio deste tecido.

Um contador de histórias chamado Júlio Emílio Braz: vida e obra na construção ficcional de uma oralidade cotidiana

E o que você tem muito é como essa história está sendo escrita pelo branco, eternamente pelo branco. Sempre pelo branco. Quem de nós negros escreveu? [...] Você também, nós também o próprio historiador, mesmo com a melhor das intenções, o branco ele tem a dificuldade da própria autocensura ao escrever. [...] A história não aceita o novo (BEATRIZ NASCIMENTO, 2022, p. 160).

Anjos no Aquário, de Júlio Emílio Braz, chegou a mim no auge dos meus 12 anos. A narrativa se desenrolava em forma de diário e contava a história de Tina, uma menina que engravidara na adolescência. O livro continha fragmentos de letras de música da banda Legião Urbana, um poema de Edgar Allan Poe e, além de ter introduzido em minha vida excelentes referências artísticas, que permanecem até hoje, me despertou uma vontade imensa de escrever. Naquele mesmo ano, iniciei a escrita de um livro que nunca publiquei chamado *Momentos*, com capa e ilustrações feitas por mim em um caderno de capa dura. Ele trazia, também, através do gênero diário, como o livro de Júlio, algumas histórias minhas ficcionalizadas. Ali, em 2006, estava o prenúncio de um dos caminhos que formam as encruzilhadas dessa pesqurevivência.

À época do projeto que aqui mencionei, realizado em uma escola pública da Paraíba, entrei em contato com o autor Júlio Emílio Braz, pelo *Instagram*, que prontamente me respondeu e trocamos algumas ideias muito significativas. Encontrá-lo, sobretudo naquele momento, fez com que eu resgatasse a menina Mariana, que na literatura encontrou refúgio para a incompreensão social, o *bullying* e o racismo, e ainda que não soubesse nomear, naqueles momentos, todos esses processos, sentia-se afetada profundamente por tudo aquilo. E foi a partir da literatura que eu poderia ser quem eu quisesse, e mais do que isso, poderia ser eu mesma.

Quando o procurei, me surpreendeu o fato de que, na era das redes sociais, Seu Júlio – como costume chamá-lo – apesar de ter mais de cento e oitenta livros publicados, tinha pouco mais de três mil seguidores no *Instagram*. Outro ponto que me chamou atenção foi a dificuldade de encontrar trabalhos referentes a sua obra no banco de teses

e dissertações da CAPES. Em uma pesquisa realizada no *Google Acadêmico*, só foram encontrados artigos publicados a partir do ano 2012.

Figura 6 – Júlio Emílio Braz no Programa do Jô



Fonte: Globo Play (2012).

Em termos de visibilidade, seu Júlio vem dando entrevistas a diversos meios de comunicação. A chamada da entrevista ao *Programa do Jô*, em 17 de maio de 2012, disponível no *Globo Play* é: “Júlio Emílio Braz morou em palafitas, favelas e até numa loja”, enquanto dos outros-as entrevistados-as (brancos-as) a chamada fala diretamente de suas profissões e seus feitos.

Nota-se quanto o epistemicídio é um processo que ainda vigora na obliteração da produção negro-a-brasileira, como pode ser percebido no caso do autor Júlio Emílio Braz. Para Sueli Carneiro (2005):

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque

não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. (SUELI CARNEIRO, 2005, p. 97).

O epistemicídio, configura-se, portanto, como projeto político-ideológico de apagamento e destruição, tanto do-a negro-a enquanto sujeito de conhecimento, quanto a sua produção. E segue se articulando como uma potente tecnologia do poder provocando o apagamento, silenciamento e estereotipação do-a negro-a. Por isso, esta experimentação, pautado nas proposições do duplo movimento do “tornar-se *sujeito-a*”, tanto se opor ao processo de epistemicídio no qual o autor Júlio Emílio Braz está envolto, quanto contribuir para dar visibilidade e trazer reconhecimento sobre a sua obra.

O que dizer sobre Júlio Emílio Braz, ou “O Ogro do Engenho Novo”, como é conhecido pelos mais próximos, para além das biografias repetitivas? Um fato curioso que percebemos em nossas pesquisas sobre suas obras, é como as biografias ao final de seus livros são interessantes por trazerem alguma novidade que ainda não tinha sido dita, ou estava sendo dita de uma maneira diferente. Em uma das obras ele diz: “O que posso dizer que não disse anteriormente? Uma biografia vai ficar parecendo com outras tantas?” (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2001, p. 112). Neste processo, percebemos que Júlio Emílio Braz realiza a *escrevivência*, não apenas na construção ficcional, mas também para compor suas biografias e trazer os personagens de sua vida para participarem de seu texto, afinal, a biografia também compõe o livro, em toda a sua materialidade.

O autor nasceu na progressista cidade de Manhumirim, às sete da manhã de uma quinta-feira ensolarada, do dia 16 de abril de 1959, por isso o gosto em acordar cedo e aproveitar a vida, que de acordo com ele, é boa demais (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1997, p. 95). Considera-se uma pessoa que se dá ao luxo de nascer e renascer muitas vezes: “gente mais talentosa do que eu, já disse que um autor renasce a cada uma de suas obras. Faz parte dessa aventura literária” (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1993, p. 64), talvez, esteja aí uma explicação para as diferentes formas de contar histórias, tanto a sua, quanto as que traz em suas obras.

A mudança para o Rio de Janeiro aconteceu quando tinha 5 anos de idade e como movimento do seu constante nascimento e renascimento, nasceu ali para sua, até hoje,

carioquice. Segundo ele, “ser carioca é um caso de afinidade, e não de pura e simples naturalidade.”(JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1997, p. 95). É filho de “Seu Sebastião, o famoso Lela do futebol de várzea da região, e de dona Geralda, mulher de pouca instrução, mas de rara inteligência e equilíbrio.”(JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2009, p. 82). É autodidata e aprendeu a ler sozinho aos 6 anos, com gibis, e a escrever a partir dos livros que sua tia, empregada doméstica, trazia da casa dos patrões (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1997, p. 95).

Aos treze anos iniciou como escritor profissional, aos 20, após o desemprego bater à sua porta, nasceu para a literatura, como escritor de roteiros para histórias em quadrinhos nas revistas de terror da Editora Vecchi, Rio de Janeiro. “Foi por acaso: eu acabara de perder meu emprego de gerente numa retífica e um amigo, que trabalhava na editora, insistiu para que eu procurasse o editor.” O tal editor chama-se Ota Barros, além de ter ensinado a escrever roteiros, lhe deu a primeira grande oportunidade. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 71) “Já fiz de tudo um pouco, nada difícil para alguém que foi jornalista, boy, vendedor, funcionário de supermercado e um monte de coisas” (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1997, p.95). Muitas de suas histórias em quadrinhos foram publicadas em Portugal, Bélgica, Holanda e Estados Unidos. Também produziu livros de bolso, do tipo *Western* com trinta e nove pseudônimos. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 87).

Em 1986, ganhou o Prêmio Angelo Agostini de melhor roteirista de quadrinhos e, em 1988, publicou, pela Atual Editora, o seu primeiro livro infanto-juvenil: *Saguairu*, que, no ano seguinte, lhe rendeu o prêmio Jabuti de autor revelação. Em 1990, escreveu roteiros para o programa *Os trapalhões*, da TV Globo, e algumas mini novelas para a TV do Paraguai. Em 1997, ganhou o *Austin Children Book Award*, na Áustria, pela versão alemã de seu livro *Crianças na Escuridão (Kinder im Dunkel)*; também ganhou, com o mesmo livro, o prêmio *Blue Cobra Award*, do *Swiss Institute for Children's Book*. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999. p. 72). Muitos de seus livros foram, também, traduzidos na Itália, México, França, Alemanha e Dinamarca. “Mas isso nem é o mais importante. Importante é saber que cada frase escrita, cada palavra aprisionada no branco papel pode servir para acrescentar, modificar, principalmente transformar vidas (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2009, p. 80).

Para seu Júlio, o escritor não é uma entidade ou uma criatura extra-humana, e advoga pela participação da sociedade em questões relacionadas ao mundo em que vivemos. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1993, p. 64). “Acredito piamente no poder transformador da leitura. Eu mesmo posso me considerar o maior exemplo disso: foram os livros que li na infância e adolescência que construíram o escritor que sou até hoje. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 72).

Em 2015, graduou-se em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e em 2018, o autor mineiro lançou *Histórias sem rosto*, pela plataforma *Kindle*. O título saiu de uma matéria do jornal *Estado de São Paulo*, sobre a invisibilidade do-a negro-a na sociedade brasileira. Este livro foi a sua primeira experiência de publicação digital, vinha estudando essa possibilidade há algum tempo e tinha algumas histórias que se encaixavam na proposta da matéria, além do título, que também já estava pronto. O processo de escolha de seus títulos vem antes mesmo da escrita do texto, é uma de suas características. Com a ajuda de seu filho, Igor, reuniu todas as histórias em um volume e lançou na plataforma.

Um de seus maiores desejos, desde que começou como autor de livros, é o de ter uma editora e controlar toda a produção do livro. Para ele, esse é o futuro da literatura e dos autores-as: a autoprodução, o controle de vendas e os direitos em múltiplas mídias. Essa proposta editorial iniciou em 2018 e chama-se *Edições do Ogro*, acompanhada por dois selos: Fiona, de primeiras edições pagas, e a Confraria do Dragão, dedicada a livros de ação e fantasia. Seu desejo, com iniciativas como as Edições do Ogro, é que controlando a produção, pode assegurar igualdade de condições para todos-as, em um mercado mais amplo e não segmentado, pensar a literatura sustentada pelo-a leitor-a nas redes sociais. De acordo com o autor²¹, o negro precisa, além de criar cultura, controlar a distribuição em prol de sua independência e protagonismo social. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2021).

²¹ Essas questões referentes à Edições do Ogro e sobre o livro *Histórias sem rosto*, foram um dos pontos trazidos em algumas conversas que tivemos ao longo do ano de 2021, via *Instagram* e *Whatsapp*, autorizadas, por ele, para estarem nesta dissertação.

Dando prosseguimento na discussão, gostaríamos de trazer para o-a leitor-a informações referentes à fortuna crítica das obras e, também, sobre outras obras de Júlio Emílio Braz que atravessam questões semelhantes às nossas. Como dito anteriormente, apesar de haver alguns artigos publicados sobre outras obras de seu Júlio, tivemos dificuldade de encontrar trabalhos publicados sobre as obras com as quais dialogamos.

A obra *Zumbi, o despertar da liberdade*, teve a sua primeira publicação em 1995, pela editora Memórias Futuras. Em uma participação ao dia da consciência negra, para o canal do *Youtube* EBC na rede, em 2012, Júlio Emílio Braz trouxe algumas proposições acerca do livro. De acordo com ele, a obra está longe de ser uma biografia de Zumbi, apesar do título fazer menção ao líder quilombola. A narrativa é centrada na figura de um menino, desses que a gente encontra na rua o tempo todo vendendo balas, e que também é apaixonado por livros. Como o seu dinheiro é destinado para ajudar nas despesas do lar, não sobra nada para comprar livros, mas quando sente saudade deles, vai até a vitrine de uma livraria e ao olhar os títulos e ilustrações das capas, fantasia sobre o que viria a ser o conteúdo deles.

Um dia, ao ganhar de um livreiro a biografia de Zumbi dos Palmares, a personagem começa a tomar consciência sobre si e a necessidade de buscar sua liberdade. Para Braz, a liberdade não é conquistada somente quando as correntes que aprisionam o corpo são rompidas, é necessário, também, romper os grilhões que submetem a mente.

A partir da vida de Zumbi, Celinho, a personagem principal, encontra uma direção para a própria vida. O escritor diz que apesar de não ser chegado a heróis, acredita no poder da representatividade e na necessidade em se ter um direcionamento. Seus grandes representantes desse “norte” foram os pais, professores e biografias de pessoas famosas, ele destaca a importância de se reconhecer em alguém, seja na televisão ou nos atletas. Sua trajetória foi marcada pela falta de representantes negros-as nos livros de história, apesar de grandes nomes da Literatura Brasileira, como Machado de Assis, serem pessoas negras. O pertencimento identitário e o descobrimento sobre o “ser negro” começa quando encontramos outras pessoas negras (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2010).

Já *Na cor da pele*, teve a sua primeira publicação no ano de 2000, pela editora José Olympio. Segundo o pesquisador Eduardo de Assis Duarte (2014), a obra *Na cor da Pele* tem foco nas questões raciais de um jovem negro que está vivenciando uma crise de identidade. A partir do uso de primeira pessoa, o adolescente retrata o processo de assumir-se como negro, sendo nascido de mãe branca e pai negro. Ao longo de suas reflexões, o garoto vai descobrindo sobre a introjeção do preconceito racial em sua mente, o que o traz vergonha e sofrimento. (2014, p. 17).

Na análise de quatro obras de Júlio Emílio Braz: *Pretinha, eu?* (Scipione, 1997) e *Felicidade não tem cor* (Moderna, 1994), *Lendas Negras* (FTD, 2001), *Sikulume e outros contos africanos* (Pallas, 2005), Eliane Debus (2013) observou que as questões sobre diversidade e multiplicidade cultural presentes nessas obras produzem no-a leitor-a reflexões sobre os diversos tipos de culturas existentes, de modo que favorece uma formação atravessada pela pluralidade cultural, que enaltece a singularidade de cada pessoa (ELIANE DEBUS, 2013, p. 3).

Para essa autora, tanto *Lendas Negras* (FTD, 2001), quanto *Sikulume e outros contos africanos* (Pallas, 2005) têm suas construções narrativas marcadas pela oralidade, em forma de lendas. Quando transporta para a escrita a oralidade, Braz transforma-se em griô “o contador de histórias da tradição oral africana, aquele que tem guardada na memória a memória da sua gente.” (ELIANE DEBUS, 2013, p. 4).

A observação de Eliane Debus sobre a presença da oralidade nas obras de Júlio Emílio Braz coincide com a maneira com que o próprio autor define o seu projeto estético de construção literária:

Não me preocupo com estilísticas, em me aferrar a um gênero específico ou em qualquer tipo de estética. Até gosto de dizer que sou um contador de histórias. Mesmo quando me valho de narrativas não-lineares, a sedução da palavra, o absoluto envolvimento do leitor-a com a narrativa, é basicamente o que persigo. Acredito até que a minha maneira de escrever aproxima-se muito de uma **oralidade imanente**, como se, ao valer-me da palavra escrita, na verdade eu esteja contando uma história a partir da palavra oralizada, resquício de uma infância vivida em íntima convivência com contadores de histórias que, por serem analfabetos, só

tinham a memória e a voz para contar suas histórias. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2021, **negrito nosso**).

Tal proposição nos faz refletir sobre o que classifica um-a autor-a negro-a enquanto produtor-a de literatura negro-brasileira? Se tomarmos como exemplo o próprio Braz, que traz em suas obras temáticas diversas, não apenas sobre o-a negro-a, significa que ele deixa de ser um autor de literatura negra por conta disso? Ou só é quando traz em sua obra questões referentes ao racismo? O que marca essa pretiniosidade? A oralidade imanente que caracteriza o projeto estético de Braz atravessa a sua obra, independente do tema, numa literatura que é lastreada pelo “ser negro”. Portanto, o-a autor-a negro-a, quando escreve, carrega toda essa multipotencialidade para o seu texto.

Para Amadou Hampaté Bâ (2010, p. 169) a tradição oral africana vai além de mitos, lendas e histórias, “e os griots estão longe de ser seus únicos guardiões e transmissores qualificados”. Esta tradição associa o material ao espiritual: É possível perceber traços desta tradição oral da qual propõe Hampaté Bâ (2010), nas obras de Júlio Emílio Braz, reatualizada aqui no Brasil a partir das diversas identidades negro-brasileiras existentes, como uma herança que remete à cultura africana. Esses traços de oralidade estão presentes, sobretudo, nas obras que dialogamos nesta experimentação.

Esta percepções relacionada à oralidade, em que diversos saberes são atravessados e interligados sem hierarquização, reivindica uma forma de enxergar o mundo que “pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostuada a separar tudo em categorias bem definidas” (AMADOU HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169). Esta mesma oralidade desconcertante é proposta por Braz, em *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999), ao trazer uma personagem negra que transborda a qualquer estereotipação: um menino negro vendedor de doces apaixonado por livros e com fome de conhecimento, torcendo o imaginário do-a leitor-a em relação às pessoas negras:

Não comi. Não era lá grande novidade. Volta e meia passava o dia inteiro sem comer. A novidade estava no fato de não sentir nem o menor vestígio de fome. Na verdade, existia fome, mas era uma outra, bem diferente, tão desesperadora e inquietante quanto aquela que machucava

o estômago. Sentia uma fome ainda maior de conhecimento diante daquela possibilidade de ter um livro. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 35).

Há uma torção de sentidos em relação à palavra fome: tanto em trazer à tona o fato de uma criança passar o dia inteiro sem comer, ao passo que transforma o conhecimento como uma necessidade similar à da fome. Reivindicando comida e conhecimento como um direito indispensável.

Já em *Na cor da pele* (2005), esse modo de contar história, que traz fatos do cotidiano, quebra estereótipos, envolve o-a leitor-a em sua narrativa, de modo que também questiona o *status quo* dominante, se faz presente na representação de uma personagem parda como o melhor aluno do colégio:

A lógica era bem simples: se o Colégio era o melhor, ser o melhor do Colégio era evidentemente ser o melhor aluno da cidade. Santa Megalomania, Batman! Claro que era gostoso ser invejado, cortejado e até paparicado [...] agradável era ser o melhor do Colégio. Tudo o mais era relativo ou de bem pouca importância. Até mesmo a cor da minha pele, pois de vez em quando eu mesmo me esquecia inteiramente dela. Estranho, né? [...] Pouco a pouco, ela foi se tornando uma cor sem importância, substituída por eufemismos mais confortáveis e aceitos sem maiores protestos, algo distante. Uma cor invisível. É, uma cor invisível. Minha própria mãe me confundia de vez em quando:

– Você não é negro, filho.

Tinha outra definição para mim:

– Moreninho, você é moreninho

[...]

– Moreninho claro. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 24)

Júlio Emílio Braz nos direciona para o que se passa nas reflexões do narrador personagem de *Na cor da pele* (2002), e trazer esse aspecto reflexivo para a narrativa desdobra a maneira como a personagem se expressa subjetivamente, o tirando do campo objetificador em que pessoas negras são colocadas. A representação desse cotidiano também evidencia a sua humanidade, demonstrando que a personagem tem anseios, medos e sonhos da mesma maneira que qualquer outro adolescente. Além

disso, Braz redimensiona mais um lugar social que pessoas pretas são colocadas, quando representa um menino pardo sendo o melhor aluno do colégio. Então, ao mesmo tempo que evidencia sua humanidade, também o coloca em um lugar de visibilidade e destaque. Por outro lado, Braz faz uma analogia desproporcional demonstrando que a notoriedade da personagem, ainda que fosse o melhor aluno, não era o suficiente para que a invisibilidade no qual estava inserido fosse anulada. De forma sutil, Braz denuncia o racismo ao apontar a “cor invisível” da personagem, que era negada por ele e pela sua mãe, como se, para ser o melhor, não pudesse ser negro.

Na análise sobre a obra *Pretinha, eu?*, de Júlio Emílio Braz (1997), Paulo Sérgio Pestana (2015), investiga atitudes “exuísticas”, a partir dos comportamentos interracializados das personagens negras Bel e Vânia, a partir dos estágios assimilacionista, nacionalista e catalista. A partir das proposições de Henry Louis Gates Jr. (1988), o pesquisador trabalha a metáfora de Exu na construção das duas personagens, bem como desconstrói a imagem diabólica do Exu Legbá fabricada pela visão eurocêntrica. Ele observou que ambas as personagens não possuem características estanques e transitam “ora entre *trickster* a *linguista divino* na perspectiva do Exu literário” (PAULO SÉRGIO PESTANA, 2015, p. 27).

A concepção de Exu Literário foi fundamentada nas ideias de Roger Bastide (2001), que desmistifica a versão diabólica construída pelo cristianismo em relação a Exu. Bastide argumenta que Exu era usado pelos negros escravizados como uma forma de defesa. A representação demoníaca de Exu, associada ao cristianismo, também se deve ao fato de que ele era frequentemente retratado segurando um falo de maneira desproporcional. Essa imagem foi reprimida pelos padres católicos, que consideravam que isso afetava os bons costumes e a moral, contribuindo para a associação errônea de Exu com o diabo (PAULO SÉRGIO PESTANA, 2015, p. 27). O autor conclui dizendo que:

Esses termos divinos de mediação focalizados nas ações irreverentes de Bel e de Vânia permitiram confirmar que são necessários na construção das identidades das personagens negras e revelaram que todos têm sempre dois ou mais Exus: submisso ou resistente, *trickster* ou *linguista divino*. (PESTANA, 2015. p. 29).

A análise a partir de Exu desconstrói os estereótipos em torno das identidades negras, bem como questionar representações homogêneas e diabólicas associadas às figuras de negros-as.

No trabalho *A temática afro-brasileira na literatura infantil e juvenil: os autores e suas vozes*, entrevista com Heloisa Pires Lima, Júlio Emílio Braz, Lia Zatz, e Rogério Andrade Barbosa, de Rogério Bernardo da Silva (2016), Braz falou sobre o seu processo de criação de obras literárias infantil e juvenis de temática afro-brasileira, a escolha do público e da temática. Como vimos, para o autor mineiro, essa não foi uma escolha consciente, mesmo sendo negro. Porém, tal busca deve-se ao fato de ser miscigenado e estar sempre entre os mundos “branco” e “negro”. A percepção sobre a sua *pretiniosidade* aconteceu de forma tardia e tais descobertas lhe trouxeram consequências, o que explica seus interesses: “em primeiro lugar, saber mais sobre minha etnia e, por outro, explicitar as minhas próprias dúvidas, reflexões e descobertas, bem como dificuldades e perplexidades.” (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2016, p. 58). O processo de escrita de Júlio Emílio Braz passa, como ele disse, por uma vasta pesquisa em livros, a influência de conversas com as mais variadas pessoas, revistas, jornais e pesquisas na internet. Seus livros iniciam a partir da constituição de um “esqueleto”:

Sinopse da história, definição física e psicológica dos personagens, nomes de locais, mapas, imagens iconográficas e em vídeo e, por fim, a escolha (quase sempre aleatória) da quantidade de capítulos bem como a definição do que vai acontecer de mais importante em cada um deles. Claro que muita coisa muda no processo de escrita, mas em linhas gerais eu preciso de um “mapa” para começar os meus livros. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2016, p. 60).

Portanto, a vasta obra produzida por Júlio Emílio Braz, que ainda possui uma pequena fortuna crítica, tendo em vista, como dito, os mais de cento e oitenta títulos, evidencia o quanto ainda há para ser dito dialogado sobre este autor plural e multifacetado. A nossa escolha pela obra se deu, justamente, por trazer experiências para além da temática negro-brasileira de obras que ainda não tinham sido tão trabalhadas, para somar na construção de sua fortuna crítica. Tanto *Na cor da pele*, quanto *Zumbi, o despertar da liberdade* destacam-se por trazer perspectivas diferentes

sobre as identidades e representações negras, ambas publicadas no final da década de 1990, que traziam questões que, ainda hoje, são debates importantes, e que ainda necessitam de elaboração.

Exuzilhística: um ato-palavra-corpo-ato no quebra-cabeça linguístico-imagético dos *valores negro-brasileiros*

Muitos garotos negros são bombardeados, desde cedo, com a mensagem de que habitam um universo todo-poderoso que não apenas não deseja que eles tenham sucesso, mas está disposto a garantir sua morte.

(bell hooks, *A gente é da hora*, 2022, p. 162).

A beleza do cotidiano negro, a beleza que anima a determinação de viver livre e que reside nela, a beleza que impulsiona os experimentos de uma vida contrária. Isso inclui o extraordinário e o mundano, a arte e o costume do dia a dia.

(Saidiya Hartman, *Vidas rebeldes, Belos Experimentos: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*, 2019, p. 53).

Figura 7 – Valores negro-brasileiros



Fonte: *Modos de fazer: caderno de atividades, saberes e fazeres* (2010).

Eu conheci a potência de Azoilda Loretto da Trindade por meio do trabalho de conclusão de curso, *Modos de existir: corpo e afetividade em O Canto dos escravizados*, de Paulina Chiziane, da pesquisadora e escritora Marília Pereira de Jesus (2021). Além disso, a partir da afetividade mobilizadora de Azoilda, que se faz presente de maneira exuberante na pesquisa de Marília, com quem tive e tenho a honra de compartilhar afetos, fui também direcionada a Paulina. Conforme Marília destaca em seu trabalho, existem afetos que nos potencializam e outros que nos colonizam; essas potencialidades constituem a força motriz de nossas experiências de pesquisa, sendo o elo, a condução e o movimento de nossos corpos nessa grandiosa dança que é a vida.

E como forma de tensionar e mobilizar os sentidos presentes nesta vida, impregnados, sobretudo, na maneira como o conhecimento é produzido, a potência dos *valores negro-brasileiros* está, justamente, em trazer a discussão que emerge do chão da sala de aula, repletas de afetividade e afetos, tal qual propõe Azoilda Loretto da

Trindade, de forma encruzilhada, também, à literatura. Percebam que o movimento que dá embalo para a dança aqui pesqurevivida não é um conhecimento literário estruturado academicamente que, como argumento de autoridade, é levado para a escola. Mas sim dinâmicas **exuzilhísticas** de *saberes orgânicos*, ou seja, tecnologias ancestrais contracoloniais.

Exu como o orixá da comunicação e senhor das encruzilhadas, é a epistemologia estruturante dos *valores negro-brasileiros*. Não é apenas a variação da forma dentro de um conteúdo estável, é ao mesmo tempo, dinamismo e estabilidade, como é percebido os *valores* Ancestralidade, Axé (Energia Vital) e Circularidade. Também são conjunto de traços em que se permite reconhecer o autor, como diz Antoine Compagnon (2001) entretanto, não em um sentido individualista a partir da lógica do Capital, é individual porque se inscreve em um coletivo, propõe diálogo e conexão, tal qual os valores Memória e Oralidade. Do mesmo modo que estão relacionados a um movimento de corpo, na lógica dos sentidos, além de comunicação com o que está dentro e o que está fora desse corpo (natureza), como a Corporeidade.

Exu é assim mesmo, ele faz o torto endireitar e o direito entortar. Exu não tem caminhos. Ele é o caminho. (*Eshuona*: Exu do caminho). O *Paradigma* Exu não é o das lógicas habituais, sua lógica é a da contingência [...] está em todos os lugares e por toda parte é singularidade. Exu é a dinâmica do universo africano. É estrutura por excelência. posto que está em tudo. É singularidade por definição, posto que é detalhe em cada coisa. Exu é a unidade na diferença e a diversidade na unidade (KIUSAM OLIVEIRA, 2021, p. 311)

Assim, a conexão, diálogo, movimento e comunicação propostos pelos *valores* são os princípios constitutivos de Exu e sua lógica considerada inusual. Ao passo que propõe a diversidade e para isso é preciso diálogo horizontal, é a unidade na diversidade. Para compreender a lógica paradoxal de Exu, é necessário se desfazer das binaridades e aprender a observar que ordem não há, apenas caos, com o qual lidamos, a nos organizar. Para além de simples conceitos, *os valores negro-brasileiros* dizem respeito à uma experiência integrada dos sentidos. Integram corpo, mente e espírito de forma fluída, sem cisões. Percebe-se que em uma sociedade submersa na colonialidade, a Educação

é parte fundamental na reconstrução dos *valores*, sobretudo no que diz respeito à lei 10.639/2003, alterada pela lei 11.645/2008, justamente porque altera a LDB, de forma a atender as demandas e reivindicações sócio-históricas (A COR DA CULTURA, 2010, p. 7). Neste contexto, em termos de Literatura, o texto literário não pode estar à serviço de um utilitarismo, pois o fato de inserir-se no processo educacional não significa que se destina a uma “formação” ou “conformação” (ROSEMERI DARC CARDOSO, 2017, p. 27), mas em um sentido *exuzilhístico*, enunciar caminhos e reflexões, a encruzilhada é muito mais um jogo de perguntas do que a imposição de respostas.

Desta maneira, ao refletir sobre a perspectiva dos *valores*, no âmbito da educação infantil, Azoílda (2010), é convocada a direcionar-se a pensar em um fazer outro, quando escuta dos-as colegas de trabalho, se referindo às crianças negras: “*eles não têm valores, hábitos e atitudes*” (2010, p. 11):

Fazendo ligação entre ouvido, sentido, visto e vivido, entre “eles não tem valores”, a potência de vida de um povo marcado pelo racismo, e a frase da criança, “o amor sempre vence no final”, resolvemos revolver memórias, refazer leituras e “ouviduras” de palavras, de histórias, de sons e de silêncios, juntar fragmentos e nos reencontrar com as palavras polissêmicas e polifônicas: valores, talvez, fundamentos morais, éticos e comportamentais que nos são significativos e importantes. (AZOÍLDA LORETTO TRINDADE, 2010, p. 13).

Tais valores mencionados e convocados a este fazer, na perspectiva da *exuzilhística*, são caminhos de construção de sentidos que transbordam a teoria, em termos “manualescos”, tem a implicação do “visto, sentido, ouvido e vivido”. Uma teoria que pressupõe uma prática e uma experiência. Em termos de “fundamentos morais e éticos”, partindo do sistema nagô, ressignificado nas práticas negro-brasileiras, não em um sentido de demarcação fenotípica que homogeneíze e se coloque como uma “filosofia negra”, mas sim reconhecer-se na diversidade que lhes constitui (MUNIZ SODRÉ, 2017, p. 17):

O pensamento nagô – um construto teórico que se estende a outras formações étnicas presentes na diáspora *escravizada* no Brasil – mantém a particularidade de ter aqui reinterpretado um milenar patrimônio simbólico africano, dando lugar a instituições e formas de agir originais

[...] formulamos aqui a hipótese de uma filosofia que começa na cozinha da casa em vez de nos desvãos celestes da metafísica [...] tem-se uma lógica propriamente corporal, com outro sistema de pensamento consequente. (MUNIZ SODRÉ, 2017, p. 21).

Tal qual aponta o excerto, a dinâmica **exuzilhística** aponta para a construção de caminhos em *confluência*, encontros e diálogos nas produções afro-diaspóricas, pensando nas potências de criação artística que estão no cotidiano e relacionam-se com a literatura infantil e juvenil a recepção dessas obras, a crítica, o ensino e o cotidiano da vida, como veremos adiante.

Axé/Energia Vital e *Literavida*: Movimento e reconstrução da realidade

Voltar à África, para mim, é abraçar a pretitude, em todas as suas diversas manifestações, retirando-a do espaço patológico que lhe foi reservado pelas culturas dominantes do esclarecimento e do eurocentrismo. Voltar à África é abraçar as diferenças como iguais e igualmente constitutivas de nossas humanidades, em vez de escolher um modelo de ser como a imagem que deve ser imposta a todos os homens. Voltar à África, mais do que uma volta literal a um continente chamado África, é uma metáfora de ser negro no mundo moderno.

(Manthia Diawara, *Em busca da África: Pretitude e modernidade*, 2022).

Os Iorubás acreditam na existência de dois tipos de poder que ligam-se intimamente: o *agbara*, o poder físico; e o axé, o poder espiritual, a capacidade de realizar (NEI LOPES; LUIZ ANTONIO SIMAS, 2020, p. 66). Por meio do *agbara* e do axé, a cultura Iorubá tem a ritualização da ancestralidade como base, “na modelação de condutas estabelecidas pelo conjunto de mitos e na transmissão dinâmica de matrizes simbólicas (NEI LOPES; LUIZ ANTONIO SIMAS, 2020, p. 66). Nesta perspectiva, a tradição não é compreendida de forma imutável, mas como um impulso inaugural de continuidade deste grupo. A cosmovisão Iorubana foi trazida pelos negros durante o período de escravização e, apesar de toda tentativa de apagamento, seguem vivas, de forma múltipla, nas diversas apresentações culturais, como modos nas experiências dos sujeitos afro-diaspóricos.

O conceito de diáspora está relacionado à experiência dos descendentes de africanos fora da África, de forma globalizada. Por isso, quando nos referimos à diáspora, buscamos nos aproximar das experiências que esses sujeitos desenvolveram de acordo com os lugares nos quais foram alocados (JÚLIO TAVARES, CANAL FUTURA, 2015). Destas experiências, há várias semelhanças em termos religiosos, estéticos e corporais, seja no modo de andar e de se vestir que foram preservados e desenvolvidos por todos-as esses-as descendentes espalhados por diversos territórios do planeta. Em relação à ideia de diáspora, quando nos referimos a ela, buscamos a experiência de uma visão que entrelace as diferenças desses territórios também diferenciados, mas, de modo a preservar suas características em comum. Isso se dá pela tentativa de trazer para a

experiência de onde esses-as africanos-as foram alocados o que é de mais importante que existia no seu cotidiano em África: o mundo simbólico, a experiência religiosa, estética, as danças, o batuque, que se revelam com estruturas bem semelhantes no Brasil, Cuba, Estados Unidos e no Caribe. Tais características preservam essas estruturas. (JÚLIO TAVARES, 2015).

Nesta perspectiva, o Axé/Energia Vital, como uma dessas tecnologias ancestrais trazidas pelos-as negros-as de África, é compreendida como um princípio presente na vida, em tudo o que se move. Planta, água, pedra, gente, bicho, ar, tempo, tudo é sagrado e está em interação (AZOILDA TRINDADE, 2005, p. 33). O Axé, enquanto proposta **exuzilhística** de diálogo com as obras literárias, nos direciona a pensar na energia dos afetos que nos mobilizam e potencializam a vida. Na narrativa de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999) estes valores, como tecnologias de poder ancestral, são a base e a engrenagem do tornar-se sujeito da personagem Celinho. E o ato de “tornar-se” vem por meio de movimentos contracoloniais de enfraquecimento da *plantation*, a partir da *Literavida*²², pois tais obras carregam experiências que dialogam diretamente com o que transcende a letra morta do texto, é uma energia presente no corpo, transposta para a literatura através da ficcionalização.

Para compreender como funciona esse enfraquecimento da *plantation*, é necessário retomarmos Achille Mbembe (2018), quando refere-se ao processo de escravização, considerado uma das primeiras manifestações da experimentação biopolítica (p.27). A *plantation* foi um sistema econômico caracterizado por monocultura voltada para a exportação, latifúndios e mão de obra escravizada. A condição de escravizado, de acordo com Mbembe, é resultado de uma tripla perda: perda de um lar, perda dos direitos sobre o seu corpo e perda do estatuto político. O resultado dessa tripla perda é a dominação absoluta, “uma alienação de nascença e uma morte social (que é

²² O escritor Marcelo Mário de Melo (2022), em seu livro de prosa poética, *Literavida Histórias e Casos*, traz relatos de caso, questões de sua infância, fatos políticos e humor, sobretudo do tempo em que foi preso político. A *Literavida*, nesta experimentação, é trabalhada a partir da confluência do Axé/Energia Vital, numa perspectiva de vivência e Ancestralidade negra, questões fundamentais utilizadas para a compreensão e diálogo com as obras. Aqui a *Literavida* é uma palavra germinante que nasce da exuzilhística.

expulsão fora da humanidade”. Na plantation, o-a *sujeito-a* escravizado-a pertence ao senhor (ACHILLE MBEMBE, 2018, p. 27).

Se tomarmos como modelo a maneira como a trajetória de Celinho, personagem central de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999), e a ambientação do local no qual ele vive, remonta algo que, nos amparando teoricamente em Saidiya Hartman (2019, p.24), podemos chamar de *plantation* urbana. Saidiya faz a descrição da terrível beleza do gueto, a partir de seu método, que transmite a experiência sensorial da cidade e a beleza da vida social negra, não de modo a romantizar as violências, mas a proposição de uma contranarrativa livre de classificações e julgamentos (SAIDIYA HARTMAN, 2019, p. 11,12). Neste contexto, Saidiya descreve o que chama de “plantation estendida para a cidade” (SAIDIYA HARTMAN, 2019, p. 24, 30):

O distrito, a quebrada, o gueto – é um ambiente urbano comum onde os pobres se reúnem, improvisam formas de vida, experimentam a liberdade e recusam a existência subalterna predefinida para eles [...] no gueto, tudo está em falta, exceto a sensação. A experiência é *abundante* [...] ela sai para as ruas, como se em busca da cidade real, não dessa pobre imitação [...] cada nova privação levanta dúvidas a respeito de quando chegará a liberdade: levanta dúvidas se a pergunta martelando em sua cabeça – Eu posso viver? – Um dia poderá ser respondida da maneira certa ou apenas repetida na expectativa de algo melhor do que suportar a dor, a esperança, a beleza e a promessa.

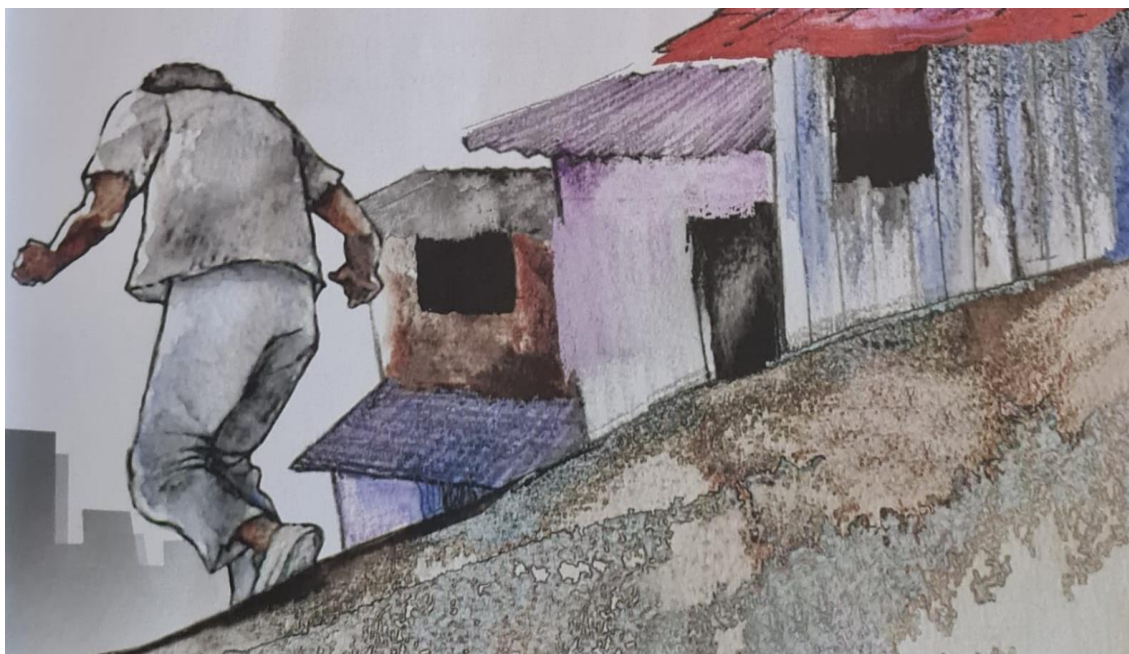
Figura 8 – Casas pertencentes à Octavia Hill Association, c. 1897 – 1906, Special Collection Research Center, Temple University Libraries, Filadélfia, Pensilvânia



Fonte: Saidiya Hartman, *Vidas Rebeldes, Belos experimentos: histórias de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais*, 2019, p. 25.

Essa reelaboração “contemporânea” da *plantation*, descrita por Saidiya, que, a partir desta experimentação, é a reatualização do que Mbembe ressalta como tripla perda. Por outro lado, tendo em vista que a cidade é arquitetada para a exclusão de quem não “deve” pertencer, a força dos saberes orgânicos, movimentos contracoloniais de vida, se articulam para a resistência a essas violências. Neste sentido, a *Literavida* de Júlio Emílio Braz, conduz o-a leitor-a para a liberdade reconstruída a partir dos cacos e o movimento de representar crianças e jovens negros-as como pensadores-as radicais que imaginaram incansavelmente outras maneiras de viver e “nunca deixaram de considerar como o mundo poderia ser de outra forma (SAIDIYA HARTMAN, 2019, p. 13). Assim, o Axé/Energia Vital, como um elemento de composição da *Literavida*, é uma estrutura contracolonial de enfraquecimento dessa *plantation*, de modo a reconstituir o corpo, o lar e o estatuto político desses *sujeitos-as*, por meio da recriação dessa realidade.

Figura 9 – Celinho, capítulo: “Voltar para a Casa” (1999, p. 27)²³



Fonte: Imagem escaneada por mim do livro.

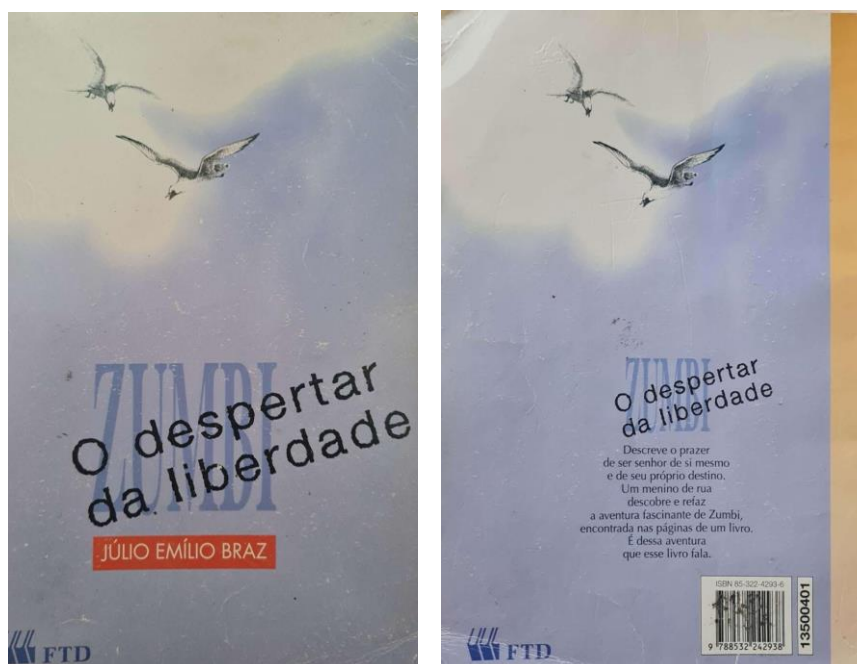
Os livros não batiam nele, nem o exploravam. Mesmo parecendo impossível, e por isso mesmo frustrante, vencer a barreira magnífica de suas belas capas, havia algum prazer e bastante alívio naquela prolongada contemplação. Não pensava em Falasca, esquecia a mãe, ignorava a pobreza do barraco do morro, desconhecia o sofrimento dele e dos irmãos e a violência do pai que, por tudo e qualquer coisa, batia nele, nos irmãos e na mãe. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 19-20).

Fazendo um paralelo com o estilo contranarrativo de Saidiya, que reconhece a beleza do cotidiano negro, aquela que impulsiona os experimentos de uma vida contrária, uma maneira de criar possibilidade no espaço de encarceramento, uma arte de subsistência, transfigurar aquilo que é dado (SAIDIYA HARTMAN, 2019, p. 53). Para Celinho, essa reimaginação e reelaboração da *plantation* urbana é feita por meio dos livros. Mesmo do outro lado da vitrina da livraria e não tendo contato direto com os livros, apenas no ato de imaginar o que estaria por trás daquelas capas, já era o suficiente para

²³ Optamos por não utilizar um referencial teórico específico sobre imagens, permitindo assim evidenciar nossas próprias apreensões em um diálogo múltiplo com referenciais teóricos diversos.

que ele fosse transportado para um lugar em que não havia sofrimento e tristeza. Na imagem, ilustração da favela que vive Celinho e sua família, é possível perceber algumas semelhanças com a fotografia do gueto, do livro de Saidiya Hartman. Não são representações do que é instituído como bonito, a beleza está justamente nas pessoas que ocupam esses espaços e constroem outras maneiras de reiventá-los. Para Celinho a beleza estava na capacidade inventiva de imaginar outros mundos que se enunciavam por trás das capas daqueles livros. “O desejo de criar uma vida do nada, apenas eles poderiam discernir a bela trama contra a plantation que empreendia dia a dia” (SAIDIYA HARTMAN, 2019, p. 54). A imaginação era o recurso do menino para lidar com a *plantation* e a possibilidade de reelaborar a sua existência.

Figura 10 – Capa e Contracapa *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999)



Fonte: Escaneadas por mim (2023).

Ainda sobre a reelaboração da existência, na relação entre imagem e palavra presentes na capa, contracapa e índice, percebemos que o substantivo próprio “Zumbi”, em azul tal qual o céu, paira como se estivesse suspenso no tempo. Faz referência ao líder do quilombo dos Palmares, uma das personagens centrais da obra, apresentada

por Celinho a partir de um livro. Em nossa leitura, esta suspensão do tempo ligada ao nome de Zumbi, está relacionada a forma como o tempo acontece na narrativa, o qual permite a coexistência entre Zumbi, Celinho e Antônio, como se fossem atravessados de tal forma a ponto de se (con)fundirem. Sobre essa relação entre as personagens, que se realiza por uma noção de tempo, como disse Leda Maria Martins:

No corpo o tempo bailarina. E em seus movimentos funda o ser no tempo, inscrevendo-o como temporalidade [...] Antes de uma cronologia, o tempo é uma ontologia, uma paisagem habitada pelas infâncias do corpo, uma andança anterior à progressão, um modo de predispor os seres no cosmos. O tempo inaugura os seres no próprio tempo e os inscreve em suas rítmicas cinesias. (LEDA MARIA MARTINS, 2021, p.21)

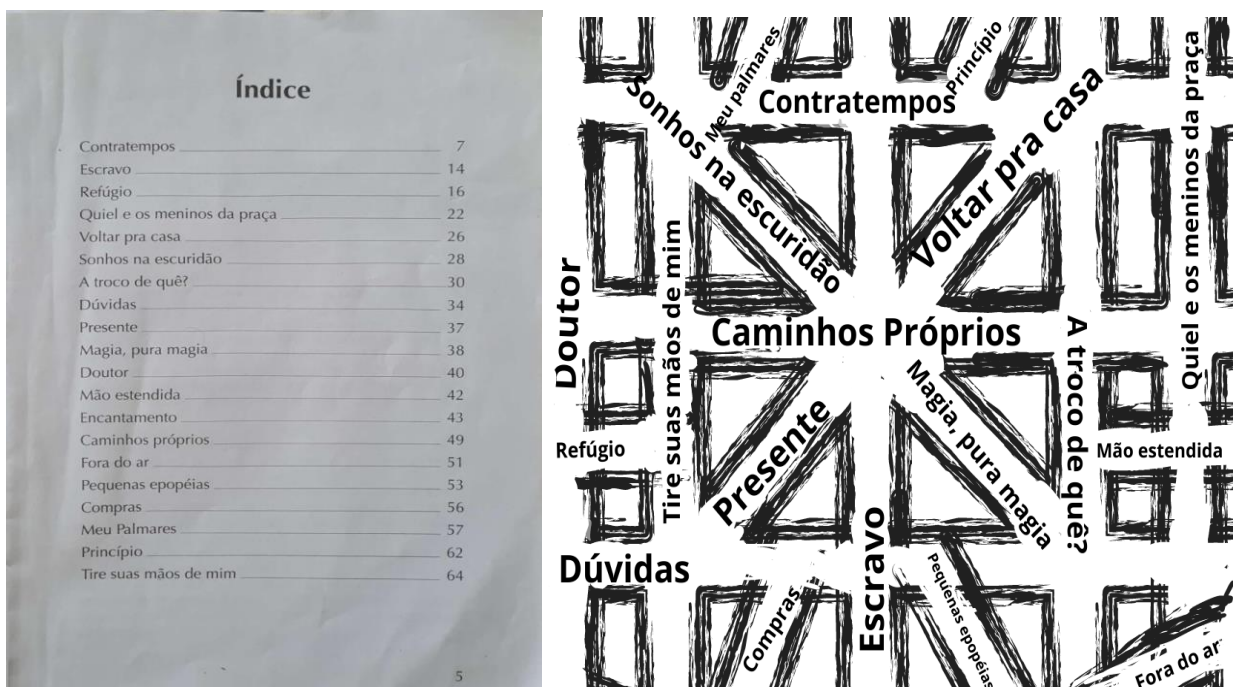
Na perspectiva iorubá, o tempo não é compreendido linearmente em termos de presente, passado e futuro, mas em termos de continuidade. Na capa, Zumbi é representado pela palavra, como se o seu significante-corpo, no tempo e preenchido pelo tempo, expressasse a mesma luta pela liberdade experienciada por Zumbi, Celinho e Antônio. “O despertar” que o impulsiona para “a liberdade”, refere-se a um despertar específico, o uso do determinante “o” evidencia essa especificidade. Como se essa liberdade estivesse dentro de Celinho, assim como em Zumbi, uma energia que já faz parte de quem ele é. Esta característica de inerência é evidenciada pelo uso do verbo despertar que de acordo com o dicionário Michaelis (2015) significa:

1-Tirar do sono; acordar. 2- Sair do sono; acordar. 3- Readquirir força ou atividade; reanimar. 4- Tirar do estado de torpor ou de inércia. 5- Dar ocasião a; causar, provocar, suscitar. 6- Tornar mais vivo, mais forte; animar, avivar, estimular, excitar. 7- Manifestar-se, revelar-se, surgir. 8- Fazer adquirir ou adquirir consciência, entendimento. 9- Acordar em determinado estado. Ato ou efeito de despertar, de sair do sono. 10- O desencadeamento de um processo ou de um interesse por algo. (DESPERTAR, *Dicionário Michaelis online*, 2015).

Tal despertar está relacionado à conexão com a Ancestralidade, pois apesar de Celinho ter consciência sobre a sua condição de sujeito subalternizado, é somente quando se conecta com Zumbi que tem a percepção sobre as peculiaridades dessa construção. A Ancestralidade atua como elemento fundamental para o exercício da liberdade, que é individual e coletiva ao mesmo tempo.

Na contracapa, o “prazer de ser senhor de si mesmo” pode ser lido como a ressignificação da *plantation*, e a retomada desse corpo que antes pertencia ao outro branco, ao passo que retoma também o seu destino. Ou seja, é a deixa de um futuro em aberto e a interrupção dessa morte simbólica. O sintagma “menino de rua”, mais uma vez, refere-se a essa estrutura que é da ordem da imposição social, entretanto, os verbos “refazer” e “descobrir” desvinculam a ideia de que ser uma criança em situação de rua define o-a *sujeito-a*. É por meio do ato de refazer e descobrir a trajetória de Zumbi que se torna possível seguir em seu próprio percurso, o qual é simultaneamente individual e coletivo. Aqui, percebemos uma dinâmica **exuzilhística** de encontro: a conexão com a Ancestralidade ocorre por intermédio de um livro. Alguém pode questionar: como é viável esse contato, que é da ordem do imaterial, materializar-se na palavra escrita? É aí que está o poder do Axé que, no movimento de Exu, transforma o que não é possível em possibilidade, deslocando essa energia da obra para a vida, essa é a *Literavida*.

Figura 11 – Índice de *Zumbi, o despertar da liberdade* e nossa perspectiva de compreensõesobre o índice: a *exuzilhística* dos caminhos



Fonte: escaneado e feito por mim (2023).

Esta *Literavida*, por intermédio da **exuzilhística**, desdobra-se em encruzilhadas, o que infere diretamente na forma como esse percurso acontece na obra, de maneira entrelaçada e não linearmente. A obra é distribuída em 20 pequenos capítulos, em que cada um deles reflete a dimensão do “Tornar-se sujeito” de Celinho, rumo à construção e reconstrução de sua liberdade. Esta outra representação encruzilhística do índice, ilustra a unidade na diversidade presente no percurso do garoto ao longo da obra. A unidade, no que se refere à noção comum sobre o fenômeno da Força Vital (NEI LOPES; LUIZ ANTONIO SIMAS, 2020, p. 63), na qual reside em cada um e na coletividade, em alimentos, nos objetos sagrados, nos elementos da natureza, na sacralização dos corpos pela dança; nas práticas rituais (NEI LOPES; LUIZ ANTONIO SIMAS, 2020, p. 29).

Desta maneira, cada dimensão dos caminhos trilhados por Celinho no índice evidencia a forma como a Força Vital atua, onde todo ser humano é uma parte viva, ativa e passiva da cadeia das Forças Vitais, ligado por elos com sua linhagem ascendente e descendente. Os elementos não-humanos da natureza são prolongamentos e meios de vida. Assim, um ser é capaz de influenciar outro ser indiretamente. Resistir a isso é uma ação que só pode ser obtida por meio do fortalecimento da energia vital. E a proteção contra a perda ou diminuição da energia vital, seja direta ou indiretamente, deve ser feita através da ação de forças que revigorem sua força individual. (NEI LOPES; LUIZ ANTONIO SIMAS, 2020, p. 29).

Outra dimensão da *Literavida*, nessa presença e contato com a Ancestralidade através da literatura, é o caráter metalinguístico presente nesse encontro: a possibilidade de Celinho se encontrar com Zumbi, por meio de um livro dado por Antônio, se estende à-a leitor-a, permitindo que ele-a entre nessa ginga e também encontre Zumbi. O Axé/Energia Vital como engrenagem desses encontros é o que transforma em vida isso que, aparentemente, é apenas da ordem do texto escrito. Essa Força é o fenômeno responsável pela manutenção do universo. Uma maneira de resistir à morte, ao cansaço e às desgraças decorrentes da diminuição da Energia Vital, decorrente de forças nocivas externas, é reforçá-la a partir da alegria de viver (NEI LOPES, LUIZ ANTONIO SIMAS, 2020, p. 27). A utilização em sala de aula dessa literatura que potencializa sujeitos-as negros-as, isto que chamamos de *Literavida*, pode ser uma arma contracolonial na

Educação. Não essa educação à serviço da opressão e da Necropolítica, que homogeneiza e aprisiona, mas um “ensinar a transgredir: a educação como prática da liberdade”, como disse bell hooks.

Outro ponto a ser destacado sobre Celinho é a sua peculiar e aguçada maneira de compreender o mundo, a partir de um olhar minucioso, mesmo sendo apenas uma criança. Como já mencionado anteriormente, nossa hipótese é que estamos lidando com a representação de uma criança com características de superdotação, e essa compreensão analítica da realidade é uma característica comum em pessoas superdotadas. De acordo com a cartilha do MEC, *Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/ superdotação* (2006), a superdotação é caracterizada como alto potencial de aptidões talentos e habilidades, percebidas a partir do elevado desempenho em diversas áreas a serem evidenciadas no processo de desenvolvimento da criança. Em muitos casos, percebe-se a precocidade no aparecimento das habilidades e resistência aos obstáculos e frustrações no decorrer de seu desenvolvimento (MEC, 2006, p.12)²⁴. Entretanto, apesar de essa definição ser a que norteia as políticas públicas para superdotados-as no Brasil, a compreensão da superdotação com foco na experiência interna do-a *sujeito-a* superdotado-a e não apenas em uma ótica puramente talentista é a que gostaríamos de ressaltar aqui. É importante dizer também que existem diversas definições e não há uma compreensão estática sobre o fenômeno.

Voltando às obras, no capítulo “Refúgio”, algumas questões são apresentadas:

Trabalhava e trabalhava bastante, exatamente para não ter de ficar mendigando os restos de todas as pessoas bem-intencionadas do mundo

²⁴ As políticas públicas para superdotados-as no Brasil estão baseadas em desenvolvimento de talento, porém é sabido que o talento é só a ponta do *iceberg* quando se trata de superdotação, por isso falamos de potencial de inteligência. Já que para que algum talento possa ser desenvolvido, é necessário que aquele-a *sujeito-a* tenha condições de. Como é possível alguém desenvolver-se sem as condições mínimas de saúde e bem-estar? O que é a realidade de muitas crianças, jovens e adultos-as negro-a-brasileiros-as. Além do desconhecimento de profissionais sobre a superdotação no Brasil, o que é sabido e posto em prática, é baseado em talento, o que dificulta bastante a identificação de crianças, adolescentes e adultos-as negros-as superdotados-as.

[...] **queria ser livre e ninguém era livre**, acreditava, se vivesse do bolso e da caridade dos outros e, principalmente, se dependesse da cabeça dos outros. **Por isso, aprendera a ler**. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 17, negritos nossos). [Profunda compreensão sobre a falta de liberdade das pessoas e a necessidade de ter conhecimento].

Nada, nada mesmo. Apenas aproveitar enquanto fosse possível. Aproveitar e esquecer o tapa de Falasca. Contentar-se por, pelo menos, ter aqueles momentos para fugir da realidade cruel que era vender os doces que Falasca trazia e oferecia aos meninos, seu pequeno e explorado exército de meninos que viviam pelas esquinas e ruas, entrando e saindo dos ônibus e dos prédios. **Os livros não batiam nele e nem o exploravam** (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 19, negritos nossos). [A reflexão e consciência de ser explorado].

A partir dos trechos, é possível perceber que Celinho é representado como uma criança com consciência da realidade na qual ele e outras pessoas se encontravam. O **Aprender a ler**, vem como uma justificativa de enfrentamento às circunstâncias na qual está inserido e a necessidade de busca pelo conhecimento como uma forma de se libertar. E o quanto a contemplação dos livros da livraria o transportava para outra realidade diferente daquela em que ele vivia. O despertar presente no título, faz menção ao aprofundamento desta liberdade, ainda que apenas em desejo, que já existia dentro dele, mas ganha sentidos múltiplos em seu encontro com o livreiro Antônio e Zumbi, como se estivesse dentro e fora ao mesmo tempo. Este desejo em viver e continuar lutando para ter uma vida melhor também está relacionada ao Axé / Força Vital.

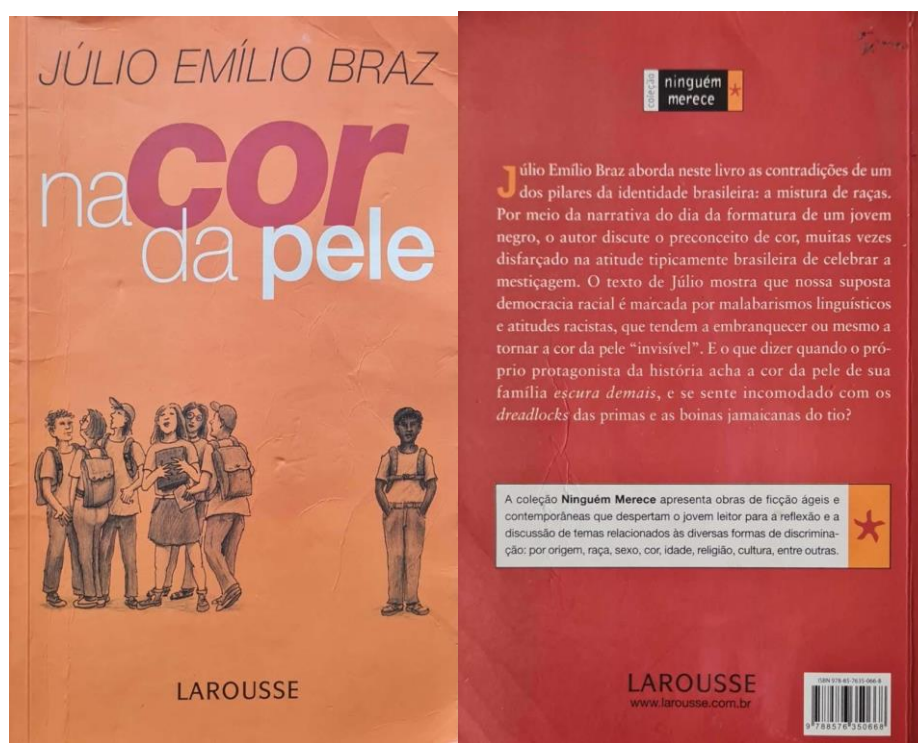
O Axé é a vitalidade universal que tem a capacidade de individualizar-se no modo como o homem relaciona-se com a natureza e é a força capaz de gerir esta relação. Porém, não se faz presente apenas nessas relações e está presente na realidade social e na relação com o sobrenatural. O universo é uma grande teia em que tudo se interliga e a Força Vital é a base para estas conexões, de modo que formem um elo universal, sem ela jamais poderia haver esta unidade (EDUARDO OLIVEIRA, 2021, p. 57). Deste modo, a **exuzilhística** da energia vital presente no título da obra, é o que conecta e desperta o desejo de ser livre de Celinho, à liberdade materializada a partir do seu contato com Zumbi. Tal força, não pode ser compreendida a partir de cisões e sim em relação. Esta mesma relação nos desperta para a compreensão do índice por uma perspectiva

encruzilhística de caminhos que se inter-relacionam. Em um momento de conversa que tive com Júlio Emílio Braz (2022), ele me relata que:

[...] o livro foi escrito durante as comemorações dos trezentos anos da morte de Zumbi dos palmares, mas ao contrário de outros autores, eu não quis fantasiar uma vida para Zumbi, mas antes, falar daquilo que representava, a vontade de ser livre, e ao mesmo tempo que a verdadeira liberdade não nos é dada por um pedaço de papel, proibindo a escravidão em 1888, mas a partir da leitura e muita educação.

É a partir da relação que a conexão existente entre Celinho, Antônio e Zumbi são reavivadas e reatualizadas para que esta liberdade seja possível, como construção, além de trazer a consciência de uma libertação que não aconteceu de fato, por isso, Zumbi traz a reatualização de uma liberdade que precisa ser conquistada, já que o-a *sujeito-a* negro-a continua a vivenciar, ainda que de forma diferente, dinâmicas coloniais de aprisionamento de seus corpos e mentes. O fato de a energia vital estar relacionada à vida e não a algo estático, é que nos faz compreender, a partir da **exuzilhística**, o poder de ação e conexão presente em uma obra como *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999), de modo que esta energia representada ficcionalmente é viva a ponto de fazer com que o-a leitor-a também experencie e deseje buscar a mesma liberdade.

Figura 12 – Capa e Contracapa de *Na cor da Pele* (2005)



Fonte: Escaneadas por mim (2023).

Em relação à capa de *Na cor da pele* (2005), a preposição “na” aponta para a multiplicidades de sentido em torno da “cor da pele” que não aparece no título, porque a própria narrativa gira em torno dessa cor que é ausente e presente. A contracapa aborda o que chamam de “contradições de um dos pilares da identidade brasileira: a mistura das raças”. Percebemos aqui uma certa romantização em torno do processo de miscigenação que aconteceu no Brasil que resultou no mito da democracia racial, o que corrobora para a dinâmica de ausência e presença da cor presente em toda a obra. Entretanto, é sabido que esse processo foi mais uma tecnologia do poder utilizada pela colonialidade como estratégia de apagamento do povo negro. Esse sentido de apagamento é retomado no título pela ausência da cor, bem como a ausência do nome da personagem principal na obra.

Na imagem, o grupo de adolescentes aparece deslocado da figura negra, cada um deles olha para um lado de modo que expressa movimento, enquanto o rapaz negro olha

para frente, em uma posição enrijecida, com os braços nos bolsos. O distanciamento, o enrijecimento e o fato de não ser olhado, ressalta a dinâmica oculta da trama presente “na cor da pele ausente”. Outra questão relevante a ser destacada na capa, é a proporção das letras e as cores utilizadas. A palavra “cor” aparece maior em relação às outras palavras e em um tom de “marrom-canela”, enquanto as outras palavras aparecem em tom de branco, já a palavra “pele” também ganha uma acentuação maior de branco, o que pode ser compreendido como as variadas formas que o processo de embranquecimento se manifesta. Na forma como as palavras e as imagens compõem a capa relacionam-se com isto que chamamos de dinâmica de presença e ausência da cor. Apesar de sua ausência enquanto nome, sua presença está na dinâmica: a coloração amarronzada da palavra “cor”, representada em proporções maiores indicando a sua evidência no jogo simbólico, fazendo oposição a palavra “pele” em branco, que também se faz presente nas imagens.

Nesta trama simbólica, percebemos a articulação do processo de apagamento ocasionado pela miscigenação, criando uma distorção representativa naqueles que são a maioria no país, mas permanecem ausentes, sobretudo, nos espaços de poder. Por outro lado, a presença nesses espaços não garante ao-à *sujeito-a* negro-a pertencimento, esta também é outra estratégia da branquitude neoliberal. No *podcast* Mano a Mano, Sueli Carneiro fala sobre a forma como o neoliberalismo, que, segundo ela, é ideologia triunfante entre nós, age de forma perversa em suas articulações. Para Sueli, tal ideologia individualista que defende que o-a sujeito-a negro-a sozinho é agente da transformação e da diferença e que sua mobilidade social individual representa a todos, age nefastamente de maneira enganadora. Frases como “a favela venceu”, para ilustrar pessoas negras ascendendo socialmente com carros do ano, são a representação dessa articulação perversa, pois diz respeito a uma individualidade que não se trata do coletivo (SUELI CARNEIRO, *podcast* Mano a mano, 2022). Essa estratégia embranquecedora de desconhecimento de si mesmo e das dinâmicas que o cerca, pode ser vista na obra a partir da dificuldade da personagem protagonista em se perceber negra e na percepção sobre a teia racista em que ele está inserido, mesmo estando em

espaços de poder. Aqui, o tal negrito da palavra, frente à cor apresentada como sendo, significa que adentrar esses espaços não garante ser reconhecido como um igual.

A ausência de pessoas negras em espaços de poder, pode ser percebida na imagem: os-as adolescentes estão de mochilas nas costas, indicando que são estudantes. Os-as brancos-as aparecem em maior número, enquanto a figura negra está sozinha. Na obra, a representação de tais espaços, é evidenciada pelo “Colégio” que não tem nome, indicando que a instituição, como um todo, contribui para a manutenção de certas lógicas de opressão. O rapaz é uma das únicas pessoas negras naquele espaço, além de ser considerado o melhor aluno:

O Colégio era tudo o que se dizia dele e talvez mais um pouco. A começar pelo fato de que se precisava de muito dinheiro para entrar e estudar nele. Antigamente, nos primeiros anos, antes do dinheiro, valia o bom nome de família, e criara-se em torno do simples ato de atravessar seus maciços portões de ferro todo um ritual e uma aura de importância e esnobismo que, por bem ou por mal, ainda se mantinha. Para muita gente, ainda constituía algo fundamental colocar os filhos no Colégio. Por sua fama. Por uma questão nunca desprezível – Pelo menos para tais pessoas: o *status*. Mas, principalmente, pela inegável qualidade de seu ensino. Realmente o Colégio tinha os melhores professores da cidade, e a alta qualidade do ensino convertera-se no decorrer dos anos no grande chamariz de respeitabilidade e confiança que atraía grande quantidade de interessados. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 21, negritos nossos).

Nesse excerto, a palavra Colégio pode ser vista como estrutura de manutenção da branquitude, que vai se atualizando com o tempo, mas continua a segregar corpos que não “pertencem” àquele espaço. Sobre mecanismos excludentes, Nêgo Bispo diz que a lógica do *humanismo* é transformar tudo em matéria-prima, até as pessoas (2023, p. 29). Para ele, existe uma diferença entre os humanistas e os diversais, os humanistas são os que estão a serviço do utilitarismo, já os diversais são os orgânicos, que experienciam a natureza como parte de si. No trecho da obra analisada, vemos a partir do *status*, o funcionamento destes mecanismos humanistas excludentes que transformam pessoas em mercadorias

Em nossa conversa com Júlio Emílio Braz (2023), ele aborda a construção dos nomes das personagens de ambas as obras. Segundo ele, a ausência do nome da

personagem de *Na cor da Pele* (2005) está relacionada à “personificação de muitos como ele. É como se eu tivesse apanhado todos os afrodescendentes que enfrentam o mesmo dilema, inclusive aqueles que leram este livro.” (APÊNDICE A, 2023). Na nossa leitura **exuzilhística**, esta ausência pode ser lida a partir do redimensionamento de sentidos em torno do significante negro que apesar de ausente, vai ganhando e perdendo sentidos ao longo da obra, a medida em que a personagem reflete sobre os lugares que ocupa no mundo e os afetos e afetações ao longo de seu percurso.

Gisele Rose da Silva (2021), propõe a afetividade como mais uma composição dos valores negro-brasileiros. De acordo com ela, apesar de não aparecer nem no diagrama ou nos escritos de Azoilda, é um valor que perpassa todos os outros, pois é a partir dos afetos que nos unimos e refletimos sobre a existência do outro, para que a partir disso possa haver união e luta por uma sociedade antirracista. (GISELE SILVA, 2021, p. 58). Para Azoilda Loretto da Trindade (2008, p. 9):

A capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, pelo entorno, é fundamental para um processo educativo que se propõe voltado para a compreensão e respeito às diferenças que nos constitui como sujeitos do cotidiano. O afetar e ser afetado, que ocorre em todo momento no mundo, num mundo que não é estático, imóvel, parado, imutável, não pode ser visto como irrelevante. Como, diante desta circularidade, deste movimento, desta dinâmica, negligenciar, subestimar os aspectos afetivos do humano, como negligenciar as emoções, os sentimentos, os afetos, os desejos?

As afetações evidenciadas por Azoilda podem ser percebidas em “Na cor da pele” (2005), no movimento exuzilhístico realizado pela personagem protagonista ao longo de seus processos de afetação, mesmo que sob uma perspectiva contrária:

Eram apenas dois homens negros sorrindo amistosamente numa rua qualquer de minhas lembranças mais longínquas, e eu tinha nove anos. É, eram apenas dois homens negros. Eram apenas dois homens negros e um medo terrível dentro de mim. Posso encontrá-los dentro de minhas lembranças. Sorridentes, mas, ainda assim, assustadores. Amistosos, porém, ameaçadores. Negros, mas, mesmo assim, diferentes de mim. Quantas dessas lembranças hibernam dentro de mim? Quantas delas sou eu? Eu sou alguma delas? Sou? Têm horas em que penso que continuo fugindo daqueles homens negros. O tempo todo fugindo deles e, ao mesmo tempo, fugindo de algo que não me agrada em mim mesmo.

Talvez nossa incrível semelhança de pigmentação. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 68).

A sentença **apenas dois negros sorrindo amistosamente**, nesta dinâmica **exuzilhística** de construção de sentidos, aponta para dinâmicas opostas que não são possíveis de se misturarem, tal qual a água e o óleo, pois, ainda que sorrissem, provocavam medo àquela criança. Entretanto, há um eco dessas afetações que ainda se movimentam dentro dele. A partir do jogo de sentido e elaborações realizadas pelo autor, esses negros, que são diferentes dele, são percebidos dentro dele em forma de lembrança. A compreensão do medo e da fuga do que não lhe agrada em si mesmo leva a personagem protagonista a entender que está fugindo de si. É, pois, uma equação simples: somos diferentes porque não quero ser assustador e ameaçador, porém, nossa semelhança de pigmentação nos faz ser iguais, o que descortina os sentidos: eu temo a mim mesmo. Esse jogo embaraçoso e cheio de voltas ilustra os modos como o racismo está veladamente presente em nossa sociedade, sobretudo a partir da linguagem. Entretanto, há uma torção dos sentidos que nos desloca para o encontro, a capacidade de se afetar e ser afetado pelo outro, e é um movimento circular, não é estático, o que mostra que apesar do tempo, a lembrança deste encontro ainda produz sentidos.

Marilia Pereira de Jesus de Jesus, em *Modos de existir: corpo e afetividade em O canto dos escravizados, de Paulina Chiziane (2021)*, diz que mesmo sendo apenas uma parte muito pequena do mundo, nosso corpo é afetado por ele. E partindo do corpo como veículo da memória, é importante a reflexão sobre como os corpos negros são afetados pelo cotidiano e sobre os impactos de produção em seu modo de existir no mundo. São muitos os fios que atravessam a construção dos corpos negros. (p. 9). No excerto que destacamos, é possível percebermos os fios apontados por Marilia (2021) nessa teia de afetividade que atravessa os corpos.

Na dinâmica **exuzilhística**, podemos compreender a multiplicidade de sentidos evocadas pelo autor, na construção da personagem protagonista, a partir dos dois homens negros sorrindo amistosamente, revelando uma lógica contrária daquela que a personagem montava dentro de si, com base na perspectiva embranquecida de compreender a vida. Exu como aquele que é mais significante que significado, pois é

signo de referência que dá significado aos outros signos, não no sentido de ser equivalente único de significação, nem tampouco como modelo último de realidade, mas se mostra, em si mesmo, múltiplo. Possui o mistério e não a regra, que destrói a regra e se apresenta por múltiplas funções (EDUARDO OLIVEIRA, 2021, p. 127). E se pensarmos por essa lógica contrária de Exu, podemos compreender a personagem tal qual os dois homens negros, como figura que carrega um sorriso de modo amistoso – aquele que sorri de modo amigável, confiável e gentil – sentidos opostos dos quais a criança atribui. A afetividade carrega a ambivalência própria da vida, por isso é necessário torcermos as significações que a branquitude nos impõe como forma única de compreensão, e permitirmos que se instale o múltiplo, na apresentação da diferença.

Assim, a Energia Vital como ponto de diálogo com as obras e com a vida, características da *Literavida*, como táticas de combate ao epistemicídio, nos conduz aos movimentos delineados de experiências – saberes orgânicos. A concepção dos saberes orgânicos como instrumentos de trabalho para o-a professor-a é a **exuzilhística** enquanto ginga de corpo, ato, palavra, escrita e *escrevivência*, em desarticulação do projeto colonial. São movimentos assim que precisamos em sala de aula, no diálogo com a literatura. Não é utilizá-la por um viés utilitarista de saberes sintéticos em dia de consciência negra, mas encontros potencializadores cotidianamente.

Prosseguindo o caminho dos saberes que potencializam, dialogaremos com as obras e a vida a partir da ancestralidade, potência de criação e recriação.

Ancestralidade: a dança do corpo-texto e do texto-escuta na reconstrução do corpo negro tripartido

Teça o seu corpo
No tear mais simples
Aquele que lhe resta
pelo suor e origem.

Teça o seu corpo
Ainda que a música
lhe desagrade.

Teça o seu corpo
Sem o menor temor
Mesmo que falte o porto
De precárias balsas.

Teça o seu corpo
no tear mais simples
– aquele que lhe resta
pelo suor e origem.

(Adão Ventura, “Teares de Berilo e Roça Grande”, 1980).

Figura 13 – Eu e minha irmã Ana Flavia



Fonte: Álbum de família

“Oi, Lin, você lembra qual eram os número das casas que a gente morou no Irajá?”.

Essa foi a pergunta-engrenagem das reflexões que aqui seguem, veio em forma de ligação para a minha irmã mais velha, Ana Flavia, apelidada por mim de Lin, Zulin, Linlin, Aninha, irmã. Aquela que alternadamente ocupou o lugar de mãe, amiga e parceira ao longo de nossas vidas, quase doze anos separavam o nascimento dela do meu. Foi a ela que recorri na recomposição destes momentos que se lacunavam em minha cabeça, talvez seja porque, na época que morávamos no Irajá, subúrbio do Rio de Janeiro, eu era bem pequena, estava na primeira infância – período do desenvolvimento que ocorre dos zero aos seis anos e é uma das etapas fundamentais da vida humana. Eu tenho algumas lembranças significativas desta época, principalmente em relação à escola. Na escolinha de bairro que eu estudava tinham poucos alunos, na minha sala deveria ter uns dez, no máximo. Algumas crianças não gostavam de brincar comigo e incentivavam às outras a também não se aproximarem de mim, eu me sentia diferente e não entendia o porquê,

elas tinham algo em comum: a maioria eram brancas. Segundo dados do IBGE (2022), no Brasil, 55,2% de crianças até seis anos são negras. Ser uma criança negra em um país marcado pelo racismo, traz a exposição a uma série de violências, que marcam o-a *sujeito-a* para toda a vida.

Marilia Pereira de Jesus (APÊNDICE B, 2023), lembra-se de passar a infância tentando “fingir que não ouviu” o “Neguinha preta”, “cabelo duro”, “nariz de batata”, “pedaço de carvão”. Na escola, os desenhos que fazia de si eram contornados de lápis marrom claro, mas não eram pintados, como se a sua cor estivesse ausente para si mesma. Seus cabelos crespos davam lugar as fios lisos, no fim das contas, Marilia só queria sentir que existia um espaço para ela no mundo e quem sabe ser aceita, a ocultação dos traços negros marcantes, em um movimento inconsciente, delineava a estética embranquecida que, ali, já se fazia presente a obrigando a abrir mão de si mesma, como se ser quem era fosse inaceitável: “Nas brincadeiras eu sempre era a empregada que arrumava toda a bagunça, a secretária que atendia as ligações e passava para a chefe, a babá ou a operadora de caixa. Nunca tinha um papel de destaque ou prestígio social” (APÊNDICE B, 2023). Ninguém perguntava o que ela gostaria de ser, escolhiam por ela e eram sempre os mesmos subservientes lugares, como se para ela não houvesse outras possibilidades, apenas servir. “Já ouvi dizer que a infância é como se fosse um lugar delicioso do qual nunca queríamos ter saído. Talvez seja isso mesmo. Talvez se eu fosse criança para sempre não enxergasse o quanto o racismo é cruel!” (APÊNDICE B, 2023), naquele momento, essa destruição era imperceptível, mas, ainda assim, a destroçava por dentro impondo a crença sobre redução dos lugares nos quais poderia acessar e a destruição de sua autoestima na negação de sua própria imagem. Celinho de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999), sentia a indiferença no olhar das pessoas por ser uma criança negra em situação de miserabilidade:

Talvez o olhassem com desconfiança e aparecesse alguém – **um dos vendedores**, certamente – **para enxotá-lo ou para vigiá-lo**. Não gostava de ser **olhado como um pivete**, como alguém que **antes de qualquer outra coisa merecesse suspeita ou desconfiança por parte das pessoas**. Alás, nada o deixava mais irritado do que ver aquela moça mudar a bolsa de lado e **agarrar-se à sua alça, sempre que pressentia sua presença**. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 16, negritos nossos).

Figura 14 – Ilustração de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999)



Fonte: Escaneadas por mim, página 17 do livro.

No caso da personagem, dois marcadores sociais que se misturam na determinação de um imaginário imposto: O-a *sujeito-a* negro-a, independente do que seja e dos lugares que esteja, é enxergado por uma lógica de subalternidade e indiferença. No trecho, os olhares com desconfiança, a necessidade de ser vigiado, enxotado e estar em posição suspeita revelam toda a gestualidade subalternizante na qual Celinho é submetido, visto como um “pivete”, alguém a quem devessem temer. A partir destas palavras, o autor transfere para a linguagem a performance racista “que tem a função de afirmar a inferioridade de uma identidade”(GRADA KILOMBA, 2019, p. 19), estes gestos marcam a diferença do corpo negro em relação ao branco, tido como “superior”. Na imagem, a invisibilidade é evidenciada na sombra que o permeia, que impede, inclusive, que seu rosto seja visto. Ressalta, também, alguém que é colocado “de lado”,

“escanteado”. Essa invisibilidade imposta impede que o sujeito seja visto por quem ele realmente é, o reduzindo a apenas uma mancha escura e silente.

Por outro lado, existe uma constante preocupação em chamar a atenção do branco, ter a sua aceitação, deter o poder, assim como ele. O desejo fixo de ser e ter, elementos que revestem o nosso psiquismo enquanto propriedades constitutivas do Eu²⁵ (FRANTZ FANON, 2008, p. 60). É como se existisse apenas uma única saída e ela dá direto no mundo branco. Para tanto, o fenômeno da inibição do ego, como um mecanismo psíquico que traduza este estado vivenciado, está relacionado a estímulos exteriores, é considerado um estágio normal na evolução do eu e consiste em um método de se evitar o desprazer. Quando o eu é jovem e flexível, uma decepção pode ser compensada por sucessos em outros aspectos. Entretanto, quando o eu torna-se rígido intolerante ao desprazer, atendo-se, de forma compulsiva, à reações de fuga, seu processo de formação sofre danos. O eu, então, após abandonar diversas posições, transforma-se em unilateral, perdendo interesses e não vendo mais valor em suas atividades (FRANTZ FANON, 2008, p. 60 citado por ANNA FREUD, 1936, p. 91-92).

Os constantes movimentos de depreciação e invalidação no qual o-a *sujeito-a* negro é forçado-a a viver, desde criança, podem o-a incapacitar e retirar toda a sua energia vital. Em outros aspectos, muitos movimentos que nós, enquanto coletividade negra, fazemos, hoje, através de nossas práticas, tem sido identificar os novos e os velhos mecanismos de opressão para que possamos possibilitar um futuro de potencialidades e livre expressão do Axé para as nossas futuras gerações. A intelectual negra Marília (APÊNDICE B, 2023) orgulha-se de ter crescido e saído das ilusões que

²⁵ Tal termo é utilizado na Psicologia e na Filosofia para designar a pessoa humana como consciente de si e objeto do pensamento. No Brasil, também utilizam a palavra “ego”. Freud, em um primeiro momento, o considerou como a sede da consciência. Posteriormente, foi delimitado a partir de um sistema chamado de primeira tópica, organizado como o consciente, o pré-consciente e o inconsciente. Em 1920 seu estatuto foi modificado e ganhou outra conceituação, sendo agora uma instância psíquica, em termos de uma segunda tópica, abrangida pelo supereu (superego) e o isso (id). Então, o eu tornou-se, em grande parte, o inconsciente. Esta estrutura denominada como segunda tópica (eu/ isso/supereu) originou três leituras que divergem da teoria freudiana: “a primeira destaca um eu concebido como um pólo de defesa ou de adaptação à realidade (Ego Psychology, annafreudismo); a segunda mergulha o eu no isso, divide-o num eu [moi] e num Eu [je] (sujeito), este determinado por um significante (lacanismo); e a terceira inclui o eu numa fenomenologia do si mesmo ou da relação de objeto (Self Psychology, kleinismo)” (ELIZABETH ROUDINESCO, 1998, p. 2010).

vivenciava, hoje, por intermédio do conhecimento, tem a possibilidade de enxergar as dinâmicas racistas impossibilitaram a sua infância. A partir disso, pode lutar para que o racismo não corrompa a infância de outras crianças negras, assim como aconteceu com ela. Para ela, esta valorização vem do amor e do fazer acreditar que é possível ser o que quiser. Entretanto, essa não é uma tarefa fácil, é um longo processo de enfrentamento é primordial que ele seja combatido ainda na infância, pois é nessa fase em que nossas identidades estão sendo moldadas.

Eu tinha seis anos e meio quando nos mudamos para São Pedro da Aldeia, interior do Rio de Janeiro. Dos cinco aos seis eu estudava em uma escolinha de bairro e estava ensaiando as primeiras palavras escritas. A professora não gostava muito de mim, como disse anteriormente, eu sempre tive uma necessidade de aprendizagem manifestada no corpo, carregada de corpo e ficar sentada durante muito tempo era muita tortura, eu precisava caminhar, me mexer, tocar nas coisas e brincar. E isso não era só na escola, eu era aquela criança taxada como “levada”, que depois se transformou em “maluca” e “problemática”.

O que nos leva de volta à São Pedro da Aldeia. Como chegamos no meio do ano, não tinha mais vaga na escola, o que significa que eu me atrasaria, sendo necessário fazer a alfabetização aos sete anos. Se formos olhar este evento, a partir da lógica **exuzilhística**: o erro vira acerto e o acerto vira erro, não têm caminhos corretos, têm oportunidade e de junho a fevereiro fiz aulas particulares com uma professora que ensinava algumas crianças em sua casa e aprendi a ler, escrever e contar, fazer operações matemáticas como adição e subtração. Sendo assim, não precisei fazer a alfabetização e fui direto para a primeira série, que, hoje, seria o segundo ano.

Apesar de ter essa necessidade de movimento, nunca apresentei dificuldades na aprendizagem, pelo contrário, demonstrava indícios que, hoje, de acordo com a neurociência, são compreendidos como precocidades no neurodesenvolvimento. Tais precocidades, acompanhadas da alta sensibilidade emocional e sensorial me levaram a à identificação das altas habilidades/superdotação.

Por outro lado, hoje, olhando a minha trajetória com certo distanciamento, percebo que este “sentir-se diferente” tinha relação com o racismo e com a minha maneira diferente de percepção e experenciação do mundo associada à superdotação. Nesta dinâmica, as consequências do racismo se fazem presentes por meio de uma forma de bullying racializado chamada de “Acting White” (agir como branco), uma expressão pejorativa de ataque utilizada no contexto norte-americano por negros-as contra outros-as negros-as, em relação às atitudes, crenças, valores, preferências e estilos considerados por eles como “coisa de branco”(TAREK GRANTHAM; WINFRED H. BIDDLE, 2014, p.178. citados por SIGNITHIA FORDHAM; JHON OGBU, 1986). No Brasil, também podemos perceber certas articulações desta forma de bullying racializado contra estudantes negro-as, nas ações de familiares, amigos-as, professores-as e profissionais no geral, que estereotipizam estudantes que não performam “o que se espera” de pessoas negras, de acordo com um imaginário estruturado em relação ao sujeito negro:

– Olha ai, gente... **olha o doutor!**

Aquilo não mudava, Era sempre a mesma coisa. Bastava Quiel vê-lo para largar o que estivesse fazendo, empertigar-se e, sempre com seu séquito de meninos barulhentos, acompanhar Celinho, essa ou aquela mão procurando pegar o livro que **Celinho carregava enfiado na cintura, por baixo da camisa.** Tudo começara quando Quiel o surpreendera lendo o livro, e as implicâncias apenas aumentaram, **tornando-se muitas vezes insuportáveis, depois que Celinho se recusou a lhe emprestar o livro.**

– **Para quê? Você não sabe ler!**

Quiel sentiu-se ofendido:

– Sei, sim!

Os dois discutiram. Empurraram-se. Xingaram-se enquanto se empurravam [...]

Pararam de se falar por mais de uma semana. Quando ainda esperneando e xingando, quando Quiel lhe disse alguma coisa apenas o fez para debochar de Celinho...

– **Seus olhos ainda vão cair de tanto que você lê esse livro, doutor.**

Celinho fingiu que não era com ele e passou, o que serviu apenas para animar Quiel a novas e intermináveis provocações. Principalmente quando tinha os outros-as meninos para rir de suas brincadeiras e apoiá-lo se Celinho resolvesse esmurrá-lo novamente.

– Se eu pegar esse livro, arranco página por página e transformo tudo em fogueirinha – prometeu, ameaçador.

– Eu acredito – replicou Celinho. – É a única coisa que você sabe fazer com um livro, não é mesmo? [...]
 – Corre, doutorzinho! – gritavam, quando Celinho corria. – Vai depressa pra universidade colocar anel nonito no dedo!

Volta e meia, Celinho se aborrecia e, virando-se gritava de volta:

– E vou mesmo!

[...]

Quiel sorriu desdenhosamente, o livro equilibrado entre os dedos, exibido para que Celinho o visse e sofresse um pouco mais adiante da impotência para reavê-lo, dos temores sobre o que Quiel poderia fazer com seu livro.

– Então, **doutor?** O que a gente vai fazer agora? – folheou o livro displicentemente.

– **Essa porcaria não pode salvá-lo da gente, não é mesmo?**

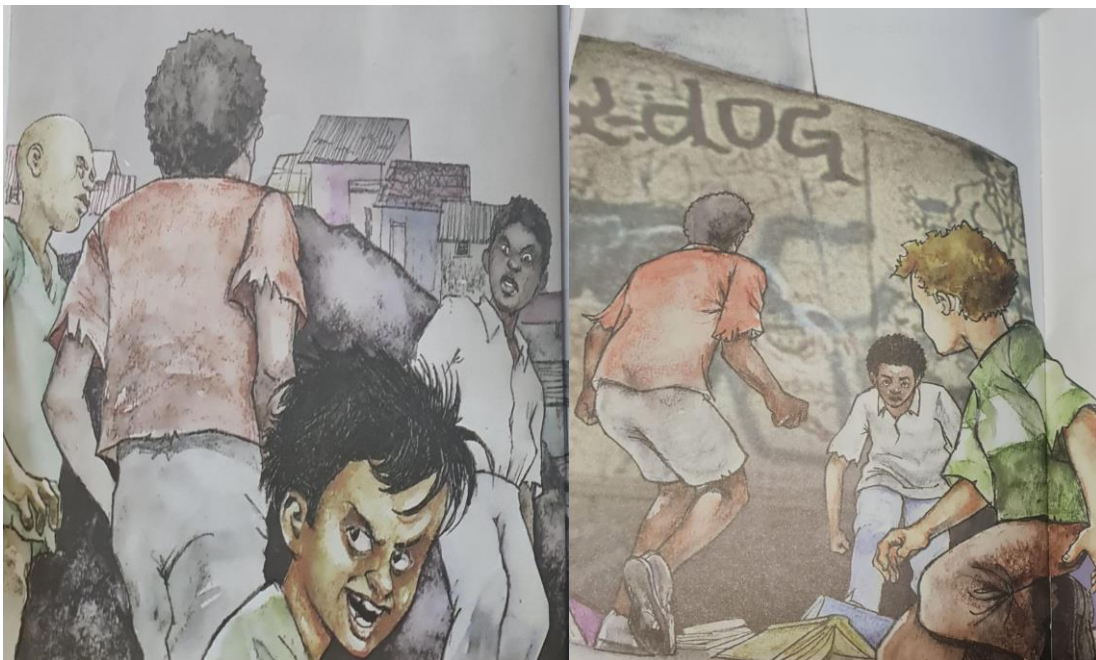
– Devolve!

– **Não é nada! Apenas papel e um monte de rabiscos para otários como você!**

– Não é seu livro, não é livro de ninguém, seu mané! – Quiel arrancou a primeira página. – **Pensa que eu queria mesmo ler isso? Queria nada, cara! [...].**

(JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 40, 41, 51).

Figura 15 – Ilustrações de *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999)



Fonte: Escaneada por mim, páginas 40, 58.

A personagem Quiel, primo de Celinho, um menino também explorado por Falasca e vendedor de doces: “Custava a crer que ele fosse seu primo, um dos muitos filhos esquecidos da mais velha de suas tias. Nenhuma novidade, já que ela também não se lembrava da maioria dos pais de seus sete filhos. Ela os punha no mundo e Deus cuidava” (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 24 **negritos nossos**). Os constantes atos hostis de Quiel a Celinho é lido por nós como uma forma de puni-lo por ser diferente.

Na primeira imagem, ao fundo, estão os barracos da favela e, à frente, Quiel e os meninos o encurrala. Os barracos evidenciam a vulnerabilidade social que todos experienciavam, cada qual a sua maneira, não havendo possibilidade alguma de “um ser melhor do que o outro”. Na segunda imagem, Celinho está entre os dois meninos, seu primo Quiel e um outro garoto, o Barrinha, que derrubam os seus livros e, em outras ocasiões até rasgam. As duas ilustrações demonstram, tanto o *bullying* sofrido por Celinho, quanto a dificuldade que eles sentiam em dialogar e se enxergarem como semelhantes.

No trecho, as palavras “doutor”, dita de forma escarnecedora e debochada, evidencia a dinâmica *acting white* (agir como branco), acrescido pelo sorrir desdenhosamente e a imposição de sofrimento ao menino. O fato de Celinho não ter emprestado o livro para o primo, seguido do: “para quê, você não sabe ler”, pode ser lido como um impulsionador que trouxe para o discurso dinâmicas experienciadas por Quiel em seu inconsciente. O que significa que Quiel pode ter se sentido incomodado ou “inferior” em relação ao primo, por Celinho saber ler e ele não, e ter projetado para o primo como “você se acha melhor que eu”. Ao passo que, Celinho tem dificuldade de conexão e diálogo com Quiel por compreenderem a vida de forma diferente, como o fato de Quiel preferir roubar à trabalhar: **“Só mané trabalha para aquele explorador! – afirmou Quiel. * Celinho * – É melhor do que ficar roubando os outros.”** (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 23). O ato de rasgar o livro também é uma maneira de punir Celinho pelo conhecimento que tem. A forma como reduz o livro a uma “porcaria”, bem como a expressão “Não é nada! Apenas papel e um monte de rabiscos para otários como você”, é um modo de diminuir Celinho pela inteligência que demonstra ter e ele não. Por

isso, quando diz: “Pensa que eu queria mesmo ler isso? Queria nada, cara! O que eu queria mesmo era fazer isso”, manifesta o seu ódio à Celinho por tudo o que ele não é:

Em relação aos termos associados a conquistas ou inteligência que poderiam enquadrar estudantes negros como agindo “como branco”, Donna Ford et al. (2008) encontraram os seguintes termos e frases: inteligente, ser muito inteligente, fazer o trabalho de casa, ter boas notas na escola, obter boas notas, ser muito sério em relação à escola, fazer cursos avançados ou de honra, preferir estudar a relaxar [...] muitos pesquisadores podem argumentar que as raízes históricas e políticas de agir “como branco” abrangem todos os níveis, porque a raça é uma construção social que os brancos em posições de poder e autoridade, e até mesmo muitos americanos brancos típicos, usaram em benefício próprio, em detrimento dos negros e de como eles veem a si mesmos e à inteligência (Jerome Morris, 2002). (TAREK GRANTHAM; WINFRED H. BIDDLE, 2014, p.178-179).

Esta estrutura racista de “agir como branco”, impõe ao-a negro-a que haja de forma subalterna, caso contrário, é tido como “o-a neguinho-a metido-a”, “amostrado-a”, “arrogante”. Além de exigir que o-a *sujeito-a* negro-a performe o que eles compreendem enviesadamente como “negritude”, exigindo que, por exemplo, saiba sambar, ou reduzindo o seu corpo à hiperssexualização (dizendo que o-a negro-a é só para sexo). Quando os negros não performam esta postura, são considerados como se estivessem “agindo como branco”. Nesta acusação, tanto Celinho quanto Quiel são atingidos, pois são duas crianças negras às margem da sociedade. Esta dinâmica é extremamente perigosa pois o reduz o-a *sujeito-a* negro-a a esse imaginário racista e o-a despotencializa. Uma pessoa negra não perde a sua energia ancestral estando dentro de um escritório de contabilidade, por exemplo, ou estudando filosofia grega, da mesma forma que a nossa Ancestralidade não foi rompida quando os-as negros-as escravizados-as foram trazidos forçadamente de África para o Brasil, ela continua viva em nossos corpos e nossas ações, apenas ressignificou-se. Um-a negro-a que “age como branco-a” é quando se utiliza das mesmas amarras opressoras brancas para silenciar e vilipendiar os seus irmãos-irmãs, como é o caso dos que ascendem socialmente e dizem que “a favela venceu”, mas não dialogam e nem tem contato com os seus, seu caminho segue individualmente e suas ações não refletem no coletivo.

O fato de ser uma pessoa negra contribuiu para a não identificação da superdotação ao longo da minha vida, o que me causou sérios prejuízos sociais e emocionais. A sociedade brasileira, devido ao racismo, nega o lugar de inteligência da pessoa negra, quando esse indivíduo apresenta traços de inteligência acima da média, a situação se torna ainda mais difícil. Vania Aparecida dos Santos (2012), ressalta a dificuldade de identificação de crianças negras superdotadas devido aos equívocos instituído no imaginário das pessoas e refletido nas instituições. Existe a difusão de um ideal de branqueamento e eugenista de que pessoas brancas são mais humanas, têm inteligência superior e vocação nata de liderança (p.17).

Dois processos se misturavam e afetavam meu autoconceito:

- 1) A negação do meu lugar de inteligência visto a partir da estranheza e não identificação pelos outros-as alunos;
- 2) A invalidação causada pelo racismo, por eu ser uma pessoa negra.

Esses fatores me colocavam em estados de extremo alerta, ansiedade e crises depressivas. A identificação da superdotação aconteceu em 2021, eu estava no início do mestrado e além de ter virado uma chave na minha cabeça, me fez entrar em uma depressão profunda. Eu tinha a impressão de não saber nada sobre mim mesma, mais uma vez me encontrei em uma encruzilhada. Exu, de forma paradoxal, introduz a instabilidade ou possibilita a mudança na ordem que ele ajudou a criar. O objetivo não é afirmar a ordem pelo seu avesso, mas para mostrar a força dinâmica existente no desequilíbrio, porque a ordem tem sua origem no caos, e o caos só é percebido dessa forma por causa da ordem. Exu embaralha os critérios classificatórios para mostrar que são relativos (VAGNER GONÇALVES DA SILVA, 2015, p. 114, 123).

Já que “o racismo cotidiano incorpora uma cronologia que é atemporal” (GRADA KILOMBA, 2019, p. 29), como uma forma de tensioná-lo, a exuzilhística introduz na literatura infantil e juvenil uma linguagem que promove reflexão e resignificação deste imaginário de subalternidade imposto ao-à *sujeito-a* negro-a desde a infância. Isso ocorre por meio da possibilidade de reelaboração da existência, na definição de novas realidades e na possibilidade de contar a história como *sujeito-a* e não como objeto.

Nesse movimento de reconfiguração, também trago em mim outras lembranças. Lembro da casinha na vila, conhecida como Avenida, na rua Carolina Amado, foi ali que eu nasci e fiquei até uns dois/três anos, minha mãe dizia que, nesta época, me levava para ser benzida, pelo menos uma vez por semana, para afastar o quebrante. De forma intuitiva, minha mãe recorria a um recurso ancestral de proteção. Dona Odete, a senhora benzedeira, sacudia em torno de mim um ramo de arruda e repetia algumas palavras. A benzeção “é uma linguagem orogestual com a qual [...] detentoras de um poder especial – controlam as forças que contrariam a vida harmoniosa do homem (EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA; NÚBIA PEREIRA DE MAGALHÃES GOMES, 2018, p. 24). Essa prática recorre à palavra como instrumento de cura, mulheres à serviço da ancestralidade, ofereciam seus corpos e suas bocas para serem ponte para proteção e quebra do mal. Os ritos e rezas da prática de benzedura se inserem em uma tradição oral repassada de geração em geração e garantem a manutenção de uma herança viva entre corpo, palavra e natureza.

Há na palavra um poder imanente, pois fala de si mesma, enquanto fala sobre aquele que a utiliza. Nisso reside o seu teor de abertura, ou seja, a palavra que serve para criar e entender o mundo revela e oculta aquilo que justamente expressa. Apesar das tensões geradas por essa ambiguidade, a palavra se impõe como um jogar-se para o outro, estabelecendo a necessária harmonia de emissão e recepção, seja transmitir um conteúdo marcado pela hostilidade, seja para reforçar a vontade de convivência entre os indivíduos[...] São as palavras que registram a totalidade de um tempo e preservam as relações essenciais entre realidades aparentemente díspares [...] É a palavra que reconstrói a unidade ameaçada desde o dia que que o homem, sentindo sua fragilidade diante dos êxtases da natureza, rezou aos céus pedindo proteção. A essa palavra nos remetemos quando está em causa superar a precariedade que nos caracteriza, a essa palavra – ainda úmida – portadora do enunciado vital. (EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA; NÚBIA PEREIRA DE MAGALHÃES GOMES, 2018, p. 34).

Esta palavra, na dinâmica da Oralidade, tendo a Ancestralidade como base, coloca-se em ação por intermédio do corpo – Corporeidade – que de forma circular reatualiza a Memória em movimentos contínuos circulares que fazem o passado, o presente e o futuro coexistirem. Desde criança fui circunscrita na dinâmica indissociável do ato-palavra-corpo-ato, de modo que percebo o quanto a potência de certas palavras

circulam, ainda hoje, na forma como compreendo o mundo. Na minha trajetória, o andar veio antes do falar, a experiência do corpo antecipou a da palavra falada, o que não significa desassociação, isto é a linguagem enquanto palavra-corpo. Conceição Evaristo (2005) diz que o primeiro sinal gráfico que lhe foi apresentado como escrita, foi um gesto de sua mãe em riscar um sol no chão:

Era um gesto solene, que acontecia sempre acompanhado pelo olhar e pela postura cúmplice das filhas, eu e minhas irmãs, todas nós ainda meninas. Era um ritual de uma escrita composta de múltiplos gestos, em que todo corpo dela se movimentava e não só os dedos. E os nossos corpos também, que se deslocavam no espaço acompanhando os passos de mãe em direção à página-chão em que o sol seria escrito. Aquele gesto de movimento-grafia era uma simpatia para chamar o sol. (CONCEIÇÃO EVARISTO, 2007, p. 1).

Se pensarmos em termos de significante e significado, o corpo é a estrutura e o gesto o conteúdo. Estes gestos que se manifestam de forma indissociável, em que o papel é a relação com o mundo e a escrita é o ato de viver, é a expressão da subjetividade negra em coletividade, esta é a dinâmica dos saberes orgânicos. Entretanto, existe uma diferença entre o que a academia chama de “conceitos” e esses saberes. Na *Literavida de Zumbi, o despertar da liberdade* (1999) e *Na cor da pele* (2005), os saberes orgânicos estão manifestos nas *palavras germinantes*, que na perspectiva da contracolonização, de Nêgo Bispo, a arte de denominar é uma estratégia de defesa em que as armas dos inimigos são transformadas em armas de defesa, no caso, as palavras e para isso, começaram a denominar também (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 13). Para compreender as minúcias destes processos orgânicos, é necessário retomarmos à analogia do adestramento, fazendo outra analogia à tripla perda do sujeito escravizado de Achille Mbembe (2018, p. 27).

Na submissão total do-a *sujeito-a* escravizado-a pela colonização (adestramento), a desterritorialização, quebra de identidade, distanciamento da ancestralidade, imposição de novos modos de vida e a denominação (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2023, p.12), está intimamente associada à tripla perda. Por isso, na dinâmica da *Literavida*, os *valores negro-brasileiros* recompõem o corpo negro tripartido lhe devolvendo o pertencimento à

terra, reconstituindo sua identidade na liberdade de construir outros-as modos de vida, por intermédio da reconexão com a Ancestralidade. É importante ressaltar que o corpo não é compreendido apenas em termos de matéria, “o corpo físico”, mas de maneira multidimensional. Assim, na **exuzilhística**, enquanto os conceitos são escritas sintéticas, pois não têm trajetória, e, por isso, são palavras mortas, as *palavras germinantes* são palavras vivas (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2021, p. 20). No diálogo com as obras e com a vida poderá ser o modo em que podemos compreender como é o movimento **exuzilhístico** dos valores trabalhados, aqui, em ser escreviente de uma vida coletiva.

As pessoas negras estão acostumadas a “se descobrirem negra”, por esse viés do outro, do posto como diferente, devido à influência das dinâmicas racistas de opressão. Lembro de uma pergunta feita em um dos encontros semanais realizados pelo projeto Aquilombar²⁶: quem você seria se não existisse o racismo? Pergunta esta que também continua a reverberar em minhas sessões de análise e aqui nesta escrita. Caso não existisse o racismo, eu teria a possibilidade de expressar a minha subjetividade e só ser, sem a preocupação de sofrer uma aniquilação a qualquer instante, ou seja, “parar de viver uma vida insustentável, que faz com que eu me sinta o tempo todo lutando para sobreviver minha própria vida” (MORENA MARIAH, *Twitter*, 2023).

Nesta outra percepção da vida, apresentada aqui, buscando possibilitar a expressão da subjetividade, a conexão com a Ancestralidade é, portanto, a continuação, a partir do corpo e de práticas, de uma vida coletiva circular. As experiências africanas anteriores à colonização, foram transportadas pelos nossos ancestrais, que em meio à sobrevivência que aqui viveram, estrategicamente, continuaram a florescer em forma de práticas que, redimensionadas pelas “circularidades culturais e as encruzilhadas diaspóricas, influenciam o cotidiano negro-brasileiro” (NEI LOPES; LUIZ ANTÔNIO SIMAS, 2020, p. 15). Por intermédio dessa concepção, compreendemos que MUITO do

²⁶ O projeto de extensão “Aquilombar”, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, é um grupo terapêutico para estudantes universitários-as negros-as, conduzido pelo psicólogo Thiago da Silva Laurentino. Esta iniciativa objetiva a promoção de vivências terapêuticas e atividades que tem como base teórica a Psicologia Preta e a valorização da cultura e subjetividade negra. Esta experiência em coletivo foi o que, muitas vezes, me tirou das crises depressivas e ansiosas de desespero aprendido.

que é dito ou vivido está sendo inventado agora, apenas estamos contribuindo para que a roda continue a girar. A nossa Ancestralidade não está localizada no passado, mas permanece em nós, negros-as, pelo nosso corpo, nossos sonhos, nossos frutos e realizações (KATIÚSCIA RIBEIRO, *Youtube*, 2022). E como podemos pensar a Ancestralidade uma *Literavida exuzilhística*?

Identificamos também que as imagens, nas obras, são elementos que agem como um quebra-cabeça linguístico imagético na contraposição da estereotipação imposta pela maneira como a *plantation urbana* se estratifica. Nessa ginga de imagem e palavra, o autor e o ilustrador trabalham na reconfiguração do imaginário cultural brasileiro ressignificando sentidos tanto do ponto de vista discursivo quanto imagético. Tendo em vista que “não há possibilidade de vencer as amarras de uma estrutura tão profunda de opressão, como o racismo, sem luta coletiva. Portanto, para nós – porque creio que assim o seja para você –, empoderar-se passa por uma luta de mãos dadas” (JULIANA BORGES, 2019, p. 16). O que significa que, em termos de *Literavida*, é também um pensamento mobilizador na maneira como os conhecimentos se estruturam, em termos teóricos, críticos e metodológicos – que na ginga *exuzilhística* é um jeito de corpo, de ato e de escrita – e em como relacionam-se com a literatura embrenhada no cotidiano, que também está na sala de aula e que reflete na forma como os estudantes lêem e relacionam-se com estes conhecimentos. Por isso, o conceito de representação de Stuart Hall (2016) ocupa um novo e importante lugar, pois a representação conecta à cultura o sentido e a linguagem. Ela é uma parte fundamental no processo de formação dos significados e no compartilhamento entre os membros de uma cultura (HALL, 2016, p. 31).

Para Hall, o ato de representar está relacionado ao uso “da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos” (p. 31). A representação é uma forma de dar sentido ao mundo, é a maneira de produzir significados existentes em nossa mente por intermédio da linguagem, é através dela que fazemos referência ao mundo “real” dos objetos, acontecimentos ou sujeitos, ou ao mundo das ideias (mundo imaginário), acontecimentos ou sujeitos fictícios (HALL, 2016, p. 32).

Dito isso, na ilustração abaixo, de modo *exuzilhístico*, imagens movimentam-se na contraposição da estereotipação imposta pelas estratificações realizadas pela *plantation urbana* nas novas formas de escravização dos-as *sujeitos-as* negros-as. E podemos ver a presença da Ancestralidade como elemento mobilizador da reconfiguração e reconstrução do lar, do corpo e do estatuto político, que sentencia o sujeito negro à submissão total. Esta reconfiguração ancestral aponta para um movimento futuro, pois Ancestralidade implica a construção continuada de possibilidades. Para além disso, não podemos deixar de pensar em quanto tal movimento explode a concepção da literatura apenas para a questão textual e que o movimento exuzilhístico da *Literavida* está ancorado à *escrevivência* como potência mobilizadora.

A *Literavida* de Júlio Emílio Braz, como apresentado aqui, rompe o compromisso reducionista centralizador em temática e desvela as potencialidades do texto literário em diálogo com as inúmeras dimensões da vida. A constituição disto que está na linguagem extrapola as margens do livro e ganha o chão da sala de aula, fomenta a reflexão crítica do-a jovem e da criança, serve como ponto de partida para o-a pesquisadora pensar, repensar e reelaborar seus procedimentos de pesquisa, ao passo que encontra possibilidade nas discussões propostas por uma extensão engajada no diálogo e fomento do pensamento crítico da comunidade, apresentando outras formas de ler o livro e, conseqüentemente, a vida. A Ancestralidade como uma “pedagoginga”, implica em estratégias que articulem estas outras possibilidades de pensar a Literatura em dinâmicas irrestritas, “ênfatizando o presente sem que se esqueça da tapeçaria ancestral que também o constitui” (ALLAN DA ROSA, 2019, p. 60) numa perspectiva reatualizadora que constitui o futuro, o que significa que não se encerra agora, é só mais uma semente que germinará e alcançará quem ainda está por vir. A educação, nesta perspectiva, aponta para o processo relacional do qual a contracolônização é feita, compreendendo o processo de construção do pensamento crítico enquanto trajetória e não como teoria, vazia, um saber sintético. “Somos da circularidade: começo, meio e começo. As nossas vidas não têm fim. A geração avó é o começo, a geração mãe é o meio e a geração neta é o começo de novo” (ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS, 2023, p. 102). Deste modo, os *valores* propostos por Azoílda Loretto da Trindade como um mobilizador para a educação,

dialoga, como vejo, com a literatura, a partir de nossa proposta **exuzilhística**, mas não em um sentido desassociativo da educação, a sua potência de diálogo está justamente por iniciar no chão da sala de aula e, em um movimento afrofuturista de começo, meio e começo, é para lá que retorna.

Em *Na cor da pele* (2005), a Ancestralidade é base de retomada da afirmação da subjetividade da personagem central, que está inserida em um profunda embranquecida lógica de esvaziamento de si. O fortalecimento do que nos constitui faz parte de uma luta, trajetória e um processo. Eles são aspectos, características e marcas africanas que são ressignificadas e reconstituídas em nossa existência. A ancestralidade marca a potência de quem nós somos, por intermédio da afirmação da vida e da singularidade no coletivo (AZOILDA LORETTO DA TRINDADE, *Youtube*, 2018)²⁷.

Em uma lógica contrária à expressão da subjetividade no coletivo, a epígrafe de *Na cor da Pele* (2005) traz a citação de *Não perguntei o nome deles*, um conto de Ralph Ellison²⁸, que, de acordo com as acepções sobre o entorno, a personagem do conto reflete e questiona suas próprias ações e pensamento.

Naquela época, eu **me esforçava ao máximo para tentar não odiar**. E **me sentia mal sempre** que me encontrava numa **posição que poderia ser interpretada como ódio** [...] Mas aprendera a não atacar aqueles que não fossem pessoalmente agressivos e que só expressassem passivamente o que lhes tinha sido ensinado. [...] **às vezes eu era grosseiro**, porque ser decente significava **mostrar-se medroso e consciente de “seu lugar”**. Então, uma vez que, quando se era decente, eles achavam que você estava com medo [...], eu era quase sempre grosseiro (1998, negritos nossos).

Essa epígrafe expressa a dificuldade no manejo do ódio, emoção que faz parte da constituição do ser humano. Esse esforço na não experiência deste afeto é um movimento condicionante de desumanização e, apesar de não estar expresso, contextualmente, podemos deduzir que trata-se de uma pessoa negra. Devido a

²⁷ “Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na Educação Infantil” – Salto para o Futuro – *TV Escola*. Participação da intelectual negra Azoilda Loretto da Trindade.

²⁸ Conto publicado no livro *Flying Home and Other Stories* (1998).

estereotipação realizada sobre o sujeito negro, que o coloca sempre em uma performance contínua de agressividade, animalização e grosseria, ainda que não esteja sentindo isso, será interpretado como se estivesse. Por outro lado, independente do modo como aja será visto como agressivo, da mesma forma que performar medo indica a aceitação de subserviência, outro lugar social imposto às pessoas negras. Essa epígrafe sintetiza questões muito presentes ao longo da obra: a dificuldade da personagem em se reconhecer como sujeito para além do olhar racista que impõe uma determinada performance. É por meio da Ancestralidade que o rapaz encontra ferramentas e repertórios de re-ação para lidar com todas as contradições entre quem ele é e o que gostaria que fossem. Retomando a analogia da tripla perda, no que diz respeito a perda de um lar, o movimento exuzilhístico da Ancestralidade, na obra, aponta para a reconstrução deste corpo fragmentado pela reafirmação e valorização da família. Assim, a partir da epígrafe, podemos perceber a estratégia simbólica do autor de apresentar como a sociedade racista constrói e delimita um imaginário sobre quem é o-a *sujeito-a* negro-a, de forma homogeneizada, para ao longo da narrativa desconstruí-lo e representá-lo de uma forma inversa.

Em *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999), a recomposição da perda do lar é feita, por intermédio da conexão entre Celinho, Antônio e Zumbi. O tempo espiralar que abriga o passado, o presente e o futuro, em conexões com o que é da ordem do pessoal e do coletivo, a Ancestralidade atua como base para essa rede, como tece Leda Maria Martins (2021, p. 58-59):

A Ancestralidade define de modo estruturante a cosmopercepção negro-africana, dispersa pelas inúmeras e diversas culturas [...] restituem a força vital aos seus descendentes, tanto aos anelados por vínculos consanguíneos quanto aos constituídos e agregados por relações familiares de escopo mais amplo, agrupados por imaginárias e simbólicas redes de pertencimento; porque balizam a vivência espiralar das temporalidades e do espaço; o princípio filosófico da ancestralidade é a motriz do corpo individualizado, do corpo coletivo e do *corpus cultural*.

A Ancestralidade é o fator estruturante dos *valores negro-brasileiros*, é por meio dela que Celinho encontra possibilidades de construir narrativas distintas das que lhe são

impostas diariamente pela opressão racista. Ainda que não consiga se conectar com seus familiares, é em Antônio, o livreiro que esta conexão se faz possível. Ainda que não tenham laços consanguíneos, A Ancestralidade atua por intermédio do pertencimento e do vínculo construído entre os dois. É Antônio que presenteia Celinho com um livro sobre Zumbi e fomenta no rapaz o conhecimento sobre a conexão coletiva ancestral.

– Você gosta de ler, menino?

A pergunta veio tão repentinamente quanto a aparição **daquele negro, tão negro quanto ele. Era magro e muito mais alto que Celinho. Sorria. Sorria largo. Sorria sincero e talvez por isso o sorriso fosse tão largo. A camisa que usava era da livraria e Celinho recuou**, contrariado, a cara amarrada. Fim do sonho. Hora de ir embora.

– Gosta?

Ele insistiu e descruzou os braços, **o sorriso permanecendo, num gesto de boa vontade.**

– Não enche! – resmungou Celinho, recuando alguns passos.

– Ora, mas o que é isso? Eu...

Celinho ainda o viu dar um solitário passo em sua direção e estender uma das mãos. Naquela fração de segundo, **deparou mais uma vez com Falasca, a mão gorda, branca e peluda, cintilante de anéis, desabando mais uma vez sobre seu rosto.**

Correu, fugiu para longe.

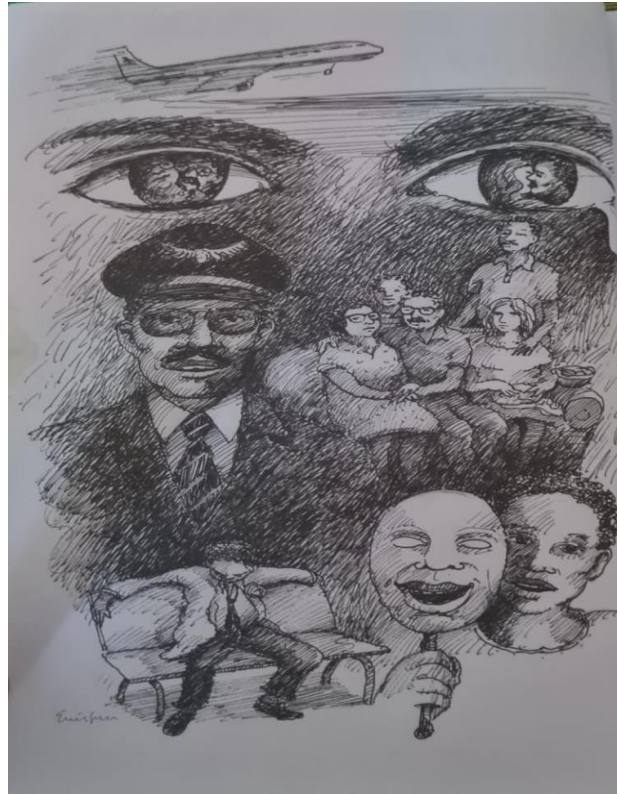
(JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 20).

Nas sentenças “daquele negro, tão negro quanto ele” e “ Sorria. Sorria largo. Sorria sincero e talvez por isso o sorriso fosse tão largo”, as repetições de “negro” e “sorria”, enfatizam dois pontos: a surpresa da criança em ver alguém negro como ele, e a quebra de expectativa em termos representacionais sobre a figura do negro na demonstração de afeto distinto ao que *sujeitos-as* negros-as estão atribuídos, em performances estáticas de raiva.

Ao ver o homem com a camisa da livraria, Celinho recua, por guardar em sua pele e em sua mente episódios traumáticos de quando foi desprezado e enxotado. A branquitude enquanto categoria social constrói e reatualiza o imaginário relacionado às pessoas negras. Na constituição desse imaginário branco, o-a *sujeito-a* negro-a ocupa o lugar de “ruim” e incorpora os aspectos que a sociedade branca reprime, como a

sexualidade e agressividade, e transforma em tabu. Como estes afetos tidos como negativos são deslocados para o-a sujeito-a negro-a: ameaçador, perigoso, violento, excitante, sujo, faz com que a branquitude olhe para si mesma em uma posição idealizada, decente, civilizada, generosa e obtenha o controle total e livre do que a sua história provoca (GRADA KILOMBA, 2019, p. 37). De forma inconsciente, sentenciar o outro é uma forma de se auto-absolver. Desta forma, ainda que Celinho consiga perceber a semelhança entre ele e Antônio, devido às dinâmicas traumáticas nas quais está completamente envolvido, o gesto de estenter a mão faz com que associe o livreiro à figura de Falasca, o homem que o explora, mesmo sendo fisicamente diferentes. As sentenças **“mão gorda, branca e peluda [...] desabando mais uma vez sobre seu rosto”** e **“tão negro quanto ele [...] o sorriso permanecendo num gesto de boa vontade”**, marcam linguisticamente as diferenças que permeiam os dois homens em termos de traços e gestos. Enquanto Falasca, o homem branco, está envolto em uma gestualidade agressiva frente à criança, Antônio, o negro, sorri e lhe estende a mão generosamente. Estas diferenças entre um e outro marcam outra quebra de expectativa em relação às imagens condicionantes relacionadas aos sujeitos brancos, representados como “bons” e negros, como “ruins”. Essa quebra, ao mesmo tempo que, no âmbito representacional, promove tensionamento deste imaginário e em termos de veiculação da literatura na sala de aula, viabiliza ao-à possível leitor-a negro-a a de ser enxergado-a a partir de imagens que o-a potencialize.

Figura 16 – Ilustração do livro *Na cor da pele* (2005)



Fonte: Escaneadas por mim, p. 8.

Para uma criança negra, não se ver representada no mundo, ou se ver apenas por imagens distorcidas, violentas e hiperssexualizadas, afeta negativamente a formação de sua auto percepção. Essa imagem está localizada na página seguinte à epígrafe, como uma contraposição linguístico-imagética da narrativa imposta socialmente aos-às sujeitos-as negros-as, enfranquecendo o imaginário coletivo por meio da representação de um rapaz negro crescendo em um ambiente familiar acolhedor e suficientemente estruturado financeiramente. **Na imagem, há um sofá em que estão sentados os avós – que na obra estão localizados como os avós paternos – a mãe – uma mulher branca – e atrás do sofá o pai. No lado esquerdo, o pai aparece uniformizado como piloto, reafirmando representações que o constituem e que ele sente orgulho.** Nessa configuração imagética podemos depreender a importância da família paterna na formação do jovem e a presença da Ancestralidade negra atuando. Sendo a base da conexão e continuidade da vida.

Para Conceição Evaristo (2019), a história de sua ancestralidade acontece naturalmente em um movimento de resistência, ainda que eles não tivessem consciência disso. Em Minas, na vivência da fé católica, algumas heranças e memórias negras estavam se perdendo à medida que o catolicismo estabelecia outro tipo de relação com a divindade. Ela cresceu na ambiência católica e participou de toda a experiência na religião. Precisou se distanciar para perceber que, na verdade, vivia uma experiência negra do catolicismo e nessa experiência retomava a Ancestralidade. A autora descreve como os modos de celebração de eventos como a congada, por exemplo, apesar de ser uma festa de mitos católicos – pois celebra Jesus e Nossa Senhora do Rosário – mas traz modos de celebração marcadamente africanos, além de terem entidades africanas evocadas no canto. Conceição diz que muito dessas histórias são retomadas, pela escrita, na rememoração e histórias de sua mãe, e das narrações que fizeram parte de sua infância. A autora percebe o quanto de reminiscências das culturas africanas – falas, atitudes, simpatias, benzeções – estavam presentes e incorporadas em seu cotidiano e não havia percepção sobre isso (CONCEIÇÃO EVARISTO, *Youtube*, 2019). Estas reminiscências de uma prática de cuidado familiar ancestral, se fazem presentes em *Na cor da pele* (2005), enfatizadas na ilustração, no modo que a personagem tem com sua família por parte de pai:

Meu pai é negro. Meus avós são negros. Grande parte dos meus tios e primos também são. Sempre gostei deles e gostei muito. De cada um deles. Todos tinham uma história pessoal de que me orgulhava bastante, por menos significativa que fosse. Na verdade, cresci ouvindo e, mais do que isso, vivenciando cada uma delas; algumas vezes de tal forma, que cheguei a incorporar certas coisas ditas sobre elas como se fossem parte de mim. Era simples, porque eu queria estar, viver, ser um deles. Volta e meia, partilhava aquela raiva ou desfrutava aquela vitória suada, arrancada com a determinação dos “despossuídos”, daqueles que não têm, mas sonham e lutam para ter. [...] Éramos uma família. A palavra confortava, aquecia, me fazia sentir bem. Ainda faz. Talvez seja algo permanente, como a certeza de ter sempre um lugar certo, um refúgio seguro para onde voltar com aquela dor ou com uma nova alegria. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 14, negritos nossos).

No excerto, a constatação da sua *pretiniosidade* de sua família por parte de pai em forma de orgulho e admiração. O movimento de enumerar cada um e externar o seu

afeto sobre eles, ainda que tenha crescido ouvindo e vivenciando as experiências que circulavam entre eles, acontece de forma distanciada, como se não se enxergasse negro como eles. A frase: **“como se fossem parte de mim [...] era simples, porque eu queria estar, viver, ser um deles”** a condicional expressa pela partícula “se”, juntamente com o verbo querer no pretérito imperfeito, indicando impossibilidade, indicam semanticamente a dificuldade de sentir-se pertencente, apesar do esforço, não se via como eles.

Entretanto, a presença vívida da Ancestralidade sempre esteve ali presente no seu cotidiano e na relação que mantinha com seus familiares. A palavra família é um significante preenchido de vida que o possibilita segurança e refúgio. Apesar da dificuldade em enxergar-se como um deles, o que acontecia devido aos aspectos embranquecedores no qual também estava inserido, a família como esse **lugar seguro** é marcação simbólica contracolonial de uma noção de lugar que contrapõe aos lugares estereotipados impostos socialmente às pessoas negras. Além de se apresentarem como uma contraposição também ao **não-lugar** vivenciado pela personagem na não compreensão de sua própria *pretiniosidade*, já que é um rapaz negro de pele clara.

A branquitude impacta coletivamente nossas psiques, molda a natureza da forma como falamos, sonhamos, andamos e como olhamos uns para os outros-as (hooks, 2019, p. 44). Para bell hooks (2019): “Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras” (2019, p. 61). **Mas devido a máscara embranquecedora que era forçado a vestir, o rapaz se enxerga pela ótica desse não-lugar.**

A ocidentalidade, além de ter cerceado o-a negro-a, impôs a ele-a uma cultura binária e segmentada, experienciada, sobretudo, pela racionalização. Além disso, é forçado a lidar consigo mesmo-a a partir de distorções segmentadas, não é um sentir integrado, porque a branquitude se coloca como espelho repartido e o-a negro-a é captado-a pelo outro a partir desta parcialidade, que volta para ele-a, em reflexo, nessas partes: olhos, olhares, gestos e máscaras. Os elementos relacionados às práticas

ancestrais – falas e ações de seus familiares – **incorporados** pela personagem, nos levam a conclusão que são por meio destes movimentos que a máscara branca é estilhaçada, ainda que ele não tenha a percepção disso, naquele momento:

A ancestralidade é como um tecido produzido no tear africano: na trama do tear está o horizonte do espaço; na urdidura do tecido está a verticalidade do tempo. Entrelaçando os fios do tempo e do espaço cria-se o tecido do mundo que articula a trama e a urdidura da existência [...] é um tempo difuso e um espaço diluído. Evanescente, contém dobras Labirintos se desdobram no seu interior e os corredores se abrem para o grande vão da memória. **A memória é precisamente os fios que compõem a estampa da existência.** A trama e a urdidura são os modos pelos quais a estampa é tecida. **A estampa é uma marca identitária no tecido incolor e multiforme da experiência.** [...] ancestralidade é conceito e prática ao mesmo tempo – atua como ideia, móbil de ação e carretel para a costura. **O tempo ancestral é um tempo criado de identidades (estampas).** Em cada uma de suas dobras abriga-se um número de identidades flutuantes colorindo de matizes a estampa impressa no tecido da existência. **Por isso não é um tempo linear [...] é um tempo que se recria, pois a memória é tão somente um mecanismo de acesso à ancestralidade que tem como referência o corrente.** (EDUARDO OLIVEIRA, 2021, p. 250, negritos nossos).

Articulando o trecho de *Na Cor da pele* (2005) com o excerto acima, pensando em uma experiência negro-a-brasileira dessa Ancestralidade, a “incorporação” dessa fala é a impressão dessa vivência familiar no corpo da personagem, ainda que ele não consiga experienciá-la com plenitude, porque acredita que acontece de fora para dentro, não reconhece que é algo que sempre trouxe em si, pois é a reatualização dessas existências.

O entrelaçamento dos fios do tempo e do espaço tornando-se visíveis a nós por meio da impressão dessas existências no corpo da personagem, no caso, no corpo do texto, pois é reatualizada em forma de palavra e conectada também ao-à leitor-a, negro-a, que preenche semanticamente o nome ausente da personagem, afinal, a deixa está nas 53 formas de nomear pessoas negras presentes na dedicatória. Essa história faz parte de muitos de nós, os pardos-as, considerados “claros-as” demais para serem negros-a e “escuros-as” demais para serem brancos. É neste ponto que a obra nos chama atenção: A Ancestralidade se faz presente como ponto de ruptura da manutenção de um projeto de embranquecimento empregado no endeusamento do mito da

democracia racial e reconecta esse corpo partido, por intermédio da Memória, os fios que compõem a Ancestralidade, no movimento temporal ancestrale. Esta é a gíngua da *Literavida* na dinâmica negro-a-brasileira, mobilizar as identidades estampadas no tempo que estão apagadas e rompidas das existências negras, mas, estão aqui e fazem parte de quem somos. É por meio de um tempo circular e não linear que compreendemos como esta atualização acontece, já que ele é recriado cada vez que acontece a incorporação do que foi dito e vivido por cada um desses familiares, é o que se faz presente em nós pelo batuque do samba e do hip hop, em histórias e simbologias que ainda carregamos. É deste modo que a Ancestralidade é acessada na obra e na vida.

Na ilustração, os olhos refletem os pais e os avós, a lágrima que escorre por um desses olhos. Do lado esquerdo, está sentado no banco com a cabeça baixa, sozinho, pois apesar de seus olhos refletirem sua família, experencia um sentimento de incompletude em relação a eles. Este não pertencimento pode estar relacionado à máscara que segura, reforçando essa imagem a parte de si, que impossibilita o seu reflexo. A comunicação pelos órgãos do sentido e a representação do corpo negro escindido nunca completo, metonimicamente, comunicam e refletem estas distorções e parcialidades na qual o-a *sujeito-a* negro-a é representado, na relação enviesada com o-a *sujeito-a* branco-a. Existe toda uma comunicabilidade nesses gestos que guardam a verdade que não pode ser exposta, porque é sórdida até para quem diz: que o-a *sujeito-a* negro-a não pertence e não merece estar nos mesmos espaços, concorrendo em situação de igualdade com os-as brancos-as.

Era uma passageira alta e muito magra. Cabelos grisalhos. Óculos de lentes esverdeadas. **Nariz espetando o mundo a torto e a direito, autoritário. Branca. Ao ver meu pai sair da cabine**, virou-se para uma das aeromoças e, **misturando espanto no olhar** disse:

– Nossa, o co-piloto era negro!

– Não, senhora – corrigiu-a gentilmente a aeromoça -, esse é o piloto! Comandante...

A mulher fez o sinal-da-cruz e desceu a escada tropeçando no próprio medo. Não entendi. Meu pai achou graça. Todos riram muito dentro do avião. Até eu. No entanto, volta e meia esbarrávamos naqueles mesmos olhares. Nem mesmo minha mãe era imune a eles. Quando estávamos juntos, eram para ela todos os olhares a nossa volta. Com o tempo, passei

a ver indagações mudas naqueles olhares. Espanto. Surpresa. Certa aversão. Censura. Coisas ruins. De vez em quando, dava vontade de brigar com alguém, mas parecia que eu era o único interessado em brigar, em desviar tais olhares a socos e pontapés. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 17,18, negritos nossos).

Em um movimento gestual do que não pode ser comunicado em palavras, os órgãos do sentido fazem essa tarefa nesse velado jogo racista, significantes que dão forma para toda a carga semântica do racismo. O nariz que expressa sentidos de autoritarismo, o famoso “nariz em pé”, que se interligam aos olhos, carregados de espanto para a cabine, até que não é possível mais esconder a sua indignação e transforma em palavra falada a verdade que gostaria de ouvir, como se a partir deste ato pudesse transformar a realidade que intui. Ao constatar que aquele não era o co-piloto e sim o piloto, faz um gesto de cruz, pedindo proteção, demonstrando a impossibilidade de acreditar que um homem negro é capaz de conduzir um avião. Nesta trama gestual racista, a resposta de todos vem por um viés de confirmação também racista: a risada.

Dentro do sistema de dominação, o racismo recreativo acontece de forma diferente de outras expressões. Estamos em um mundo que as manifestações abertas de racismo e demonstrações explícitas de ódio são intoleráveis, consideradas crime, como disse Adilson Moreira (2019). E ele continua:

Como bem disse Chester Pierce, o racismo é um problema de saúde pública porque possui uma natureza contagiosa. Ele permite a propagação de estereótipos que procuram legitimar práticas discriminatórias contra negros. Esse psiquiatra americano estava especialmente interessado no segundo aspecto do racismo, o seu poder de criar imagens deturpadas do outro, o que induz a uma série de comportamentos conscientes e inconscientes de natureza sutil que expressam desprezo por minorias raciais. Esses comportamentos não são apenas atos abertamente racistas. Chester Pierce classificou essas ações que se manifestam na forma de expressões verbais, de representações culturais e de reações físicas como rituais sociais que demonstram desprezo por minorias raciais. Eles estão baseados em sentimentos de natureza negativa em relação a membros de grupos minoritários, sentimentos decorrentes de diferenças de status cultural entre grupos raciais presentes em uma sociedade. Esses atos, mensagens e representações seriam então o que ele chamou de microagressões. (CHESTER PIERCE, 2015 citado por 2019, p. 37).

Essas microagressões são a peça-chave de compreensão do jogo racista que imprime ao negro um reflexo repartido do outro, além de tentar driblar a comunicação e dizer, mesmo que sem palavras, a verdade excludente sobre o que pensam de pessoas negras. Esta diferença precisa ser marcada e mesmo que não seja a intenção, porque em muitos momentos acontece de forma inconsciente, mas não deixa de ser uma agressão. **As microagressões podem ser identificadas a partir de três tipos: microassaltos, microinsultos e microinvalidações.** O primeiro se caracteriza como atitudes que expressam desprezo ou agressividade em relação ao pertencimento social, acontece por meio de falas ou comportamentos físicos que denotam diferença de valor entre as pessoas. No geral, são propositais e conscientes, a partir de expressões de estereótipos negativos em relação ao outro. Tais pessoas evitam interações sociais com grupos minoritários, que não são tratadas com a mesma cortesia que tratariam seu grupo (ADILSON MOREIRA, 2019, p. 37). Já os microinsultos são formas de comunicação que demonstram de maneira expressa ou encoberta uma ausência de sensibilidade à experiência, à tradição ou à identidade cultural de uma pessoa ou um grupo de pessoas. Microinsultos podem ser não propositais, embora sejam manifestações de um sentimento de superioridade que uma pessoa sente em relação à outra por fazer parte do grupo dominante. As Microinvalidações ocorrem quando há uma falta de atribuição de importância às experiências, interesses e pensamentos de determinado grupo minoritário (ADILSON MOREIRA, 2019, p. 53).

Na obra, a ação de fazer o sinal da cruz e o olhar incrédulo da mulher branca, podem ser identificadas como um microassalto, bem como o espanto e a necessidade de verbalizar o seu estranhamento sobre o profissional ser negro. Esse jogo simbólico, está expresso a partir da representação desse corpo parcializado que diz, como se a partir dessa excisão fosse possível deslocar, e de certa forma ocultar, a dinâmica racista envolvida. Já o olhar, enquanto este espelho de reflexão, centraliza-se como significante mobilizador dos afetos colonizadores em forma de microagressões e encaixa-se como peça-chave do jogo. O olhar que impõe questionamento, censura e dúvida, aversão e coisas ruins, mas permanece no silêncio oculto e contribui para a manutenção do jogo. O riso também é um recurso utilizado nessa dinâmica oculta. A resposta do sujeito

invalidado por um gesto racista de fazer o sinal-da-cruz, vem a partir de outro gesto, o riso, como um mecanismo de defesa de tornar engraçado o momento e participar enviesadamente da dinâmica vexatória.

Assim, microagressões agiam como instrumentos a serviço do racismo para desconectá-lo de sua Ancestralidade e destruir sua subjetividade. Nesta dinâmica de invalidação, um outro aspecto de movimento embranquecedor era experienciada em sua casa, na relação com sua mãe e no Colégio. Percebemos aqui dois modos atuantes e destruidores na forma como o racismo age na sociedade, o familiar e o institucional:

Nem em casa a cor de minha pele era mencionada, até porque era natural, corriqueiro. Nunca fomos do tipo panfletário nem tivemos qualquer espécie de engajamento relacionado à cor de nossa pele. Ser negro era um fato em nossa vida e ponto final. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 26,27, negritos nossos).

Na casa da personagem, a omissão da cor da pele, na maneira como tentavam tratar “o assunto” como algo natural e corriqueiro, desvela, mais uma vez, a forma como o racismo velado se movimenta, forçando uma normalidade inexistente. Apesar de enunciar como “um fato”, o ser negro estava relacionado a mobilizações de afetos que se negavam em ter que lidar. Deste modo, falar sobre isso em tom de valorização, era tido como “panfletário”. Como vimos anteriormente, o pai reproduzia atitudes que davam um sentido amenizador e cômico sobre o fato de ser um piloto negro:

A palavra não ofendia nem engrandecia. Nem mesmo **quando meu pai se converteu no primeiro piloto negro na empresa em que trabalhava**, não ficou gritando aquilo aos quatro ventos nem esperando qualquer tipo de destaque.
– Eu não sou um piloto negro – repetia. – **Eu sou um piloto!**
(JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 26,27, negritos nossos).

A dificuldade na enunciação da palavra “negro”, substituída por “palavra”, evidencia, mais uma vez a dinâmica de não aceitação da “cor da pele” na qual o núcleo familiar do rapaz vivenciava. Apesar de justificarem com um “fato” sem a necessidade de “engrandecimento”, a frase “eu não sou um piloto negro, sou um piloto”, aparentemente reivindica uma “humanidade”, já que, se pensarmos em pessoas brancas, por exemplo,

Moreninho claro. Moreninho claro. Moreninho claro. Moreninho claro.
 Moreninho claro. Moreninho claro. Moreninho claro. Moreninho claro.
 Moreninho claro. Moreninho claro. Moreninho claro. Moreninho claro.
 Moreninho claro. Moreninho claro.
 (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 26,27, negritos nossos).

O resultado da supressão da palavra “negro”, discursivamente, indica a ocultação da identidade da personagem, que de tanto ignorar, foi esquecendo de quem era. A substituição do ser negro por “eufemismos mais confortáveis”, direciona a personagem para uma atmosfera de possibilidade de vida “sem protesto”, entretanto, isso é impossível, pois ela continua submersa em dinâmicas de desmobilização. A “confusão” da mãe, que não é bem uma confusão, está mais para deslegitimação, vai por um sentido contrário da (con)fusão aqui reivindicada pela **exuzilhística**, a partir da **escrevivência**. O “confundir” da mãe retira a carga simbólica identitária contida na palavra “negro” e substitui por “moreninho claro” como se tal desarticulação fosse possível. A repetição da palavra “moreninho claro” 46 vezes, pode ser interpretada como a reivindicação deste ser invisibilizado e suprimido até o esquecimento, como uma forma de permanecer vivo.

A segunda esfera de esvaziamento identitário, representada na obra, é a institucional. O “Colégio”, que também não tem nome, evidencia o processo embranquecedor e de extração de subjetividade na qual as instituições de ensino estão inseridas. A ausência de nome enfatiza o caráter homogeneizante em transformar as pessoas em “iguais”, a partir de um ensino repetitivo, sem reflexão crítica.

Importante era estar no Colégio. Vital era a alegria dos meus pais e da família. **Agradável** era ser o melhor aluno do Colégio. Tudo o mais era relativo ou de bem pouca importância. Até mesmo a cor da minha pele, pois de vez em quando eu mesmo me esquecia inteiramente dela. Estranho, né? Mas era verdade. Sei lá por que, mas a convivência com os outros alunos, todos **irremovivelmente brancos e orgulhosos disso, minha absorção como parte do mundo deles** – sincera ou interesseira – acabou por me levar a dar pouca relevância ao fato. (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 24, negritos nossos).

A importância atribuída à permanência na instituição, a qualquer custo, como uma forma de satisfazer a família, é a fonte de onde a personagem obtém as forças para se fortalecer e “lidar” com os afetos negativos direcionados a ele pelo racismo. Ele retira

energia de um lugar e a direciona para outro, de modo que todo o resto perde importância, especialmente a cor de sua pele. A palavra “irremovivelmente” relacionada aos-às colegas brancos-as, revela o padrão no qual a branquitude se evidencia, a norma impossível de ser retirada e removida o ponto de partida, a referência. Tal referência e imersão nesse mundo, provoca na personagem o esquecimento sobre si mesmo.

Por outro lado, a personagem revive certos lampejos sobre si e seu lugar no mundo, por meio dos tensionamentos provocados por seu tio Luís Carlos, irmão de seu pai. Uma figura que traz a valorização da cor e de elementos da identidade negra, ainda que isso seja visto de forma panfletária por outros-as membros-as da família. Esta personagem é uma das conexões do rapaz aos elementos potencializadores de identidade, seu tio é um ponto de conexão à subjetividade negra:

Um dos meus tios, do alto de seus *dreadlocks* (aquelas trancinhas no cabelo tipo afro) e de suas intermináveis boinas tricolores jamaicanas, vivia reclamando **que devíamos nos envolver mais com a Causa... – Vocês estão embranquecendo! – acusou [...] Até o tio dos tais *dreadlocks* e das infalíveis boinas jamaicanas** rugia suas opiniões: – Você tem de ser negro! [...] **Não gostei de ver a boina tricolor jamaicana** na cabeça de tio Luís Carlos. **Será que ele não podia ter dado um tempo na militância pelo menos no dia de minha formatura? A troco de que precisava andar com aquela boina na cabeça onde quer que fosse? Não bastava a cor da pele para que todos vissem que era negro? O terno que vestia era bonito, bonito mesmo, mas aquela boina... para que aquela boina? Para chamar a atenção?** (JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 2005, p. 25, 30, 41, negritos nossos).

Figura 17 – Ilustração de *Na cor da pele* (2005)



Fonte: Escaneadas por mim, p. 28.

No trecho, a personagem se incomoda com as marcas de enaltecimento da cultura negra utilizados por seu tio. A sentença “devíamos nos envolver mais com a causa [...] vocês estão embranquecendo”, traz um alerta sobre o modo embranquecido no qual o rapaz e os pais estavam submersos. Circulando por ambientes repletos de pessoas brancas, reproduzindo um estilo de vida embranquecido. Este modo de vida embranquecedor é o passe exigido pela branquitude para que pessoas negras possam circular por espaços majoritariamente brancos. Há uma dicotomia entre as palavras “terno” e “boina tricolor jamaicana”, enquanto a primeira é valorizada por evidenciar uma estética branca, formal, ressaltado pela personagem como “muito bonito”, os elementos da estética negra são condenáveis e tidos” como panfletários. A sentença: **“Não bastava a cor da pele para que todos vissem que era negro?”** marca a contradição na qual a personagem se encontrava, já que, em muitos momentos, referia a sua cor como

“invisível”, que estava esquecendo dela e qualquer performance de uma *pretiniosidade* enaltecida era rechaçada por ele. Na imagem, o tio aparece ao centro, com *dreads* e camisa do Bob Marley abraçado com o rapaz. Acima deles, da esquerda para a direita, importantes intelectuais negros-as: o boxeador Muhammad Ali, Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul, Martin Luther King, pastor estaduniense ativista pelos direitos civis dos negros, Malcom X, também ativista estaduniense pelos direitos civis e a filósofa estaduniense Angela Davis, demonstrando que o tio é um importante elo com a cultura negra. As imagens ao longo do livro trazem aspectos da subjetividade da personagem que parecem revelar questões inconscientes sobre as dinâmicas familiares e sociais nas quais está inserido. Também se fazem presentes na invalidação do lugar de inteligência do-a *sujeito-a* negro-a. Em *Na cor da pele* (2005), apesar da personagem ser considerada o melhor aluno do Colégio, os mesmos olhares de invalidação eram direcionados para ele, que, de alguma maneira, tentavam deslegitimar e não o reconhecer.

Em *Zumbi, o despertar da liberdade* (1999) existem representações consolidadas sobre aquilo que é esperado de uma pessoa negra, ainda que seja apenas uma criança. Tais processos de violências citados, estão representados em diversas dimensões da vida, sobretudo no âmbito da palavra:

Celinho apareceu na porta da livraria com certa desconfiança nos olhos [...]

Acho que você vai gostar – disse Antônio, entregando-lhe o pacote, um embrulho feito no papel verde de grandes letras douradas da livraria [...]

– **Um presente para sempre. Diferente de todos os que já recebeu na vida.**

Nos **livros da escola**, os negros apareciam e apareciam em grande quantidade. Mas eram escravos, figuras apagadas, tristes e melancólicos coadjuvantes de uma história feita por homens brancos e mulheres brancas [...] muitos se faziam identificar como mulatos, pardos ou por qualquer outra palavra que atenuasse ou escondesse o fato de serem negros [...] A partir **daquele livro**, de suas **páginas transbordantes de coragem** e descobertas crescentes, encontrara **uma história diferente**, uma **época feita por, com e para todos os negros**. A **escravidão** nunca fora maravilhosa. Pelo contrário. humilhara, matara e destruíram muitos. (BRAZ, 1999, p. 37, 43, 44, negritos nossos).

Existe uma marcação simbólica distinta entre o que o autor chama de os “**livros da escola**” e “**daquele livro**”. Os “**livros da escola**” carregam um sentido que despotencializa as subjetividades negras. Neles, os-as *sujeitos-as* negros-as se avolumam como massa de manobra coisificada e escravizada. Além disso, a escola assume um lugar simbólico de produção de narrativas estereotipadas e homogeneizantes e os livros ali veiculados são instrumentos e porta-vozes dessas falsas verdades. Por outro lado, “a partir **daquele livro**”, o livro ganhado por Antônio, o livreiro “negro como ele”, e as **páginas transbordantes de coragem**, trazem uma ideia de dinamismo e conhecimentos que extrapolam a materialidade do livro, é conhecimento vivo. Tal conhecimento ganha corpo na proposta de uma contra-narrativa possibilitada pelos **livros da escola**. Podemos ler tal história feita “por, com e para todos os negros”, como uma estratégia linguística-imagética de inscrição na História, a história do quilombo de Palmares, a partir de uma outra possibilidade de existência dentro daquilo que era imposto pela escravização. Da mesma forma que aquele livro dado a Celinho por um igual, torna possível a experiência de uma outra possibilidade de existência e resistência.

Na encruzilhada não há encerramento

Nada se repete além do loop
Se essa não te reflete me desculpe, ou melhor...
Nunca me contemplo no padrão
Nunca fui exemplo de padrão
Nunca me contento com fração se não for sample
Picotado invertido, quando invento, que que tem pô?
Foi-se o tempo em que ser original era o barato
Não oposto de caro, criativo no aparato
Recurso tá mais fácil, tem curso pra esses type
Meu curso foi criar percurso longe desses naípe
Sou carta fora do baralho sem destinatário
Escrita a próprio punho, sem cunho desnecessário
Caligrafia estranha mas que ainda comunica
Melhor do que imagem falsa que hoje se publica
Curtida inflando ego feito anabolizante
Cultura as vezes sofre, já foi vista agonizante
Resiste, existir é afronta pra quem quis
Tirar da conta desiguais ou mais diferentes
Como quebrar o ciclo andando em círculo, rotina
Eu busco além do próximo com tímpano e retina
Já me quiseram dentro de um formato, eu não coube
Perguntaram segredo do estrelato, eu não soube
Procuro saberes nesse universo enorme
E sou bem mais útil sem trabalhar de uniforme, fi...

(Kamau, 2023).

É possível a percepção que o caminho argumentativo pode estar quebrado. Sim, sendo único, estão. Como caminhos abertos, demonstrados, trilhados, é uma estratégia **exuzilhística** de caminhada, pois não se encerram aqui, nas ‘considerações finais’, uma vez que estamos no meio da encruzilhada. Eles movem-se continuamente em “começo, meio e começo” e apontam para outras trajetórias. Por isso, de uma maneira que transcende, rompe, inunda, vai muito além das páginas de um livro, e desta experimentação, diz respeito à vida – conforme apontam as duas obras, cada qual à sua maneira – afirmo que esta é a sinalização de um outro caminho que está por vir (espero que seja um doutorado), para que eu tenha a possibilidade de trabalhar as muitas trajetórias aqui iniciadas.

A **pesqurevivência exuzilhística**, proposta neste trabalho acadêmico, transcende tanto seu início quanto seu término aqui, assim como não se limita a ser meramente um movimento intelectual individual. É um ato que teve início desde os meus primeiros passos no mundo, estendendo-se até os passos que conectam com os ancestrais, contribuindo para a construção da minha identidade. Por conseguinte, essa experimentação entrelaça-se ao contracolonial, abrangendo experiências que não se restringem nem se encerram no âmbito acadêmico, mas convergem e dialogam com diversas outras vivências.

Comprometida com políticas públicas, como a Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica, e a Lei nº 11.645/08, que acrescentou o ensino de História e culturas indígenas em escolas públicas e particulares, esta pesquisa reflete um compromisso com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9.394/96. Esta lei estabelece orientações para o atendimento a pessoas com necessidades educacionais específicas. A pesquisa busca alinhar-se com o propósito do Ensino Superior, estimulando a criação cultural, o desenvolvimento do espírito científico e o pensamento reflexivo, contribuindo para diversas áreas de conhecimento e participando de debates sobre o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Além disso, o compromisso estende-se à viabilização, promoção e divulgação de conhecimentos culturais, técnicos e científicos que compõem o patrimônio da humanidade, fomentando a compreensão das diversas experiências que constituem o Brasil. Assim como a integração de conhecimentos que reflitam sobre os problemas sociais, a fim de possibilitar a comunidade uma relação de reciprocidade (BRASIL, 1996, Art. 43).

Identificamos, adicionalmente, que as imagens presentes nas obras, como evidenciei, estão intimamente relacionadas ao texto verbal por meio de elementos que atuam como um quebra-cabeça linguístico imagético, contrapondo-se à estereotipação imposta pela forma como a *plantation urbana* se estratifica. Nesse entrelaçamento de imagem e palavra, o autor empenha-se na reconfiguração do imaginário cultural brasileiro, conferindo novos significados tanto do ponto de vista discursivo quanto imagético. Tendo em vista que “não há possibilidade de vencer as amarras de uma estrutura tão profunda de orpressão, como o racismo, sem luta coletiva. Portanto, para nós – porque creio que assim o seja para você –, empoderar-se passa por uma luta de mãos dadas” (JULIANA BORGES, 2019, p. 16). O que significa que, em termos de *Literavida*, é também um pensamento mobilizador na maneira como os conhecimentos se estruturam, em termos teóricos, críticos e metodológicos – que na ginga **exuzilhística** é um jeito de corpo, de ato e de escrita – e em como relacionam-se com a literatura embrenhada no cotidiano, que também está na sala de aula e que reflete na forma como os estudantes lêem e relacionam-se com estes conhecimentos.

Como evidenciado, o conceito de representação de Stuart Hall (2016) é crucial, pois estabelece uma conexão entre cultura, sentido e linguagem, desempenhando um papel fundamental no processo de formação de significados e, conseqüentemente, na sua disseminação entre os participantes de uma determinada cultura. Dessa forma, a ato de representar está intrinsecamente ligado à utilização efetiva da linguagem, seus signos e imagens. Essa representação, enquanto meio de atribuir significado ao mundo, constitui a maneira pela qual produzimos os significados presentes e circulantes em nosso cotidiano, referindo-nos ao mundo que consideramos “real” – seja ele composto por objetos, eventos ou sujeitos – ou ao mundo fictício.

A linguagem expressa no e pelo corpo me faz lembrar minha mãe, que comenta que eu andei pouco e já quis logo correr, indicando sempre uma pressa evidente em meu corpo. Uma pressa em conhecer, descobrir e desbravar. O movimento do corpo é também uma forma de linguagem, e é por isso que, no meu processo de escrita, sempre percebi que era um movimento composto: ato-palavra-corpo-ato, em um movimento espiralado. É desafiador falar sobre palavra escrita sem considerar o corpo, assim como é complexo, pelo menos para mim, abordar literatura sem conectar vivência e experiência.

Um exemplo vívido da maneira como essas energias ancestrais, presentes na vida e em constante transformação, se manifesta por meio da compreensão do orixá “Exu, entidade-motor-contínuo que reinterpreta incessantemente as fronteiras de si mesmo e das normas sociais” (EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA, 2022, p. 122), e de sua figura ressignificada no Brasil. Exu, que constitui a base epistemológica dos conhecimentos propostos nesta experimentação, atua como o princípio mobilizador da vida, interligando os caminhos aqui enunciados de maneira semelhante à orquestração de muitos instrumentos, harmonizando (ou não) os caminhos em uníssono.

Assim, abordamos uma perspectiva diferente de concepção sobre a palavra no texto, que irrompe do livro para estar presente na vida, agindo como um fator mobilizador em uma dinâmica **exuzilhística** relacionada aos valores negros brasileiros, tanto na literatura quanto além dela – seja no ambiente da sala de aula, na formação do professor, ou na pesquisa. Essa abordagem se desenvolve em um repertório que abrange passado, presente e futuro, vivo e contínuo. Muito do que foi vivenciado ao longo desses dois anos e meio de pesquisa – em termos de mobilizações, afetos, lágrimas, esperanças, textos lidos, diálogos, entrevistas, conversas, músicas, fotografias, postagens no *Instagram*, filmes, séries e muitas sessões de análise – são caminhos que convergem para esta encruzilhada:

- **Livros ou folhas de papel, não tem nenhuma importância. Não agora...**
- Como não? Eu...
- **Você é seu livro agora, garoto.**
- Como é?

– O melhor do seu livro já não estava mais naquelas folhas de papel, acredite. Você pode acreditar nisso? [...] **Um livro é mais ou menos como se fosse uma viagem ao lê-lo, aproveitou cada página, cada parágrafo, cada letra. Não dá mais para tirar isso de você Faz parte de você como o coração, as pernas, o cérebro que você tem dentro dessa cabeça. A magia de um livro não está no papel, na tinta ou nas letras, mas naquilo que ele diz pra gente; e dá pra ver que aquele livro te disse muito, muito mesmo...**

– Como você sabe?

– [...] Você mudou e ninguém pode fazer com que sua vida volte a ser o que era. Não dá mais. Essa primeira epopéia de sua existência já foi vencida. Prepare-se para as outras Grandes ou pequenas, serão pessoais.

– Puxa, Antônio, é verdade?

– Foi verdade para mim e foi para você. Acredite em mim? Aquele livro não foi rasgado e sabe por quê? Porque ele já está aqui dentro – Antônio cutucou-lhe carinhosamente o peito com o indicador. – É seu, garoto. Seu para sempre.

– Isto é mágica, Antônio!... – afirmou Celinho, abraçando-o.

– E uma das melhores, garoto, das melhores – concordou Antônio, estreitando-o num abraço ainda mais caloroso e demorado.

Um olhar distraído para a vitrina e Celinho encontrou seus livros, ilhas e mais ilhas de imaginação e possibilidades. Sorriu, entre surpreso e confuso, ao ver sua imagem refletida no vidro...

...sendo abraçado por Zumbi dos Palmares!

(JÚLIO EMÍLIO BRAZ, 1999, p. 54,55).

Figura 18 – Zumbi, o despertar da liberdade (1999)



Fonte: Escaneadas por mim, página 55.

Aqui, testemunhamos a reconstrução do corpo negro, estilizado pela plantation urbana em suas diversas formas de opressão, revelando toda a potência construída por nós, sujeitos negros afrodiaspóricos, APESAR DE. Observamos a total submissão da qual fomos empurrados desfazer-se por meio dessa magia que a Ancestralidade torna possível, em uma temporalidade que é circular, nos fortalecendo por intermédio do Axé/Energia Vital, que se manifesta em nosso corpo, simultaneamente coletivo e individual.

É através da força potente ancestral que o livro transcende sua mera materialidade, tornando-se um instrumento de desarticulação das amarras coloniais. Aponta para as múltiplas configurações de construção de futuro, em uma intelectualidade que se desenvolve no cotidiano, nos afetos, nos abraços, no acolhimento e nos ensinamentos dos mais velhos-as, mesmo que não sejam de nossa família consanguínea. Essa é a reconfiguração do lar, do corpo e do estatuto político. E Antônio,

a personagem, fala também comigo: **“Você mudou e ninguém pode fazer com que sua vida volte a ser o que era. Não dá mais. Essa primeira epopéia de sua existência já foi vencida. Prepare-se para as outras Grandes ou pequenas, serão pessoais.”** Aqui ele enuncia a relação viva com o conhecimento, seja ele qual for, e seu poder transformador evidenciando, também, o processo de “Tornar-se *sujeito-a*”: o de Celinho, o do rapaz de *Na cor da Pele* (2005), o de Quiel, o de Antônio, de Zumbi, o meu e o seu, leitor-a, ainda que ocorra de forma pessoal, nos atravessa enquanto coletividade. Esta é a magia da encruzilhada de Exu.

Nesta cena, presenciamos o encontro entre imagem e palavra, mesmo que provenham de textualidades distintas, uma complementando a outra: enquanto na imagem vemos Celinho sendo abraçado por Antônio, no corpo do texto, é possível perceber refletida, discursivamente, a imagem de Zumbi dos Palmares o abraçando. Por meio dessa cena, torna-se evidente a necessidade de deslocar o olhar para além do que está superficialmente apresentado, sendo imprescindível transcender as abordagens reducionistas e reconhecer as potencialidades que residem no texto, na pesquisa, na extensão, no ensino e na vida.

Com as personagens de ambas as obras, resgato e trago para a pele a possibilidade de sonhar, desejar, ter esperança e planejar inúmeros futuros nos quais os corpos negros não sejam vilipendiados, espetacularizados, fetichizados e mortos de diversas formas. Sonho e desejo que possamos ter a oportunidade de ser, existir, sentir e conquistar o que quisermos, nos diversos espaços que escolhermos. E que possamos ser respeitados-as pelo que somos e pelo que fazemos! Desejo que, ao falar, uma pessoa negra seja ouvida sem a necessidade de ser direcionada a outro lugar, como modelo, atriz ou qualquer outra função preconcebida. Que tenhamos a liberdade de ser, sem questionamentos ou invalidações, mesmo que disfarçadas de elogios. É impossível pensar em educação sem as relações. É impossível viver a vida sem isso.

Assim, gostaria de iniciar com um texto sobre Exu – afinal, Exu é o começo, mas também é final – e a imagem de Zumbi dos Palmares rasgando as páginas do livro em um movimento *exuzilhístico* contracolonial que aponta para a *Literavida* – força

mobilizadora de construção de outras formas de relação com a literatura – em uma dança entre texto-escuta e corpo-texto na reconstrução das subjetividades negras.

A **pesqurevivência exuzilhística** enquanto um modo de fazer pesquisa que (con)funde os corpos e o *corpus*, por ser um jeito de corpo, de ato e de escrita, não termina aqui, porque, afinal, *na encruzilhada não há encerramento*.

Figura 19 – Zumbi, o despertar da liberdade



Fonte: Escaneada por mim, página 5.

Não se define Èsù. Ele é indefinível, mas se sabe que o contrário de Èsù é cárcere. Seu principal interdito. Èsù não atua no cárcere, em dogmas ou ideais fixas, Èsù não existe na impossibilidade de cruzo, na impossibilite de expansão, da dança, do grito, da voz, da verdade

manifesta; Èsù não existe fora do risco, Èsù é a negação do medo e do apequenamento. Èsù é a possibilidade. Èsù é o plural, Èsù é o verbo, Èsù é a alteridade, é a coragem, Èsù é o que está e pode ser exposto. Èsù é o tudo e o nada, ele também é o silêncio, mas um silêncio que grita. Conta-se que Èsù salvou seu grande amigo – Oremiona – “meu amigo de todos os caminhos”, antevendo que Orunmila o mataria porque ele saiu com sua esposa e pediu que Oremiona lhe fizesse uma oferenda de muita comida, com carne, gin, azeite de dendê e muitas frutas e Orunmila comeu tudo. Quando Orunmila descobriu a traição e foi matá-lo, Èsù apareceu e disse de quem tinha sido aquela oferenda. Não se pode matar ou trair alguém que lhe alimentou. Èsù é a ordem, a gratidão, a disciplina. Não raro, Èsù deixa de atuar em nossa vida por conta de violações cometidas à sua natureza. Èsù é o movimento, é a ação, ele é sempre quente. Uma vida fria e sem alegria não tem Èsù; uma vida sem paixão não tem Èsù, uma vida sem dança, não tem Èsù. Conta-se que Oṣun por desamor, perdeu a vaidade; Èsù foi embora com o seu autoamor. Èsù não atua na vida de quem não cuida com carinho da sua autoimagem. Èsù é o cuidado. Cuidado para que Èsù não vá embora. Nós precisamos de Èsù. Sem ele, perdemos muito. Pense. Será que tem feito as devidas oferendas a Èsù? Às vezes, pensamos: “Èsù cadê você? Onde você está? Eu fiz tudo direitinho?” Èsù dá gargalhadas e diz: fez tudo direitinho para quem? Onde o cárcere está, Èsù não está. Há relações-cárcere, há pessoas-cárcere, há insistências-cárcere, há mentiras-cárcere, há ideias-cárcere, há ilusões-cárcere; (SIDNEI NOGUEIRA, *Instagram*, 2023).

Referências

Quem faz história não são aqueles que seus nomes estão escritos em livros e publicações, mas aqueles que, de fato, tocam vidas com sua ação e verdade. Prefiro a prática real do que a teoria vazia. (FRANCINE FERNANDES, 2023)

ABRAMOVICZ, Anete; LUIZ, Maria Fernanda; SILVA, Ayodele Floriano. Literatura infantil e juvenil negra: o lugar da menina negra. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 1667-1685, dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/87379.pdf>. Acesso em: 10 maio 2023.

ABREU, Evelyn Kelly das Neves; MARCON, Samira Reschetti; ESPINOSA, Mariano Martínez; KOGIEN, Moisés; VALIM, Marília Duarte; NASCIMENTO, Frantielen Castor dos Santos. **Factors associated to suicide risk in stricto sensu postgraduate students: a cross-sectional study**. Rev. Latino-Am. Enfermagem. 2021;29:e3460. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/XbtMcTsmG5DNFv6q4tVZWpg/?lang=pt&format=pdf>.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

ALVES, Miriam. **Poemas Reunidos**. São Paulo: Círculo de Poemas, 2022.

ANGELOU, Maya. Ainda assim eu me levanto. In: ANGELOU, Maya. **Poesia Completa**. Bauru, SP: Astral Cultural, 2020.

ARAGÃO, Jorge. **Coisa de Pele**. Gravadora: RGE. Catálogo: 308.6121. 1987.

ASSIS, Machado de. Machado de Assis: crítica, notícia da atual literatura brasileira. São Paulo: Agir, 1959. p. 28-34: **Instinto de nacionalidade**. (1ª ed. 1873).

AUGUSTO, Geri. A língua não deve nos separar!: reflexões para uma práxis negra transnacional de tradução. In: CARRASCOSA, Denise. **Traduzindo no Atlântico Negro**. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2017, p.31-60.

AUGUSTO, Geri. **Literatura Negra: por uma teoria da tradução pan-africana**. Mesa Redonda realizada pelo Núcleo de Estudos Interdisciplinares de Alteridade da Faculdade de Letras da UFMG. 15 de dezembro de 2013.

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. *In*: KI-ZERBO, Joseph. (Ed.). **História geral da África**, I: Metodologia e pré-história da África. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

BARTHES, Roland. A Morte do Autor. *In*: BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-63.

BENTO, Cida. Pacto Narcísico. *In*: BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Cia das Letras, 2022.

BISPO, Antônio. Leituras sobre a colonização. *In*: BISPO, Antônio dos Santos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: Universidade de Brasília – UNB, 2015. (a).

BISPO, Antônio. Leituras sobre a colonização. *In*: BISPO, Antônio dos Santos. **Colonização, Quilombos**: modos e significações. Brasília: Universidade de Brasília – UNB, 2015. (b).

BISPO, Antônio. Perspectiva contracolonial – Mestre Antonio Bispo dos Santos. **Canal Confluências Afroindígenas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bhdV4u8Dt20>. Acesso em: 20 abr. 2023. (c).

BISPO, Antônio. **O que é contracolonial e qual a diferença em relação ao pensamento decolonial**. A gravação com Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, aconteceu durante participação dele em evento na Universidade de São Paulo. Podcast de educação do Instituto Claro. 2023. Disponível em: <https://www.institutoclaro.org.br/educacao/nossas-novidades/podcasts/o-que-e-contracolonial-e-qual-a-diferenca-em-relacao-ao-pensamento-decolonial/>. Acesso em: 20 maio 2023. (d).

BISPO, Antônio. Semear palavras. *In*: BISPO, Antônio dos Santos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023. p. 09-112 (e).

BISPO, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora / PISEAGRAMA, 2023. (f)

BISPO, Antônio. **O presente é um interlocutor do passado e um locutor do futuro**. Ceará, 14 de julho de 2023. Instagram: @portoiraicedasartes. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/CurPRzuLt5d/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. (g).

BLUES, Baco Exu do. Autoestima. *In*: BLUES, Baco Exu do. **QVVJFA**. Gravadora: 999, Altafonte. 2022.

BOSI, Alfredo. A condição colonial. *In*: BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 11-24.

BRASIL. LDB. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. Lei nº 11.645. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 2008 (a).

BRASIL. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho Interministerial. Contribuições para a Implementação da Lei 10639/2003: Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Etnorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10639/2003. Brasília, 2008 (b).

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa Nacional Biblioteca da Escola**. Apresentação, 2018. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação**. 2. ed. Coordenação geral SEESP/MEC. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 143 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Políticas Públicas para altas habilidades/superdotação**. Brasília. DF: Disponível em: https://www.senado.gov.br/comissoes/CE/AP/AP20080626_superdotado-as_CI%C3%A1udiaGriboski.pdf. (c)

BRAZ, Júlio Emílio. #LeiaNaRede Dia da Consciência Negra – www.ebc.com.br. **Participação no evento sobre o dia da consciência negra ao canal EBC na Rede**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cVAbeWjEzzw&t=505s>. Acesso em: 10 jun. 2022.

BRAZ, Júlio Emílio. **Conversas com Júlio Emílio Braz realizadas via Whatsapp e Instagram**, autorizadas pelo autor para compor esta dissertação. 2021.

BRAZ, Júlio Emílio. **Júlio Emílio Braz fala sobre seu livro *Crianças na Escuridão***. Entrevista concedida à TV UFMG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8iJhKPY-JGQ>. Acesso em 14 jun. 2022.

BRAZ, Júlio Emílio. **Lendas da África**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAZ, Júlio Emílio. **Lendas Negras**. São Paulo: FTD, 2001.

BRAZ, Júlio Emílio. **Na cor da pele**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2005.

BRAZ, Júlio Emílio. O olhar. *In*: BRAZ, Júlio Emílio. **Cenas Urbanas**. São Paulo: Scipione, 2010. p. 56-64.

BRAZ, Júlio Emílio. Os autores-as e seus processos de criação *In*: SILVA, Rogério Bernardo da. A temática afro-brasileira na literatura infantil e juvenil: os autores-as e suas vozes. **Literartes**, n. 5, 2016.

BRAZ, Júlio Emílio. **Sol ardente**. São Paulo: Atual, 1997.

BRAZ, Júlio Emílio. **Um sonho dentro de mim**. São Paulo: Moderna, 1993.

BRAZ, Júlio Emílio. **Zumbi, o despertar da liberdade**. São Paulo: FTD. 1999. 72 p.

CARDOSO, Rosimeri Darc, Os encantos da cultura afro-brasileira na literatura infantil. QUINTILHIANO, Silvana Rodrigues; CARDOSO, Rosimeri Darc; GOMES, Celina de Oliveira Barbosa Gomes (Org.). **Literatura Infantojuvenil africana e afro-brasileira: vertentes**. São Paulo: Todas as Musas, 2017.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 11 jul. 2022.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **Mano a Mano, apresentado por Mano Brown. Podcast original Spotify**. 26 de maio de 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2eTloWb3Nrjmog0RkUnCPr?si=f2d5c1991aca4d65>

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

CECCANTINI, João Luís C. T.; AGUIAR, Vera Teixeira de. Literatura Juvenil sob coerções. *In*: PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade (Org.). **Literatura infantil e juvenil: Campo, Materialidade e produção**. Belo Horizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2019.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. São Paulo: Veneta, 2020.
CIBERDÚVIDAS DA LÍNGUA PORTUGUESA. 2020. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-grafia-e-a-etimologia-do-nome-tessitura/>.

CIVILIZAÇÃO. *In*: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2015: Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/civiliza%C3%A7%C3%A3o/>.

CIVILIZAR. *In*: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. 2015: Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/civilizar/>.

COLUMBUS, Group. Unpublished transcript of thr meeting of the Columbus Group. Columbus, OH. July, 1991.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

COSTA-BERNARDINO, Joaze; TORRES-MALDONADO, Nelson; GROSGOGUEL, Ramón. Introdução: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. *In*: COSTA-BERNARDINO, Joaze; TORRES-MALDONADO, Nelson; GROSGOGUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 9-26. (Coleção Cultura Negra e Identidades).

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

DEBUS, Eliane. A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura infantil de Júlio Emílio Braz. *In*: COELHO, Nelly Novaes; CUNHA, Maria Zilda da; BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. (Org.). **Tecendo literatura: entre vozes e leituras**, São Paulo: FFLCH-USP, 2013. p. 105-116.

DERRIDA, Jacques. As pupilas da univverdidade, *In*: DERRIDA, Jacques. **O Olho da Universidade**. Trad. Ricardo Iuri Canko e Ignácio Antônio Neis. 157 p. São Paulo: Estação Liberdade. 1999. 123-157.

DESPERTAR. *In*: **Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2015: Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/despertar/>.

DIAS, Júlio César Tavares. O ambiente do realismo literário no Brasil. **Revista de Letras da Universidade Católica de Brasília**, Brasília, v. 3, ed. 1/2, p. 91-99, dez. 2010.

DIAWARA, Manthia. **Em busca da África: Pretitude e Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

DORNELES, Dandara Rodrigues. Palavras Germinantes: Entrevista com Nego. **Revista Identidade!**, v. 26, n. 1 e 2, p. 14–26, 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1186>

DUARTE, Eduardo de Assis. Apresentação: a cor da literatura. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.). **Literatura Afro-brasileira: 100 autores-as do século XVIII ao XXI**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. p. 11-16.

DUARTE, Eduardo de Assis. Júlio Emílio Braz. *In*: DUARTE, Eduardo de Assis (Coord.) **Literatura Afro-brasileira: abordagens na sala e aula**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014. p. 17-18.

EAGLETON, Terry. Prefácio à segunda edição inglesa. *In*: EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

EVARISTO, Conceição. Canal GNT. Qual é a importância da história na resistência negra? | Consciência Negra | Mini Saia | Saia Justa. **Youtube**. 29 de novembro de 2019. Disponível em: Qual é a importância da história na resistência negra? | Consciência Negra | Mini Saia | Saia Justa.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo – “A *escrevivência* serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social**, 2020. Disponível em:

<https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>.

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita (publicado inicialmente em 2005). Vale a pena ler de novo. **Revista Z cultural**: Revista do Programa Avançado de Cultura Contemporânea. Ano XV, 2º semestre de 2020.

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. *In*: EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. p. 15-19.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. 2. reimpr. atual. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Fabíola Ribeiro; FERNANDES, Cleide Aparecida. Apontamentos sobre livros para crianças no Brasil: criação, edição e circulação. *In*: **Literatura infantil e juvenil: campo, materialidade e produção**. Belo Horizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2019. p. 17-180.

FERNANDES, Francine. Quem faz história não são aqueles... Rio de Janeiro, 24 de agosto de 2023. @semocionar_psicologia. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CwUyZEsBdAn/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>.

FERNANDES, Raquel Duarte. **Literatura Infantil Negra**: a relevância da articulação texto-imagem para uma educação antirracista. Orientador: Marly Amarilha. 2021. 87 p. Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

FERREIRA, Tássio. **Pedagogia da Circularidade**: Ensinagens de terreiro. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

FORD, Donna Y.; GRANTHAM, Tarek C.; WHITING, Gilman W. Another look at the achievement gap: **Learning from the experiences of gifted Black students**. **Urban Education**, n. 43, p. 216-239. 2008.

FORDHAM, Signithia; OGBU, Jhon. Black students' school success: Coping with the burden of "acting White." **Urban Review**, v. 18, p. 176-306. 1986.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOZ, Adriana. Janelas de oportunidades. Entrevista concedida a Estevan Muniz. **Revista Educação**. 10 ago. 2012. Disponível em : <https://revistaeducacao.com.br/2012/08/10/janelas-de-oportunidades/>. Acesso em: 03 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

FREITAS, Henrique. **O arco e a arkhé**: ensaios sobre Literatura e Cultura. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2016.

FURNARI, Eva. **Lolo Barnabé**. São Paulo: Moderna, 2010. (Série do Averso).

GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, Flávio. Introdução. *In*: GOMES, Flávio. **Palmares**: Escravidão e liberdade no Atlântico Sul. São Paulo: Contexto, 2014. p. 08-11.

GONZÁLEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In*: GONZÁLEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino americano**: Ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. p. 128-375.

GONZÁLEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

HALL Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL Stuart. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HARTMAN, Saidiya. Uma figura menor. *In*: HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo, 2022. p. 33-53.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos**: Histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais. São Paulo: Fósforo, 2022.

HASENBALG, Carlos. Relações entre negros e brancos no Brasil. *In: GONZÁLEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro.* Rio de Janeiro: Zahar, 2022. p. 105-110.

hooks, bell. De meninos raivosos a homens raivosos. *In: hooks, bell. A gente é da hora.* São Paulo, Editora Elefante, 2022. p. 160-181.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. São Paulo, Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico:** sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

hooks, bell. Intelectuais negras. Tradução de Marco Santarrita. **Revista Estudos Feministas**, Ano 3, p. 464-478, 2º sem. 1995.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor.** São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss de língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2004.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios:** PNAD contínua. Rio de Janeiro: IBGE, 2022

INCORPORAR. *In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.* 2015: Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/incorporar/>.

JESUS, Marília Pereira de. **Modos de Existir:** corpo e afetividade em *O canto dos escravizados*, de Paulina Chiziane. Monografia. Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** Episódios de racismo cotidiano. Traduzido por Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KAMAU. Uniforme. Vídeo por Urch, Kamau e Thomas Teixeira. Imagens por Urch. Editado por Urch. Lettering do vídeo or Raynam Sanchez. 10 abr. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KLiO7ozdorE>.

KOPENAWA, Davi. A ideia de Nação. **Youtube**, Canal do Museu da Língua Portuguesa. Transmitido ao vivo, 7 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C8e66OFOyPQ&t=3387s>. Acesso em: 15 abr. 2023.

LEITE, Maristela Petrili de Almeida; SOTO, Pascoal. **Historinhas Pescadas**: antologia de contistas. São Paulo: Moderna, 2001. (Literatura em minha casa; v. 2)

LOBATO, Monteiro. Negrinha. *In*: LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. São Paulo: Globo, 2008. p. 23 -178.

LUNA, Luedji. “É que narciso acha feio o que não é espelho [...]”. Disponível em: <https://www.facebook.com/luedjilunamusic/photos/a.1585946354959015/2659200290966944/?type=3>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LUNA, Luedji. Now Frágil + Iodo. *In*: LUNA, Luedji. **Um corpo no Mundo**. São Paulo: YB Music: 2017.

MARIAH, Morena. “Minha principal meta de 2023”. Rio de Janeiro, 4 jan. 2023. @morenamariah. Disponível em: https://twitter.com/morenamariah/status/1610740162530508814?t=eChoPaCMZ_A-N8cnQTiBkg&s=19.

MARTINS, Leda Maria. Evento-corpo e evento-palavra. *In*: MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. p. 28-36.

MARTINS, V. C., & FERREIRA, H. de J. G. P. Estereótipos raciais no livro de literatura infantojuvenil o grande dilema de um pequeno Jesus. **Ensino & Multidisciplinaridade**, v. 2, n. 1, p. 106–115, 2016. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ens-multidisciplinaridade/article/view/4873>.

MART’NÁLIA. *In*: DISCO – Toda ‘pretinhosidade’ de MART’NÁLIA. JÚNIOR, Mariano Antônio. Folha de Londrina. Londrina, 18 de fevereiro de 2006. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/disco---toda-pretinhosidade-de-martnalia-557186.html?d=1>.

MART’NÁLIA. Pretinhosidade. **Menino do Rio**. Rio de Janeiro: Biscoito Fino. 2006. 1 CD (53 min)

MAYA, Angelou. Parte três: e ainda assim eu me levanto. *In: MAYA, Angelou. Poesia Completa*. Bauru, SP: Astral Cultural, 2020. p. 175-336.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018. 80 p.

MEDEIROS, Elaine Regina de; PEREIRA, Estela Inácio; ANTONIO, Fernanda Peres. Considerações sobre Monteiro Lobato representando a literatura infantil nas escolas. **Revista científica eletrônica de Pedagogia**, Garça/SP, edição 19, 19 jan. 2012.

MOMBAÇA. Pretinhosidade. Afro-Memória + Pretinhosidade. Rio de Janeiro: Selo Lua Negra. 2007. CD.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo** São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

MOREIRA, Ardilhes. Governo federal está desde 2014 sem comprar livros de literatura para escolas públicas. **G1**, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/governo-federal-seguira-sem-entregar-novos-livros-de-literatura-para-bibliotecas-escolares-em-2018.ghtml>.

MORRIS, Jerome. African-American students and gifted education: The politics of race and culture. **Roeper Review**, v. 24, p. 59-62. 2002.

MORRISON, Toni. Parte II: A linguagem de Deus. Adeus a tudo aquilo: Raça, barriga de aluguel e adeus, *In: MORRISON, Toni. A fonte da autoestima: Ensaios, discursos e reflexões*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

MORRISON, Toni. Toni Morrison: 'I'm writing for black people ... I don't have to apologise'. Interview Hermione Hoby. **The Guardian**, 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2015/apr/25/toni-morrison-books-interview-god-help-the-child>. Acesso em: 16 jun. 2022.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude – usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. São Paulo: Gaudí Editorial, 2012.

MUNANGA, Kabengele. **Redescutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, N. L. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2016.

NAKANO, Tatiana de Cássia. Fundamentos Teóricos. *In*: NAKANO, Tatiana de Cássia. **Triagem de indicadores de Altas Habilidades/Superdotação (TIAH/S)**: Livro de instruções. São Paulo: Vetor Editora, 2021. 17-22.

NASCIMENTO, Beatriz. Orí. *In*: NASCIMENTO, Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**: Ensaios, entrevistas e prosa. São Paulo: Ubu editora, 2022. p. 147-149.

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Das filosofias vagabundas. *In*: SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz; HADDOCK-LOBO, Rafael. **Arruaças**: uma filosofia popular brasileira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

NAVEIROS-RODRÍGUEZ, Elena; HERNÁNDEZ, Matilde Díaz; DORTA, Manuela Rodríguez; ROSAL, África Borges del Rosal; SIERRA, María de los Dolores Valadez. **Programa Integral para altas capacidades Descubriéndonos: una guía práctica de aplicación** – 1º edición – México, D.F.: Editorial El Manual Moderno, 2015.

NEI, Lopes; SIMAS, Luiz Antônio. Introdução. *In*: NEI, Lopes; SIMAS, Luiz Antônio. **Filosofias Africanas: uma introdução**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 15-144.

NOGUEIRA, Sidnei. Não se pode definir Exu... 28 agosto 2023. **Instagram**. @professor.sidnei. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CwfMbXGOJbw/?igshid=MWZjMTM2ODFkZg==>.

NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. Primeira infância. Disponível em: <https://ncpi.org.br/primeira-infancia/>. Acesso em: <https://ncpi.org.br/primeira-infancia/>.

OLIVEIRA, Eduardo. Filosofia da Ancestralidade *In*: OLIVEIRA, Eduardo. **Filosofia da Ancestralidade: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira**. Rio de Janeiro: Ape'Ku Editora, 2021. 239-306.

OLIVEIRA, Kiusam de . Ewá e seus segredos líquidos: combate ao racismo nas infâncias negras. *In*: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; ARAÚJO, Leonor Franco de; ENOQUE, Alessandro Gomes. **Meu povo de fé**: olhares sobre a religiosidade popular no Brasil. Ituiutaba: Barlavento, 2018.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Entre Orfe(xu) e Exunouveau: ou oara uma estética afrodiaspórica, *In: Entre Orfe(x)u e Exunouveau: análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira*. São Paulo: Fósforo, 2022. p. 114-170.

PEREIRA, Linconly Jesus Alencar. **Exu nas escolas: uma proposta educacional antirracista**. Contagem, MG: Escola Cidadã, 2021.

PESTANA, Paulo Sérgio. **EXU: uma construção teórica na literatura infantojuvenil**. 32 p. Monografia (Especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais) – Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PFEIFFER, Steven; BLEI, Samara. Gifted identification beyond the IQ test: Rating scales and other assessment procedures. In S. I. Pfeiffer (Ed.), **Handbook of giftedness in children: Psychoeducational theory, research, and best practices**, Springer Science + Business Media, p. 177-198, 2008. https://doi.org/10.1007/978-0-387-74401-8_10.

PIERCE, Charles. “Psychiatric problems of the black minority”. *In: ARIETI, Silvano (Ed.). American handbook of psychiatry*. Boston: Basic Books, 2015, p.512-523.

PINHEIRO, Marta Passos; TOLENTINO, Jéssica M. Andrade. **Literatura infantil e juvenil: Campo, materialidade e produção**. Belo Horizonte, MG: Moinhos; Contafios, 2019. 180 p.

PORFÍRIO, Iago; OLIVEIRA, Lucas Timoteo de. “Antonio Bispo dos Santos”. *In: Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2021.

PROBER, Paula. *Your Rainforest Mind: A Guide to the Well-Being of Gifted Adults and Youth*. Olympia, WA: GHF Press, 2016.

RAMOS, Flávia Brocchetto Ramos; NUNES, Marília Forgearini Nunes. Efeitos da ilustração do livro de literatura infantil no processo de leitura. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 251-263, abr./jun. 2013.

RENZULLI, Joseph. **The enrichment triadic model**. A guide for developing defensive programs for the gifted and talented. *Gifted Child Quarterly*, v. 20, n. 3, p. 303-326, 1976.

RIBEIRO, Katiúscia. Katiúscia Ribeiro explica a ancestralidade e sua presença na cultura diaspórica. **Youtube**: Canal GNT: O futuro é ancestral, 7 abr. 2022. Disponível

em:

<https://www.youtube.com/watch?v=h03cAD1EKNw#:~:text=ao%20processo%20Colonial%20eu%20sou,pelo%20trabalho%20de%20uma%20comunidade.>

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SABINO, Stéphanie Marçal Sabino. **Paralaxe da encruzilhada**: Exú como fundamento do código linguístico da afrodiáspora. 48 p. Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SAMBUKUENDAKÔ. Crítica à crítica ao lattes. Notas de aulas. Não paginado, 2023 (b).

SAMBUKUENDAKÔ. Reflexões sobre autorias que transgridem às normas ABNT. Notas de aulas. Não paginado, 2023 (a).

SANTOS, S. Boaventura. **Pela Mão de Alice**. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SANTOS, Vania Aparecida dos. Habilidades e superdotação em escola pública municipal de comunidade quilombola: uma reflexão e colaboração às leis 10.639/03 e 11.645/08. **Revista África e Africanidades**, Ano 4, n.16 e 17, fev./maio, 2012. Disponível em: http://africaeaficanidades.com.br/documentos/1617_04.pdf. Acesso em: 28 abr. 2023.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. “O mito da democracia racial é o nosso grande nó”, entrevista. **Revista Cult**: Escutar a Rua: como a psicanálise nos territórios periféricos propõe o acolhimento para além do consultório, São Paulo, Ano 25, n. 285, p. 6-10, 10 set. 2022.

SILVA, Cidinha da. **Exuzilhar**. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.

SILVA, Cidinha da. **Um Exu em Nova York**. Rio de Janeiro: Pallas 2018.

SILVA, Rafael. **Introdução aos Estudos Literários 01: Primeiros Conceitos**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xnq0JhLvyY4&t=626s>. Acesso em: 04 jun. 2022.

SILVA, Rogério Bernardo da Silva. A temática afro-brasileira na literatura infantil e juvenil: os autores-as e suas vozes. **Literartes**, n. 5, 2016.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**. A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Currículo: uma questão de saber, poder e identidade. *In: Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. P.145-150.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Mojubá!. *In: SILVA, Vagner Gonçalves da. Exu: O guardião da casa do futuro*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015. p. 207-210.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. Encruzilhadas. *In: SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. Encruzilhadas. A Ciência Encantada das Macumbas*. Rio de Janeiro: Morulá, 2018. p. 17-24.

SODRÉ, Muniz. **Pensar Nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 20121.

SOUZA, Gustavo Tanus Cesário de. **O universo e as estrelas em literaturas infantil e juvenil**: caminhos discursivos das literaturas negro-brasileira e indígena. 444 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2023.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: As vicissitudes da Identidade do-a negro-a Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

TRINDADE, Alice Cristina Carvalho da. **Literatura infantil negra**: debatendo a cor do silêncio por meio da ilustração de personagens meninos. Orientador: Marly Amarilha. 2019. 61 p. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Canal Vídeos Públicos. Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros na Educação infantil. **Youtube**, 20 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3--A3nLS0pk&t=353s>.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores Civilizatórios Afro-Brasileiros na Educação infantil. MEC – Valores afro-brasileiros na Educação. **Boletim**, v. 22, 2005.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros e Educação Infantil: uma contribuição afro-brasileira. *In: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (Org.). Modos de brincar*: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 11-16

TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula. Introdução. *In*: TRINDADE, Azoilda Loretto da; BRANDÃO, Ana Paula (Org.). **Modos de brincar**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010. p. 11-123.

VENTURA, Adão. **Jequitinhonha** (poemas do vale). Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais, 1980.

VELOSO, Caetano. Sampa. *In*: VELOSO, Caetano. Muito Dentro da Estrela Azulada. Phonogram, 1978.

Anexo – Termo de consentimento



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, consinto minha participação na pesquisa conduzida pela aluna Mariana Moreira Costa do Carmo, do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGEL/UFRN). Entendo que toda e qualquer informação prestada por mim no decorrer desta entrevista pode ser utilizada na elaboração e escrita da dissertação. Também sei e consinto que a entrevista seja registrada por via escrita.

Natal (RN), _____ de _____ de _____.

Assinatura

Apêndices

Sussurros

Agora não preciso mais
Gritar
Este ser inquieto que me habita
sussurra como o vento forte das ventanias
vendavais

Agora hoje
apaziguada na luta de ser
resisto sendo eu que me habito
respiro num alívio de saber da morte
saber-se viva

(Miriam Alves, *Poemas Reunidos*, 2022).

Apêndice A – Entrevista com o autor Júlio Emílio Braz

Entrevista realizada via *e-mail*, em 10 de maio de 2022.

Como podemos definir o seu projeto estético de construção literária? Quais seriam os elementos principais dessa construção?

Resposta: Marcantemente narrativo. Sinceramente, desde o primeiro parágrafo de meu primeiro texto sempre me preocupei em contar uma boa história. Não me preocupo com estilísticas, em me aferrar a um gênero específico ou em qualquer tipo de estética. Até gosto de dizer que sou um contador de histórias. Mesmo quando me valho de narrativas não-lineares, a sedução da palavra, o absoluto envolvimento do leitor com a narrativa, é basicamente o que persigo. Acredito até que a minha maneira de escrever aproxima-se muito de uma oralidade imanente, como se, ao valer-me da palavra escrita, na verdade eu esteja contando uma história a partir da palavra oralizada, resquício de uma infância vivida em íntima convivência com contadores de histórias que, por serem analfabetos, só tinham a memória e a voz para contar suas histórias.

Quem é o autor Júlio Emílio Braz para além das biografias dos livros e das entrevistas apenas sobre questões raciais?

Resposta: Sou um homem apaixonado pelo conhecimento e pela leitura, alguém para quem a ignorância não é uma opção e que ler não é importante, mas bem além disso, é o que nos define como seres pensantes e intrinsecamente humanos.

Quem foi a criança Júlio Emílio Braz?

Resposta: Alguém que, diante da falta dos brinquedos que não tinha e quase sempre nem poderia ter, refugiou-se em sua imaginação; primeiramente, como criador de seus próprios brinquedos e diversões, e com a chegada dos primeiros livros pelas mãos das duas Geraldas que são desde sempre os alicerces tanto de minha sanidade quanto da minha curiosidade insaciável: minha mãe e minha tia mais velha, irmã de meu pai, duas incríveis analfabetas.

Quem era Júlio Emílio Braz na época de escrita das obras, *Zumbi, o despertar da liberdade* e quem é o Júlio hoje?

Resposta: Ele era alguém que sempre quis ir além do óbvio. Este livro foi escrito durante as comemorações dos trezentos anos da morte de Zumbi dos palmares, mas ao contrário de outros autores, eu não quis fantasiar uma vida para Zumbi mas antes, falar daquilo que representava, a vontade de ser livre, e ao mesmo tempo que a verdadeira liberdade não nos é dada por um pedaço de papel, proibindo a escravidão em 1888, mas a partir da leitura e muita educação.

E quem era o Júlio na época de *Na cor da pele*?

Resposta: O fruto de uma relação multiétnica, pai cafuzo (minha avó paterna era uma indígena puri e meu avô paterna, um negro baiano) e mãe branca (mas filha de mãe italiana e pai mameluco), que “descobriu-se” negro apenas no final da adolescência. Em certa medida, o protagonista deste livro tem muito de mim e talvez, em certo sentido, é fruto das minhas dificuldades (e a de outros afrodescendentes brasileiros eufemisticamente reconhecidos como pardos) em transitar entre negros e brancos e não se sentir completamente à vontade em nenhum dos dois mundos.

Quais foram os contextos de escrita das duas obras?

Resposta: Nunca subestimar meu leitor-a com uma leitura digestiva onde ele tem que apenas ler, até exigindo que ele seja agente e participe do que lê, e horror a mesmice e a repetição.

Como seria possível a construção de uma crítica literária infantil e juvenil para além do que já está instituído?

Resposta: Primeiramente, levando-se a literatura infantil e juvenil a sério, o que a intelectualidade brasileira nunca fez, o que influenciou desfavoravelmente na constituição de um corpo crítico digno da definição, no nível de uma Laura Sandroni, e a literatura só será lida com seriedade quando pararmos de encará-la a partir de um termo que odeio:

paradidático. Não somos autores didáticos e nem a literatura infantil e juvenil tem a função de ensinar qualquer coisa, passar mensagem, etc e tal.

O senhor poderia falar um pouco mais sobre o que considera como “falta de seriedade” da intelectualidade brasileira ao tratar a literatura infantil e juvenil? Na sua opinião, quais elementos deveriam ser levados em consideração para o que chama de um corpo digno de definição?

Resposta: Ainda hoje a literatura infanto-juvenil no Brasil é considerada como algo menor. Basta ver que há um ou dois anos atrás, o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira do Livro, sem sombra de dúvidas o mais importante da literatura brasileira, resolveu simplesmente juntar as premiações infantil e juvenil em um único prêmio. Outro sinal da pouca seriedade com que se encara a literatura infantil e juvenil pode ser encontrado na mídia e no mundo artístico: volta e meia um artista ou músico, a pretexto de acrescentar um viés mais intelectual a sua biografia, aparece dizendo que vai lançar-se à literatura e quando não vai nos presentear com sua biografia, inevitavelmente está escrevendo um livro ou vai lançar um livro infantil. Pode escolher: Xuxa, Madona, são nomes de destaques. No entanto, o amesquinhamento da literatura infanto-juvenil se faz destacadamente associando-a persistentemente aos processos pedagógicos no chão da escola, parte do processo educacional cujo o exemplo mais emblemático é a famosa “prova do livro” que agrega um descabido viés utilitarista à literatura ou, fazendo minhas as palavras do autor Luís Antônio Aguiar, “promovendo a dissecação do livro” e levando nossos leitor-aes a mais se preocupar em decorar o livro para fazer a prova do que necessariamente interagir ludicamente com o que se lê.

O senhor já pensou em ser crítico literário? Caso fosse, quais seriam as suas questões primordiais de análise?

Resposta: Não. Entretanto, o fato de não ter maior interesse em ser crítico literário não me exime de publicar críticas do que leio quando assim sou solicitado. As questões primordiais em qualquer análise que faço sempre se pautam pela originalidade do texto, a empatia com o leitor (e não apenas com o leitor-a infantil e juvenil), o que, na minha

opinião, não se insere em nenhum texto digestivo, onde a presença do leitor seja passiva e nunca interativa, ou em maiores preocupações em dar o leitor o que ele quer, mas instigá-lo a se interessar pelo que você está oferecendo (meus livros não tem mensagens e detesto textos panfletários, que defendam causas).

É possível pensarmos novas formas de ler as obras *Zumbi, o despertar da liberdade* e *Na cor da pele*? Quais seriam?

Resposta: A forma em como uma obra literária é lida tem como determinantes o contexto de vivência e compreensão de mundo do leitor, algo na maioria das vezes singular e para mim, o mais desejável. A leitura de ambos pode levar o leitor-a a perceber a relação do negro em ambientes diferentes, seja em termos sociais (em *Zumbi*, o protagonista vive em ambiente periférico e pertence aos extratos mais desfavorecidos da sociedade, onde essa mesma sociedade, excludente e hostil, a priori define seu “lugar”, onde a dificuldade de acesso a educação e cultura é parte do processo, e o racismo é imposto pelo Outro. No caso do protagonista de *Na Cor da Pele*, o protagonista se insere em extrato mais privilegiado da sociedade, uma ainda insipiente e incipiente classe média, onde o afrodescendente se insere a partir de preocupações e concessões que em certa medida invisibilize sua cor, o que por vezes o confronta com um certo distanciamento e o estranhamento com relação ao resto da população negra ao ponto que ele começa a se sentir excluído tanto em um quanto em outro lugar).

Como foi o processo de escolha do nome da personagem protagonista de *Zumbi, o despertar da liberdade*?

Resposta: Desde criança, na busca por conhecimento e informação, tinha a mania de fazer listas (aeroportos do mundo, estádios de futebol...), que me acompanhou quando me tornei escritor. Anoto tudo e entre outras coisas, nomes e apelidos que ouço, e assim por diante. Frases que viram parte de diálogos. Nomes de locais. O nome do protagonista de *Zumbi, O Despertar da Liberdade* saiu de uma das listas de nomes que ouvi (e muitas vezes também crio). Eu não saberia lhe dizer onde ouvi o nome e o anotei.

Por que a personagem de *Na cor da pele* (2005) não tem o seu nome mencionado na obra?

Resposta: Porque ele é a personificação de muitos como ele. É como se eu tivesse apanhado todos os afrodescendentes que enfrentam o mesmo dilema, inclusive aqueles que leram este livro.

Você se considera um autor de literatura infantil e juvenil negro-brasileira?

Resposta: Detesto rótulos e quem usa rótulos são latas e embalagens. Sou fundamentalmente um escritor que é negro. Não renego a minha cor mas ela não define minhas opções literárias de forma absoluta.

De que forma o “ser negro” atinge e influencia as suas opções literárias?

Resposta: Não define sobre o que escrevo, porém define uma busca por uma coloquialidade de escrita, ou explicando melhor, a busca por uma proximidade entre oralidade e escrita a partir de um despojamento de estilística narrativa e interesse pelo diálogo.

Quais são as suas maiores influências tendo em vista uma perspectiva racializada de conhecimento?

Resposta: Lima Barreto absolutamente, em termos brasileiros, Richard Wright e (não ria) Chester Hines.

Para além das questões raciais, de que trata as duas obras?

Resposta: Adoro falar do humano mas antes de mais nada, questionar nossa humanidade, suas singularidades, paradoxos, a própria existência.

Pensando numa perspectiva inversa, o que há de Celinho, personagem protagonista de *Zumbi, o despertar da liberdade*, em Júlio Emílio Braz?

Resposta: sede de conhecimento e a ambição em ser sempre mais do que imagino ser. A superação é uma meta que persigo como ser humano e como autor. Nunca estou satisfeito com ambos.

E que há da protagonista de *Na cor da Pele* em você?

Resposta: As dúvidas que me acompanharam por ser filho de uma mulher branca e um homem negro. Na minha opinião, o mestiço é um personagem extremamente rico na cultura e na literatura brasileira, pois em mais de uma ocasião a sensação de inadequação o acompanha na sociedade brasileira, ou seja, ele transita entre as raças e por vezes não se sente confortável em nenhuma delas.

Você acredita que uma educação descolonizada seja possível? como seria?

Resposta: Não inteiramente, mas é uma meta louvável a ser perseguida. Na minha opinião deveria ser uma educação onde a subjetividade de cada etnia ou antes, de cada ethos, deveria ser contemplado e aceito em sua singularidade, o que em temos de sociedade globalizada e uma busca praticamente voluntária de ser aceito a partir de uma uniformidade de pensamentos e ideias ou de absoluta superficialidade intelectual, colocaria tal educação em franco antagonismo com o mundo em que vivemos. Acredito que a educação é uma instituição que trabalha a partir da construção de modelos de interação e comportamento e não em respeitar individualidades.

Apêndice B – *Pesquevivência e compartilhamento: a ginga dos corpos pretos na produção de conhecimento*

Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos, não os meus, mas de quem conta [...] portanto, estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas [...], entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma *escrevivência*.

(Conceição Evaristo, *Insubmissas lágrimas de mulheres*, 2016, p. 7).

Nesta capacidade incrível de transmutação que os corpos negros, quando juntos, parecem resgatar de uma tradição que atravessa o tempo, que atravessou outros corpos, que nos atravessa, que nos remete para o futuro.

(Ana Maria Gonçalves, *Ocupação Conceição Evaristo*, 2017, p. 33).

O trabalho da pesquisa é repleto de atravessamentos, por isso a ***exuzilhística*** como um jeito de corpo, de ato e de escrita se entrelaça tão bem nisso que eu chamo de ***pesquevivência***. Eu sei que nasci ***pesquevivente***, porque nasci curiosa, criativa, com o desejo de descobrir o mundo e a paixão pelos conhecimentos. A Academia me ensinou muito, entretanto, grande parte do que eu aprendi não veio dela, veio das pessoas que me atravessaram, dos lugares que estive, da observação, da minha relação com o mundo. Isso também é produção de conhecimento legítimo. Eu honro as minhas vivências e as pessoas que estiveram comigo durante esta trajetória, que tanto me ensinaram. Reivindico aqui as lágrimas, as noites sem dormir, os sorrisos, os abraços, os chopps, os cafés, os “sinto muito” e “estou contigo” que recebi em forma de palavras e ações, sobretudo das pessoas negras que estiveram comigo.

O ambiente acadêmico não é nada acolhedor, sobretudo para pessoas negras, a impressão é que todas as violências institucionalizadas e romantizadas que rondam e formam esse lugar, se articulam cada vez mais silenciosa e devastadora. E é a partir das nossas produções, das nossas relações e da nossa voz que nos organizamos de forma estratégica para existir e resistir. “Nosso feitiço é nosso sentir” (Ryane Leão).

Eles chamam biografia, nós chamamos **escrevivência**, eles chamam de entrevista, nós chamamos de *ginga de palavras*. Este outro modo de nominar a forma como nos referimos às nossas trajetórias carregadas de corpo e vivência, é uma maneira contracolonialista de reivindicar nossos lugares, a partir do que somos e dos saberes que carregamos dos nossos ancestrais. A Academia é repleta de modelos a serem seguidos e replicados, quando inserimos outras formas de fazer, é um modo de reformular as regras. Apenas a nossa presença nesses espaços não é o bastante, pois até somos aceitos, mas se fizermos exatamente o que está no *script*. Só “ocupar lugares” é insuficiente se as estruturas continuam as mesmas. Deste modo, apresento estes **pesqureviventes** que, através de suas vidas e de suas ações, estão contribuindo para que outras histórias sejam escritas, e outras formas de produção de conhecimento sejam legitimadas.

Ana Carolina Araujo Soares – coordenadora e tradutora do projeto Tem Cor No Ensino desde 2021, Ana Carolina é formada em Letras: Português/Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2018), instituição onde também obteve o título de mestre na área de Literaturas Vernáculas (2020), com dissertação voltada para os diálogos entre poesia e política. Atualmente é doutoranda em Literatura Comparada na Emory University, onde segue com pesquisa voltada para literatura e política, agora com ênfase em América Latina.

Caio Lafaiete – meu nome é LAFAIETTCH. Tenho 25 anos. Sou morador da Zona Oeste(RJ) desde que nasci. Sou filho de Cleide e neto de Raimunda. Acessei a academia(UFRJ) em 2016 e hoje sou professor de Língua Portuguesa, Literatura e Redação. Em 2015 me formei como intérprete de LIBRAS, pelo CELSB(Caxias) e em 2018 fui registrado profissionalmente como artista dançarino, vivenciando as artes das danças urbanas – e do teatro – desde pequeno. Também sou poeta, começando os meus escritos durante o ensino fundamental e, publicando um livro em conjunto com outros-as poetas negros, em 2017, em Aparelha Luzia(SP) pela editora QuilombHoje. Sendo um artista dançarino, professor de dança e coreógrafo, já viajei alguns estados brasileiros como Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo, em virtude da execução de shows com artistas e cantores. Na UFRJ, obtive Menção Honrosa em uma das minhas duas

pesquisas vigentes. Particpei como integrante do Coletivo Negro Conceição Evaristo que pensava o acesso, a permanência e a manutenção de corpos e vivências negras dentro da faculdade. A pesquisa a qual ganhou a Menção, foi escolhida por mim como base para a feitura do meu Trabalho de Conclusão de Curso, cujo tema foi “O empoderamento poético de uma voz e a expressão do corpo negro”.

Gabriel das Chagas Alves Pereira de Souza – graduado em Letras e mestre em Literatura Comparada pela UFRJ. Faz doutorado em Literatura Comparada na UFRJ e PhD em Estudos Culturais e Literários na Universidade de Miami. Já atuou como professor no ensino fundamental, médio e superior.

Thiago Laurentino – gay, psicólogo, servidor público, pesquisador de relações raciais.

Deryk Almeida – professor-pesquisador formado pela Faculdade de Letras da UFRJ e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da mesma instituição. Sendo sua área de concentração a Literatura Comparada e os Estudos Culturais, é especialista em Racionais MC’s, no diálogo interdisciplinar entre os estudos de cultura, raça, música e literatura. Intitula a si mesmo como “sujeito em constante movimento e escreviente dos afetos”.

Neto Arman – é de Queimados, na Baixada Fluminense, estudante da Faculdade de Letras da UFRJ e resenhista de literatura no blog Impressões de Maria. Além de escrever a respeito de livros, também se arrisca no ensaio e na ficção.

Lucas Miranda – 27 anos, graduando em Letras: português-francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pesquisa questões sobre violência e alteridade na dramaturgia do líbano-candense Wajdi Mouawad. Professor fascinado por linguagens e pela docência. Acredita na possibilidade e na obrigação de tornar o ensinar uma atividade revolucionária.

Raquel Clemente – me chamo Raquel, tenho 30 anos, sou cristã protestante, Potiguar, solteira, negra e psicóloga. Sou caçula da família, minha mãe era empregada doméstica e meu pai é trabalhador do ramo têxtil, ambos não concluíram o ensino

fundamental. Cresci no bairro de Felipe Camarão, bairro periférico da zona Oeste de Natal, eu e meus irmãos estudamos em escola pública, exceto o ensino superior. Entre greves e falta de professores, consegui concluir meu ensino médio em 2011. Comecei a trabalhar cedo para ajudar em casa e manter meus estudos (transporte e material) Meu primeiro emprego foi aos 16 anos como aprendiz em uma empresa de comércio atacadista, trabalhei lá por um ano e três meses, ao completar 18 anos fui contratada por uma construtora para trabalhar na área administrativa, fiquei três anos até a empresa fechar o CNPJ. Conciliei estudos e trabalho (44hs semanal) até o segundo ano da graduação, ao sair do trabalho comecei o estágio remunerado, estagiei na área de Recrutamento e Seleção por dois anos em uma indústria têxtil de grande porte. Nesse mesmo período também estagiei no CAPS Oeste, onde atende pacientes com transtorno mental grave, concluído também meu TCC na área de psicologia jurídica/ saúde mental em uma unidade feminina socioeducativa na zona norte da cidade. Por fim, para obtenção do título de psicóloga, estagiei por um ano em uma ILPI – Instituição de longa permanência para idosos, lá coordenei e executei oficinas terapêuticas e atendi na área clínica a população de baixa renda em um projeto da instituição. Em 2016 me formei em psicologia, hoje atuo na área administrativa e na área clínica como psicóloga/psicanalista, sou pós graduanda em psicologia forense e estudo para concursos públicos.

Clemer Teixeira – natural de Macau, Rio Grande do Norte. Estudante de Saúde Coletiva na UFRN e Odontologia na Uninassau.

Cristiane Silva – sou Cristiane, tenho 32 anos. Cristã reformada, casada, assistente social e estudante de gestão de políticas públicas. Filha de uma empregada doméstica e de um construtor civil, gari e mil e um ofícios. De uma família composta por oito filhos, seis homens e três mulheres. Nasci e cresci na zona oeste de Natal, na comunidade conhecida por Favela do Japão. Aos 4 anos comecei a estudar na Escola Crescendo com Deus, parte da ONG da igreja que onde passei a congregar. Decidi cursar serviço social impulsionada pela realidade da comunidade que morava. No início da graduação em serviço social trabalhei coordenando um projeto social da ONG da igreja. Estagiei e trabalhei num centro de defesa de direitos humanos de crianças e

adolescentes com ênfase na proteção a vítimas de violência sexual. Hoje estou servidora na área da socioeducação.

Marilia Pereira de Jesus – filha de Nega Santana há 29 anos, nordestina, Graduada em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), revisora de textos desde 2015. Escritora publicada pela Editora Malê, Conexão7, Mórula Editorial e Selo Off Flip. Vencedora do Prêmio Malê de Literaturas em 2019 e contista selecionada pela Festa Literária das Periferias (FLUP), também em 2019. Olhando para trás para escrever o futuro.

Sambukuendakô – cara formado pela EJA, realizando voos nas filosofias, teorias, críticas, estéticas, poéticas, políticas das linguagens. Sou formado em letras, licenciatura em língua portuguesa, bacharelado em estudos literários e, depois, em edição; mestre em teoria da literatura e literatura comparada, formações pela UFMG. Radiquei-me no Nordeste, onde fiz o doutorado em estudos da linguagem, em literatura e ensino na UFRN. Sou pesquisador de arquivos e repertórios literários, com trânsitos intersemióticos pelas artes, da literatura, ao cinema, à dança, à pintura, tendo me dedicado à literatura infantil e juvenil, em foco nas de autoria negra e indígena, reatando laços com temporalidades, relacionadas aos sujeitos, aos textos e contextos, desde a infância e a adolescência fugidias, aos primeiros trabalhos nos idos da graduação, até a fase adulta, onde me encontro. Cambondo mulogi da Casa Wàána Kavungo, de Santa Luzia, Minas Gerais, angoleiro, em reencontros com as formas de resistência e existência junto da ancestralidade.

Gabriela Santana – psicóloga clínica, 29 anos. Atualmente apaixonada pela vida e por tudo que ela pode proporcionar.

Felipe Vital – aluno de doutorado em Linguística pela UFRJ, com mestrado e graduação na mesma instituição. Na graduação, formou-se em licenciatura em letras (português/literaturas). Desde 2012, dá aulas de língua portuguesa, literaturas em língua portuguesa e redação.

Anderson Soares – Carioca de nascença, mas potiguar por opção!! Trabalho como professor de história e também como psicanalista. Produzo um podcast chamado

historicizar, em que produzo inserções próprias e entrevistas com profissionais do campo psicanalítico e historiográfico. Sou um bibliófilo diletante, que cursa doutorado em história (na UFRN) e que adora música brasileira feita nas décadas passadas e ler biografias. Coleciono vinis, e sou aficionado por filmes produzidos no Brasil entre as décadas de 1950 e 1980. Introspectivo e reflexivo que gosta de bom papo com suco de maracujá e passear pelos lugares encantadores desta cidade (Natal) que fui aprendendo a amar e a declarar amor eterno.

1. Quais são as vivências que te constituem como sujeito?

Ana Carolina Araujo Soares – Quando penso na minha construção enquanto sujeito, olhando agora já na vida adulta, me vem muito na cabeça a minha infância como uma criança negra que nasceu e cresceu em uma comunidade na zona norte do Rio de Janeiro e minha vida acadêmica no que diz respeito à minha graduação e ao meu mestrado, mais especificamente. Primeiro penso na minha infância porque só agora com quase trinta anos eu consigo perceber o contexto que a condicionava a ser da maneira que foi e como isso moldou muito a maneira que lido com tudo agora, como, por exemplo, resolver as coisas sozinhas, por mim mesma, sem depender da ajuda de ninguém. Quando penso nisso atrelado a minha vida acadêmica entendo que vem um pouco do fato de ser a primeira da minha família a ter acesso à educação, então quando chegava em casa e meus pais não tinham como me ajudar com o dever de casa eu precisava me virar sozinha. Isso acabou se expandindo para outras situações. Já na graduação, também alguns anos depois percebo como minha experiência foi condicionada por um meio que foi pensado para abrigar pessoas completamente diferentes de mim e, mais do que isso, reafirmava o tempo todo como aquele espaço não era meu. Eu sentia na experiência na época, mas sem ter uma grande noção sobre isso de forma mais específica, o que hoje tenho e acredito que justamente por ter insistido e continuado fazendo o que gosto e tenho vontade de fazer, mesmo tendo pensado em desistir algumas vezes. Acho que se fosse resumir essa minha construção de sujeito definiria com duas palavras: solitária e teimosa.

Caio Lafaiete – As minhas vivências que me constituem como tal são as experiências que cultivo no mundo e dentro de mim. Da reflexão até a atitude. Do descanso até as práticas contratuais da sociedade em que me insiro. Do atravessamento de diversos sentimentos até a apatia de um domingo à tarde. Do cheiro inebriante do incenso até o cheiro urbano de uma segunda de trabalho. Todas essas experiências controem e reconstroem, ontologicamente, o sujeito que me permito e o indivíduo que consigo ser.

Gabriel das Chagas Alves Pereira de Souza – A origem familiar e as influências midiáticas, com certeza, são fundamentais na minha formação, mas, sendo um jovem dos subúrbios do Rio de Janeiro, o fato de ter conseguido bolsa e estudado em escolas particulares foi a parte mais influente na minha formação em termos de visão de mundo e senso crítico.

Thiago Laurentino – Acho que muito das minhas experiências quando criança. Os momentos vividos com a minha família, a escola, a igreja, me orientavam como eu deveria ser. Eu, por buscar aprovação, costumava fazer exatamente o que era determinado. Diversas outras vivências também influenciaram na minha constituição: os estudos, os amores, as amizades, as experiências profissionais, as viagens, as leituras, etc.

Deryk de Almeida Viana – Um complexo de experiências que me formam, baseadas nas intersecções entre raça, sexualidade e gênero.

Neto Arman – Pergunta difícil, essa. Mas penso que a resposta esteja na amalgama que faço de minhas experiências pessoais, sociais, críticas e criativas.

Lucas Miranda – Difícil! Mas entendendo sujeito como indivíduo, como ser dotado de subjetividade, minhas experiências (sociais ou individuais) me constituem sujeito. Os caminhos que percorro, todos eles, com os percalços e atalhos que encontro, me fazem sujeito. Pra mim ser sujeito é mesmo essa relação de experiência e experimentação.

Raquel Clemente – As trocas de saberes, todas as relações construídas ao longo desses anos.

Clemer Teixeira – Frequentar espaços como: shoppings, universidades, mercados, pegar ônibus...

Cristiane Silva – Considero que a base da minha constituição vem do princípio de fé na imagem de Deus (doutrina teológica que considera que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus que lhe atribui valor e dignidade e compartilha com ele alguns de seus atributos. Quando falo homem, se refere ao gênero humano). Creio que fui criada à imagem e semelhança de Deus e que sou sua filha. Considerando as relações com outros-as sujeitos, desde a primeira infância as referências materna, paterna e com demais familiares me constituem. Posteriormente as relações comunitárias e depois escolar. Pontuo como central, a partir da primeira infância os vínculos na vivência da espiritualidade. As relações proporcionadas na universidade, movimento estudantil e com distintos e diversos sujeitos que encontrei e encontro nos movimentos sociais, grupos sociais e vínculos de trabalho. Como disse o querido Gonzaguinha:

“aprendi que se depende sempre
De tanta, muita, diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas
E é tão bonito quando a gente entende

Que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá”. Para além das relações pessoais, as influências da música e dos conhecimentos que adquiro nos estudos, leituras.

Marilia Pereira de Jesus – Hoje, pensar nas vivências que ajudaram a me constituir enquanto sujeito me põe imediatamente diante do meu papel no mundo e do lugar que eu ocupo nessa sociedade, que é o de mulher, mulher preta, mulher preta nordestina, mulher preta nordestina e suburbana. As vivências – as boas e as ruins, as gostosas e as tristes de lembrar – me ajudaram a fazer escolhas, estabelecer limites e tomar decisões. Por isso, escolhi duas delas para ilustrar o que disse anteriormente. A primeira é uma vivência de violência, de racismo: No dia 18 de junho de 2017, numa tarde de domingo, meu pai ia sair com a minha mãe e me chamou pra eu pegar umas coisas no carro antes deles irem. Eu fui. Eu tinha uma vizinha que quase não vejo, por isso, ela

não tinha me visto com os cabelos naturais ainda. Eu descii com meu pai e ela estava lá embaixo. Quando eu a avistei, falei pro meu pai que não estava preparada pra vê-la, porque eu sabia como ela é e eu ainda não estava segura de mim naquela época. A transição capilar havia acabado, mas a interna não. Esse “encontro” seria um teste. Quando ela nos viu, virou pro meu pai e perguntou: “João? Você não tá vendo que sua filha tá ficando doida? Isso não é moda não!” Eu perguntei: “Do que você tá falando? Ela respondeu: “Do seu cabelo. Você quer um pente? Eu tenho chapinha também!” Eu falei: “Você tem razão, isso não é moda. É o cabelo que eu nasci. E como Deus deu um cabelo pra cada um, toma conta do seu.” Não satisfeita, ela continuou: mas eu tenho pente, quer? Eu falei: “Aproveita que você tem e usa! Usa o que você quiser no seu cabelo e deixa o meu!” Insistiu: “Mas João, você não tá vendo isso não?” Eu, tentando manter a calma, disse: “Está sim, assim como você está! Por favor, me deixa!” Mas nessa hora eu já estava me tremendo toda de raiva! Eu subi e ela ficou me chamando. Eu não olhei. Ela veio atrás de mim. Na minha casa. Minha mãe, que estava de saída e não sabia de nada, abriu a porta e ela entrou. Nisso, ela falou que estava brincando e não queria me deixar chateada. Eu falei que aquilo não era brincadeira. Que a gente tem que lidar com tanta violência na rua, aí eu vou no portão, onde eu menos espero, quase dentro da minha casa, e sou atacada! Ela falou que achou diferente, não sabia, por isso falou aquilo. Eu falei que por ela não saber, ela tinha que ficar calada ou me perguntar como eu estava me sentindo com o cabelo natural e não falar aquelas coisas. Em hipótese nenhuma. Pra ninguém! Ela continuou! “Eu não queria te deixar chateada, mas eu gosto mais do seu cabelo liso.” Eu respondi, quase sem forças: “Mas o cabelo é meu, quem tem que gostar sou eu. Você só tem que me respeitar!” Eu já estava chorando. E ela começou a chorar também. E minha mãe, uma mulher negra, chorou também. Ela pediu desculpa e disse que não ia mais falar àquelas coisas. Eu disse que esperava que aquela situação servisse pra ela refletir sobre as atitudes dela. E que eu não estava falando só sobre mim, mas de um monte de gente que tem que lidar com o racismo todos os dias. De todas as formas. Ela foi embora. A segunda vivência que escolhi relatar é sobre sonhar. Durante muito tempo acreditei que não podia. Assim como acreditei em muitas outras coisas que atravessam a afetividade, o modo de existir de uma pessoa negra, em particular, de uma

mulher negra. Até que um dia fui convidada para conduzir um evento em homenagem à Conceição Evaristo, escritora que, através dos impactos que sua escrita me causou, me fez entender que o meu lugar é onde eu quiser estar. É pra onde eu me levar. Daí eu comecei a sonhar e hoje eu tenho alguns sonhos, mas confesso que em alguns momentos fico de bobeira com as coisas que o destino tem reservado para mim. Nos dias de luta e nos dias de glória, sou eu existindo e, para as pessoas que por muito tempo teve a sua humanidade negada – como eu – existir sendo quem se é, lutando e resistindo, e sonhando, é revolucionário.

Sambukuendakô – Meio clichê, mas todas as experiências que experimentamos são constituidoras das nossas identidades. Das boas experiências, guardo, hoje, não só a lembrança delas, mas o que elas me fomentaram em termos de enfrentamento das experiências ruins. Imagine que triste constatar que as ruins foram e são as orientadoras do processo, na medida em que nos coloca para um enfrentamento constante, que só não nos desorienta porque temos lampejos das que foram experiências positivas. A questão é que muitas dessas desagradáveis, que marcam nossa forma de ser/existir, são de longa duração, em nós, a serem atualizadas em outros-as corpos e mentes. Isso paralisa uma vida feliz, cujas infelicidades, parte da vida, fossem tão somente as acontecidas pelas contingências e circunstâncias adversas. É que a adversidade renitente é um projeto, enlouquecedor, que nos prende a uma sobrevida, cuja vida se é resumida no sobreviver a uma vida im-posta. Para sair disso, tenho acreditado, é no fortalecimento das comunidades de luta e enfrentamento ao status quo dominante, redes que sempre existiram, que podem ter união em objetivos comuns, independente das diferenças, (longe de serem uma unificação propalada pelas globalidades, advindas pelo grassar da ideia de globalização). Nessa mesma toada de adversidades, coloco, também, como parte de uma formação, o que custei a perceber como uma questão de incompatibilidades, que, colocadas em mim porque destoava dos modos ditos normais de contemplação da vida, me condenava e me proscruvia. Parecia haver lugar no mundo apenas para as pessoas cuja frequência oscilava dentro do espectro audível e visível. Isso me fez, durante longas décadas, a pensar que o problema era eu, e problema meu.

Fora de consideração, parti para mundos imaginários, nas as artes, que me deram lar e me permitiram viver. Onde fiz morada.

Gabriela Santana – Tantas coisas... minha história, as memórias que carrego comigo (boas e ruins, confortáveis e desconfortáveis, alegres e tristes). Os lugares por onde passei, os lugares por onde circulo atualmente. As relações com as pessoas, inclusive conhecer pessoas novas. As músicas que escuto, os livros/textos que leio.

Felipe Vital – Essa pergunta certamente demanda uma resposta construída a partir de muitos vieses, uma vez que a noção de 'sujeito' é fruto de um conjunto de condições menores que interagem entre si. Tentando ser o mais lacônico possível, pensando no atual estágio da minha vida, a vivência que mais tem me constituído como sujeito diz respeito à minha relação com a minha profissão, cuja atividade está centrada em estudar e escrever. O processo de estudo, por mais que possa ser direcionado ao lado de fora, sobretudo na construção de conhecimento não diretamente subjetivo, proporciona muitas revoluções no sujeito, em especial no sistema de crenças/saberes/pressupostos básicos sobre determinado aspecto. Estudar é atualizar o olhar e isto é possível só naqueles que atualizam a si mesmos em cada estudo. Complementando isto, a escrita, a meu ver, está ligada à constituição do sujeito, de uma perspectiva inicial, por questões estilísticas, uma vez que cada escrevente tem seu estilo próprio baseado em uma série de vivências particulares; e, de uma perspectiva mais profunda, por questões relacionadas ao próprio 'abrir-se'. Toda escrita desnuda em algum grau o escrevente. Neste sentido, nos últimos anos, a minha (re)constituição de sujeito tem sido majoritariamente perpassada por estes dois movimentos, complementares: estudar para se re-entender e escrever para se abrir ao outro.

Hayandra Costa – Atualmente, as vivências na minha área profissional, como pesquisadora, bióloga e professora me definem mais. Porém as vivências com minha família e amigos também dizem sobre mim. Então a pesquisa científica é uma das minhas vivências, até pelo período pós pandemia e pós governo bolsonaro, fez aflorar em mim a prática da divulgação científica. A partir daí, acredito que sempre fui um sujeito curioso, que sempre gostou de biologia e do porquê as coisas funcionam. Através de uma

educação muito libertadora, meus pais oportunizaram a mim muitas coisas, tal como o investimento na carreira acadêmica, através da graduação e pós graduação, não só agora, mas principalmente agora que já me estabeleci como sujeito detentora de alguma experiência minha luta antirracista se faz presente.

As vivências familiares que deveriam ser a vivência mais importante até que a profissional me fazem ser uma pessoa doce e cuidadosa de todos. Gosto de cuidar e principalmente cuidar dos meus pais, que agora são idosos. Sou extremamente carinhosa e provedora de muitas coisas que ajudam a eles a viverem melhor. Com minha mãe eu gosto de conversar e passear. Com meu pai gosto de conversar e mostrar a ele autores-as negros que leio e provocá-lo num pensamento diferente do dele.

Gosto de conviver com meus amigos e gosto da praia e do sol.

Anderson Soares – As vivências que me constituem como sujeito tem como base a intersubjetividade e a alteridade total, ou seja, o estar, sentir e existir só tem sustentação e significado em função de uma relação com o outro e com o viver em sociedade num modo geral. Daí também o ser sujeito no cotidiano tem como pilares de sustentação os significados e sentidos para vida que são construídos pelos investimentos de energia psíquica e o desejo ser útil numa vida em sociedade.

E para ser boas condições internas e energia psíquica para sobreviver as implicações da vida em sociedade, se faz necessário um importante fortalecimento do mundo interno e de vigorosa afirmação do processo identitário. Enfim, ser sujeito e sustentar identidade e singularidade é uma tarefa diária que requer coragem na capacidade de afirmação e assumir todas as implicações da vida em sociedade.

2. Quais são os movimentos contracolonialistas que você põe em ação para viver neste mundo racista? Quais são suas formas de potencialização?

Ana Carolina Araujo Soares – Não conhecia o termo “contracolonial” até o momento, só tinha ouvido falar em “pós colonial” e “decolonial”, mas acredito que considerando a questão da experiência e pensando muito no que a Conceição Evaristo aborda ao falar sobre escrevivência, eu diria que o meu pesquisar e escrever acadêmico

escreviente é a forma mais ativa que tenho no momento e que me ajuda a lidar com um mundo racista. Às vezes sinto raiva e me sinto culpada por isso com um certo receio de reforçar estereótipos sobre mulheres negras raivosas, mas é o que Audre Lorde diz, eu não só posso sentir como devo expressar essa raiva. E aí eu expesso da maneira que me sinto mais à vontade e que, de uma maneira ou de outra, também me traz algo a mais de volta, como a produção de conhecimento. E acredito que isso em si também é uma forma de potencialização que constitui meu sujeito.

Caio Lafaiete – Acho que o movimento contracoloniaalista que aciono para viver neste mundo é um movimento auto-reconhecedor de dignidades, afetos, belezas e acessos e pertencimentos à espaços que, de alguma forma, não me contemplariam enquanto uma pessoa preta. A minha forma de potencialização é a arte. A arte que reside em mim e o sujeito artístico que me permito ser, canalizam as minhas forças, fracas ou fortes, em direção à uma resistência tanto subjetiva quanto real. E assim, direcionando essas minhas forças e somando-as com as experiências que cultivo, resisto. Resistindo, sou potência.

Gabriel das Chagas Alves Pereira de Souza – Como professor e pesquisador, minha principal forma de reação anticolonial está no meu trabalho. Dou aulas de literatura afrodiaspórica e pensamento decolonial presencialmente nos Estados Unidos e online em português para o público no Brasil. Faço dessas práticas minhas formas de sobrevivência pessoal, mas também é a forma de tentar superar o discurso muitas vezes acastelado e inacessível da produção acadêmica. Considero, por exemplo, muito importante oferecer cursos online gratuitos que versem sobre esses temas numa linguagem que não exclua pessoas que estão fora da Academia.

Thiago Laurentino – acho que nossos movimentos contracoloniais são muito limitados. Como fomos socializados em contexto colonialista, toda a nossa forma de pensar, de estar no mundo, ela reproduz tal ideologia. Acho que se usa muito levemente os termos como “descolonização”. Mas eu busco saber de entendimentos sobre o mundo que não são eurocentrados. Como povos originários ou povos africanos concebem determinadas coisas.

Deryk de Almeida Viana – O ato de “tornar-se” a partir de um movimento intelectual que busca a emancipação dos resquícios colonialistas e uma luta constante contra a colonialidade. Sempre busco formas de aplicar esses preceitos intelectuais e de pensamento crítico à minha realidade individual e coletiva. Ultimamente, as noções sobre amor e afrocentrismo têm me mobilizado, no sentido mais amplo da coisa: entender o amor como construção ética e como a nossa forma perceptiva do mundo e das coisas do mundo, e o lugar da minha espiritualidade afrocentrada nesse percurso (a produção filosófica dos terreiros contribui para essa percepção).

Arman Neto – O conhecimento e o encontro com aqueles que me enxergam (e por consequência, eu os enxergo) como iguais sempre foram as origens da minha força para lidar com este mundo racista. Por mais individuais que possamos ser, nada se potencializa sem termos o coletivo em nosso horizonte.

Lucas Miranda – Acho que o maior movimento é estar vivo e poder estar em lugares/posições de sujeito, de referência, quebrando o paradigma do corpo preto como subserviente. Quando me conscientizo de quem eu sou, quando me racializo e racializo o mundo à minha volta, posso enfim enfrentar o racismo cara a cara e refletir sobre suas influências sobre mim.

Raquel Clemente – Até o momento não tenho participado ativamente de grupos / organizações que debatam ou promova ações para o enfrentamento do racismo. De toda forma, compreendo que enquanto mulher negra preciso ocupar lugares na sociedade que nunca deveria ter perdido, ingressar no ensino superior foi uma dessas conquistas, me especializar na área e produzir saber é sem dúvidas uma das formas combater o racismo, eu estou ganhando voz e dando voz! Aos poucos, em conversas informais e acesso a materiais (artigos, palestras) vou adquirindo mais senso crítico, refletindo sobre como sou vista e tratada e como posso aprender mais sobre minha própria existência.

Clemer Teixeira – Na minha perspectiva estar dentro da universidade é revolucionário, levando em consideração a forma como a sociedade foi se estruturando para nos escantear, usando mecanismos como o racismo estrural e institucional. Sem

dúvida, mesmo com todas às disparidades, estar dentro da universidade, não só de uma, mas como de duas, é uma forma de potência para mim.

Cristiane Silva – O primeiro movimento que considero contracolonialista também parte do princípio teológico da imago dei, pois como questão de fé compreendo que Deus criou todos os seres humanos igualmente à sua imagem e semelhança e todos possuem valor e dignidade. Isso me potencializa. Em seguida, me reconhecer em outros-as sujeitos que constituem o movimento na história como minha mãe, Martin Luther King, pastor evangélico importante na luta contra o racismo. Apropriar-me do significado do racismo na minha própria história e diariamente me questionar e questionar a realidade sobre as condições do-a negro-a, das mulheres pretas e da periferia. Um movimento que considero importante é o da fala. Não se calar já me movimenta, pois o silenciamento me adoece e me mantém no mesmo lugar, de subalternidade e sofrimento. Falando eu me movimento. A fala me potencializa, a poesia me potencializa. Aprender, ouvir e observar o que perpassa minha vida e a vida de tantos outros-as sujeitos me instrumentaliza. Usar a voz na igreja, na universidade, no trabalho, mesmo quando tentam silenciar. Por vezes é doloroso, mas enfrentar as dores do racismo na certeza que tenho valor, dignidade e que sou amada por Deus; com o apoio de pessoas que a gente e/ou que estão na luta conosco, lidar com isso em terapia, nos potencializa. Que bom seria que todo-a negro-a, toda negra tivesse meios de se potencializar e não silenciar sua dor, somar nas vozes.

Marília Pereira de Jesus – A minha forma de potencialização e movimento contracolonialista é através da escrita. Eu escrevo, como me ensinou a escritora Paulina Chiziane, para reexistir. A minha escrita é quem eu sou e, quando meus textos atravessam a vida de outras pessoas eu sei que estou fazendo a coisa certa. E, ano passado, no dia 9 de outubro, milhares de pessoas que prestaram concurso para o IFRJ me leram! O meu conto “Azul da pele preta” serviu como base para 14 das 15 questões da prova unificada de Língua Portuguesa do concurso público do IFRJ! Esse texto chegou a muitas pessoas e um relato que vou transcrever a seguir me marcou profundamente: “Oii, Marília! Tudo bem? Estudamos juntas na UFRJ, não sei se você lembra, mas estou te enviando essa mensagem porque estou dando aula no interior do Rio, bem interior mesmo, cheio de preconceitos raciais, e hoje dei um simulado que tinha um texto seu.

Uma aluna minha sentiu demais esse texto, porque tem um contexto de vida muito difícil e sempre se coloca abaixo dos colegas, majoritariamente brancos. Enfim, estou te mandando essa mensagem porque o texto fala sobre a universidade e ela conseguiu se enxergar tanto e mudou a cabeça dela, porque ela pensou “se ela conseguiu, eu também posso estar nesse lugar de branquitude”. Ela, do interior, quase no fim do mundo, população de 10 mil habitantes, se viu e sentiu pertencente. Falou várias vezes que leria novamente o texto. Nós, professores, leitor-aes, agradecemos por autoras tão potentes como você. Quis mandar esse relato, pois foi um momento muito forte e achei que foi decisivo na vida dela. Obrigada!” Esse é o meu movimento contracolonialista. É assim que eu me potencializo.

Sambukuendakô – Uma das coisas que sempre reflito é sobre as pequenas ações e os gestos do cotidiano. Das pequenas ações, nas escritas acadêmicas, por exemplo, tenho o cuidado de não me referenciar às estudiosas apenas pelo sobrenome, para evidenciá-las como intelectuais mulheres; porque, como um lugar ainda marcado pelo predomínio masculino, o sem nome é assumido como sendo um homem. Desta forma, marcamos a presença das mulheres nas ciências. Algumas das outras formas de combate são contra as centralidades do pensamento único, das origens brancocidentais. Para isso, questionamos as hipocrisias e as modas, que capturam nossa energia necessária para as nossas revoluções. É fato que no contemporâneo, as grandes revoluções, utopias seculovintistas, explodiram, tanto como seu desejo motivador, pelas impossibilidades tantas, junto das dissolvências das identidades monólitas; quanto pela rebentação das possibilidades de que ocorressem, haja vista inúmeras pessoas satisfeitas com as médias, orgulhosas por não estarem nos espaços mais baixos, e investindo para galgar para as castas superiores. Tenho orientado meu corpo para as revoluções miúdas, que são, para mim, as possíveis, e que são também, a meu ver, as que têm potencial de alteração profunda, sem possibilidade de retomadas reacionárias. Até porque as reações são igualmente miúdas, mas mais potentes, porque são governadas por ideologias fortes, de longuíssima duração e efeito, e capturam uma galera. Contra elas, me coloco, por exemplo, contra os moralemas. Alguns desses moralemas, em sua positividade, até advêm de conhecimentos bem elaborados, potentes

como mobilizador, porém, se perdem, quando tomados por sua economia, mormente por bocas de burocratas e outras ignorâncias, que tomam como uma camisa que vestem para tirar suas selfs. Por exemplo, da máxima freiriana sobre a educação, que foi transformada e espargida pelo lema da editora Brasiliense em “livros não mudam o mundo, livros mudam pessoas e as pessoas mudam o mundo”, entendamos o potencial disso como possível de acontecer, na teia do cotidiano de nossas ações de pedrinha miudinha. Porém, grassa como uma certeza naive de que a leitura, como um produto, por si, individual, sem reflexão, sem debate, mudará alguma coisa. Fosse determinante, a classe média não seria tão abilolada, sem consciência de classe; e não é, segundo pesquisas, esta, a faixa que mais compra livros? Entre tal lema, pinçado pela orelha, a satisfazer uma fantasia intelectual, tem outros-as tantos, como a do “direito à literatura”, entendido fartamente como um direito para compra de livros, e não pela sua extensão, que se refere a um direito à escrita, à circulação, ao acesso nas formações, entre escola, biblioteca e outros-as lugares formativos; direito a uma vida literária plena, o que, como sabemos, não são direitos que pessoas negras e indígenas têm nem para a vida em todas suas possibilidades. Vide a forma como nossos escritores, como Lima Barreto, Cruz e Sousa, Carolina Maria de Jesus, foram tratados; como “viveram” do ofício artístico intelectual; como circularam como autores-as, como pessoas. Há, também os mais recentes casos, como o do nosso querido escritor Júlio Emílio Braz, autor bastante produtivo, bastante mesmo, com livros espetaculares, um dos nossos mais importantes escritores vivos; diminuído em outras formas de interseccionalidade, como a de interação entre ser autor negro e escrever para crianças e adolescentes, que tende a vê-lo como um escritor de menor qualidade, o que não corresponde à realidade.

Gabriela Santana – Me relacionar com pessoas não-brancas, não-cis e não-héteras. Buscar conteúdo em vídeo e livros que me aproximem de novas narrativas e ampliem minha visão de homem e de mundo. Tudo isso através de uma aceitação e potencialização da minha própria experiência, da minha própria existência. Os movimentos que faço me potencializam e, ao mesmo tempo, faço esses movimentos porque me sinto potencializada. não sei onde começa, mas é um ciclo.

Felipe Vital – eu acho que ser um preto vivo e potentemente atuante é o principal movimento contracolonial a priori. A posteriori, acredito que o fundamental, na discussão sobre as identidades e as relações, que é um dos marcos da era ‘decolonial’ ou ‘pós-colonial’ ou ‘contracolonial’ da construção de conhecimento (note que, de um ponto de vista filosófico, acredito que existam diferenças fundamentais entre os três conceitos, mas, de um ponto de vista semântico, os conceitos atualizam significados intercambiáveis em uma conversa não puramente técnica), é a ressignificação dos conceitos e das próprias relações. O mundo colonial impôs formas de comportamento, de relação e de percepção das coisas. A saída disso é atribuir outros-as significados. Desde que li em ‘pele negra, máscaras brancas’ que brigar contra ‘colonizadores’ (na perspectiva da legitimação de cultura, não de libertação militar e política) ou ficar mostrando a ele que as expressões do colonizado têm valor não é tão efetivo quanto à ressignificação dos arquétipos, esta ideia me pareceu tão óbvia, que me senti mal de não ter chegado a este ‘insight’ por minhas próprias pernas rsrs.

Hayandra Costa – Primeiramente, sou fruto da política de cotas do governo Lula. Então eu só existo como Dra Hayandra Cunha da Costa, por este fato.

A fala potente dentro do meu pequeno ambiente de trabalho, (que é uma das primeiras universidades que a política de cotas vigorou) Laboratório de Farmacologia e Biologia Celular na UERJ sobre o movimento antirracista já é bem cansativo. Existir na academia como mulher preta já considero um movimento, pois não é fácil permanecer aqui.

Anderson Soares – A partir do momento em que começo a perceber os mecanismos sutis de práticas de racismo em nossa sociedade, estabeleço estratégias de sobrevivência e atuação na coletividade. E a difusão do saber tem sido uma das boas ferramentas para combater o racismo, sempre convocando o outro para reflexão e debate. Sabendo que nem sempre se consegue ser exitoso nesta tarefa cotidiana.

Procuro potencializar a dor de passar por episódios de racismo em material para lutar contra e apontar os causadores desta mazela. Preciso estar sempre atento aos

potenciais ataques e ofensas em determinados ambientes, aqueles que costumeiramente os negros não são bem-vindos.

A minha via de atuação e potencialização é a micro-política!! prática cotidiana, a partir de pequenos gestos. Já entendi em meu cotidiano preciso ter responsabilidade em assumir postura de combate, resistência pela via do esclarecimento, questionamento e diálogo. Já ficou claro que a vida educacional e do saber são as importantes trincheiras para os negros se mobilizarem, se fortalecerem e afirmar sua cultura dentro de uma sociedade “democrática” e plural.

3. O que é produção de conhecimento para você?

Ana Carolina Araujo Soares – Penso a produção de conhecimento de duas maneiras, eu acho... pelo menos por agora. Essa mais “tradicional” (entre muitas outras) acadêmica e aquela que acontece dentro da vivência em ambientes informais também. Produzo conhecimento quando leio e escrevo e também produzo conhecimento quando estou sentada no quintal com minha mãe tomando um café no final da tarde e ela me mostra um vídeo de tik tok, por exemplo, em que alguém está falando sobre questões como “dívida histórica” que ela não entende muito e me pergunta sobre. Acho que bem ou mal, enquanto seres políticos a gente produz conhecimento basicamente desde que a gente nasce. Desde o momento que eu nasci meus pais tiveram que começar a pensar em qual seria a melhor maneira de criar uma menina negra que encontraria muitas barreiras na vida por questões ligadas não somente à raça como a gênero e contexto social também. Isso sem mesmo entenderem “academicamente” sobre o assunto. É a produção de conhecimento atrelada à experiência diretamente. Não é algo limitado ao mundo acadêmico e trancado dentro de uma sala de aula ou publicado numa revista.

Caio Lafaiete – Para mim, produzir conhecimento é reconhecer e acessibilizar os espaços mantenedores de conhecimento. Reconhecer, pois existem uma certa cristalização acadêmica do conhecimento, o que negligencia a existência potencial de conhecimento nas favelas, por exemplo. Acessibilizar, pois é através da quebra dessa “quarta parede” cristalizada que o conhecimento pode se divergir para outros-as territórios que, social e historicamente, não possuem a oportunidade de uma produção

de conhecimento. Acima de tudo, acho que devemos nos perguntar: o que é conhecimento? de onde ele vem? quem ou o que o possui? E assim, postumamente, questionar sobre a sua produção.

Gabriel das Chagas Alves Pereira de Souza – Tudo que nos faz entender um pouco mais do mundo que nos cerca e os seus problemas. De artigos científicos até artesanato, acredito que o conhecimento possa ser produzido de forma institucional, mas, principalmente, de forma orgânica no contato com as pessoas.

Thiago Laurentino – eu acho produção de conhecimento pode ser tanto a elaboração, a aquisição de informações, tendo em vista que acontece de forma muito particular, quanto a transmissão dessas informações, que pode ocorrer de diversas formas (escrita, falada, praticada, etc). A produção de conhecimento também se dar através da reflexão, da interpretação a respeito de informações que recebemos, produzindo-se assim, novas informações, novos dados.

Deryk de Almeida Viana – Mais do que produção de conhecimento, gosto de falar sobre mobilização de conhecimentos. Eu mobilizo conhecimentos. Trata-se, pois, de compreender epistemologias e o conjunto de saberes que as constituem: crítica, experiência, sentidos, afetos, subjetividades. Por ser pesquisador dos Estudos Culturais e da Literatura Comparada, gosto de entender minha imersão nos estudos dos paradigmas culturais da Diáspora Africana como uma mobilização constante de conhecimentos. Assim, minha principal metodologia é o movimento: estar em constante movimento para produzir-mobilizar conhecimentos (e entendendo o movimento a partir da filosofia de Exu).

Arman Neto – É o ato de se criar artística, cultural ou cientificamente, tentando fazer com que essa criação circule, sendo aberto às possibilidades de leitura e interpretação que a mesma poderá suscitar, sabendo lidar com a crítica e o olhar de nossos pares, seja lá qual for o seu cunho, tendo a consciência de que isso pode ser de extrema importância para que possamos melhorar em relação àquilo que nos propusemos criar.

Lucas Miranda – Toda e qualquer elaboração de saber(es) que um indivíduo ou grupo adquire e oferece a outro indivíduo ou grupo.

Raquel Clemente – É tudo aquilo que aflora do ser para o bem do coletivo.

Clemer Teixeira – Produção de conhecimento é tudo aquilo que juntamos no decorrer da vida e usamos em algum momento, levando em consideração que o conhecimento é diverso, possui diversas facetas e muda com o espaço.

Cristiane Silva – Considerando a minha trajetória e as experiências que já possuo, agora se refere a me apropriar da realidade e seu sentido utilizando o conhecimento científico, mas valorizando os saberes populares e reconstituir a realidade a partir do produto disso. Mas precisa ter um significado social, para além de criar uma bagagem intelectual.

Marilia Pereira de Jesus – Construir conhecimento, pra mim, é possibilitar que histórias sejam contadas. Por qualquer pessoa, de qualquer classe social, de qualquer idade. Construir conhecimento, para mim, é legitimar, cada vez mais, as trocas cotidianas, sobretudo com os mais velhos, como forma de ensino e aprendizagem.

Sambukuendakô – O conhecimento não deve ser reduzido ao acumulado de suas elaborações, porém, é a forma como ele é capitaneado. Ele deve estar confundido com as ações, os gestos, cada movimento que realizamos, os que já realizaram antes de nós, e o que realizaremos, em entendimentos sobre a realidade, a compreendê-la, não apenas em sua estabilidade, mas naquilo que não conseguimos perceber, ver, compreender, o que são questões sociais de longa duração, estas sempre re-atualizadas em novos modos de sua reprodução. Entendido assim, para mim, o conhecimento se vincula ao processo de sua movimentação para construção de outras realidades. Desta forma, o dito acúmulo não deve ser sua celebração como acumulado, mas uma ligeira recepção festiva para que, reestudados com atenção, consigamos tocar questões daquele tempo, que são nossas atuais, e o que são nossas contemporâneas e não deixaremos sem resposta para os que virão.

Gabriela Santana – Produzir conhecimento pra mim é existir. Acredito que todos nós produzimos conhecimento enquanto passamos pela vida na Terra. Alguns documentam essa produção de conhecimento, outros-as não. Penso muito na minha avó materna: ela não deixou algo documentado, mas em minhas memórias existe um conhecimento vasto e muito real. Visito eles frequentemente e tendo compartilhar com outros-as, mantê-los no mundo.

Felipe Vital – Eu definiria como a criação de soluções e/ou invenção de problemas que atualizem as noções de determinados lugares de experiência (os campos de conhecimentos) ou que problematizam o status quo destes mesmos lugares de experiência.

Hayandra Costa – O seu relacionamento com o ambiente em que vc vive pode produzir uma compreensão que leva a produção de algum conhecimento. Se esse conhecimento é válido, positivo ou importante, já é outra coisa.

Refletir sobre o que existe e debater, estudar e refutar ou concordar com outros-as autores-as, em todas as áreas do conhecimento, para mim, produz um conhecimento

Anderson Soares – Acredito que conhecimento que é produzido só tem sentido, valor e significado, quando é difundido e espalhado como sementes para oportunizar o acesso à tantos que não podem chegar até um livro ou entrar numa universidade. Então, seja através da educação, literatura, música ou teatro, importante além da produção é difusão do saber que visa democratização e enfrentamento das injustiças.

4. Como foi a sua infância?

Ana Carolina Araujo Soares – Minha infância foi tranquila dentro do que foi possível. Morava numa comunidade perigosa, então não tinha muita liberdade para brincar na rua, por exemplo. Conforme fui crescendo senti mais falta disso, mas sempre fui uma criança muito criativa, então gostava de brincar de faz de contas e criava meu próprio mundo com meus ursinhos e bonecas dentro do meu quarto. Foi uma infância solitária também, não tinha muitos amigos, sou filha única, meus pais trabalhavam fora...

era muito eu e meu mundo da imaginação mesmo. Quando comecei a ir pra escola no ensino fundamental ainda mantive esse costume, deixei de brincar de faz de conta já um pouco “velha”, porque apesar de ter algumas amigas ainda preferia a minha própria companhia. E também chegou um momento que descobri o que era ler por diversão e não por obrigação, então comecei a ler mais.

Caio Lafaiete – Boa, mas dura. Construtiva, mas sem muito afeto. Alegre, mas conturbada. Acho que a pergunta que eu me faço, para além dessa pergunta que respondo é: como não foi a sua infância? Como queria que tivesse sido? O que você queria que não tivesse acontecido? No mais, sou muito grato por todo suporte materno. Ao longo do tempo, me permiti entender alguns posicionamentos, algumas falas, pensamentos, atitudes. Ao mesmo tempo, também me deixei livre para sentir e me construir da forma como eu queria, sem “terceirizar” as minhas vontades e sonhos. Sou feliz em me relacionar de forma saudável, até hoje, com a minha criança interior.

Gabriel das Chagas Alves Pereira de Souza – Em geral, boa. Tive o privilégio de ser bolsista em escolas particulares, então, de uma forma geral, tive acesso ao capital cultural da classe média.

Thiago Laurentino – acho que minha infância foi um paradoxo, entre momentos muito felizes e momentos que para mim foram ruins.

Foi um período de muitos estímulos. Ter irmãos mais velhos me proporcionava realizar muitas atividades e ter acesso a muitos conteúdos. Ao mesmo tempo foi um período de muita privação financeira e privação de experiências e comportamentos, por questões religiosas. Foi um período de muito estresse

Deryk de Almeida Viana – Defino a minha infância como um emaranhado de episódios de luto. Tive de lidar com a perda, com a anulação, com a insegurança e com a falta constante de coisas que me eram tiradas o tempo todo. Talvez a constituição do meu sujeito seja mesmo uma colcha de retalhos ou uma caixa de sobras.

Arman Neto – Acho que posso dizer que tive uma infância boa. Tive meus pais presentes, que sempre se esforçaram para oferecer tudo o que podiam para o meu irmão e eu, pude brincar na rua, tive acesso à educação etc e etc.

Lucas Miranda – Foi muitas coisas, foi luta, foi prazer, foi facilidade, foi dificuldade. Até a adolescência vivi com minha mãe e vó. Por muito tempo moramos de favor em casas de familiares até parte da nossa casa própria estar terminando, possibilitando que fôssemos pra lá de vez. Cresci acompanhando a casa tomar forma, parede e cor. E apesar da dificuldade em construir a casa, construir minha educação nunca deixou de ser prioridade. Minha vó sempre fez de tudo pra que eu estudasse em bons colégios e sou muito grato por isso. É muito foda ver o quanto de sacrifício precisou ser feito pra hoje eu tá onde eu tô, então eu honro muito isso!

Raquel Clemente – Marcada por “Nãos”, sempre ocupando lugares subalternos e cercada de pessoas que não demonstravam nenhuma esperança no meu futuro, sem muitos investimentos.

Clemer Teixeira – Resumindo, foi bastante complicado!!!

Cresci em um lar onde não recebia amor, um padrasto muito indiferente a mim, extrema vulnerabilidade social e econômica. Cresci com a mão do racismo sobre mim. Hoje, infelizmente, colho as consequências dessas vivências: solidão, muitas vezes me encontro em um espaço onde não enxergo perspectivas para o futuro, vivo assustado, principalmente, agora que descubro que o meu maior vilão é invisível e continuará me batendo sem ao menos poder me proteger.

Cristiane Silva – Agridoce. Sou uma criança que vem de uma família numerosa, da periferia com acesso a poucos direitos, mas que ainda assim teve boas memórias. Estudar na escola da igreja e ser da igreja é parte do processo para “me salvar” de uma trajetória mais difícil. Tive cuidado, apoio, orientação e cuidados com minha família. Inclusive, me ajudou a ler criticamente a minha realidade. Diferentemente do que geralmente ocorre na influência das igrejas evangélicas que não têm compromisso com o evangelho, não me alienou, mas me despertou. Vivenciei diversos problemas no contexto familiar como violência doméstica, violência urbana que vitimou meus familiares

que também provocaram violências; questão de dependência química na família. Mas há muita memória boa da vida em família grande e na periferia. Infância vivida correndo na rua, brincado de tudo sem distinção do que era brincadeira de menina e menino, ser de uma igreja da comunidade. Bem que eu queria mais como acesso à musicalização, esporte, cultura, mas tem muita memória boa também.

Marilia Pereira de Jesus – “Neguinha preta”, “cabelo duro”, “nariz de batata”, “pedaço de carvão”... durante minha infância as pessoas faziam uso desses termos para se referirem a mim. Minha família, com seu instinto protetor, me dizia: “Não liga, finge que não ouviu!”. Passei a infância inteira tentando fazer isso. Na escola, nas dinâmicas de autorretrato, por não gostar do meu cabelo crespo, sempre me desenhei com os cabelos lisos e, pelo fato de o lápis “cor de pele” não representar a minha pele, eu não pintava o meu corpo, apenas fazia o contorno com o lápis de cor marrom mais claro da caixa, numa tentativa de me embranquecer para quem sabe assim, ser aceita. Não funcionou. Essa questão estética foi motivo de tristeza e dor por longos anos. Nas brincadeiras eu sempre era a empregada que arrumava toda a bagunça, a secretária que atendia as ligações e passava para a chefe, a babá ou a operadora de caixa. Nunca tinha um papel de destaque ou prestígio social. Ninguém nunca me perguntava o que eu queria ser. Me davam aqueles papéis e pronto. Isso também refletiu na minha vida até pouco tempo. Eu achava que eu só poderia ser o que os outros-as queriam que eu fosse. Nada além disso. Para me divertir durante a infância, além das brincadeiras, eu assistia desenhos na televisão. Desenhos esses que não me representavam. Não me enxergava naquelas personagens. As princesas sempre eram brancas, loiras e de cabelos lisos. Não tinha sequer uma super-heroína pretinha como eu. Nada! Com as bonecas acontecia o mesmo. Já ouvi dizer que a infância é como se fosse um lugar delicioso do qual nunca queríamos ter saído. Talvez seja isso mesmo. Talvez se eu fosse criança para sempre não enxergasse o quanto o racismo é cruel! Como ele destrói nossa autoestima durante muito tempo, faz com que a gente queira negar a nossa própria imagem e nos faz acreditar que determinados lugares não são para nós negros. Mas sabe de uma coisa? Que bom que eu cresci! Sai daquela zona ilusória e só agora, mulher, adulta, dotada de um certo conhecimento, consigo enxergar como essa sociedade racista contribuiu para

a minha infância. E agora, tendo essa consciência, posso lutar para que a infância de crianças negras não seja mais corrompida pelo racismo como a minha foi. Posso ajudá-las a acreditar que nós podemos ser o que nós quisermos! Se amar enquanto negro é um processo longo e de muito enfrentamento, por isso, enfrentar o racismo na infância é fundamental, pois é nesse período que estão sendo moldadas todas as possibilidades de identidade das pessoas!

Sambukuendakô – Infância feliz, repleta de histórias. Vivíamos o fim da ditadura, o que trazia um sentimento de liberdade, em meio a uma crise econômica e social imensa. Embora tal sentimento, o medo estava nos nossos ossos. Os mais velhos tentavam não nos deixar perceber, e a gente, de fato não percebia bem; mas lembrando dos olhos e olhares, eles eram sempre preocupados, agoniados, antes do sorriso que nos acalentava. Tive uma infância que teria sido, pelos cuidados, dilatada, mas foi interrompida com o falecimento da minha mãe. Dali, cresci, me achava, me sentia adulto, o que, olhando para trás, foi um grave engano construído pela estroenga de fabulação que a criança possui. Interrompi meus estudos. Mas nunca as leituras literárias, estas, por incrível que pareça, são desmotivadas, por inúmeras motivações, na formação acadêmica. Isso, obviamente, sem um comando direto para isso, mas ao ter que pairar num espírito científico, de objetivação, de centralidade, de uma crítica autopsiadora de “objetos” tratados como autônomo da vida cotidiana e concreta, a gente acaba se costumando. Nisso, a maior potência se esvai que é o lúdico, a brincadeira, a estupefação, a felicidade de ler; ou seja, em busca da racionalidade ficamos resistentes ao poder transformador, àquilo que nos movimenta os sentidos, os corpos, e não apenas a nossa razão.

Gabriela Santana – Foi bastante feliz, com muito contato com a praia, o mar, piscina, sítio, cachoeira. E também com pessoas: tios, primos e amigos.

Felipe Vital – Muito boa! Fui criado em um condomínio, sendo o ‘irmão preto’ que meus amigos não tiveram. Tive acesso pleno à educação. Devido à carga de trabalho dos meus pais, uma professora e um corretor de imóveis, eu não tive tanta influência deles na construção das referências culturais dos aspectos de conhecimento que

geralmente se adquire sobre artes e visões de mundo mais analíticas. Entretanto, tive preservada a infância plena, pois nunca precisei trabalhar ou tomar conta de irmão mais novo (no caso, o mais novo sou eu!!). não tenho nada do que reclamar!!!

Hayandra Costa – Diferente. Sou filha de um homem preto e uma mulher branca. Meu pai foi a primeira pessoa a cursar uma faculdade na história da família dele, então minha infância se baseou na dedicação do meu pai e da minha mãe para eu ter acesso a tudo no futuro. Estudei em uma escola particular até o ensino fundamental e por esse motivo, não tenho lembranças e nem experiências. Todo o dinheiro que tínhamos, era para pagar escola e saúde. E viver em uma casa pequena (de 1 quarto, só tive meu quarto aos 17 anos) e comer. Lazer era pouco. Mas tudo isso para mim é uma infância feliz.

Anderson Soares – A minha infância vivenciada na Baixada Fluminense (Rio de Janeiro). Uma infância de periferia com todas as suas implicações (racial, social, cultural, econômica etc.). E foi a vivência dessa infância que foi impulsionadora do que eu sou e material subjetivo dá sustentação para minha visão de mundo e formulações sobre as sociedades num modo geral. Hoje percebo o quanto que foi decisiva a influência do entorno cultural (de minha infância) com o que fui constituindo como pessoa e cidadão. A tomada de consciência sobre o próprio lugar e leitura de mundo, partem das vivências da infância.

E falando objetivamente sobre o cotidiano na infância, digo que foi um tempo cultural e subjetivo sem telefone celular, com escola pública com alguma qualidade, com colegas ao redor sempre inventando brincadeiras movidas pela agregação de toda hora. Acredito que o melhor da infância foi ter a oportunidade de estar perto de muitos colegas o tempo. Uma infância vivenciada numa sociabilidade que não existe mais, infelizmente.

5. Qual a sua relação com a literatura, sobretudo a literatura infantil e juvenil? Tem alguma obra que te marcou? Fale desse período.

Ana Carolina Araujo Soares – Minha relação com a literatura tomou um caminho que eu gosto de chamar de irônico. Aprendi a gostar de ler já numa fase mais velha

durante a infância, então um tio meu vez ou outra me dava livros com alguns contos e coisas assim. Na escola, nunca tive uma aula de literatura sequer. Por isso digo que minha jornada é irônica, porque mesmo não tendo aula de literatura na escola, acabei cursando letras e hoje faço doutorado em Literatura Comparada. Sobre literatura infanto juvenil, acho que nunca li nada muito fora do clichê, tive a típica fase da adolescência em que a gente descobre livros como Harry Potter, por exemplo, e acabei lendo mais coisas assim. Porém, se tiver que falar sobre um livro que me marcou e até hoje lembro dele mesmo nunca mais tendo pegado pra ler, penso em *Alice no Espelho*, da Laura Bergallo. Foi um livro paradidático da escola e tudo o que eu lembro era que a história falava sobre distúrbios alimentares e que a personagem via sua imagem de forma distorcida. Acho que acabou me chamando a atenção porque apesar de ser em pontos diferentes eu me identificava com essa distorção na imagem ao não conseguir me ver como uma menina bonita. É claro que hoje eu entendo de onde isso vem, mas na época não tinha ideia, eu não tinha acesso a esses debates. Hoje eu gostaria de poder voltar no tempo e contar isso pra Carol do passado. Minha infância teria sido mais fácil em alguma medida, porque pelo menos eu entenderia que tudo o que acontecia e comentários que eu escutava dizia mais sobre as outras pessoas e a sociedade em que estava inserida do que sobre quem eu era enquanto sujeito mesmo.

Caio Lafaiete – A minha relação com a literatura é diária. Sendo poeta, enxergo poesia em tudo, ou quase tudo. Da alvorada romântica até o realismo de um deslocamento entre a minha casa e o trabalho. A obra que mais me marcou, até hoje, foi *Mar Morto*, de Jorge Amado. Fui marcado por essa incrível obra na adolescência.

Gabriel das Chagas Alves Pereira de Souza – Desde que fui alfabetizado, sempre gostei muito de ler. Na infância, tive algum contato com Ruth Rocha, mas a imensa maioria das minhas leituras infantis e juvenis foram sagas norte-americanas (o que diz muito sobre o modelo de ensino brasileiro). Aos 9 anos, li praticamente todos os volumes da saga *Goosebumps* e, na adolescência, li diversas sagas da cultura pop, como *Percy Jackson*, *Coração de tinta*, etc. Hoje em dia, ainda leio bastante, mas por conta do trabalho e da pesquisa em literatura, leio praticamente apenas os clássicos.

Thiago Laurentino – acho que minha infância foi um paradoxo, entre momentos muito felizes e momentos que para mim foram ruins. Foi um período de muitos estímulos. Ter irmãos mais velhos me proporcionava realizar muitas atividades e ter acesso a muitos conteúdos. Ao mesmo tempo foi um período de muita privação financeira e privação de experiências e comportamentos, por questões religiosas. Foi um período de muito estresse. Quando criança eu não costumava ler muito. Minha irmã lia muito e isso não era muito valorizado em casa. Eu achava chato. Inclusive ela tentava fazer leituras para mim, mas eu acabava não prestando atenção, preferindo estímulos (brincadeiras, jogos, televisão). No entanto, lembro que um livro me pegou. O Li muito rápido e fiquei surpreso em conseguir ler tantas páginas em tão pouco tempo, pois aquilo não era comum pra mim. O livro chamava “A feiticeira da Salina”

Deryk de Almeida Viana – Sempre gostei muito de ler. Meu primeiro contato legítimo com o mundo foram minhas primeiras experiências com a leitura, já na fase de alfabetização (que se deu cedo, por volta dos 4 anos de idade). Entretanto, não lembro de uma obra que me marcou. Eu lia muitos livros: na infância, livros de literatura infanto-juvenil e, a partir dos dez anos, os clássicos da literatura brasileira. Gostava muito de Machado de Assis. Na adolescência, gostava bastante de Clarice Lispector e Jorge Amado. Com autores-as negros (que não fossem Machado de Assis), só tive contato pouco antes de entrar na universidade, pois minha geração foi impedida de ler autoria negra no ensino básico.

Arman Neto – A minha relação com a literatura é a mais íntima possível. Digo isso porque eu tanto leio com frequência – embora tenha sempre comigo aquela sensação de que poderia ler mais – como tento criar literariamente. Contudo, a minha relação com a literatura voltada para crianças e jovens não é a das mais fortes. Eventualmente leio algo nesse sentido, mas não é algo que eu tenho um contato recorrente. Quando criança e jovem, lia muitas histórias em quadrinhos. Desde as mais voltadas para crianças, com A turma da Mônica – assim como muitos brasileiros, tenho o orgulho de dizer que aprendi a ler com a Mônica e seus amigos – ou coisas da Disney, quanto as mais voltadas para adultos. Posso dizer que meu primeiro contato com a literatura se deu por conta das

histórias em quadrinhos, que são uma paixão até os dias de hoje, por mais que elas tenham perdido bastante espaço para os romances e ensaios.

Lucas Miranda – Eu sempre curtir a ideia de gostar de ler, mas confesso que não era apaixonado pela leitura não. Eu me forçava um pouco. Eu lembro que quando fui estudar no Gama Filho, tinha uma biblioteca linda demais lá e cheia de livrinhos irados e tal. Comecei a pegar alguns emprestados. Virava e mexia os livros ficavam mais na mochila que na mão sendo lidos. Mas teve um, uma série na real, que me pegou de jeito. A série de O Pequeno Vampiro da Angela Sommer-Bodenburg. Eu tinha visto o filme inspirado nos livros na época e quando encontrei os livros na biblioteca eu quase chorei de emoção. Todo semana tava eu lá pegando um livro diferente da série.

Raquel Clemente – Não tinha o hábito de ler na infância, meus pais não tinham recursos financeiros nem instrução acadêmica, ambos tiveram que abandonar a escola muito cedo para trabalhar. Desta forma, todo o suporte que eu e meus irmãos tinham eram com os professores na escola. Lembro que poucas vezes tinha acesso a livros, me encantava quando passava as férias na casa das minhas primas, lá eu podia ler uns gibis da Turma da Mônica.

Clemer Teixeira – Infelizmente não, pois sou primeiro da minha família na universidade, não tive influência dentro de casa. Na verdade, estou tendo contato com a literatura agora, depois que entro na universidade.

Cristiane Silva – Apesar de não ter uma cultura familiar de leitura em razão do ciclo de baixa escolaridade de meus avós e de meus pais, tenho memórias da minha mãe e meu pai lendo comigo, seja nas tarefas escolares, seja na leitura da bíblia. O primeiro livro que de fato li e me marcou foi “O bom samaritano”. Este foi o primeiro livro que li pegando emprestado na biblioteca da escola. As bibliotecas sempre foram um espaço que eu gostava de frequentar quando descobri a leitura. Depois comecei a ler na igreja. Somente a partir da universidade tive mais acesso e pude comprar livros.

Marília Pereira de Jesus – Eu comecei a criar o hábito da leitura quando era adolescente, lendo as sagas famosas da época. Antes disso, não tenho nenhuma memória afetiva sobre algum livro que li e, infelizmente, a minha relação com a literatura

infantil não foi criada. No final da minha adolescência, quando ainda lia muita ficção brasileira e estrangeira, cismeí que queria entrar na Faculdade de Letras porque queria ser escritora. Quando entrei, passei anos sofrendo porque a academia me fez acreditar que eu não sabia escrever. Em 2018, quando participei pela primeira vez do processo de formação de escritores e leitor-aes da FLUP, o Narrativas Curtas, eu concluí: eu sei escrever e o que eu escrevo é Literatura! A dificuldade que eu tinha de compreender o que eu escrevia como literatura tem origem nas seguintes reflexões: como me identificar com um grupo de obras literárias que pouco contemplam a história e a cultura negra no Brasil? Como me identificar com as consideradas escritoras renomadas, se, naquela época menos ainda, quase não há negras entre elas? Só depois desse processo na FLUP, tanto de construção profissional, de aperfeiçoamento da escrita, de técnicas, mas também de um processo de construção pessoal e de valor sobre mim mesma, sobre a minha produção literária, que eu consegui, me autorizei e me reconheci escritora. Como consequência desse percurso de aprimoramento, “Instinto Coletivo” foi selecionado para compor a coletânea intitulada “Contos para depois do ódio”, em homenagem ao Marcelo Yuka, assim, se tornou o meu primeiro conto publicado. E depois desse outros-as também foram publicados. Ganhei até Prêmio nacional de Literatura: O Prêmio Malê de Literatura de 2019. Escrevendo literatura enquanto leio literatura de autores-as negros e autoras negras. Gostoso demais!

Sambukuendakô – Não é fácil falar de uma obra, parece que devemos retirar uma seleta de preferidos, numa seleção em que a gente sempre perde. Cada livro que li, também os que deixei de ler porque eram chatos, difíceis, problemáticos, ou foram perdidos pelas ruas da vida, foram marcantes; cada qual por meus sentidos em relação ao escrito. Busco manter uma perspectiva de entrar de peito aberto nas leituras, não no sentido de conformação, porque sou sempre inconformado, com as naturalizações, com a ordem vigente, com as subestimações; entro de cara para vivenciar narrativas, experimentando os jogos poéticos, aprendendo a contornar imposições, dialogando com o texto. Na minha época de escola, a literatura era ensinada por números. A gente entregava uma lista de livros lidos, escolhidos por uma lista de livros a ler; sendo que a gente podia escolher 2 outsiders, a nosso gosto. Inúmeras vezes meu irmão e eu

engabelávamos o sistema. Da minha lista ruim, eu lia metade, ele outra, e da lista ruim dele, a gente dividia da mesma forma, e depois trocávamos impressões. A conta parecia não fechar, já que líamos, juntando os números, todos os livros. É que, assim, desse jeito, conseguíamos finalizar nossos relatórios. Táticas de guerrilha frente ao inimigo dos exercícios burocráticos. Ficávamos livres rapidamente para voar em leituras outras. Naquele momento, não importava para a escola, a escolha, o livro como texto, ou a experiência e vivência das inúmeras descobertas perante esse texto. Dos voos nas leituras, muitas dessas descobertas, que ficaram como questões, as respostas vieram com o tempo, e ainda vêm vindo. Tem livros que marcam mais pelo tempo em que lemos, outros-as mais pelo que apresenta: *Pivete*, do Júlio Emílio é um livro que lembro pelos dois motivos; *O gênio do crime*, de João Carlos Marinho, que foram livros que li no final da infância. Quando criança li uma dessas recolhas de lendas indígenas, e fiquei pensando sobre os motivos para Mani ter sido enterrada dentro da oca. Já adulto, a resposta veio, pelo livro do escritor indígena de Adão Karai Tataendy Antunes, de uma maneira especial, cuidadosa e criativa. Dos autores-as potiguares, li na infância o *Cabra das rocas*, do escritor potiguar Homero Homem, achei bem legal o nome da cidade e o estado onde nasceu, naquelas notinhas biobibliográficas, que eram assuntos centrais para o ensino literário. Hoje estou aqui, assuntando essa realidade, em outros-as tempos, e, neste caso, recordando mais daquela nota paratextual; como duram nos corpos esses treinamentos burocráticos. Dando uma cubada nas bibliotecas da escola em que trabalhava, o que faço sempre, sozinho, e com os estudantes, sempre reato um tantão de relação com um monte de livros, com as leituras, com as experiências e vivências possibilitadas por estas, construindo vínculos com os meus estudantes, no momento de suas formações leitor-aas.

Gabriela Santana – Minha família não era muito leitor-aa. Minha mãe gostava de ler, mas com o dia-a-dia de trabalho não a via lendo muito. Mas ela contava da adolescência e juventude e dos livros que lia, que gostava muito de ler. Tínhamos em casa uma coleção grande da Agatha Christie. A obra que me marcou foi *Treze à Mesa*, dessa mesma autora. Uma pena eu não lembrar quem era o assassino rs. Os livros dessa coleção foram os primeiros que li, já na adolescência. Minha relação com a literatura

atualmente é muito mais próxima, íntima. Já na faculdade, depois dos 20 anos fui tendo contato com clássicos brasileiros. Desses, o que me marcou foi Dom Casmurro.

Felipe Vital – consumo literatura constantemente, mas a minha relação com literatura infantil e juvenil é zero. Na infância, devido a questões tratadas na resposta acima, não tive uma atenção na formação do arcabouço artístico (meus pais não me ‘ensinaram’ escritores, músicos, pintores, atores, nem nada do tipo), não tive contato com literatura. A minha relação com a literatura começou no 3º ano do ensino médio, quando eu e mais 2 amigos roubamos a biblioteca da escola com o intuito de nos tornarmos leitores de obras clássicas brasileiras. O livro que roubei foi ‘o cortiço’. E foi aí que comecei a me encantar pela palavra escrita na arte, pois, quando criança, eu adorava dicionários.

Hayandra Costa – Como estudei em uma escola particular na década de 90 e 00 todas as minhas referências de literatura infantil e juvenil foi proposta por essa escola. Li Pedro Bandeira e outros autores que não me lembro. Porém meu pai me apresentou o livro: Meu pé de laranja lima. E este foi o livro que mais me marcou. Além do livro da série os Karas de Pedro Bandeira.

No ensino médio, minha escola era técnica, e a literatura foi uma das disciplinas negligenciadas. Não li nenhum clássico de Machado de Assis nem Mario de Andrade. E nesta época li muito pouco.

Anderson Soares – A minha relação com a literatura na infância está relacionada à trabalhos escolares no que se chamava de primeiro grau. Existiam trabalhos em grupo para serem discutidos e apresentados para toda a turma. Cada grupo escolhia uma obra dentre várias sugeridas pela professora. Esta atmosfera era alimentada fortemente por uma famosa coleção, bem famosa nos anos 80, chamada *vaga-lume*. Lembro que criei uma paixão pelos livros de Jose Rezende Filho (Tonico e Tonico e Carniça). Lembro que dormia imaginando as narrativas e finais de capítulo. Excelente referência de fomento da fantasia e da compreensão da vida pela via do ficcional.